



MARLON BORGES PESTANA

Tese de Doutorado

Povoadores do rio Lauru

Arqueologia pré-colonial e fronteira no povoamento do extremo oeste brasileiro

São Leopoldo - RS
2014

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
- PPGH-UNISINOS -

MARLON BORGES PESTANA

POVOADORES DO RIO JAURU

Arqueologia pré-colonial e fronteira no povoamento do extremo oeste brasileiro

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – PPGH/UNISINOS como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. L.D. Pedro Ignácio Schmitz
Co-Orientador: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge

São Leopoldo – RS

2014

C512u Pestana, Marlon Borges.
Povoadores do rio Jauru : arqueologia pré-colonial e
fronteira no povoamento do extremo oeste brasileiro /
Marlon Borges Pestana. – 2014.
298 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2014.
"Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz ; co-
orientador: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge (UNISINOS)".

1. Arqueologia Pré-Colonial. 2. Povoamento. 3. Vale do
Rio Jauru. 4. Fronteira. I. Título.

CDU 94

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

ERRATA

MARLON BORGES PESTANA

POVOADORES DO RIO JAURU:

Arqueologia pré-colonial e fronteira no povoamento do extremo oeste brasileiro

Tese apresentada a UNISINOS, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em História.

São Leopoldo, _____ de _____, de 2014.

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dr. José Luís dos S. Peixoto
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

.....
Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
(Co-orientador)

.....
Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins (suplente)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

.....
Prof. Dr. Marcus Vinícius Beber
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

.....
Prof. Dra. Maria Clara Migliácio
Ministério da Cultura - MinC
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN

.....
Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
(Orientador)

Para Oilsomar e Mariza...

...que se esforçaram tanto para construir um lar modelo e que edificaram em mim regras sólidas de conduta, moral e ética.

AGRADECIMENTOS

A Deus, suprema inteligência do universo, causa primária de todas as coisas; meu Criador a quem tudo devo;

A Jesus Cristo, Governador do orbe terrestre e de minha vida, Divino Modelo, Guia e Mestre, cujo Amor nos livra de todo o erro;

Aos meus pais Oilsomar Wailla Pestana e Mariza Borges Pestana pelo apoio moral, físico, econômico, espiritual, emocional, psicológico, logístico e pelas lágrimas que secaram através de seus conselhos;

Ao meu Espírito Guia, Mentor Espiritual e Anjo da Guarda Apleael pelas horas de companhia, pelos conselhos durante o sono e pelo amparo nas horas difíceis; Aos demais Mentores Espirituais: Elésias, Plísius, Sete Encruzilhadas, Dom Rico, Romão, Beth, Dorothy, Constantino, Valentino, Visgo Lepúrio; Aos Espíritos familiares Lucius, Paulo e Mônica, Luizinho, Pedro e Alba; Muito grato à plêiade de Espíritos desencarnados que auxiliam do espaço seus irmãos presos na matéria;

A minha avó querida Venina Godinho Borges e à sua fiel escudeira, secretária do nosso lar Rosana Sanches Fros;

Ao meu irmão Marcos Luiz Borges Pestana, sua esposa Rosane Almeida da Costa Pestana e a filhinha dos dois, minha afilhada, Maria Luiza da Costa Pestana;

A minha namorada Profa. Sidaura Fernandes Felomeno por todo o carinho, pelo empréstimo de seus ouvidos e ombros quando desabafo e choro;

Ao meu amigo Dr. Vinícius Mendes Ruas pela presença constante na minha vida, pesquisa e trabalho;

Ao meu orientador Prof. Dr. Padre Ignácio Schmitz e co-orientador Dr. Jairo Henrique Rogge pela paciência e tolerância nos momentos decisivos deste estudo e por terem mantido a confiança em mim, mesmo após as minhas “pisadas na bola”;

Ao meu chefe Msc. Leandro Augusto Franco Xavier; Juliano Bitencourt Campos, As minhas ex-namoradas Karina Lima Pinto Miranda (a quem devo a capa deste trabalho), Durcelina Carvalho (pela acolhida em Indiavaí), Tatiane Garbeline Baminger, Giulia Machado Tavares;

À Empresa DOCUMENTO – Arqueologia e Antropologia SS Ltda, nas pessoas da Dra. L.D. Erika Marion Robrahn-González e do Sr. Emílio González pelo apoio financeiro e científico nos três meses de pesquisa no vale do rio Jauru; Agradeço em especial a Dra. Erika M. Robrahn-González pelo apoio, investimentos, estímulo e motivação fundamental a esta pesquisa;

Ao Instituto do Homem Brasileiro – IHB/Cuiabá, na pessoa da Dra. Valéria Silva pelo acesso público e gratuito ao material arqueológico;

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES;

A equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas: Marcus Vinícius Beber, Ivone Verardi, Jandir Demo, Suliano Ferrasso, Salete Marchioretto; Cleci Friedrich e aos demais bolsistas que auxiliaram na pesquisa e a formatação do trabalho;

A equipe de campo Rodrigo Germano Fonseca, Cassiano Bervig, Daniel Fernandes Moreira, Pedro Alzair Jr., Luydy Abraham Fernandes; Sr. Edmilson, fundamental na execução dos trabalhos; Sr. Evanildo Theodoro de Lima e o Sr. Antônio Alves da Silva proprietários que possibilitaram o acesso e transporte; Srs. Raldnei Gonçalves Moro, Nivanildo Taboa, Nivanésio Taboa, Marcelo Santana (Sapo) Marcelo Reis Moura Viana, Fábio de Souza Fernandes, Ney, Charleston Duranti Martins e Manelão;

Aos proprietários das terras que visitamos em Indiavaí: Sr. Antônio Alves da Silva, Sr. Aldo Vieira, Sr. Glênio e Sr. José Acelmo;

Aos meus amigos arqueólogos: Ismael Raupp; Osvaldo André Oliveira, Cláudia Teixeira, Érico Brasil Ferreira Costa; Wesley Charles Oliveira; José Afonso de Vargas; Juliano Bitencourt Campos; Juliana Soares; Wagner Perondi; Silvano Silveira; Leandro Parcianello Siqueira; Jefferson Zuch Dias; Leandro Surya, Ângelo Correa, Marcus César Pereira Santos, Rafael Casagrande da Rosa, Guilherme Bitencourt, Alan Sezara de Souza, Mayla Steiner, Hérom Silva, Eduardo Grotto, Ana Flávia Barbosa, Marina Barth, Marco Aurélio De Masi, Jaime Almansa Sanches (Madri), Jorge Eremites de Oliveira.

“E, respondendo ele, disse-lhes: Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão.” *Jesus Cristo* (Lucas cap. 19, ver. 40).

“As almas e as coisas, cada qual na posição em que se situam, algo conservam do tempo e do espaço, que são eternos na memória da vida.” *André Luiz* (Nos domínios da Mediunidade psicografado em 1955 por Francisco Cândido Xavier).

RESUMO¹

PESTANA, Marlon Borges. **Povoadores do rio Jauru: Arqueologia pré-colonial e fronteira no povoamento do extremo oeste brasileiro.** (Tese - Doutorado em História). São Leopoldo: PPGH/UNISINOS, 2014. 345 p.

A área de pesquisa se estende por 16,0 km a partir dos 21L 0323756E 8298272N até os 21L 0317212E 8307359N. O ambiente é de *cerrado*, limitado ao sul pelo bioma do Pantanal mato-grossense, ao norte pela floresta amazônica. No espaço da pesquisa existem três tipos de vegetação característica: a floresta aluvial, em neossolo quartzarênico, na planície de inundação; a savana arbórea densa ou *cerradão*, em argissolo vermelho-amarelo eutrófico, no terraço fluvial; e a savana arbórea aberta em galeria ou *campo cerrado*, em solo podzólico com a presença de um horizonte de cascalho a cerca de 0,60 m de profundidade, na meia encosta. O estudo de 34 sítios cerâmicos aponta para três formas de implantação: o predominante é em cima da borda do terraço fluvial, distante entre 30,0 e 80,0 m do rio, com 40,0 a 65,0 m de tamanho, espessura estratigráfica entre 20,0 e 40,0 cm e de 5,0 a 10,0 cm abaixo da superfície; a 2ª ocorre na planície de inundação, entre 20,0 e 45,0 m distante da linha d'água, com 20,0 a 45,0 m de tamanho, uma camada arqueológica variando entre 20,0 e 60,0 cm, a partir de 10,0 a 20,0 cm da superfície; e a 3ª, na meia encosta, afastada entre 120,0 e 340,0 m da margem do rio Jauru, com 10,0 a 15,0 m de extensão, predominantemente superficial, eventualmente com uma camada arqueológica entre 5,0 e 10,0 cm a partir da superfície. O resultado da análise do material e da implantação dos sítios indica a presença de diferentes culturas; ele foi comparado com as culturas ceramistas da área propostas em trabalhos anteriores que se referem à tradição Uru, característica dos cerrados do Brasil Central, à tradição Descalvado característica da borda setentrional do Pantanal e à tradição Descalvado/Pantanal, característica do ambiente alagado. O estudo pretendeu dar uma contribuição para uma área hoje ambiental e socialmente de fronteira, comprovando a existência, no passado arqueológico, da mesma característica. Observando o povoamento por cultivadores é possível separar claramente dois sistemas de assentamento. Ambos ocuparam os vários ambientes disponíveis, mas de forma diferenciada. O ambiente de Cerrado, entre o Pantanal e a Amazônia, oferece uma combinação de clima, solo e vegetação que produz um espaço favorável ao estabelecimento de populações que realizam cultivos nas áreas mais florestadas ao longo do rio ou em manchas isoladas de floresta, ao mesmo tempo em que exploram os abundantes recursos do Cerrado. O sistema que usa cerâmica temperada com areia é semelhante à ocupação denominada por diversos pesquisadores da área de tradição Descalvado. O sistema que usa cerâmica temperada com cariapé é semelhante à ocupação denominada por diversos pesquisadores da área de tradição Uru. A tradição Descalvado costuma ser atribuída a grupos da família lingüística Arawak. A tradição Uru costuma ser atribuída a grupos da família lingüística Macro-Jê.

Palavras-chave: Arqueologia Pré-Colonial, Povoamento, Fronteira, Vale do Jauru.

¹ Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz (UNISINOS) e Co-orientador: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge (UNISINOS). Resumo gerado segundo Norma ABNT *NBR 6028/2003*.

ABSTRACT

PESTANA, Marlon Borges. **Prehistoric settlers of the Jauru River: Archaeology and boundary of the far west Brazilian peopleling.** (Thesis - History Doctoring). São Leopoldo: PPGH/UNISINOS, 2014. 345 p.

The study area extends over 16.0 km from 21L 0323756E 8298272N 8307359N 0317212E up to 21L 0317212E 8307359N. The environment is closed, bounded on the south by biome Pantanal, to the north by Amazon. In the research area there are three types of characteristic vegetation: alluvial forest in Psament, the floodplain, dense wooded savanna or cerrado, red - Ultisol in fluvial terrace and open wooded savanna or cerrado grassland in gallery in podzolic soil with the presence of a horizon of gravel at about 0.60 m depth in the hillside. The study of 34 ceramic sites points to three ways of implementation: the predominant is on the edge of the river terrace, far between 30.0 and 80.0 m from the river, with 40.0 to 65.0 m in size, thickness stratigraphic between 20.0 cm and 40.0 and 5.0 at 10.0 cm below the surface; the 2nd is in the flood plain, between 20.0 and 45.0 m away from the waterline, with 20.0 to 45.0 m in size, an archaeological layer varying between 20.0 and 60.0 cm , from 10.0 to 20.0 inches from the surface; and 3rd, the hillside away between 120.0 and 340.0 m from the bank of the river Jauru, with 10.0 15.0 m in length predominantly superficial, possibly with an archaeological layer between 5.0 and 10,0 cm from the surface. The result of the analysis of the material and the deployment of sites indicates that different types of sites represent different cultures; it was compared with the cultures of the proposed area potters in previous papers related to Uru tradition, characteristic of savannas of central Brazil, the tradition Descalvado characteristic of the northern edge of the Pantanal and Descalvado/Pantanal wetland environment characteristic of tradition. This study attempts to make a contribution to an environmental area today and socially border, proving that archaeological past she would have the same feature. Watching the settlement by growers is possible to separate clearly two systems of settlement. Both occupied the various environments available, but differently. The environment Cerrado, Pantanal and the Amazon between, offering a combination of climate, soil and vegetation that produces favorable to the establishment of populations that carry crops in more wooded areas along the river or in isolated patches of forest area , while in exploiting the abundant resources of the Cerrado. The system uses tempered pottery with sand is similar to the occupation called by various researchers in Descalvado tradition. The system uses tempered pottery with cariapé is similar to the occupation called by various researchers in Uru tradition. The Descalvado tradition is often attributed to groups of Arawak linguistic family. The Uru tradition is often attributed to groups of Macro-Jê linguistic family

Key-words: Prehistoric Archaeology, Settling, Boundary, Jauru Valley.

SUMÁRIO²

CAPÍTULO 1. O MEIO AMBIENTE E SUA RELAÇÃO COM OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO MÉDIO VALE DO RIO JAURU	
1.1. MEIO AMBIENTE	29
1.1.1. Área de estudo	31
1.1.2. Aspectos físicos	31
1.1.2.1. Geologia	31
1.1.2.2. Pedologia	34
1.1.2.3. Vegetação	35
1.1.2.4. Fauna	36
1.1.2.5. Hidrografia	39
1.1.2.6. Aspectos sociais	41
1.1.3. Zona de tensão ecológica	41
 CAPÍTULO 2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: ARQUEOLOGIA NO VALE DO RIO JAURU	
2.1. METODOLOGIA E HISTÓRIA DE PESQUISA	44
2.1.1. História da pesquisa	44
2.1.2. Metodologia da pesquisa	46
2.1.2.1. Diagnóstico e prospecção	46
2.1.2.2. Resgate	47
2.1.2.3. Laboratório e gabinete	47
2.1.3. Enfoque teórico	47
2.1.4. Fontes	50
2.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	51
2.2.1. Os grupos ceramistas no centro-oeste	52
2.2.1.1. Práticas funerárias Macro-Jê	60

² Sumário gerado segundo Norma ABNT *NBR 6027/2013*.

2.2.2. Os grupos ceramistas no rio Jauru	60
2.2.1. Práticas funerárias Arawak	73
2.3. HISTÓRIA DA REGIÃO	73
2.3.1. Breve História da ocupação do extremo oeste	73
2.3.2. Breve História da ocupação do rio Jauru	80

CAPÍTULO 3. DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

3.1. DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS	86
3.1.1. Figueirópolis I	86
3.1.2. Figueirópolis II	89
3.1.3. Figueirópolis III	92
3.1.4. Figueirópolis IV	95
3.1.5. Figueirópolis V	97
3.1.6. Figueirópolis VI	100
3.1.7. Figueirópolis VII	102
3.1.8. Figueirópolis VIII	106
3.1.9. Figueirópolis IX	109
3.1.10. Figueirópolis X	112
3.1.11. Figueirópolis XI	114
3.1.12. Figueirópolis XII	117
3.1.13. Figueirópolis XIII	121
3.1.14. Figueirópolis XIV	124
3.1.15. Figueirópolis XV	128
3.1.16. Figueirópolis XVI	132
3.1.17. Figueirópolis XVII	135
3.1.18. Figueirópolis XVIII	137
3.1.19. Figueirópolis XIX	140
3.1.20. Figueirópolis XX	144
3.1.21. Figueirópolis XXI	146
3.1.22. Figueirópolis XXII	150

3.1.23. Figueirópolis XXIII	152
3.1.24. Figueirópolis XXIV	155
3.1.25. Figueirópolis XXV	159
3.1.26. Figueirópolis XXVI	162
3.1.27. Figueirópolis XXVII	164
3.1.28. Figueirópolis XXVIII	166
3.1.29. Figueirópolis XXIX	169
3.1.30. Figueirópolis XXX	171
3.1.31. Figueirópolis XXXI	174
3.1.32. Figueirópolis XXXII	176
3.1.33. Figueirópolis XXXIII	179
3.1.34. Figueirópolis XXXIV	181

CAPÍTULO 4. DESCRIÇÃO DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

4.1. CLASSIFICAÇÃO	188
4.2. CARACTERÍSTICAS DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO	222
4.2.1. CERÂMICO	222
4.2.1.1. Antiplástico	222
4.2.1.2. Cocção	223
4.2.1.3. Coloração	223
4.2.1.3.1. Parede externa	224
4.2.1.3.2. Parede interna	224
4.2.1.3.3. Cor do núcleo	224
4.2.1.4. Dimensão	224
4.2.1.4.1. Espessura	224
4.2.1.4.2. Altura	224
4.2.1.4.3. Largura	224
4.2.1.5. Forma	225
4.2.1.5.1. Vasilhas abertas	225
4.2.1.5.2. Vasilhas fechadas	225

4.2.1.5.3. Lábio	225
4.2.1.5.4. Borda	225
4.2.1.5.5. Bojo	226
4.2.1.5.6. Alça	226
4.2.1.5.7. Base	226
4.2.1.6. Pasta	227
4.2.1.7. Tratamento de superfície	227
4.2.1.8. Técnica de confecção	228
4.2.1.9. Reconstituição das vasilhas	229
4.2.2. LÍTICO	229
4.2.2.1. Lítico lascado	229
4.2.2.2. Lítico polido	230
4.2.3. ÓSSEO	230
4.2.3.1. Dente de cervídeo	230
4.2.3.2. Humano	230
4.3. ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO POR SÍTIO	231
4.4. DESCRIÇÃO DOS SEPULTAMENTOS	253
4.4.1. Sepultamentos secundários	253
4.4.1.1. Sepultamento do sítio Figueirópolis VIII	253
4.4.1.2. Sepultamento do sítio Figueirópolis XIX	254
4.4.2. Sepultamentos primários ou diretos no solo	257
4.4.2.1. Sepultamentos do sítio Figueirópolis XIV	257
4.4.2.1.1. Sepultamento 1	257
4.4.2.1.2. Sepultamento 2	257
4.4.2.2. Sepultamento do sítio XXXII	260
4.4.2.2.1. Sepultamento 1	260
4.5. SISTEMA DE ASSENTAMENTO	263

CAPÍTULO 5. RESULTADOS DAS ANÁLISES

5.1. RESULTADOS DA IMPLANTAÇÃO DOS SÍTIOS	267
5.1.1. Sítios na planície de inundação	268
5.1.2. Sítios no terraço fluvial	269
5.1.3. Sítios na meia encosta	270
5.2. RESULTADOS DA ANÁLISE DO MATERIAL	272
5.3. OS SEPULTAMENTOS	288

ÍNDICE

Ilustrações	
Lista de Figuras	xvii
Lista de Tabelas	xxi
Listas de Pranchas	xxi
Resumo	x
Abstract	xi
INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO I	29
CAPÍTULO II	44
CAPÍTULO III	86
CAPÍTULO IV	188
CAPÍTULO V	267
CONCLUSÃO	290
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	293

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Mapa indicando o vale do rio Jauru e a área de pesquisa.	30
FIGURA 2	Mapa indicando a posição dos sítios arqueológicos com relação à composição geológica no Vale do Jauru.	32
FIGURA 3	Imagem do Google mostrando concentração de sítios arqueológicos em área de corredeiras.	37
FIGURA 4	Hidrografia e posição das coordenadas com relação às curvas de nível na área de pesquisa.	39
FIGURA 5	Mapa da hidrografia da bacia do rio Jauru, indicando a as áreas de menor drenagem ao norte Amazônia e ao sul a planície do Pantanal.	40
FIGURA 6	Modelo ilustrativo das áreas de domínio das tradições culturais do Estado de Mato Grosso.	55
FIGURA 7	Distribuição das tradições arqueológicas ceramistas no Estado de Mato Grosso com relação com a área de pesquisa.	57
FIGURA 8	Foto da expedição do americano Alexander Solon Daveron em 1920, foto com os nativos Bororo nas margens do rio Jauru.	57
FIGURA 9	Formas das vasilhas da tradição Uru, segundo Schmitz.	58
FIGURA 10	Material cerâmico identificado por Martins & Kashimoto (2000, p. 136, 138) e associado à tradição Descalvado/Pantanal e Descalvado, observam-se as pequenas vasilhas com alça e as formas.	62
FIGURA 11	Fragmentos cerâmicos associados à tradição Uru, sítio Luar do Sertão, Paranatinga – MT, coleção de referência do IAP-UNISINOS.	62
FIGURA 12	Formas das vasilhas cerâmicas associadas à tradição Descalvado e Descalvado/Pantanal, segundo Migliácio.	63
FIGURA 13	Formas das vasilhas da tradição Pantanal, fase Taiamã, segundo Peixoto.	64
FIGURA 14	Triângulos encerrados por linhas e alça, na reprodução de Nordenskiöld, 1923.	68
FIGURA 15	Fragmento cerâmico decorado com motivos triangulares preenchidos por incisões paralelas, fechado por linhas.	68
FIGURA 16	Forma de vasilha da tradição Pantanal, segundo Peixoto.	68
FIGURA 17	Forma de vasilha da tradição Descalvado, segundo Migliácio.	69
FIGURA 18	Mapa da Chiquitania histórica, segundo Arruda, com a seta indicando a área de pesquisa que compreenderia o mesmo território.	79
FIGURA 19	Marco do Jauru, símbolo histórico máximo da Fronteira; retirado do seu local de origem e colocado no centro de Cáceres, MT e planta Poaia usada como erva medicinal no século XVIII.	82
FIGURA 20	Imagem do Google indicando a implantação na paisagem, a distribuição do material e as intervenções no sítio Figueirópolis I.	87
FIGURA 21	Imagem do Google indicando a implantação e área de ocorrência do material arqueológico em superfície, sítio Figueirópolis II.	89
FIGURA 22	Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis II.	91
FIGURA 23	Imagem do Google indicando a implantação e área de ocorrência do material arqueológico em superfície, sítio Figueirópolis III.	92
FIGURA 24	Distribuição do material arqueológico da superfície do sítio Figueirópolis III.	93
FIGURA 25	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material em superfície, sítio Figueirópolis IV à direita.	95
FIGURA 26	Imagem do Google indicando a implantação e a área de ocorrência do material arqueológico em superfície, sítio Figueirópolis V.	98
FIGURA 27	Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis V.	98

FIGURA 28	Imagem do Google indicando a implantação e a área de ocorrência do material arqueológico em superfície, sítio Figueirópolis VI.	100
FIGURA 29	Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis VI.	102
FIGURA 30	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis VII.	103
FIGURA 31	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis VIII.	106
FIGURA 32	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis IX.	110
FIGURA 33	Imagem do Google indicando a implantação e a área de dispersão do material em superfície no sítio Figueirópolis X.	112
FIGURA 34	Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis X.	114
FIGURA 35	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XI.	115
FIGURA 36	Imagem do Google indicando a implantação na paisagem, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XII.	117
FIGURA 37	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XIII.	121
FIGURA 38	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XIV.	125
FIGURA 39	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XV.	128
FIGURA 40	Planta baixa das intervenções e distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XV.	129
FIGURA 41	Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XV.	129
FIGURA 42	Imagem do Google indicando a implantação do sítio, as áreas de intervenção e distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XVI.	132
FIGURA 43	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XVII. No detalhe é possível observar o limite entre a floresta aluvial e o cerradão, onde está inserido o sítio.	135
FIGURA 44	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XVIII.	138
FIGURA 45	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XIX.	140
FIGURA 46	Planta baixa das intervenções arqueológicas e distribuição do material na superfície do sítio Figueirópolis XIX.	141
FIGURA 47	Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XIX.	141
FIGURA 48	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XX.	144
FIGURA 49	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXI.	147
FIGURA 50	Planta baixa indicando as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXI.	148
FIGURA 51	Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XXI.	148
FIGURA 52	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXII em correlação com o Figueirópolis XXIX, margem oposta (ao lado).	150
FIGURA 53	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXIII (abaixo). Observa-se também a relação do sítio com os vizinhos Figueirópolis VII, XII, II e III e com a pista de pouso da fazenda Figueira Branca.	152
FIGURA 54	Planta baixa indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXIII.	153

FIGURA 55	Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XXIII.	153
FIGURA 56	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXIV.	156
FIGURA 57	Planta baixa indicando as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXIV (S1 = Sondagem 01).	157
FIGURA 58	Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XXIV.	157
FIGURA 59	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXV.	159
FIGURA 60	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material, encontrado na trilha do gado que leva ao coxo de sal, no sítio Figueirópolis XXVI.	162
FIGURA 61	Imagem do Google indicando a implantação e a distribuição do material arqueológico em superfície no sítio Figueirópolis XXVII.	164
FIGURA 62	Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXVII.	166
FIGURA 63	Imagem do Google indicando a implantação e a distribuição do material arqueológico em superfície no sítio Figueirópolis XXVIII.	167
FIGURA 64	Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXVIII.	167
FIGURA 65	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XXIX.	169
FIGURA 66	Imagem do Google indicando a implantação e a distribuição do material arqueológico em superfície no sítio Figueirópolis XXX.	171
FIGURA 67	Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXX.	173
FIGURA 68	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XXXI.	174
FIGURA 69	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XXXII.	176
FIGURA 70	Imagem do Google indicando a implantação e a distribuição do material arqueológico em superfície no sítio Figueirópolis XXXIII.	179
FIGURA 71	Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXXIII.	181
FIGURA 72	Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XXXIV.	182
FIGURA 73	Tipos de base que ocorrem nos sítios Figueirópolis VIII e XIX.	228
FIGURA 74	Outros artefatos cerâmicos: a) peso de fuso; b) pingente/adorno; c) ficha com as extremidades polidas; e) fragmento de vasilha com asa mamilar; f) asa; g) modelo do estilo decorativo.	230
FIGURA 75	Reconstituição das vasilhas do sítio Figueirópolis VIII, abertura da boca e bordas tronco-cônica e hiperbólica.	240
FIGURA 76	Desenho do sepultamento secundário no sítio Figueirópolis VIII.	253
FIGURA 77	Desenho do sepultamento secundário do sítio Figueirópolis XIX.	254
FIGURA 78	Reconstituição possível das vasilhas globulares associadas aos sepultamentos secundários Figueirópolis VIII e XIX.	257
FIGURA 79	Desenho dos sepultamentos diretos no solo do sítio Figueirópolis XIV.	260
FIGURA 80	Mapa dos sítios arqueológicos no médio vale do rio Jauru	264
FIGURA 81	Perfil esquemático da implantação dos sítios de ceramistas no médio vale do rio Jauru.	267
FIGURA 82	Imagem do Google ilustrando os sítios associados ao terraço fluvial do rio.	268
FIGURA 83	Imagem do Google ilustrando os sítios associados às curvas internas do rio Jauru.	269

FIGURA 84	Distribuição dos sítios arqueológicos na margem do rio Jauru.	270
FIGURA 85	Modelos de pratos rasos e assadores do médio vale de rio Jauru.	276
FIGURA 86	Modelos de vasilhas meia-esfera do médio vale do rio Jauru, bordas infletidas, extrovertidas, expandidas e reforçadas.	277
FIGURA 87	Modelos de tigelas rasas do médio vale do rio Jauru, meia esfera, meia-calota ou meia-elipse.	278
FIGURA 88	Modelos de tigelas médias e fundas, bacias, gamelas com borda infletida e base arredondada ou levemente plana.	279
FIGURA 89	Modelos de vasilhas globulares do médio vale do rio Jauru, bordas infletidas, hiperbólicas e cilíndricas.	280
FIGURA 90	Modelos de vasilhas tronco-cônicas e compostas do médio vale do rio Jauru.	281
FIGURA 91	Formas das vasilhas plataformas, pratos com (c, d, g) e sem pedestal (a, b, e), tigela rasa com pedestal (f).	282
FIGURA 92	Reconstituição de vasilha com trabalho na borda com alça e aplique associados para prensão (handle).	283
FIGURA 93	Formas das vasilhas meia-calota com reforço interno (c-f), meia esfera infletida (a-b) e extrovertida (f-k), tigelas médias e fundas, meia-esfera com borda inflectida extrovertida (l-o).	284
FIGURA 94	Formas das vasilhas globulares restringidas com gargalho e borda cilíndrica (g-k), meia-esfera com reforço na borda (a-e), globulares com borda hiperbólica (o-q).	285
FIGURA 95	Vasilhas de corpo tronco-cônico (g-k, s), vasilhas cônicas com bordas cilíndricas terminadas em lábio reforçado (b-f), vasilhas globulares restringidas com borda hiperbólica (l-r).	286
FIGURA 96	Vasilhas globulares com borda cilíndrica terminada em lábio expandido (a-d), reforçado e extrovertido. Pratos (k, l) e tigelas rasas com bases (f-j). Vasilha tronco-cônica cardioforme (e), tigela média com borda expandida e reforçada no lábio (m-p), esférica com borda cilíndrica inclinada com reforço no lábio (r).	287

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Características dos sítios arqueológicos no médio vale do rio Jauru.	186
TABELA 2	Tabela de caracterização dos assentamentos pré-coloniais densos.	187
TABELA 3	Resultado da classificação por intervenção em cada sítio arqueológico, total de fragmentos cerâmicos: 11.067	220
TABELA 4	Coordenadas geográficas em UTM (<i>Datum</i> Sad '69) das intervenções arqueológicas aplicadas no médio vale do rio Jauru.	221
TABELA 5	Distribuição dos sítios por tipo de implantação da paisagem e antiplástico.	271

LISTA DE PRANCHAS

PRANCHA 01	Aspectos da paisagem no rio Jauru I	33
PRANCHA 02	Aspectos da paisagem no rio Jauru II	38
PRANCHA 03	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis I	88
PRANCHA 04	Sítio Figueirópolis II	90
PRANCHA 05	Sítio Figueirópolis III	94
PRANCHA 06	Aspectos gerais das escavações no sítio Figueirópolis IV	96
PRANCHA 07	Sítio Figueirópolis V	99
PRANCHA 08	Sítio Figueirópolis VI	101
PRANCHA 09	Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis VII	104
PRANCHA 10	Sítio Figueirópolis VII b	105
PRANCHA 11	Aspectos gerais das escavações no sítio Figueirópolis VIII	107
PRANCHA 12	Escavação arqueológica no sítio Figueirópolis VIII	108
PRANCHA 13	Aspectos gerais das escavações no sítio Figueirópolis IX	111
PRANCHA 14	Sítio Figueirópolis X	113
PRANCHA 15	Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XI	116
PRANCHA 16	Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XII	119
PRANCHA 17	Sítio Figueirópolis XII	120
PRANCHA 18	Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XIII	122
PRANCHA 19	Sítio Figueirópolis XIII	123
PRANCHA 20	Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XIV	126
PRANCHA 21	Sítio Figueirópolis XIV	127

PRANCHA 22	Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XV	131
PRANCHA 23	Sítio Figueirópolis XVI	133
PRANCHA 24	Sítio Figueirópolis XVI b	134
PRANCHA 25	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XVII	136
PRANCHA 26	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XVIII	139
PRANCHA 27	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XIX	142
PRANCHA 28	Aspectos das intervenções no sítio Figueirópolis XIX	143
PRANCHA 29	Sítio Figueirópolis XX	145
PRANCHA 30	Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XXI	149
PRANCHA 31	Sítio Figueirópolis XXII	151
PRANCHA 32	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXIII	154
PRANCHA 33	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXIV	158
PRANCHA 34	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXV	161
PRANCHA 35	Aspecto das intervenções no sítio Figueirópolis XXVI	163
PRANCHA 36	Sítio Figueirópolis XXVII	165
PRANCHA 37	Sítio Figueirópolis XXVIII	168
PRANCHA 38	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXIX	170
PRANCHA 39	Sítio Figueirópolis XXX	172
PRANCHA 40	Aspectos gerais do Sítio Figueirópolis XXXI	175
PRANCHA 41	Escavações no Sítio Figueirópolis XXXII	177
PRANCHA 42	Sítio Figueirópolis XXXIII	180
PRANCHA 43	Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXXIV	183
PRANCHA 44	Sítio Figueirópolis XXXIV	184
PRANCHA 45	Material arqueológico Figueirópolis I	190
PRANCHA 46	Material cerâmico: decoração e bordas	195
PRANCHA 47	Material lítico polido associado aos sítios arqueológicos	198
PRANCHA 48	Material Arqueológico: alças, bases e bordas	204
PRANCHA 49	Material Arqueológico: peso de fuso, prato com alça e anexos cerâmicos	207
PRANCHA 50	Material Arqueológico: pingente, dente de cervídeo, ficha com extremidades polidas e alça.	210
PRANCHA 51	Material arqueológico associado ao sepultamento	218
PRANCHA 52	Material Arqueológico: borda hiperbólica, base elipsóide e classificação	219

PRANCHA 53	Material cerâmico: decoração incisa geométrica e pintada	241
PRANCHA 54	Análise	248
PRANCHA 55	Sepultamento secundário Sítio Figueirópolis VIII	255
PRANCHA 56	Sepultamento secundário Sítio Figueirópolis XIX	256
PRANCHA 57	Sepultamentos primários Sítio Figueirópolis XIV	258
PRANCHA 58	Sepultamentos primários Sítio Figueirópolis XIV b	259
PRANCHA 59	Enterramento do sítio Figueirópolis XXXII	261
PRANCHA 60	Anexo funerário do sítio Figueirópolis XXXII	262

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo é a Arqueologia do vale do rio Jauru, um afluente do rio Paraguai, no seu médio curso, entre os municípios de Indiavaí e Figueirópolis D'Oeste, Estado de Mato Grosso. Nesse trecho, em dezesseis quilômetros, foram pesquisados trinta e quatro sítios arqueológicos.

O rio Jauru nasce na proximidade da Chapada dos Pareci, ambiente amazônico, percorre longo trecho no cerrado e se junta ao rio Paraguai em ambiente pantaneiro. Suas águas correm opostas às do rio Guaporé, da bacia do Amazonas, mas fazem parte da bacia platina. A área da pesquisa, no médio curso do rio Jauru, é de ambiente geral de cerrado com floresta ciliar acompanhada de cerradão na proximidade do rio. O rio está numa fronteira ambiental que com o tempo também se transformou em fronteira geopolítica.

O estudo surgiu da participação em atividades de Licenciamento Ambiental ligado à instalação da PCH Figueirópolis. Ela resultou em material abundante, representativo e rigorosamente documentado, originário de trabalhos de diagnóstico, prospecção e resgate arqueológico, entre 2005 e 2008, sob a coordenação da Dra. Erika Marion Robrahn-González. O objetivo deste trabalho era apresentar ao empreendedor um relatório da Arqueologia da área, que seria entregue ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, para obtenção da Licença de Operação da PCH. Este relatório e minha participação como coordenador de campo responsável pela integridade dos registros, se constituem na base de dados da tese.

O território apresenta uma aproximação entre três ambientes distintos. A pesquisa pergunta se e de que maneira os assentamentos correspondem a estes ambientes e se também teria sido uma fronteira cultural de populações indígenas ceramistas.

O objetivo geral do trabalho é apresentar a Arqueologia da área como base para compreensão do povoamento do vale do rio Jauru por populações indígenas ceramistas pré-coloniais.

Os objetivos específicos são:

Caracterizar os sítios arqueológicos e seu material como assentamentos humanos; a partir desta caracterização perceber o sistema ou os sistemas de assentamento na área;

Buscar a identificação dos grupos culturais de que eles se originaram;

Verificar se grupos distintos ocuparam ambientes diferentes e as possíveis relações entre eles.

Como delimitação do espaço usamos o médio vale do rio Jauru e como delimitação de tempo as populações ceramistas pré-coloniais.

A hipótese inicial era de que, como se trata de um espaço de fronteira ambiental, poderia também haver uma fronteira cultural.

O trabalho se desenvolveu através de um levantamento sistemático, a correspondente prospecção e escavações amostrais em campo; análise do material recuperado em laboratório; caracterização cultural dos sítios e sua organização em sistema ou sistemas de assentamento e sua representatividade em âmbito regional.

A pesquisa de campo foi amostral, no médio curso do rio Jauru, o levantamento foi realizado em até um quilometro de ambas as margens do rio. Foram aplicados poços-testes a cada 100,0 m nas áreas de maior potencial arqueológico superficial, nas planícies de inundação e nos terraços fluviais. Para avaliação da potência dos sítios individuais foram realizadas sondagens de 1,0 x 1,0 m nos pontos de maior densidade superficial de material. Nos sítios de maior potência foi executada uma escavação de 3,0 x 3,0 m, com registro e coleta por metro quadrado. Em todas as intervenções a recuperação do material foi de 10,0 em 10,0 cm. A posição geográfica dos sítios e dos pontos trabalhados foi feita com GPS (*Global Position System*).

O material foi recolhido em sacos de plástico, etiquetado, conduzido até o laboratório de campo na cidade de Indiavaí, onde foi higienizado e submetido a uma primeira separação e análise. Depois de numerado e fotografado, era remetido à reserva técnica do Instituto do Homem Brasileiro – IHB, em Cuiabá.

O relatório correspondente informa sobre o ambiente, os sítios, o material e a associação cultural e fornece os dados básicos para a elaboração deste trabalho. Estes dados estão sendo retomados, avaliados e reinterpretados para a caracterização cultural e ambiental dos sítios e sua discussão em termos de Arqueologia regional.

A média porção do vale do rio, até aquele momento, não tinha sido pesquisada. Aquele trecho, compreendido entre os municípios de Indiavaí e Figueirópolis D'Oeste, foi por primeira vez prospectada via arqueólogos. Sobre o vale do mesmo rio, tinha havido dois projetos: o do Gasoduto Bolívia-Brasil a jusante, no município de Cáceres que resultou num artigo e o da PCH Salto Jauru a montante do rio, no município de Jauru, que resultou num relatório para o IPHAN. O trabalho na PCH Figueirópolis foi realizado pela Empresa Documento – Antropologia & Arqueologia SS Ltda, da qual fui coordenador de campo. Dele nasceu o presente trabalho.

Essa situação mostra a importância de uma divulgação mais densa da área, para conhecimento da comunidade científica e informação da população regional sobre a Arqueologia do extremo oeste.

O desenvolvimento do trabalho³ será nos seguintes capítulos:

No capítulo I será descrito o ambiente do médio vale do rio Jauru, incluindo hidrografia, geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, fauna e formas de ocupação colonial e nacional.

No capítulo II a revisão bibliográfica, a metodologia e história da pesquisa, enfoque teórico e fontes; a história da região.

No capítulo III são apresentados os sítios arqueológicos: localização, ambiente físico, dimensões, intervenções, estratigrafia e material.

No capítulo IV a descrição do material arqueológico cerâmico, lítico e os sepultamentos por intervenção e no todo da área. Esboço do sistema de assentamento na área.

No capítulo V se tentará uma leitura dos sítios e de seu material em termos de sistemas de assentamento indígena e sua representação no povoamento ceramista pré-colonial da região.

Na conclusão será apresentado o sistema de povoamento local e sua ligação com populações propostas em trabalhos arqueológicos anteriores. Nosso trabalho

³ Utilizamos as normas **NBR 6023** e a **NBR 14724** deixando a critério do orientador a escolha do modelo a ser seguido. Em casos notórios, o modelo apresentado foi preferência da orientação, às vezes ocorrendo a citação em dois tipos, atendendo às necessidades do orientador. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. NBR 6023, 10520, 14724. Informação e Documentação: Trabalhos acadêmicos. Rio de Janeiro, 2002.

amplia e confirma os estudos anteriores na área e se propõe como uma nova contribuição para compreender essa fronteira em tempos indígenas.

CAPÍTULO 1. O MEIO AMBIENTE E SUA RELAÇÃO COM OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO MÉDIO VALE DO RIO JAURU

1.1. MEIO AMBIENTE

Os dados disponíveis foram extraídos, em parte, da Dissertação de Mestrado (UNEMAT/2012) do Prof. Msc. Gilmar Batista Marostega⁴. O autor descreve a extensão completa do Vale do Jauru; neste capítulo foi absorvido apenas o conteúdo referente à porção média do vale. Utilizou-se a base de mapas do IBGE, destes foram extraídas as imagens que foram posteriormente adaptadas.

Entende-se paisagem (*landscape*) neste trabalho, como o conjunto de elementos visuais e físicos que compõe o espaço/cenário em que se inserem os grupos humanos. Apesar de não trabalharmos especificamente com Arqueologia da Paisagem, usaremos eventualmente o conceito de paisagem segundo Orejas⁵ (1998), que diz o seguinte:

[...] con cierta frecuencia los términos paisaje y territorio se emplean como sinónimos; cabe hacer algunas matizaciones al respecto y enlazar esta cuestión con otra serie de problemas asociados al estudio de los paisajes. La *territorialización* debe entenderse como un rasgo esencial de los paisajes; es quizás la intervención mas fuerte del hombre sobre su medio, ya que arrastra muchas otras intervenciones, visibles e invisibles, en el sentido de que impone una regularización, una ordenación al espacio, su uso e su interpretación por parte de la comunidad. Paisaje y territorio no son necesariamente coincidentes.⁶

⁴ MAROSTEGA, Gilmar Batista. *Características Físicas, Econômicas e de Uso da Bacia Hidrográfica do Rio Jauru – MT*. (Dissertação – Mestrado em Ciências Ambientais) Cáceres: UNEMAT, 2011. 113 p.

⁵ OREJAS, Almudena. El estudio Del Paisaje: visiones desde la arqueología. In: BURILLO MOZOTA, Francisco. Arqueología del paisaje. In: 5º Coloquio Internacional de Arqueología Espacial. Teruel, 1998.

⁶ OREJAS In: BURILLO MOZOTA, 1998, p. 15.

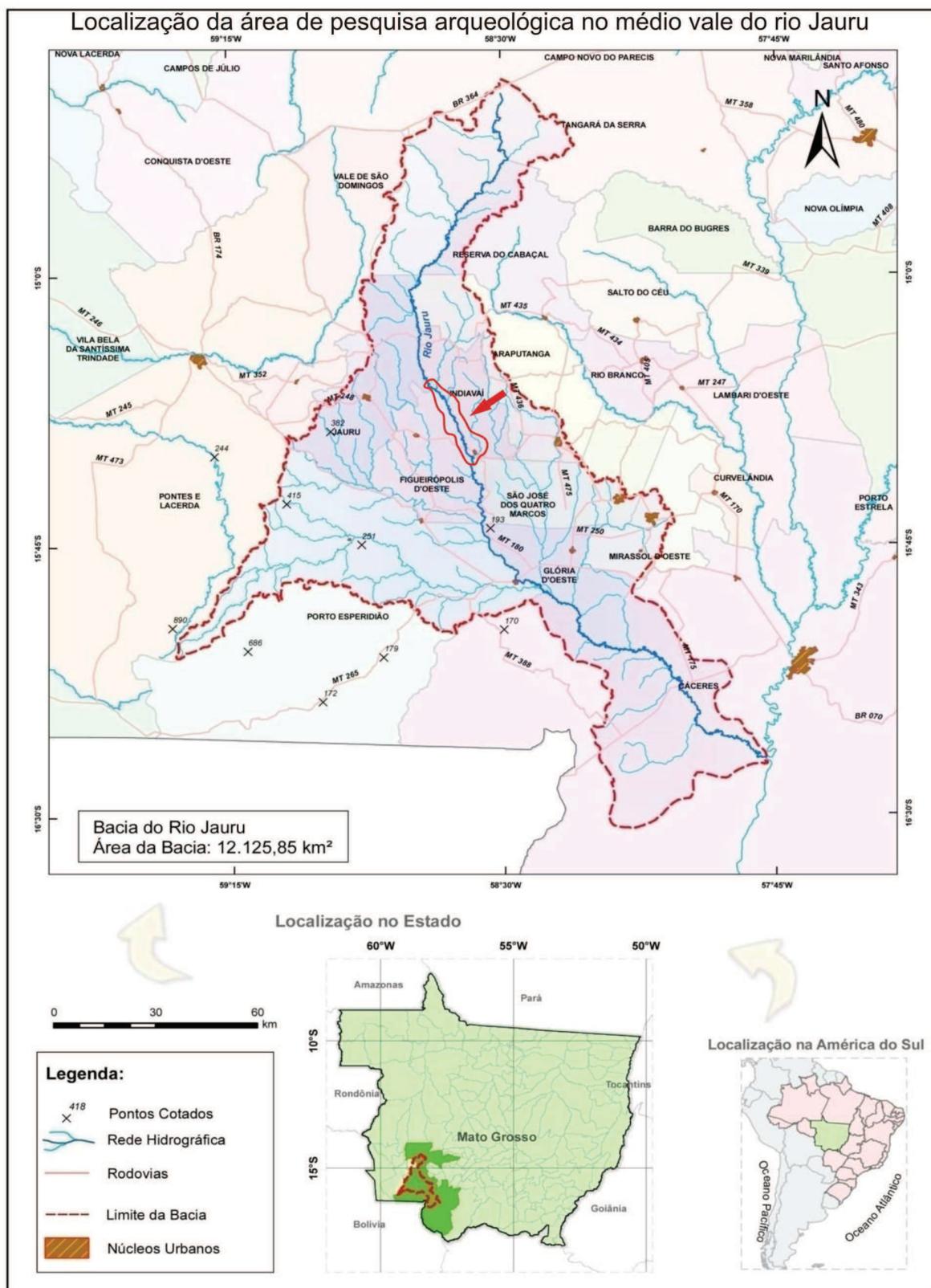


Figura 01: Mapa indicando o vale do rio Jauru e a área de pesquisa. Fonte: adaptado de Marostega (MORASTEGA, 2011 a partir de MOURA, 2009)⁷.

⁷ MOURA, V.; CARVALHO, L. M. T. de; MARTINHAGO, A. Z. *Análise temporal da dinâmica de uso e ocupação da Bacia do Alto Paraguai (BAP), estudo de caso sub-bacia do rio Jauru*. In: II Simpósio de

Para melhor compreensão da ocupação pré-colonial deste espaço, segue uma descrição sintética de cada item dessa paisagem e sua correlação com os sítios arqueológicos. Nos capítulos posteriores estes dados estarão associados aos sítios arqueológicos e aos seus respectivos conteúdos culturais.

1.1.1. Área de Estudo

Segundo Marostega⁸ (2012) a bacia do rio Jauru possui uma superfície de aproximadamente 15.844,02 km². Tem como coordenadas geográficas de seus extremos, as Latitudes Sul de 14° 36' 20" 39" e 16° 36' 23" e Longitudes Oeste entre 57° 37' 13" e 59° 35' 49". Caracteriza-se pela presença de vegetação de três Biomas: Pantanal, Cerrado e Amazônico.

Foram percorridos 16,0 km de extensão, sentido norte-sul, por 2,0 km de largura (acompanhando as margens do rio Jauru), sentido leste-oeste, entre as coordenadas 21L 0323756E 8298272N até os 21L 0317212E 8307359N. Os sítios arqueológicos foram identificados dentro deste limite, demarcado no mapa (Figura 01), em ambiente de cerrado.

1.1.2. Aspectos Físicos

1.1.2.1. Geologia

Segundo Marostega⁹ (MAROSTEGA, 2011) a bacia hidrográfica do rio Jauru (BHRJ) faz parte de outras doze formadoras da bacia do rio Paraguai. Sua nascente é próxima a Chapada dos Pareci, onde o bioma é amazônico, segue por contornos levemente sinuosos adentrando por dezenas de quilômetros no cerrado, onde se localiza a presente pesquisa. Em direção a jusante, nas proximidades do município de Cáceres torna-se acentuadamente sinuoso e deságua no rio Paraguai, adotando características do bioma pantaneiro.

Geotecnologias no Pantanal 7 – 11 de setembro, 2009, Corumbá. Anais... Corumbá: Embrapa Informática Agropecuária/INPE, 2009. p. 916 – 924.

⁸ MAROSTEGA, Op. cit. 2011, p. 35.

⁹ MAROSTEGA, Op. cit. 2011, p. 58.

Na área de pesquisa o rio mede aproximadamente 30,0 m de largura e apresenta numerosas corredeiras e sua profundidade é de dois a três metros.

O Grupo Alto Jauru formou-se no Proterozóico, Era Paleoproterozóica, período Statheriano com datas de 179,5 a 172,4 Ma. Existe na área a Formação Utiari, Formação Alto Guaporé, Formação Aguapeí e Formação Figueira Branca. Os sítios estão predominantemente na Formação Fortuna/Jauru como dispostos no mapa abaixo.

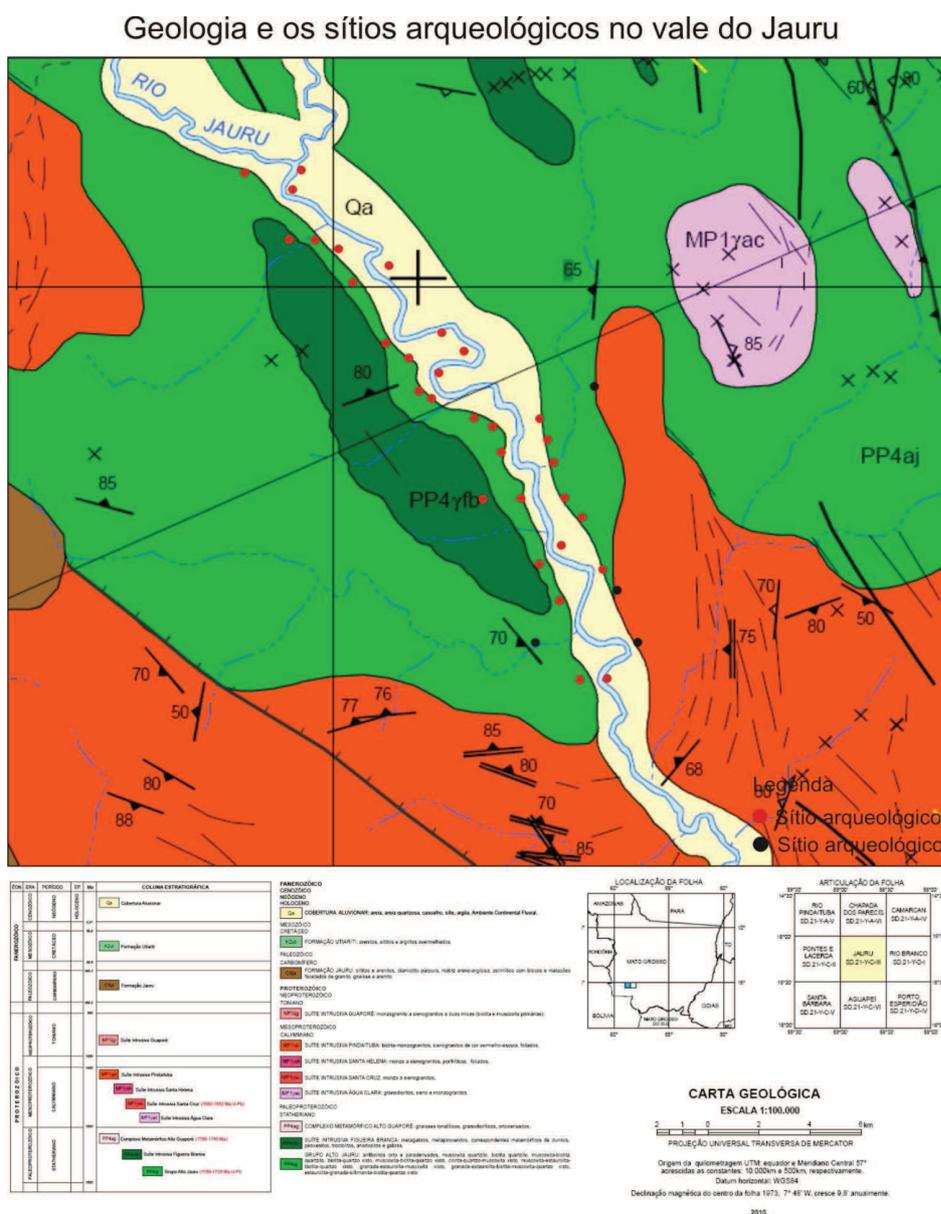


Figura 02: Mapa (Folha SD.21-Y-C-III Jauru) indicando a posição dos sítios arqueológicos com relação à composição geológica no Vale do Jauru. Fonte: CPRM (SALINA RUIZ, UFMT)¹⁰, 2010.

¹⁰ SALINA RUIZ, A. (Coord. UFMT) *Folha SD.21-Y-C-III Jauru*. Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral: CPRM Serviço Geológico do Brasil, 2010. Datum WGS84 escala 1:100.000.

Prancha 01 – Aspectos da Paisagem no rio Jauru I



Vista geral da paisagem na área de pesquisa. Observa-se no centro o rio Jauru, ladeado pelas respectivas matas ciliares. Pastagens e córregos tributários.



Aspectos gerais da paisagem, dos platôs e solos, serra ao fundo. No centro da imagem o traçado do rio Jauru.

O relevo, na média porção do vale do Jauru, onde se encontram os sítios, é pertencente à Formação Geológica Fortuna/Jauru, suave e plano, com interflúvios tabulares entre vertentes de colinas, constituindo um pacote sedimentar de conglomerados petromíticos¹¹. Este conglomerado pôde ser dividido em três compartimentos distintos: planície aluvial ou de inundação, terraço fluvial e elevação de meia encosta.

A planície de inundação (em branco no mapa da Figura 02) é composta por sedimento aluvial e apresenta depósitos pouco largos. Estes aluviões são compostos de areias, siltes, argilas e cascalho¹² e sobre eles encontra-se um tipo específico de sítio arqueológico.

O terraço fluvial (em verde no mapa da Figura 02) compostos de argissolos de anfibolitos, muscovitas, quartzitos, biotita, clorita, granada e estauroлита. No topo da borda deste terraço ocorrem os sítios arqueológicos mais característicos e abundantes.

A elevação de meia encosta (em verde escuro e laranja no mapa da Figura 02) é parte da colina alta composta de monzo, metagabros, metapiroxenitos, toctrolitos, gabros, dunitos e anortositos. Ocorrem neste espaço alguns sítios arqueológicos associados aos córregos permanentes que abastecem o rio Jauru¹³.

Em sínteses, os sítios arqueológicos foram identificados em três áreas distintas no relevo: planície aluvial ou de inundação, terraço fluvial e elevação de meia encosta. Ocorre predominante o segundo caso, de sítios instalados no topo da borda do terraço fluvial. No terceiro caso, na elevação de meia encosta, estão freqüentemente associados a um córrego e não mais diretamente a margem imediata do rio Jauru.

1.1.2.2. Pedologia

Os solos predominantes no vale do Jauru, segundo Marostega¹⁴ (MAROSTEGA, 2012) são: argilossolo vermelho-amarelo álico, neossolo litólico distrófico, argilossolo vermelho-amarelo eutrófico, chernossolo avermelhado, neossolo

¹¹ Idem, 2011, p. 45.

¹² Ibidem, 2011, p. 46.

¹³ É o “sopé do morro” como descrito para a fase Jacadigo, tradição Pantanal. SCHMITZ, P; ROGGE, J.; ROSA, A.; BEBER, M. V. Aterros no Pantanal do Mato Grosso do Sul, Brasil. In: Pesquisas Antropologia, n. 54. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1998.

¹⁴ MAROSTEGA, Op. cit. 2011, p. 50.

litólico, gleissolo háplico eutrófico, planossolo háplico distrófico, podzólico vermelho-amarelo e neossolo quartzarênico¹⁵. Os que predominam no médio curso do vale são o argissolo vermelho-amarelo eutrófico, podzólico vermelho-amarelo e o neossolo quartzarênico.

A planície aluvial, onde estão os sítios mais próximos à linha d'água do rio Jauru, é composta basicamente de neossolo quartzarênico arenoso (depósito aluvial).

O terraço fluvial, onde predominam os sítios, é composto de argissolo vermelho eutrófico, argissolo vermelho-amarelo distrófico e argissolo vermelho eutrófico.

A elevação de meia encosta, onde ocorrem os sítios mais afastados das margens do rio Jauru, é composta de solo podzólico vermelho-amarelo distrófico.

1.1.2.3. Vegetação

Na margem do rio, associado à planície de inundação, ocorre à floresta aluvial que corresponde parcialmente à atual mata ciliar. Sobre o terraço fluvial, compostos de argissolo vermelho eutrófico ou distróficos, se estende a savana arbórea densa ou *cerradão*, predominante no vale. Pouco mais afastado das margens do rio, em área elevada de meia encosta sobre o solo podzólico, ocorre savana arbórea aberta com floresta de galeria ou *campo cerrado*.

Na direção montante do rio, fora da área de pesquisa, junto da Chapada dos Pareci a vegetação tem características amazônicas e, na montante, a vegetação é tipicamente pantaneira.

Para melhor caracterização da vegetação, Vasconcellos *et alii*¹⁶ (2005) esclarece que:

O estudo de vegetação apurou a existência de três formações distintas de Formações Savânicas: Savana Arborizada Adensada (Cerrado Atípico); Savana Arborizada (Cerrado típico) e Savana Florestada (Cerradão); duas Formações Campestres: Savana Parque (Campo Sujo Seco) e Savana Gramíneo-Lenhosa (Campo Cerrado), distribuídas desde o topo das vertentes junto aos interflúvios até o canal do rio Jauru e afluentes. As Savanas (Arborizadas e Campestres) são predominantes e ocupam aproximadamente 75% da área de estudo, associada aos solos do tipo Neossolos Quartzarênicos, Latossolos Vermelho-Escuros e Vermelho-Amarelos, portanto, ocorre sobre áreas mais frágeis e sensíveis da

¹⁵ LACERDA FILHO, Joffre Valmório de. (Coord.) FILHO, Waldemar Abreu, VALENTE, Cidney Rodrigues, OLIVEIRA, Cipriano Cavalcante de; ALBUQUERQUE, Mário Cavalcanti. *Geologia e Recursos Minerais do Estado de Mato Grosso*. Esc. 1:1.000.000. Goiânia: CPRM, 2004. (Convênio CPRM/SICME). 200p. il.; + mapas

¹⁶ VASCONCELLOS, T. N. *Estudos ambientais da alta bacia do rio Jauru: potencialidades e conflitos*. SEPLAN-MT. 1º Simpósio de Estudos Hídricos do Norte e Centro-Oeste. 2005. Disponível em: http://www.abrh.org.br/novo/i_simp_rec_hidric_norte_centro_oeste74.pdf

bacia. Para as formações florestais foram mapeadas quatro fisionomias distintas: Floresta Estacional Semidecidual; Formações Ripárias; Floresta Aluvial e Contato Floresta Estacional / Savana, todas distribuídas ao longo dos canais de drenagens e nas encostas associadas aos Argissolos.¹⁷

A nomenclatura da cobertura vegetal e dos biomas foi utilizada em concordância com dois autores: Marostega¹⁸ e Vasconcellos¹⁹. Existem duas espécies nativas predominantes: o Cambará (*Vochisya divergens*) e o Buriti (*Mauritia flexuosa*). A erva medicinal mais importante da região é a Poaia ou Ipeca (*Cephaelis ipecacuanha*). Os principais frutos são Pequi (*Caryocar brasiliense*); do Bacuri (*Scheelea phalerata*) e do cajuzinho do mato (*Mauritia vinifera*).

Os sítios arqueológicos no médio vale do rio Jauru ocorreram originalmente no limite entre as florestas aluviais e as savanas arbóreas densas. Ou seja, numa zona de tensão ambiental entre mata aluvial e *cerradão*. Ocorrem também na savana arbórea aberta de galeria em proximidade de córregos. Os assentamentos acontecem freqüentemente onde originalmente se estendia a savana arbórea densa e menos freqüente em savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*.

1.1.2.4. Fauna

Os principais peixes migrantes, que sobem as corredeiras na área de pesquisa, são o Dourado (*Salminus maxillosus*), Piraputanga (*Brycon orbygnianus*) e o Pacu (*Piaractus mesopotamicus*). Os peixes residentes que permanecem e se reproduzem nos bolsões de água profunda, antes das quedas das corredeiras são o Jaú (*Paulicea lutkeni*) e o Pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*); o restante representa a biodiversidade das nascentes do cerrado²⁰ na bacia do rio Paraguai.

Os animais característicos nos limites da área de pesquisa são a Onça Pintada (*Panthera onca*) e o Cervo (*Blasthocerus dicotomus*). O Tatu Galinha (*Dasyopus novencinctus*); e o Tatu Canastra (*Priodontes giganteus*). Destes animais, os que usam regularmente as margens do rio para beber água, são o Tamanduá Mirim (*Tamandua tetradactyla*) e a Capivara (*Hydrochoerus hydrochoeris*). Dependentes do meio

¹⁷ VASCONCELLOS, *Op. cit.* 2005, p. 11.

¹⁸ *Idem Op. cit.* 2011.

¹⁹ *Ibidem Op. cit. et alli* 2005.

²⁰ PINTO, Maria Novaes (Org.) *CERRADO: Caracterização, ocupação e perspectivas*. Brasília: SEMATEC-Editora UnB, 1990.

aquático são a Lontra (*Lutra longicaudis*), o Jacaré (*Caiman crocodilus*), e a Sucuri (*Eunectis murinus*). Nos campos são encontradas com freqüência a Cascavel (*Crotalus durissus terrificus*), a Urutu-Cruzeira (*Bothrops alternatus*) e a Ema (*Rhea americana*).²¹ Ocorrem outros, estes, porém, os mais representativos.

Alguns sítios arqueológicos estão próximos e concentrados junto das corredeiras. A suave elevação do relevo, causador da corredeira, também serviria de base seca para os assentamentos, aliando a isso a diversidade de pescado, tanto de peixes migratórios como de residentes. Os animais atraídos pelas margens do rio Jauru encontrariam diversidade de alimentos e abastecimento onde a floresta é mais densa. Concentram-se também, naquele espaço, os sítios arqueológicos identificados.

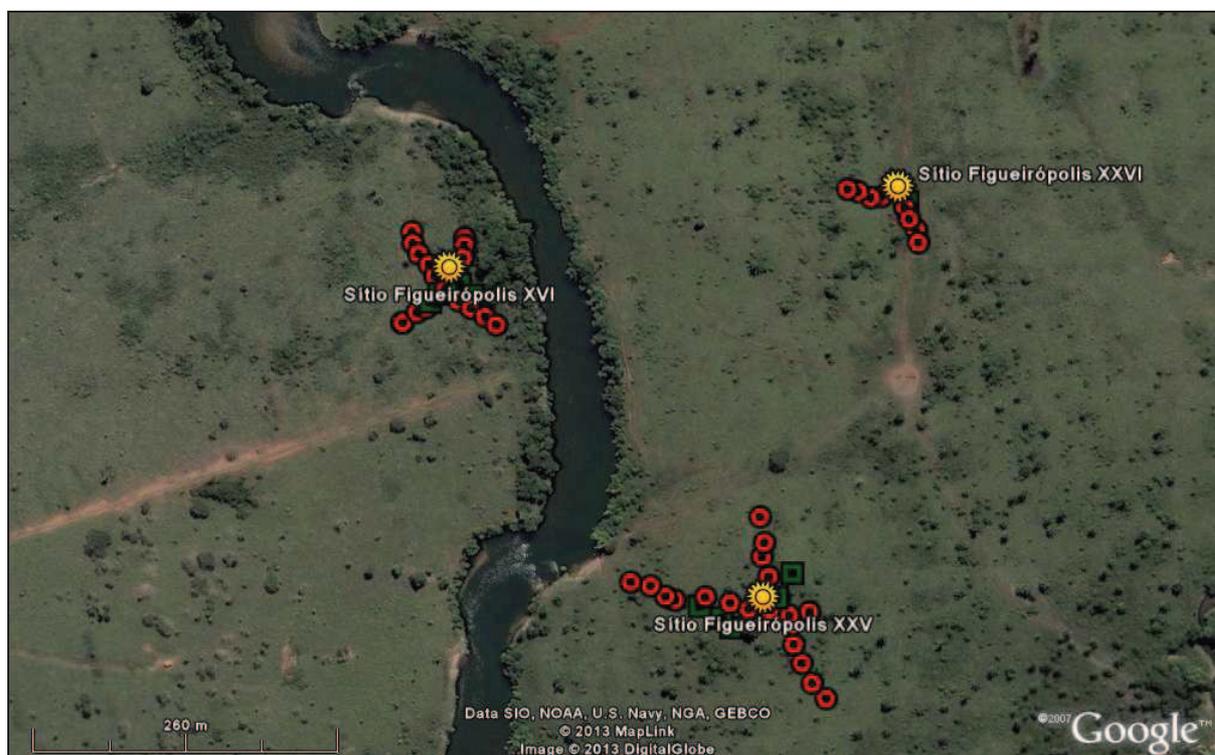


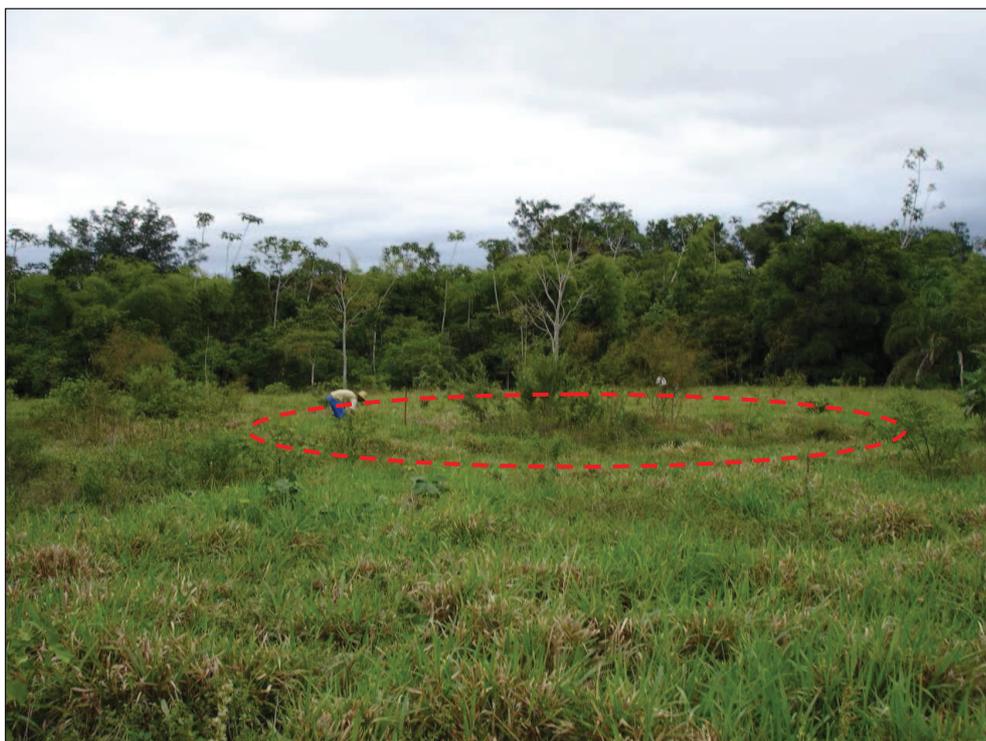
Figura 03: Imagem do Google mostrando concentração de sítios arqueológicos em área de corredeiras.

²¹ CORREA DA COSTA, Cláudia C.; LIMA, Jorge Pinto de; CARDOSO, Leila Dutra; HENRIQUES, Virgínia Q. Fauna do Cerrado: Lista preliminar de aves, mamíferos e répteis. SUPREN-IBGE, Rio de Janeiro, 1981.

Prancha 02 – Aspectos da Paisagem no rio Jauru II



Vista geral da paisagem na área de pesquisa. Na seta o rio Jauru, circulado tracejado a área onde ocorre o material arqueológico.



Aspectos gerais da paisagem, no tracejado onde está implantado o sítio arqueológico, observa-se a mata ciliar ao fundo por onde corre o rio Jauru.

1.1.2.5. Hidrografia

A bacia hidrográfica do vale do Jauru (BHRJ) tem área aproximada de 15.844,00 km²; é composta por canais e meandros sinuosos. Pertencentes à micro bacia do Jauru, do lado direito abastecido pelas águas e sedimentos dos rios Brigadeiro, Bagres e Aguapeí e, na margem esquerda, dos rios Pitas e Caeté²². Pela margem esquerda foi prospectado entre o córregão e o córrego Vermelho, pela margem direita entre os córregos da aviação e o córrego Formoso.

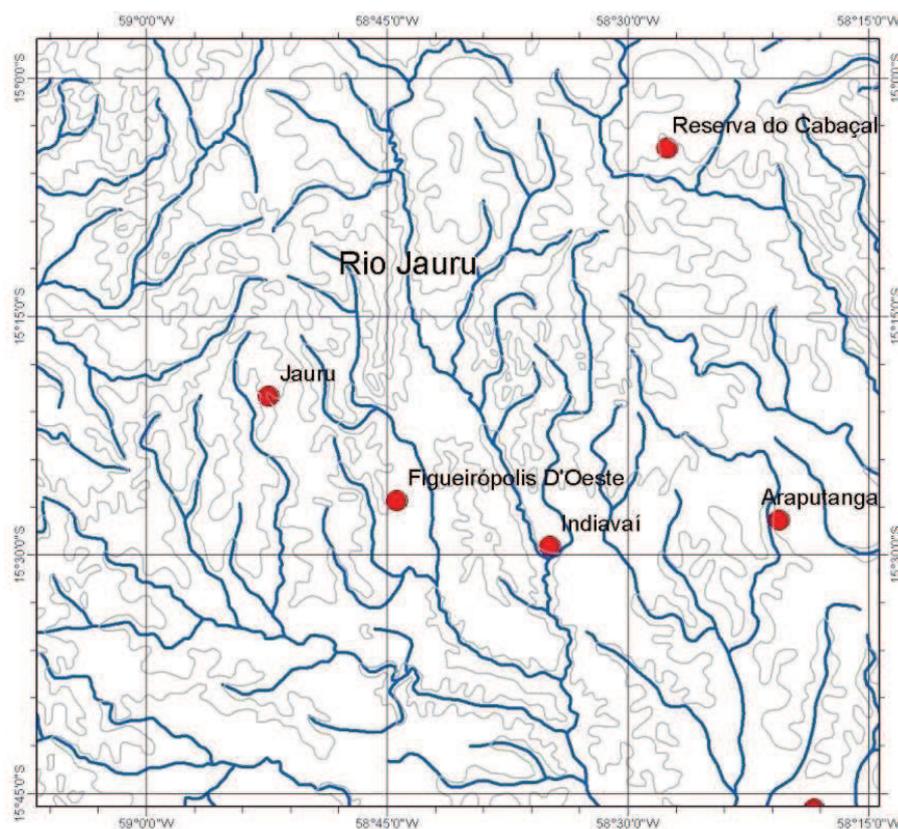


Figura 04: Hidrografia e posição das coordenadas com relação às curvas de nível na área de pesquisa. Confeção: Marcus Vinícius Beber, escala 1:500.000.

Os assentamentos estáveis e permanentes estão diretamente associados às margens do rio Jauru (Figura 05). Para abastecimento regular de água os sítios arqueológicos mais afastados estão ligados aos córregos que permanecem ativos durante a estação seca.

²² MAROSTEGA, 2011, p. 59.

Hidrologia da bacia do rio Jauru e a disposição dos sítios com relação aos córregos permanentes.

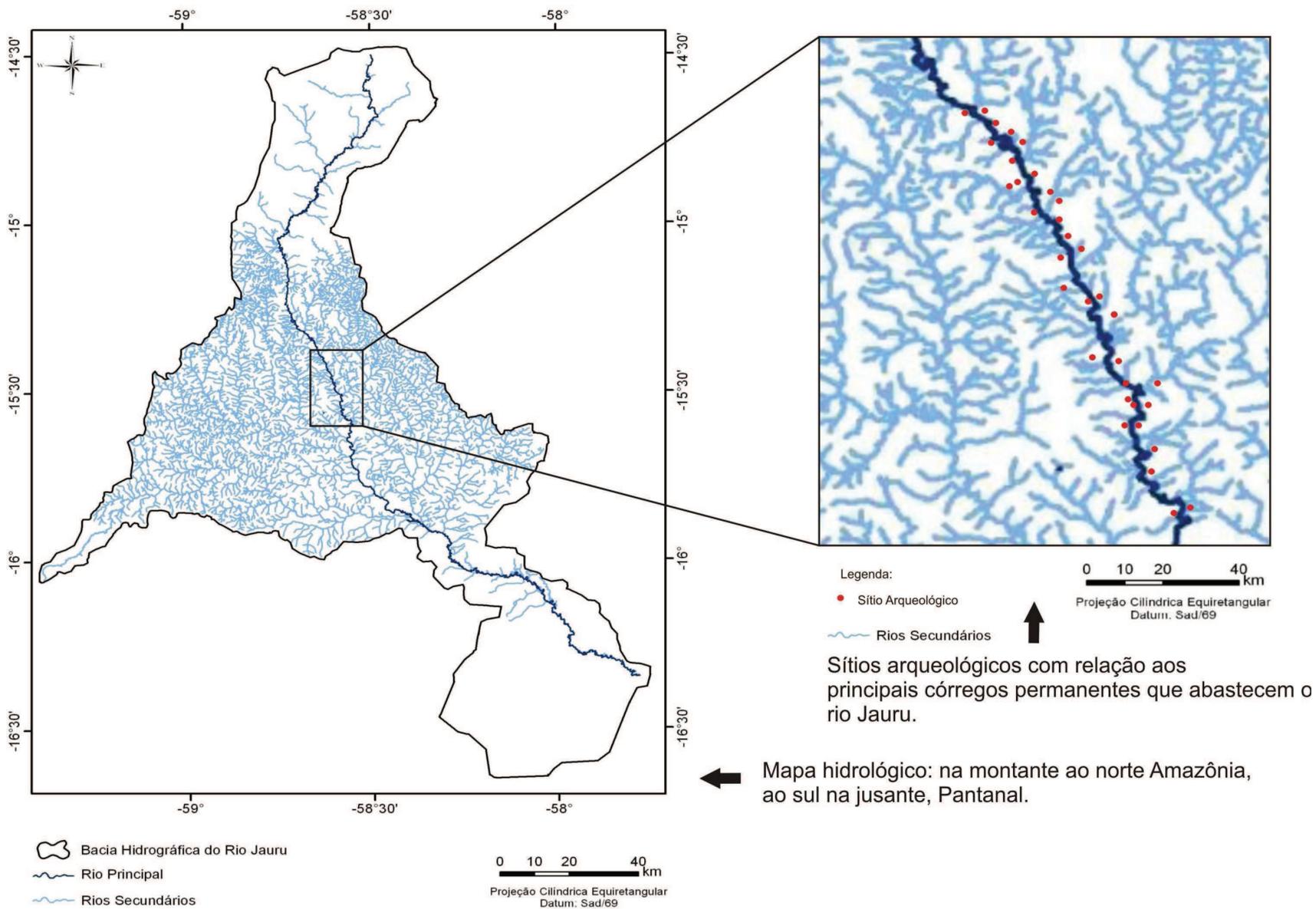


Figura 05: Mapa da hidrografia da bacia do rio Jauru, indicando as áreas de menor drenagem ao norte Amazônia e ao sul a planície do Pantanal. No recorte a posição dos sítios com relação aos córregos permanentes e sua disponibilidade de água durante a estação seca. Fonte: adaptado de Marostega (MAROSTEGA, 2011, p. 82).

1.1.2.6. Aspectos Sociais

A economia do Vale do Jauru, segundo Marostega²³ (MAROSTEGA, 2012) é baseada na pecuária de leite e corte, nas recentes usinas hidrelétricas instaladas e na exploração florestal de espécies exóticas. Os projetos florestais mais rentáveis são a Teca (*Tectona grandis*), o Eucalipto (*Eucalyptus sp.*), Seringueira (*Hevea brasiliensis*) e o Pau de Balsa (*Ochroma iagopus*). Segundo Moura²⁴ (MOURA, 2009) existem também plantios de cana-de-açúcar e plantações pouco expressivas de grãos. A ocupação fundiária organiza-se através de grandes fazendas pecuaristas explorando pastagens exóticas como a brachiaria.

Existem oito grandes fazendas na área de pesquisa. Na margem direita encontra-se sediada a fazenda Figueira Branca; fazenda Vale Formoso e fazenda Araçatuba de propriedade do Sr. Aldo Vieira (Alfieiro); na margem esquerda, onde o acesso é por Indiavaí, existem as fazendas Santo Antônio de propriedade do Sr. Antônio Alves da Silva, fazenda São Francisco, fazenda Santa Mônica (Glênio), fazenda Água Limpa e fazendas São José e Pantaleão de propriedade do Sr. José Acelmo.

O terreno onde foram descobertos os sítios arqueológicos vem sendo arado, todo ano, desde a década de 1970. Sofreu, primeiramente, a derrubada e retirada mecanizada do mato cerrado. A pastagem foi plantada através da pulverização das sementes por aeronave e todo o ano, no término da estação seca, os pecuaristas queimam a pastagem velha, aram novamente o solo e semeiam nova pastagem.

Os sítios arqueológicos da planície aluvial, inseridos no interior da mata ciliar (floresta aluvial), ficaram protegidos deste processo. Alguns deles, como é o caso do sítio Figueirópolis XVII, encontra-se preservado/intacto e serviu de modelo elucidativo para os restantes do mesmo tipo.

1.1.1.3. Zona de tensão ecológica

A zona de tensão ambiental, entre o pantanal e o cerrado, é uma faixa de território que acompanha a borda elevada do pantanal, entre o campo cerrado e a

²³ Idem, p. 66.

²⁴ MOURA, *et alii* Op cit 2009 p. 916 – 924.

planície alagada²⁵ (LACERDA FILHO, 2004, p. 174). Essa faixa de terra é composta por solos de notável fertilidade e amplamente irrigada (ver Figura 02). A presença do calcário em associação com rochas ígneas favoreceu o equilíbrio químico do solo, com relação a acides, formando interflúvios tabulares de argila sedimentar com representativa fertilidade, sobre o argissolo vermelho-amarelo eutrófico. Marostega (2011, p. 51) afirma:

O Argissolo possui boa reserva de elementos nutrientes, com médios e altos valores de soma e saturação de bases. O alumínio trocável é inferior a unidade de saturação com o alumínio praticamente zero, dando-lhe um aspecto de fertilidade, condições favoráveis à implantação de qualquer empreendimento agropecuário devido às condições climáticas com umidade e temperaturas favoráveis a intemperização intensiva, com aparecimento de todo tipo (BRASIL – MME, 1982 apud MAROSTEGA, 2011, p. 51).

Nesta zona de tensão ecológica ocorrem ecótonos e encraves. Os ecótonos são áreas ou manchas de contato com a savana aberta (cerrado) e a savana estépica (chaco). Os encraves são contatos efusivos ou interpenetrações sem a perda da identidade de ambas as vegetações, ocorrendo um e outro ambiente. Assim

As áreas de Tensão Ecológica são de características diversas. A litologia, formas de relevo e transição climática propiciam interpenetrações (encraves) ou misturas (ecótonos) de formações das diferentes regiões fitoecológicas. Na depressão pantaneira ocorre apenas uma grande mancha de contato entre a Savana e a Savana-Estépica, onde se verifica a mistura florística entre esses dois tipos de vegetação. Ela se verifica nas imediações do Rio Negro, na divisa do Pantanal da Nhecolândia com o Pantanal de Miranda. Em toda a extensão do Pantanal ocorre o contato entre duas regiões fitoecológicas, cada qual guardando sua identidade ecológica, sem se misturar, sendo que, verifica-se na região a predominância, do contato da Savana com a Savana-Estépica (PEREIRA, 2009)²⁶.

Pode-se caracterizar então, a faixa de tensão ecológica, como um território de interpenetração e simbiose de fauna e flora de ambos os biomas, pantanal e cerrado, com solos de alta fertilidade. A extensão da faixa de tensão ecológica respeita as áreas de pressão ambiental entre o planalto central e a planície pantaneira, representada no mapa (Figura 02) indicando visualmente a inserção desta na área de pesquisa.

²⁵ LACERDA FILHO, Joffre *et alli* 2004, p. 174.

²⁶ PEREIRA, Zefa Valdivina. *Caracterização de Biodiversidade de Mato Grosso do Sul*. In: YONAMINE, Sérgio Seiko (Coord. Geral). *Zoneamento Ecológico-Econômico do Mato Grosso do Sul: Contribuições Técnicas, Teóricas, Jurídicas e Metodológicas*. Campo Grande, 2009.

O mapa hidrológico (Figura 05) ilustra melhor a situação da faixa de tensão ambiental, verdadeira fronteira entre pantanal, cerrado e Amazônia, visível na distribuição irregular dos rios nos diferentes biomas.

Os encraves são interpenetrações do cerrado nas florestas úmidas no vale do rio Jauru. Acompanham os solos podzólicos e levam consigo, uma mancha vegetal de savana aberta de galeria que adentra as florestas aluviais, criando bolsões com resquícios de cerrado. A interpenetração do ambiente com florestas ribeirinhas, cerradão e faixas de cerrado paralelas ao rio proporcionou bases para a instalação de populações que vão usar as três faixas de vegetação para cultivos, de formas parecidas, mas não iguais: uma se concentrando mais fortemente nas áreas de floresta e cerradão e a outra usando mais fortemente a floresta e o cerrado.

CAPÍTULO 2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA: ARQUEOLOGIA NO VALE DO RIO JAURU

2.1. METODOLOGIA E HISTÓRIA DA PESQUISA

2.1.1. História da Pesquisa

A Agência Nacional de Energia Elétrica fomentou em 2004, a construção de pequenas centrais hidrelétricas – PCH. Engenheiros hidroelétricos encontraram no oeste do Estado de Mato Grosso uma malha abundante de rios com significativos potenciais de produção energética. Destacam-se entre eles os rios do Sangue, Sapezal, Xingu, Nhandu, Braço Norte e Braço Sul, Papagaio, Alto Guaporé, rio Claro, Arinos, Teles Pires e Jauru. O rio Jauru recebe até o momento a ação de quatro pequenas centrais hidroelétricas, sendo duas concluídas (PCH Salto Jauru e PCH Figueirópolis), duas em construção, existem projetos para outras oito, totalizando doze.

As pesquisas arqueológicas nas duas usinas hidrelétricas mais antigas: a UHE Jauru (no alto rio Guaporé, município de Jauru) e a PCH Salto Jauru serviram de modelo para as atividades no recente projeto (PCH Figueirópolis), aceito e aprovado pela ANEEL em março de 2005. Deste período até o final do mesmo ano foram estabelecidos os prazos de entrega dos estudos de impacto ambiental (EIA-RIMA), aprovados e previstos no projeto básico ambiental (PBA-CONAMA).

Em abril de 2005 a empresa DOCUMENTO Ltda foi contratada e, em novembro do mesmo ano, se reúne em campo a equipe de Arqueologia. Através da

Dra. L.D. Erika Marion Robrahn-González²⁷ deram início à execução do programa de diagnóstico e prospecção arqueológica, sendo depois prorrogado para as atividades de resgate arqueológico. Uma equipe encontrava-se sediada no município de Indiavaí – MT, ficando responsável pelo reconhecimento da área e do levantamento arqueológico. A mesma empresa havia realizado anteriormente a prospecção e parte do resgate arqueológico da PCH Salto Jauru na montante do rio, ficando sediada, porém, no município de Araputanga – MT.

O projeto de pesquisa, segundo Robrahn-González²⁸ contava com duas partes específicas, em primeiro lugar o reconhecimento da área e a verificação dos sítios arqueológicos do entorno e nos acessos do empreendimento. Deste trabalho resultaram os dados básicos para a confecção do relatório de diagnóstico arqueológico (tipo de sítio, forma de ocupação, tamanho, etc.). Num segundo momento a equipe concentrou seus esforços na aplicação de poços-teste, a partir das margens do rio Jauru, em até 1,0 km afastados da linha d'água.

Resultando, desse primeiro momento, um sistema metodológico adequado e empregado posteriormente²⁹. O Prof. Msc. Luydy Abraham Fernandes coordenou as equipes de campo durante os anos de 2004 e 2005, até o final do trabalho prospectivo no início do ano de 2006, na PCH Salto Jauru. Contava naquele momento com três profissionais iniciantes: o bacharel em Turismo Daniel Fernandes Moreira, o licenciado em História Pedro Alzair Junior e o bacharel em História Marlon Borges Pestana.

Posteriormente, construída na porção jusante do rio com relação ao outro empreendimento hidrelétrico, instala-se a PCH Figueirópolis. A equipe retorna, então em 2007 para realizar as atividades complementares nas margens do rio Jauru, entre elas a execução completa do diagnóstico da nova PCH e os desdobramentos necessários de prospecção e resgate arqueológico. Após o resultado da contratação,

²⁷ PESTANA, M. B. & FONSECA, R. G. *Relatório Parcial do Resgate Arqueológico da PCH Figueirópolis, Indiavaí, MT, Brasil*. São Paulo: Documento Ltda (impresso não publicado de autoria e propriedade de ROBRAHN-GONZÁLES, E. M.), 2008. 86 pg.

²⁸ PESTANA, M. B. & FONSECA, R. G. *apud* ROBRAHN-GONZÁLES, E. M. 2008.

²⁹ ROBRAHN-GONZÁLES, E. M. *Sociedade e Arqueologia*. (Tese de Livre Docência) São Paulo: MAE, 2005. 328 p.

ocorrido em fevereiro de 2007 o projeto é encaminhado ao IPHAN para aprovação e emissão de portaria. O resgate arqueológico ocorreu entre agosto e dezembro de 2008.

Em campo permanecem dois profissionais, o bacharel em História Rodrigo Germano Fonseca e Marlon Borges Pestana, responsáveis pela logística de campo. Na primeira semana houve a integração com a sociedade, agrupando auxiliares e técnicos, alguns que já haviam trabalhado no projeto anterior. O apoio da comunidade foi fundamental. Cerca de três meses depois junta-se à equipe de campo o arqueólogo Cassiano Bervig.

2.1.2. Metodologia de Pesquisa

Foram dois os referenciais metodológicos usados: para o campo e laboratório Mentz Ribeiro³⁰ (MENTZ RIBEIRO, 2004) e para análise da cerâmica Meggers & Evans³¹ (MEGGERS & EVANS, 1958; 1970). O aporte metodológico para a confecção deste trabalho acadêmico surgiu da cadeira de Metodologia da Pesquisa Científica ministrada pela Prof. Dra. Fátima Luvielmo Encarnação (*lato sensu* Metodologia do Ensino Superior FURG 2004), tendo como base os textos da autora (ENCARNAÇÃO, 2002)³² e sugeridos por esta em recente comunicação pessoal (ENCARNAÇÃO 2002b³³; THUM, 2000³⁴), orientado pelas normas da ABNT citadas na nota de rodapé na introdução.

2.1.2.1. Diagnóstico e Prospecção

Antes das atividades de campo, para orientação, foi realizada uma breve pesquisa bibliográfica. Durante o levantamento e o diagnóstico arqueológico, foram percorridos 16,0 km de rio, prospectando uma área de aproximadamente 46.438 m², representando 16,1 % das margens do rio. Os caminhamentos permaneceram junto à

³⁰ MENTZ RIBEIRO, P. A. Metodologia da Pesquisa Arqueológica. In: MENTZ RIBEIRO, P. A. *Arqueologia na cidade do Rio Grande*. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, n. 26, Rio Grande: Editora da FURG, 2004. pp. 7-44.

³¹ MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas. In: *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. 46, Rio de Janeiro, 1958. MEGGERS, Betty J. *Como interpretar a linguagem cerâmica: manual para arqueólogos*. Washington: Smithsonian Institution, 1970. 111 pg.

³² ENCARNAÇÃO, Fátima Luvielmo. *Do ato de estudar e da comunicação escrita dos trabalhos acadêmicos*. Apostila da Área de Metodologia Científica, DECC, FURG, Rio Grande, 2002, 11p.

³³ ENCARNAÇÃO, F. L. *Guia para a apresentação de trabalhos científicos para os acadêmicos do curso de Direito*. Apostila da área de Metodologia Científica. DECC, FURG, Rio Grande, 2002.

³⁴ THUMS, Jorge. *Acesso à realidade: técnicas de pesquisa e construção do conhecimento*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Ulbra, 2000.

linha d'água, afastadas em até 1,0 km. Durante o trabalho prospectivo, neste mesmo espaço, foram aplicados 226 poços-teste, com 1,0 m de profundidade e 40,0 cm de boca, nas áreas de potencial arqueológico que estavam próximas à linha d'água, ou afastadas em até 300,0 m da margem. Foram usados dois barcos para locomoção da equipe que era deixada nas praias do rio (bebedouros do gado), e dali percorriam a pé até serem encontradas na próxima praia. A área proposta foi percorrida completamente.

2.1.2.2. Resgate

O resultado da prospecção foi a identificação de 34 sítios arqueológicos; destes apenas 26 apresentavam possibilidade de escavação, todos, porém receberam algum tipo de intervenção. Em cada sítio escavado foram aplicadas duas linhas perpendiculares e entrecruzadas de poços-teste. Na proximidade dos poços-teste com maior densidade cerâmica eram abertas cinco sondagens; dependendo da concentração do material o local ainda recebia uma ampla área de escavação de 3,0 x 3,0 m. As intervenções, tanto nas sondagens como nas áreas de escavação, eram abertas por níveis artificiais de 10,0 cm. Escavava-se até dois níveis estéreis abaixo da camada arqueológica mais profunda.

O sedimento foi peneirado em malha de 0,5 cm. O argissolo eutrófico ou distrófico vermelho, duro, agregado e compacto não permitiu a escolha de uma malha menor, podendo ter resultado daí a perda de alguma informação. O material recolhido foi separado em sacos plásticos e acompanhado de etiqueta identificadora.

2.1.2.3. Laboratório e Gabinete

O material resultante das atividades de campo foi encaminhado ao laboratório improvisado no centro de Indiavaí. Naquele espaço o material foi limpo em pias com água corrente; seco em temperatura ambiente e ao abrigo do sol. As peças foram classificadas por sítio arqueológico e numeradas. Posteriormente as peças mais representativas foram desenhadas e fotografadas (Prancha 54).

2.1.3. Enfoque Teórico

O estudo do sistema de assentamento em vales da América do Sul foi sistematizado por Dillehay³⁵ (DILLEHAY, 2000) e mais especificamente sobre padrão de assentamento em concordância com Parsons³⁶ (PARSONS, 1972) indica elementos importantes que colaboraram nos estudos sobre o povoamento de vales férteis. O estudo de Dillehay reflete sobre a situação de grupos migrantes em contato com ambientes diversos dos seus, encarando a mudança ambiental, segundo Dillehay:

É possível que simplesmente a visão de diversidade cultural seja que cada grupo regional tenha a sua própria história, resultante do seu ambiente e pressão imediata. No meio ambiente inclui, claro, o clima, os recursos usados pelas pessoas, e a cultura de um grupo específico e seus vizinhos. Diversidade cultural, como manifestada por diferentes registros arqueológicos, está conectada com mudanças ambiental e cultural e, ambas, com adaptação.³⁷

Para a interpretação dos resultados gerais foram utilizados os recursos de análise cognitiva propostos por Gibbon³⁸ (GIBBON, 1989), que ajudaram nesta pesquisa a definir o campo teórico específico da produção do conhecimento, para Gibbon (1989):

Como se pareceria a Arqueologia realista? Como ela se diferenciaria da Arqueologia positivista? Os elementos de uma Arqueologia realista parecem bastante claros: o arqueólogo estaria preocupado com ambos, taxonomia e modelos explicativos, assim como interessado em formas sociais e, estas existindo, como elas se comportavam. Acima de tudo o arqueólogo estaria preocupado com as relações – *relações entre os povos*, entre os povos e a natureza, e a relação entre eles – assim como se manifesta nos aspectos materiais de sua vida social.³⁹

Em acordo com Johnson⁴⁰ (JOHNSON, 1999) propõem ambas metodologias de análises em áreas com escassez de recursos cronológicos ou poucas datações absolutas, encorajando análises amplas com atitude crítica, ou seja, “*adotando uma atitude de consciência crítica [...] a fim de abrir a caixa-preta ao invés de deixá-las intocáveis [...] no momento em que a teoria arqueológica se parecer com um livro de receitas, a ser seguido cegamente, é provavelmente o momento em que declara a sua inutilidade.*”⁴¹

Além da relação entre os povos, dos grupos sociais e da natureza, neste estudo, nos propusemos a discutir a existência ou não de uma fronteira, assim como proposta por Rogge⁴² (ROGGE, 2005) no sul do país, através da observação do contato cultural entre os grupos

³⁵ DILLEHAY, T. *The Settlement of the Americas*. New York: Basic Books, 2000.

³⁶ PARSONS, Jeffrey R. *Archaeological Settlement Patterns*. Museum of Anthropology. p. 127–151, 1972. (Leitura indicada pelo Prof. Dr. José Luís Peixoto).

³⁷ DILLEHAY, T. Op. cit. 2000, p. 14.

³⁸ GIBBON, Guy. *Explanation in Archaeology*. Oxford: Basil Blackwell, 1989. 204 p.

³⁹ GIBBON, G. Op. cit. 1989, p. 167. (tradução própria sem grifo no original).

⁴⁰ JOHNSON, Matthew. *Archaeological theory: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999. 240 pg.

⁴¹ JOHNSON, M. Op. cit. 1999, p. 187.

⁴² ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos de Fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. Revista Pesquisas-Antropologia n. 62. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2005. 124 pg.

portadores das tradições Taquara, Vieira e Tupiguarani. Rogge (2005) também sugere uma correlação ambiental, assim como no trecho a seguir:

Dessa forma, acreditamos que as situações de contato entre estes três grupos tenham sido acionadas e impulsionadas pela expansão desses agricultores através destas áreas florestadas, que conformam uma extensa fronteira ecológica entre as áreas altas ocupadas pelos portadores da tradição Taquara e as terras baixas ocupadas pelos portadores da tradição Vieira e que se transforma, também, em uma fronteira cultural. [...] Se a primeira estratégia de exploração desses novos ambientes deve ter envolvido a estratégia de estabelecer seu controle e defesa, através de relações conflituosas nas zonas de fronteira estabelecidas, na medida em que o custo dessa estratégia vai se tornando cada vez mais alto foi necessário realizar uma mudança para uma forma de interação que o minimizasse, ao mesmo tempo em que proporcionasse algum tipo de benefício, implicando no estabelecimento de interações de caráter mais integrativo.⁴³

Com relação ao meio ambiente, a Tese de Roy Ellen⁴⁴ (ELLEN, 1982) é a que melhor exprime a mudança e a adaptação dos grupos em áreas de tensão ambiental, no nosso caso no limite entre o pantanal e o cerrado. Nesta pesquisa, portanto, foram identificados os recursos utilizados para esta adaptação específica no limite entre ambientes, ou seja, como Roy Ellen (1982) coloca, foram os *mecanismos de adaptação cultural*⁴⁵, que apareceram nítidos na interação das duas culturas com o ambiente. Segundo Ellen (1982):

A adaptação cultural pode ser entendida como: diferenciais de sobrevivência das populações, compreensão dos riscos através de respostas conscientes, e mudança. Adaptação através dos diferenciais de sobrevivência das populações é baseado na observação de que existe uma *variação* nos traços culturais que os indivíduos de culturas *selecionam*. Desde que se selecionam certos traços em detrimento de outros, elas podem ser mais adaptáveis em certas condições, o que pode afetar as mudanças de sobrevivência de uma determinada população.⁴⁶

A mudança ambiental e cultural está conectada, necessariamente, com as características físicas que os grupos ceramistas migrantes encontram ao adentrarem noutro ambiente. É o que caracteriza a diversidade entre as culturas e que acompanha a variabilidade geográfica em áreas de forte tensão ecológica como é o caso da fronteira entre o cerrado e o pantanal.

A teoria aplicada em campo, nas intervenções e escolhas das áreas, foi orientada pela obra de Martinez⁴⁷ (MARTINEZ, 1999) e Meggers & Evans⁴⁸ (MEGGERS & EVANS, 1958). Ambos os trabalhos orientaram as diretrizes de escolha de áreas e a seqüência metodológica que foi aplicada em campo. Com base no levantamento arqueológico foi

⁴³ ROGGE, J. Op cit. 2005, p. 20.

⁴⁴ ELLEN, Roy. Environment, subsistence and system: the ecology of small-scale social formations. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. 324 pg.

⁴⁵ ELLEN, R. Op. cit.1982, p. 235.

⁴⁶ ELLEN, R. 1982, p. 238. (tradução própria)

⁴⁷ MARTÍNEZ, Victor M. Fernández. *Teoría y Método de la Arqueología*. Madrid: Editorial Síntesis, 1990. 280

pg.

⁴⁸ MEGGERS & EVANS, Op. cit. 1958, p. 16.

priorizado o estudo do sistema de assentamento que resultou na tentativa de recriar o modelo da história do povoamento pré-colonial no médio vale do rio Jauru.

Outros estudos, no Brasil Central, identificaram relações entre os grupos ceramistas⁴⁹ e com isso identificaram a presença de uma fronteira cultural entre os povos horticultores associados à calha de rios no cerrado⁵⁰. O percorrimento por estas fontes secundárias instigaram o questionamento sobre as evidências de uma situação de fronteira, e os tipos de interação sócio-cultural, entre os grupos ceramistas pré-coloniais no vale do rio Jauru. A presente pesquisa caracteriza-se por ser o estudo de uma zona de contato, com elementos diagnósticos de difícil identificação, com densos atributos simbólicos associados às formas cerâmicas e aos tipos de assentamentos.

2.1.4. Fontes

As *fontes primárias arqueológicas* referem-se ao material arqueológico do médio rio Jauru, especificamente os conjuntos cerâmicos e o material oriundo dos sítios arqueológicos escavados, que foram salvaguardados no Instituto do Homem Brasileiro – IHB/Cuiabá. As fotos, desenhos e tabelas confeccionados durante as atividades de campo (2005 a 2008) ficaram sob a responsabilidade da coordenação de campo, bem como o desenho das formas das vasilhas cerâmicas reconstituídas a partir das bordas, fotos do material arqueológico *in situ* e das intervenções em campo. Foram usados também os resultados da classificação e da análise do material arqueológico (inventário, dimensões e análise dos artefatos); mapas do Google Earth, croquis de sítio, perfis estratigráficos confeccionados por mim e pela Empresa Documento Ltda.

As *fontes primárias históricas* sobre a região de pesquisa foram extraídas dos relatos dos viajantes, engenheiros e militares contidos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo I ao XX, de 1839 a 1857, publicada no Rio de Janeiro pela Typographia Universal de Laemmert e no arquivo do Museu Histórico de Cáceres – UNEMAT. A revista do IHGB consultada encontra-se integralmente no Instituto Anchieta de Pesquisas - IAP/UNISINOS.

As *fontes secundárias geofísicas* e informações ambientais foram extraídas dos relatórios da Secretaria do Meio Ambiente SEPLAN, organizadas por Vasconcellos⁵¹ (VASCONCELLOS, 2005). Utilizadas conforme a necessidade descritiva do

⁴⁹ OLIVEIRA, Elisângela Regina de. Aspectos da interação cultural entre os grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do rio Tocantins. (Dissertação de Mestrado). São Paulo/USP-MAE, 2005. 104 pg.

⁵⁰ SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M. & THIES, U. M. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. *Pesquisas (Antropologia)*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 33, 1982.

⁵¹ VASCONCELLOS, T. N. Op. cit. 2005.

ambiente, em conformidade com a terminologia utilizada pelo autor. As informações sobre a geografia, geomorfologia, vegetação e hidrografia foram extraídas da dissertação de mestrado de Gilmar Batista Marostega⁵² (MAROSTEGA, 2012). Os *shapes* e as bases cartográficas foram obtidos do IBGE através da UFMT e do convênio entre a UFMT e a SICME-MT⁵³.

2.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O primeiro objetivo foi percorrer as fontes secundárias para demonstrar através da reconstituição das vasilhas, fotos e mapas de distribuição os conjuntos arqueológicos, tradições culturais e fases que ocorrem na área de pesquisa, no aspecto geral a partir do Centro-Oeste e específico no Vale do Jauru, a saber: tradições Pantanal, Descalvado/Pantanal, Descalvado e Uru (Figuras 9 a 13).

Em segundo lugar apresentar a história e metodologia de pesquisa, englobando o campo, laboratório e gabinete, descrevendo as fontes da pesquisa e o enfoque teórico adequado à interpretação dos dados, a saber: fronteira e sistema de assentamento.

Em terceiro lugar, explorando recursos históricos, foi descrita brevemente a História do extremo oeste e, mais especificamente, a região de Indivaí. Trata-se nessa parte apenas de aspectos relacionados ao rio Jauru, os grupos sociais que o freqüentaram e as possibilidades de correlacioná-los com as ocupações identificadas arqueologicamente. Os indígenas históricos identificados no levantamento bibliográfico estão relacionados aos troncos lingüísticos *Arawak* e Macro-Jê, a saber: Chiquito, Xarayé, Mojo, Bauré, Manasí, Xeruys, Guató, Guaicuru, Payaguá, Bororo e Ararivá.

No médio vale do rio Jauru ocorrem três ambientes: o Cerrado, a Amazônia e o Pantanal⁵⁴, predominando o Cerrado. Ocorrem nesta área de transição ambiental culturas arqueológicas definidas anteriormente por autores que se referem à área e às tradições ceramistas adaptadas a estes ambientes. As culturas do ambiente amazônico

⁵² Idem, 2012.

⁵³ LACERDA FILHO, Joffre Op. cit. 2004.

⁵⁴ O nome dos biomas está em maiúscula nesta primeira referência, preferindo-se o uso de minúscula no restante do trabalho. Medida tomada para não confundir com a tradição arqueológica que segue sempre em maiúscula (ex.: bioma pantanal – tradição Pantanal). Por este motivo, ao longo do texto, cerrado e pantanal aparecem com a primeira letra em minúscula.

não foram descritas, por dois motivos: estarem relativamente distantes da área piloto da pesquisa e não ter surgido, durante as intervenções, algum elemento material que indicasse a presença mais representativa de cultura amazônica.

2.2.1. Os grupos ceramistas no Centro-Oeste

A tradição Uru foi definida em 1974 por Schmitz⁵⁵ (SCHMITZ, 1974, p. 103), após este trabalho inicial outros seguiram usando a terminologia para conjuntos cerâmicos identificados na porção ocidental do Cerrado brasileiro. Segundo Robrahn-González (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996)⁵⁶ o contingente ceramista Uru não teria permanecido num território restrito entre os rios Tocantins e Araguaia, mas visualmente emergente nas principais áreas de povoamento Macro-Jê. Esse dado foi observado anteriormente por Wüst (WÜST, 1990)⁵⁷ em sua Dissertação de Mestrado e confirmado posteriormente na sua Tese⁵⁸. Este trabalho forneceu dados importantes que possibilitaram a vinculação da tradição Uru com os grupos Bororo (Macro-Jê), presença etnohistórica significativa no rio Jauru.

Como dissemos o primeiro pesquisador a identificar a tradição Uru, no centro-oeste, foi Schmitz⁵⁹ (SCHMITZ *et alii*, 1982, p. 103-104) que descreve uma tradição tecnológica cerâmica associada e adaptada ao Cerrado. Durante a pesquisa no vale do rio Jauru foram identificadas vasilhas e instrumentos com características compartilhadas daquelas descritas por Schmitz⁶⁰ (SCHMITZ *et alii*, 1982 Figura 09). Observava, também em seu estudo, uma situação de fronteira entre grupos indígenas no planalto central. A par desta idéia, passou-se a observar um comportamento semelhante nas técnicas de manufatura cerâmica de uma das populações pré-coloniais

⁵⁵ SCHMITZ, Pedro I.; WÜST, Irmhild; BARBOSA, Altair S.; BASILE BECKER, Ítala I. Projeto Alto Tocantins – Goiás. Comunicação Prévia. *Anuário de Divulgação Científica*. Gabinete Arqueologia UCG, Goiânia, ano 1, nº 1, 1974. pp. 1-38.

⁵⁶ ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 6, p. 83-121, 1996b.

⁵⁷ WÜST, I. Aspectos da Ocupação Pré-Colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás - Tentativa de Análise Espacial. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de São Paulo, 1983.

⁵⁸ WÜST, I. Continuidade e Mudança - para uma interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-Coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso do Sul. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - Goiânia, 1990. 2v.

⁵⁹ SCHMITZ, *et alii* 1982.

⁶⁰ Idem, 1982, p. 77.

no vale do rio Jauru. De acordo com Martins & Kashimoto⁶¹ (MARTINS & KASHIMOTO, 2000) além da *Chiquitania*, outros grupos teriam tido acesso ao mesmo vale, ou ocupando-o esporadicamente, enquanto que Migliácio (2006) atribui este povoamento aos Xarayés. A descrição do material cerâmico aponta para a intersecção de duas culturas ceramistas diferentes povoando o vale, uma provavelmente provinda do Pantanal e outra do Cerrado.

Viana⁶² (VIANA *et alii*, 2012) estudou um conjunto cerâmico no rio Manso, em Cuiabá e o associa à tradição Uru. Neste estudo os autores analisam o antiplástico utilizado nas vasilhas, indicando o antiplástico cauxi como escolha cultural. O estudo pontuou a área de dispersão da tradição Uru, reconhecendo o centro-oeste de Mato Grosso como ocorrência regular desta cultura. Oliveira⁶³ (OLIVEIRA, 2005, p. 75) sugere que os grupos da tradição Uru, pela sua alta estabilidade territorial, realizaram menos contatos se comparados com outras culturas, mas definitivamente mais estáveis e permanentes. Esse fenômeno, segundo Oliveira (2005, p. 100) estaria associado com a alta territorialidade dos grupos do cerrado, que também pode ser verificado nos estudos com a tradição Uru (Figura 07).

Oliveira (2006) nos trás um dado significativo com relação à interação cultural destes grupos no Brasil Central, estuda a natureza da interação e chega ao seguinte resultado:

[...] assim sendo, é possível afirmar que tal qual identificado por Wüst em seus trabalhos no vale do São Lourenço no estado do Mato Grosso (1990) e na região do Mato Grosso de Goiás; também no médio Tocantins os sítios das tradições Aratu e Uru apresentam como características marcantes a homogeneidade interna com aceitação de influências externas e a heterogeneidade interna com a pouca permeabilidade a influências externas respectivamente. Padrão mantido mesmo séculos depois do início da interação cultural entre estas populações. De fato, talvez foram exatamente estas características que condicionaram, no Brasil Central, os contatos culturais entre estes grupos ceramistas desde pelo menos o século X da era Cristã, e como pode ser visto, tal processo continuou ainda que com especificidades, no médio Tocantins até meados do século XV. (OLIVEIRA, 2005, p. 77)

⁶¹ Idem 2000, p. 141.

⁶² VIANA, Sibeli A.; RIBEIRO, Cecília V.; OLIVEIRA, Sérgio D. Cauxi em cerâmica arqueológica: uma questão de escolhas culturais. In: *Revista de Arqueologia*. São Paulo: SAB, v. 24 n. 1 2011. pp.32-51.

⁶³ OLIVEIRA, E. Op cit. 2005, p. 74-75.

Segundo a autora, na passagem acima, a tradição Uru, na interação cultural com outros grupos, apresenta heterogeneidade interna com a pouca permeabilidade a influências externas; observamos características semelhantes no médio vale do rio Jauru. Inclusive com a recorrência repetitiva da data dessa interação, por volta do primeiro milênio A.D., cronologia que é de acordo com Migliácio (2006, p. 327) e Martins & Kashimoto (2000, p. 135).

De acordo com Robrahn-González (1996, p. 37) a tradição Uru não representaria apenas os índios Bororo, como sugere Wüst, mas estaria associada à totalidade dos grupos pertencentes ao tronco lingüístico Macro-Jê no centro-oeste. Segundo Robrahn-González (1996):

A indústria cerâmica é caracterizada pela presença de tigelas mais rasas com bases planas e com pedestal, paredes infletidas e ocasionalmente reforçadas, assadores e grandes jarros. O antiplástico é constituído por diferentes tipos de cariapé. Em geral ocorrem poucos elementos decorativos (apêndices, faixas aplicadas e incisão pontuada). [...] o fato de uma maior porcentagem de sítios se localizar em áreas de cerrado e apresentarem assadores em cerâmica fez com que se inferisse uma subsistência apoiada ao menos em parte na mandioca tóxica [...]” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996, p. 38-39).

Interessa ao nosso trabalho o dado fundamental sobre a distribuição da tradição Uru (Figura 06), sua interação e o contato com outros contingentes cerâmicos. Esclarece a autora que a mudança, por parte da tradição Uru, é muito mais fruto de condições internas do que externas, expandindo-se e diversificando-se lentamente, sem perder as suas principais características “*a ocupação dos primeiros grupos ceramistas do Brasil Central não estaria relacionada, assim, a um fenômeno único e uniforme tanto no tempo como no espaço. Ter-se-ia processado, ainda, de forma muito mais lenta e diversificada do que a bibliografia sugere*”. (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996, p. 204).

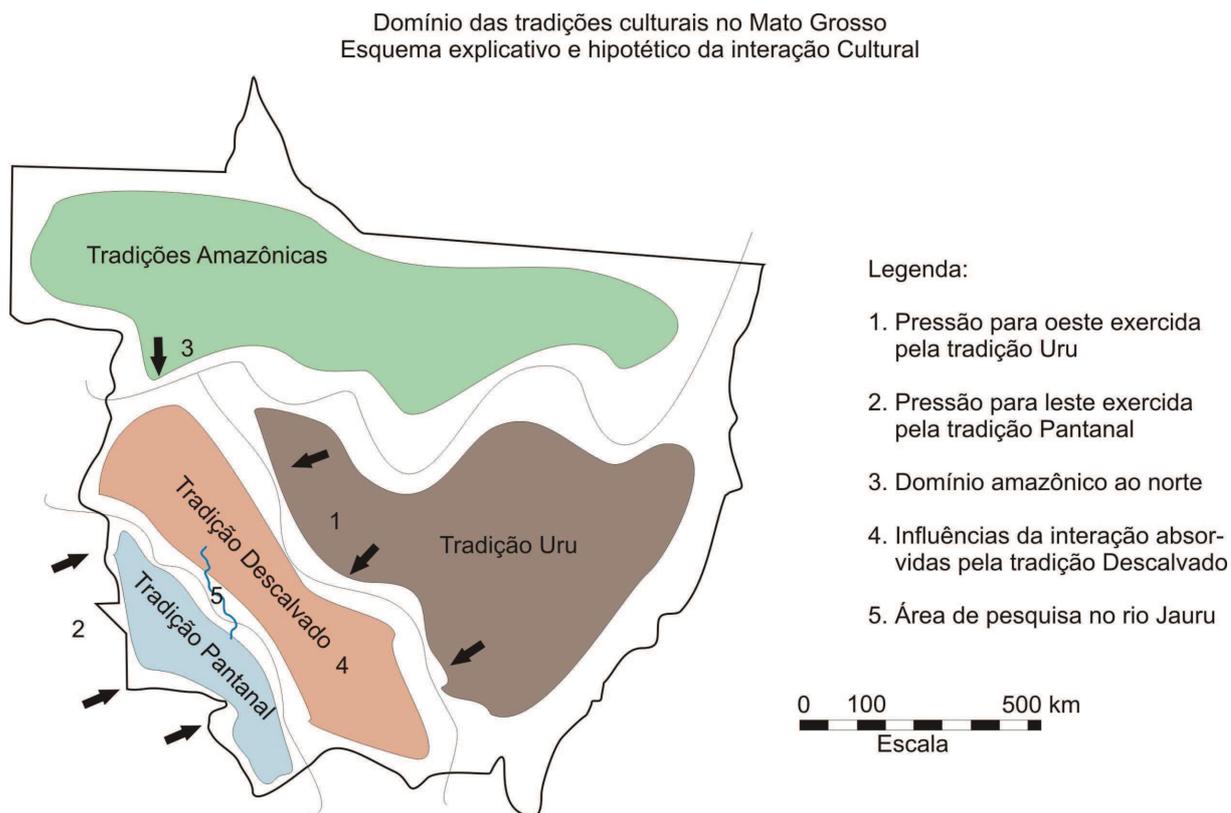


Figura 06: Modelo ilustrativo das áreas de domínio das tradições culturais do Estado de Mato Grosso.

Segundo Robrahn-González (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996), em sua Tese de Doutorado⁶⁴, a formação de corredores culturais, canalizados através dos principais rios do centro-oeste, permitiria uma significativa mobilidade entre as culturas ceramistas, inclusive facilitando o seu deslocamento e o desenvolvimento para áreas contíguas. Esse processo teria sido de fundamental importância para a interação social e o desenvolvimento cultural dos grupos associados à tradição Uru. Citamos na íntegra um trecho da conclusão da autora:

[...] Esta proposta divergia, em vários sentidos, da apresentada por outros pesquisadores, que tradicionalmente consideravam a região como um corredor de deslocamento (Schmitz, 1976/1977; Schmitz *et alii* 1978/79/80/1981). Esta suposição se baseava, em primeiro lugar, nas características ambientais do Brasil Central, principalmente relacionadas à sua hidrografia e a sua localização em relação ao restante do país, permitindo a passagem de grupos indígenas, que teriam utilizado tanto os rios enquanto eixos e/ou referências de deslocamento, como o próprio transporte terrestre, facilitado pelo relevo geralmente plano da região. Além disso, o fato de os diversificados vestígios de grupos ceramistas remeterem, por vezes, a origens externas, parecia favorecer a sugestão. Certamente, cada uma destas situações (corredor de passagem X área de

⁶⁴ ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996a. 232 pg.

confluência) remete a um quadro de ocupação com características distintas, notadamente no que diz respeito à intensidade e significado das relações de interação social no processo de desenvolvimento cultural. (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996, p. 213-214).

Essa área de confluência, ou corredor de passagem, aponta claramente a predileção dos grupos cultivadores do cerrado pelo seguimento fértil dos principais rios do centro-oeste. No rio Juru ao encontrarem uma extensão significativa de curso d'água, margeada pelas terras planas, cercadas pelas serras do Aguapeí, teriam acompanhado seu curso, subindo ou descendo, muito provavelmente estabelecendo algum tipo de sistema de assentamento e contato com os grupos pré-ocupantes da área, isto é, as tradições ceramistas associadas à floresta de cerradão da borda do Pantanal.

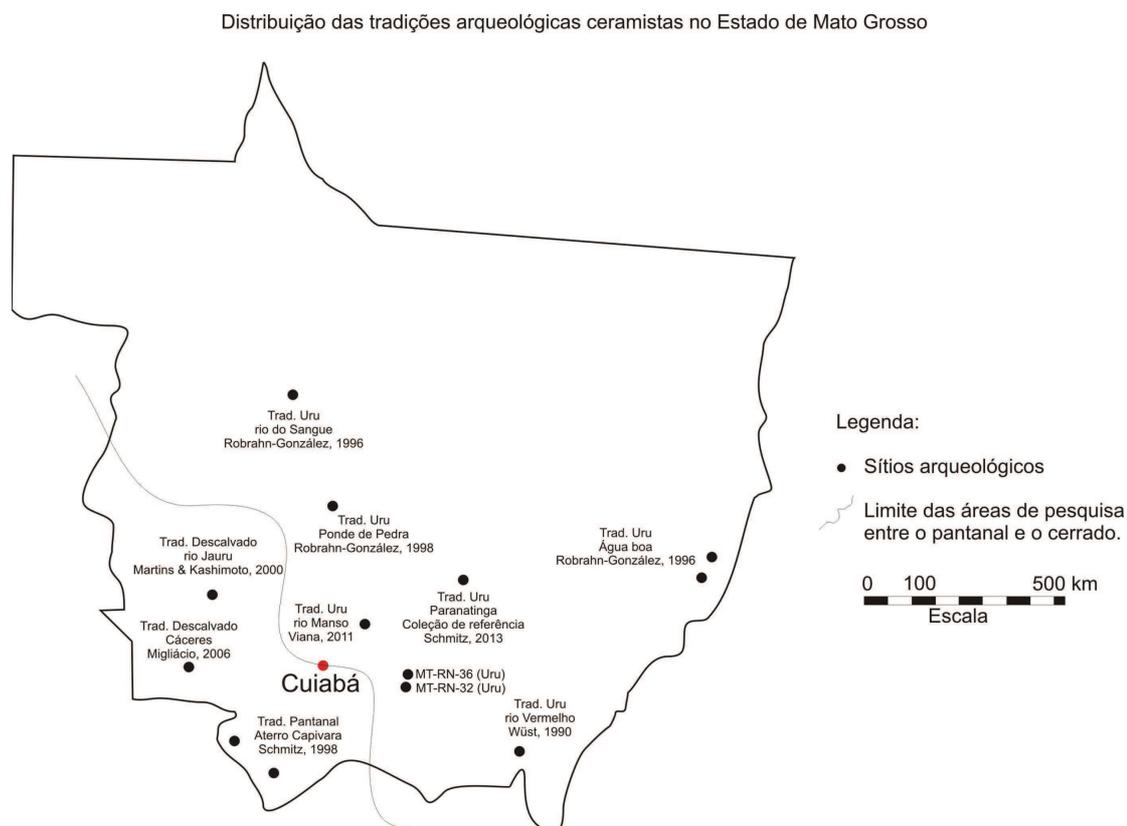


Figura 07: Distribuição das tradições arqueológicas ceramistas no Estado de Mato Grosso com relação com a área de pesquisa.



Figura 08: Expedição do americano Alexander Solon Daveron em 1920, foto com os nativos Bororo nas margens do rio Jauru. Reprodução da foto: Marlon Borges Pestana. Fonte: Arquivos do Museu Histórico de Cáceres – UNEMAT.

Formas das vasilhas da tradição Uru, segundo Schmitz, 1982, p. 123

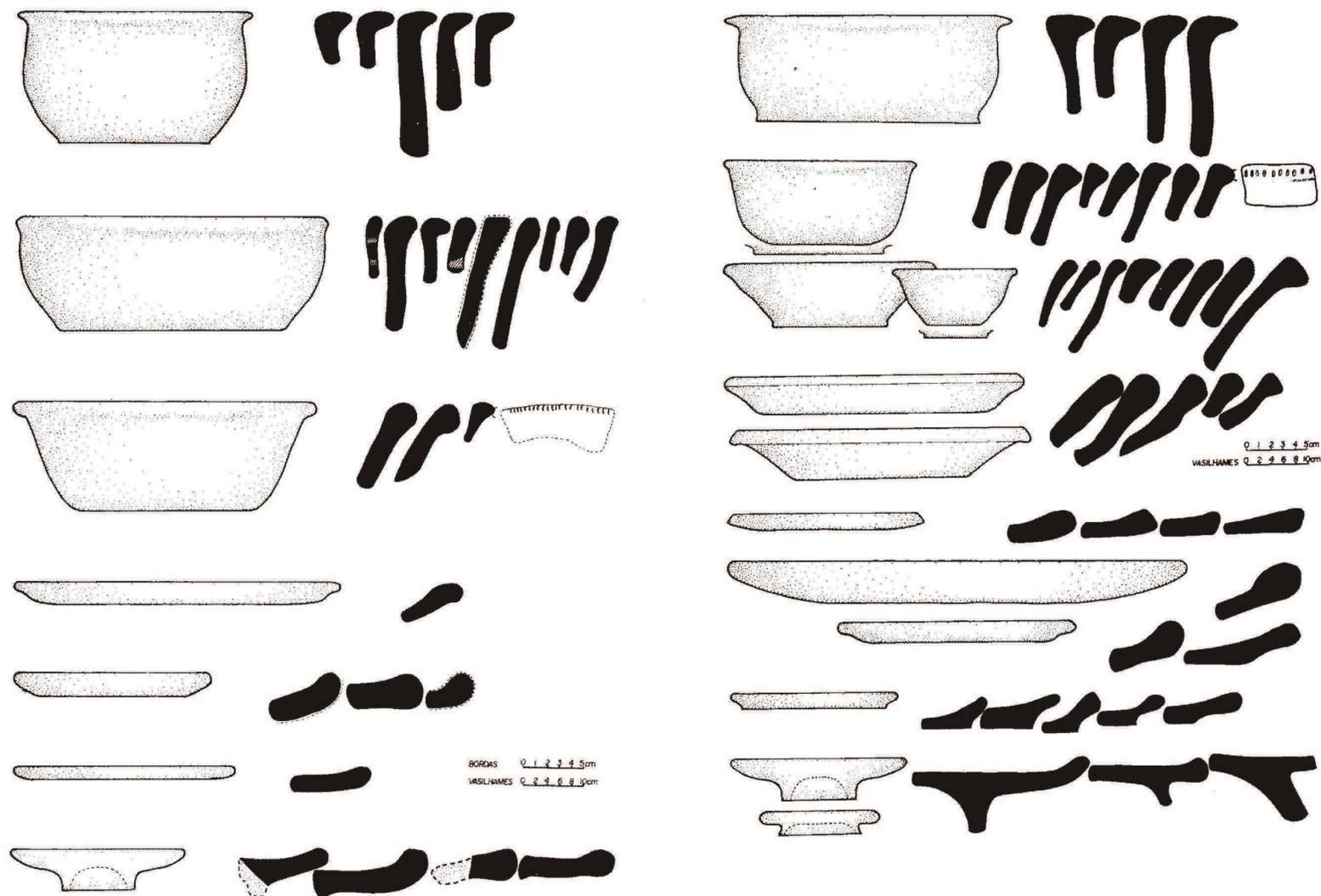


Figura 09: Formas das vasilhas da tradição Uru (SCHMITZ, 1982 p. 179).

A questão de fronteira entre grupos pré-coloniais foi anteriormente explorada por outros autores, primeiramente por Schmitz⁶⁵ (SCHMITZ *et alii*, 1982) e no sul do Brasil por Rogge⁶⁶ (ROGGE, 2004). Nas obras referentes aos grupos do cerrado (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; WÜST, 1990), vimos que também eram conclusivas sobre algum tipo de interação entre contingentes sócio-culturais. Por fronteira cultural entende-se:

A interação entre sistemas socioculturais é um fenômeno universal e certamente deve ter ocorrido, em maior ou menor grau, ao longo de toda a história da humanidade, das formas mais pacíficas às mais conflituosas; de formas mais ou menos equilibradas àquelas onde as relações foram totalmente diferenciadas, dos bandos de caçadores e coletores paleolíticos, paleoindígenas ou arcaicos à atual “sociedade em rede” globalizada. [...] Quando falamos em contato cultural, é necessário deixar claro que “culturas” *per se* não entram em contato, mas sim pessoas identificadas com determinados sistemas socioculturais. Uma parte significativa daquilo que chamamos de “cultura” é, sem dúvida, produto da interação entre indivíduos ou grupos e de suas decisões sobre por que, quando, onde, como, com o quê e com quem interagir. Dessa forma, ao usarmos o termo “contato” deve ser entendido, explicitamente, que falamos do contato entre sociedades humanas. (ROGGE, 2005, p. 23-24)

Como de fato não existem culturas isoladas em seu meio, foi estimulada, no vale do rio Jauru, a busca pela identificação das características que representavam essa fronteira. Questiona-se até que ponto a tradição Descalvado (MIGLIÁCIO, 2000; 2006) não estaria, de certa forma, representando essa interação entre os grupos do pantanal e do cerrado, estando contidas, na própria cultura ceramista Descalvado, a incorporação das características de uma e de outra tradição. Essa idéia foi parcialmente explorada, ou tangenciada pelos autores que usamos de referência⁶⁷, ou seja, trata-se de uma tentativa recorrente de identificar relações culturais entre os grupos ceramistas do Pantanal e do Cerrado.

⁶⁵ Idem, 1982.

⁶⁶ ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos de Fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. 241 pg. (Tese de Doutorado).

⁶⁷ MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do Brasil Pré-Colonial: O povoamento no Pantanal e no Cerrado. In: RUSSEFF, Ivan; MARINHO, Marcelo; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (Org.). *Ensaio farpados: arte e cultura no Pantanal e no Cerrado*. Campo Grande: Letra Livre/Ed UCDB, 2004, v., p. 13-28.

2.2.1.1. Práticas funerárias Macro-Jê

Segundo a autora de *Funerais entre os Bororo*, Sylvia Novaes (NOVAES, 2005, p. 311), a morte é um momento de manifestação da espiritualidade do conjunto clânico, vindo a repercutir na cultura material os gestos dos seus agentes culturais:

A morte é causada pelo *bope* – espírito comedor de carne crua, sangue e carniça. O *bope*, entidade responsável pelas grandes transformações naturais (nascimento, puberdade, morte), inicia assim o processo de desfiguração do corpo, do qual apenas sobram os ossos. Estes deverão ser limpos, pintados, ornamentados e rearranjados numa ordem específica num grande cesto de palha, que os Bororo denominam *aroej'aro*, previamente confeccionado pela mãe ritual do morto. O crânio é a parte do corpo que recebe maior atenção. Depois de pintado de urucum e ornado com penas num arranjo que segue o padrão do clã a que pertencia o morto, o crânio é colocado sobre uma pequena bandeja de palha (*baku*), que deve ser posta na parte superior do cesto. A ordem dos ossos no cesto procura reproduzir a ordem da anatomia do corpo. Note-se ainda que a escarificação dos parentes do morto, que ocorre ao longo desse ritual em que os ossos são ornamentados, faz com que o próprio corpo dos enlutados de alguma forma se desfigure. Como compartilham de substâncias vitais com o finado, também os enlutados sofrem essa desfiguração.

Dependendo do clã, o indivíduo ainda sofre o descarne e o tratamento dos ossos. Em casos da permanência do *bope*, *junto ao corpo material*, passa ainda pela cremação. Esse processo garante o desligamento integral do corpo físico e do espírito da pessoa sepultada (NOVAES, 2005).

Para Albisetti & Venturelli (Volume II, 1969, p. 138), a alma *aróe* é a precursora de toda ritualística funeral, o Espírito é, portanto, quem orienta o tipo de funeral, escolha que pode variar entre os clãs ou até mesmo entre as famílias.

2.2.2. Os grupos ceramistas no rio Jauru

A tradição Pantanal foi definida por Schmitz durante o Projeto Corumbá (SCHMITZ *et alii* 1998, p. 221). As primeiras pesquisas no pantanal sul-matogrossense foram realizadas por este pesquisador (SCHMITZ *et alii*, 2000) a partir da década de 1990 e os resultados, publicados e apresentados em congressos, apontam

para grupos construtores e ocupantes de aterros, portadores de vasilhas globulares de média capacidade volumétrica⁶⁸. Assim:

A tradição cerâmica Pantanal se caracteriza basicamente por uma indústria de barro cozido composta por vasilhame utilitário e uns outros poucos artefatos, como são os cachimbos, rodela de fuso, *fichas*, rodela com dois furos semelhantes a botões, contas.⁶⁹

A fase Jacadigo (SCHMITZ *et alii* 1998, p. 226) guarda semelhança com uma das implantações de sítio no rio Jauru (Cerâmico 3 Figura 81) e com a tradição Descalvado/Pantanal de Migliácio (2006, p. 335) e a fase Jacadigo e Taiamã, descrita por Peixoto (2003, p. 99). Segundo Schmitz (1998) “*os sítios (da fase Jacadigo) encontram-se no sopé do planalto residual, na transição entre o alagado e a terra firme, são superficiais e não tem moluscos ou restos de peixes em seus estratos, apresentam uma distribuição superficial complexa, como se fossem grandes acampamentos com pequenos núcleos sem maior estabilidade.*” (SCHMITZ, 1998, p. 226).

Para Peixoto (2003, p. 99) os sítios da fase Jacadigo “*são a céu aberto e estão implantados na borda de planaltos residuais e protegidos das inundações. Os grupos que ocuparam esses assentamentos parecem não explorar sistematicamente os recursos da planície de inundação ao contrário da fase Pantanal.*” (PEIXOTO, 2003, p. 99). Essa formação parece estar associada às margens não inundadas do Pantanal, ou seja, área livre de influência direta das áreas alagadas e, mesmo estando próxima ao recurso aquático, não possui em seus estratos vestígios do consumo de peixes ou moluscos.

⁶⁸ SCHMITZ, Pedro Ignacio; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V.; ROSA, A. O. Arqueologia do Pantanal do Mato Grosso do Sul: Projeto Corumbá. In: PANTANAL 2000 - ENCONTRO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO CERRADO E PANTANAL, 2000, Corumbá, MS.. Caderno de Resumos - Pantanal 2000. 2000. p. 141-152.

⁶⁹ SCHMITZ, P. I. Op. cit. 1998, p. 220 a 231.

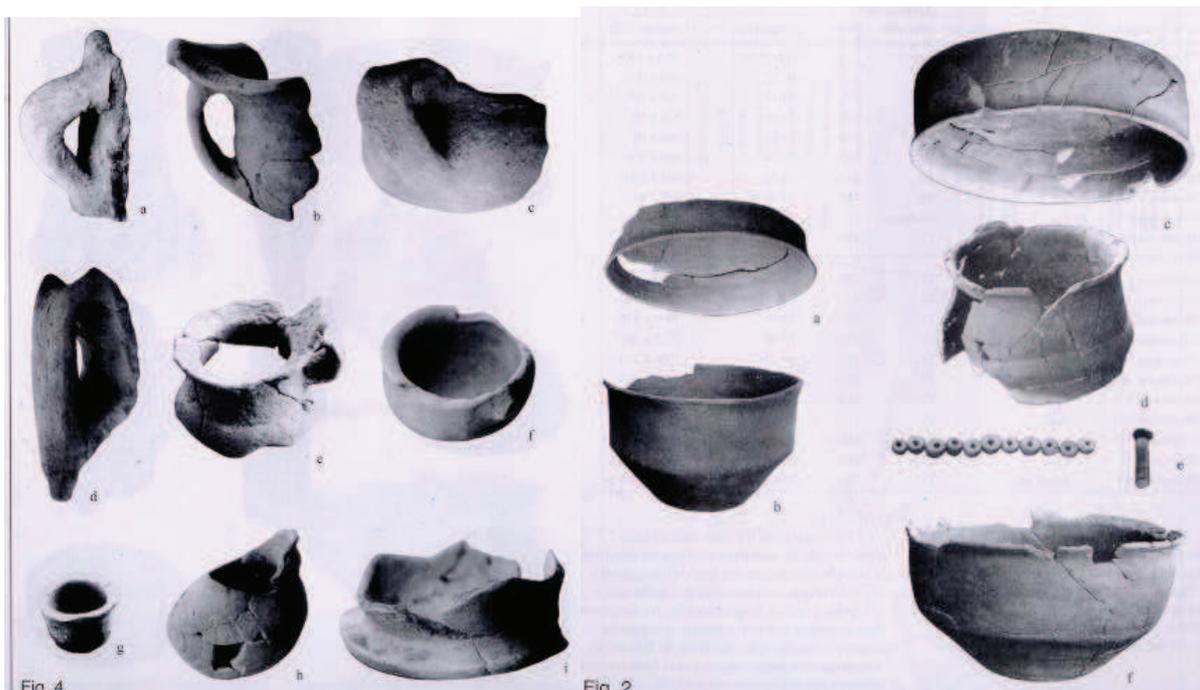
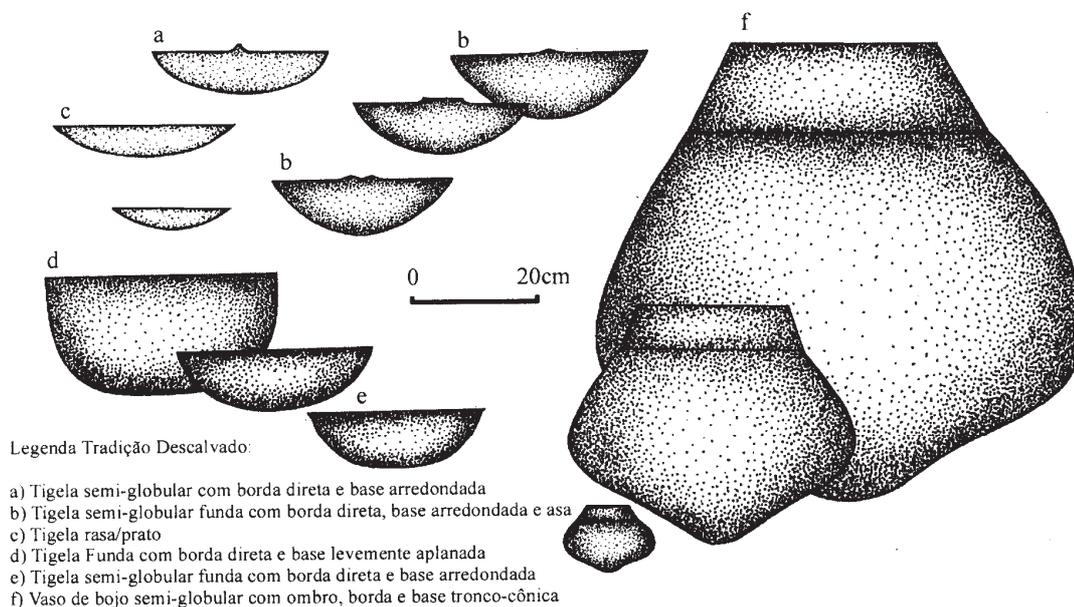


Figura 10: Material cerâmico identificado por Martins & Kashimoto (2000, p. 136, 138) e associado à tradição Descalvado/Pantanal e Descalvado, observam-se as pequenas vasilhas com alça e as formas.



Figura 11: Fragmentos cerâmicos associados à tradição Uru, sítio Luar do Sertão, Paranatinga – MT, coleção de referência do IAP-UNISINOS.

Vasilhas da Tradição Descalvado



Vasilhas da Tradição Descalvado presente nos Aterros

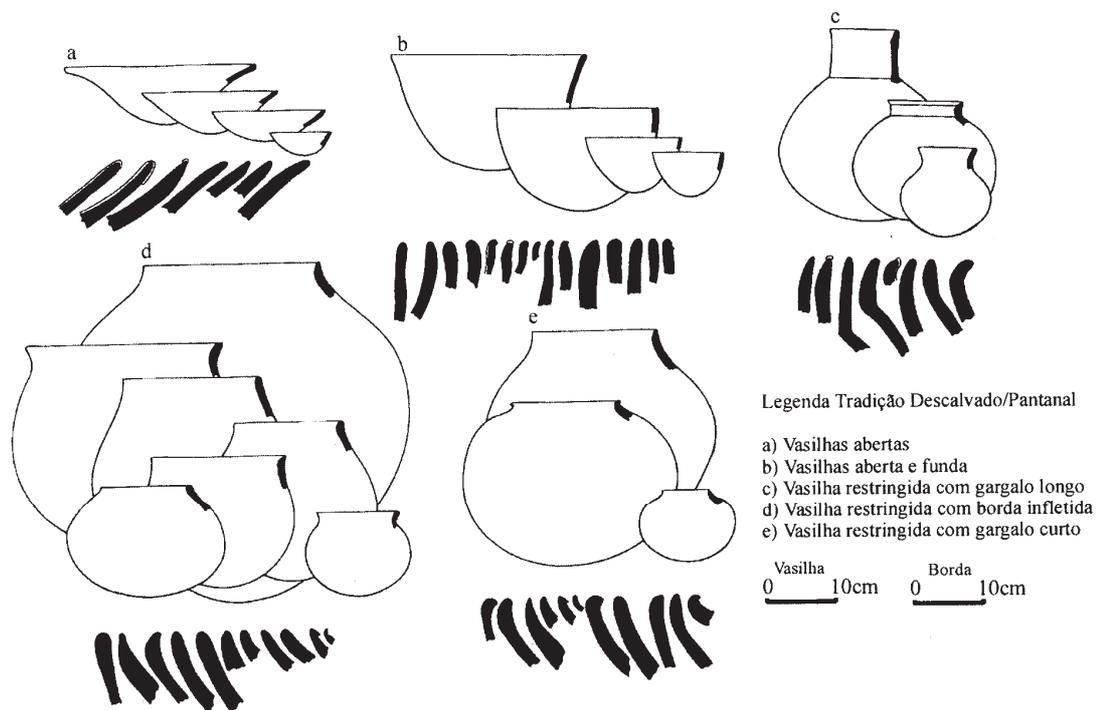


Figura 12: Formas das vasilhas cerâmicas associadas à tradição Descalvado e Descalvado/Pantanal. Fonte: Migliácio, 2000, p. 231.

Formas das vasilhas da tradição Pantanal, fase Taiamã, segundo Peixoto, 2003, p. 175.

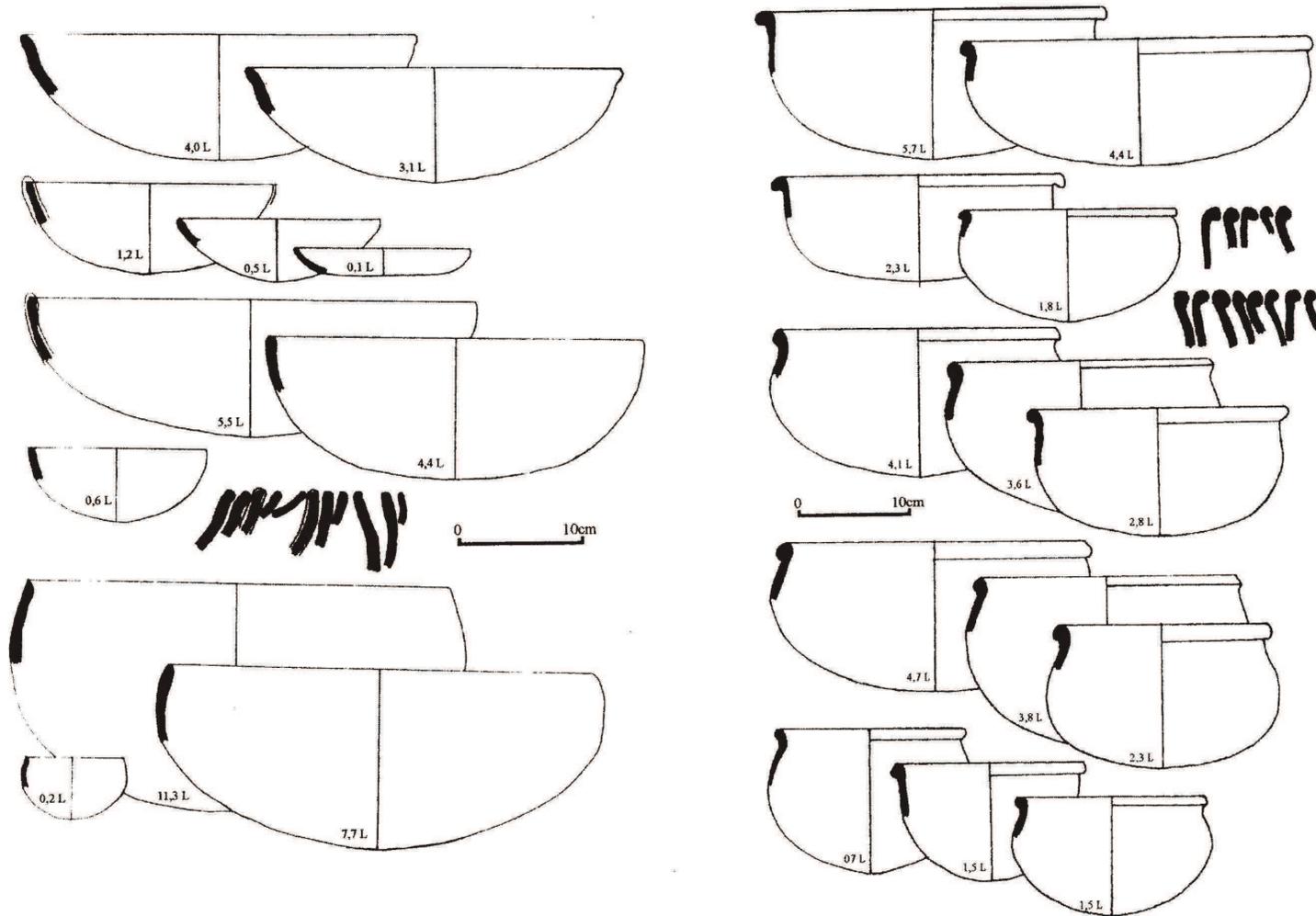


Figura 13: Formas das vasilhas da tradição Pantanal, fase Taiamã. Fonte: Peixoto, 2003, p. 175.

Os recursos bibliográficos, sobre o médio rio Jauru, foram tomados por base a partir das principais publicações sobre a área, realizadas por Martins & Kashimoto (MARTINS & KASHIMOTO, 2000, p. 141) e Migliácio (MIGLIÁCIO, 2000, p. 276), além da representação dos grupos ceramistas identificados por estes autores no vale do rio Jauru.

Segundo Martins & Kashimoto⁷⁰ (MARTINS & KASHIMOTO, 2000, p. 142) o vale teria sido ocupado pelos grupos Chiquitano, e que se trataria de uma *Chiquitania*. Uma área cultural que teria comportado inúmeras manifestações étnicas, entre elas os *Saraveka*, descritos por mais de um viajante (ÑUFLO DE CHÁVEZ, 1547; D'ORBIGNY, 1831) na cidade de San Matias no leste boliviano.

De acordo com Migliácio (MIGLIÁCIO, 2000)⁷¹, a ocupação do pantanal de Cáceres teria se dado através de grupos assentados em aterros, cuja cultura teria se expandido, como é o caso dos nativos Xarayé.

No borda do pantanal mato-grossense, as pesquisas mais densas também são de Migliácio (MIGLIÁCIO, 2000)⁷² que apontam para uma cultura ceramista predominante no oeste do Estado de Mato Grosso. Segundo Migliácio:

A cerâmica Descalvado está associada à sítios cerâmicos a céu aberto, localizados, no alto curso do rio Paraguai. A norte das nascentes do rio Sepotuba, no planalto adjacente do Pantanal, é denominada de tradição Descalvado. Ao longo do rio Paraguai até a as imediações da ilha Taiamã, na planície de inundação do rio Paraguai, é denominada de cerâmica Descalvado/Pantanal, em razão dessa cerâmica ser proveniente da superfície dos sítios dos Aterros. A cerâmica Descalvado caracteriza-se por apresentar um padrão morfológico bem definido e de fácil identificação, bastante diferenciado da tradição Pantanal.⁷³

A autora diferencia, portanto, a tradição Descalvado/Pantanal, que ocorre na superfície de aterros da planície pantaneira, da tradição Descalvado que ocupa as margens dos rios afluentes ao norte do rio Paraguai. Descrevendo a tradição Descalvado/Pantanal, a autora define:

⁷⁰ MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do contexto do rio Jauru (MT) impactado pelo Gasoduto Bolívia-Mato Grosso. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, v. 10, p. 121-143, 2000.

⁷¹ MIGLIACIO, Maria C. A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso, uma leitura preliminar. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP, 2000. 391 p.

⁷² MIGLIACIO, M. C. 2000. p. 9.

⁷³ MIGLIÁCIO, 2000, p. 222. (citação sugerida pelo Prof. Dr. José Luiz dos S. Peixoto)

Assim, a cerâmica Descalvado dos aterros apresenta antiplástico predominante de concha triturada, seguido por antiplástico de caco moído, ambos em composição ou não com grãos sub-arredondados de quartzo. Uma presença embora pequena, de fragmentos com cariapé é registrada na cerâmica dos sítios ribeirinhos⁷⁴. A queima oxidante é aquela com oxidação incompleta, apresentando, no entanto, largas faixas oxidadas e ainda uma frequência mais baixa de fragmentos com oxidação completa. O acabamento geral é o alisado com presença de lustro. A decoração predominante apresenta engobo vermelho e/ou **pintura vermelha compondo motivos geométricos** ou marcando o lábio das vasilhas. A presença da decoração plástica é pequena, representada por impressão de corda e **decoração incisa linear**. Os lábios mais frequentes são os arredondados e apontados e as formas de borda que predominam são as diretas, seguidas pelas inflectidas.⁷⁵

Migliácio (2006, p. 276) observa variação nas formas, nos antiplásticos e até mesmo na ocupação Descalvado de permanência mais prolongada com relação aos assentamentos do contingente Pantanal, segundo a autora:

Quanto à forma das vasilhas e capacidades volumétricas daquelas duas tradições ceramistas, a diferença está na ausência, na cerâmica Pantanal, das formas rasas e compostas presentes na cerâmica Descalvados, e nas vasilhas de maior porte. No entanto, a cerâmica Descalvados também tem todas as formas presentes na cerâmica Pantanal. Esta situação pode criar alguma dificuldade na identificação, especialmente nos sítios de atividade limitada, onde podem estar ausentes as vasilhas que apresentam alguns dos melhores elementos diferenciadores destas duas cerâmicas, como as vasilhas decoradas e as vasilhas de uso específico, como os pratos planos e as tigelas rasas e as grandes vasilhas de armazenagem. Vasilhas de uso múltiplo que servem tanto para cozinhar como para servir, como as tigelas de profundidades medianas e fundas, parecem ser as vasilhas preferenciais para as atividades externas aos assentamentos principais e são justamente essas que estão presentes tanto na cerâmica Pantanal quanto na cerâmica Descalvados.⁷⁶

A autora identifica claramente a distinção cerâmica entre Descalvado e Descalvados/Pantanal, ou seja, características tecnológicas da tradição Descalvado que a aproximam das culturas pantaneiras (Figura 12). Essa diferença encontra-se principalmente nas formas e na predominância de decoração, dois elementos que também indicaram diferença no rio Jauru, principalmente entre os sítios da planície de inundação (aluvial) e do terraço fluvial. As formas cerâmicas (Figuras 86 e 89) dos sítios fora deste compartimento, afastados das margens do rio e instalados na meia encosta, apresentam algumas características semelhantes às descritas por Schmitz (SCHMITZ *et alii* 1982, p. 122) para a tradição Uru.

⁷⁴ A cerâmica temperada com cariapé foi um demarcador cultural associada com grupos cultivadores do cerrado (tradição Uru), enquanto que a cerâmica temperada com areia representaria outro contingente sócio-cultural.

⁷⁵ MIGLIÁCIO, M. C. 2000. p. 370. (sem grifo no original).

⁷⁶ MIGLIÁCIO, 2006, p. 276 e 277

Funari & Oliveira⁷⁷ (2000) realizaram estudos no mesmo projeto do Gasoduto Bolívia-Brasil, citado acima e identificaram naquela etapa, conjuntos cerâmicos e líticos associado às tradições culturais já mencionadas.

A cerâmica da tradição Uru se caracteriza pelas tigelas de contorno infletido, pelas bordas reforçadas, pelos apêndices, pelos bojós de contorno suave que terminam em base plana e pelo banho vermelho interno. Segundo Schmitz (1982, p. 248):

O elemento mais característico da tradição Uru são as tigelas e pratos de contorno infletido e borda reforçada, com bases planas ou em pedestal (Figura 08). [...] Quanto às modificações no vasilhame, em termos de decoração, temos um grande número de fragmentos com banho vermelho [...] pintura só encontramos na fase Jaupaci, onde temos listas pretas sobre superfície interna natural, e vermelho. Os apêndices, alças e asas aparecem em todas as fases.⁷⁸

Usamos como comparação uma amostra representativa da tradição Uru (Figura 11) existente no Instituto Anchieta de Pesquisas (nº de Catálogo 1262), proveniente da Fazenda Luar do Sertão, município de Paranatinga, sudeste do MT, doado pelo Sr. Edmar Kurt Ziech. Essa coleção permitiu aferir, identificar e comparar, com segurança, os elementos característicos da tradição Uru no Mato Grosso correlacionando-os com os do Vale do Jauru.

Foi necessário pontuar as áreas de avanço da cultura no Cerrado a partir do planalto central (VIANA, 2012; OLIVEIRA, 2005 – Figura 07), ou seja, a tradição Uru em direção ao Pantanal, quando ali encontra o território de outra cultura ceramista, a tradição Descalvado/Pantanal e a tradição Descalvado. O povoamento do vale do Jauru estaria sendo representado, portando, por diferentes sistemas de assentamentos que representariam essas culturas, contendo ou não características de contato cultural? Seria uma ocupação compartilhada, através de um fenômeno de fronteira? Ou seria um povoamento em distintas épocas seqüenciais, onde o primeiro grupo é lentamente substituído pelo superveniente mais numeroso e adaptado?

⁷⁷ FUNARI, Pedro. P. A.; Nanci V. Oliveira. *Arqueologia em Mato Grosso*. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Coleção (92), 2000.

⁷⁸ SCHMITZ, 1982, p. 248 e 249.

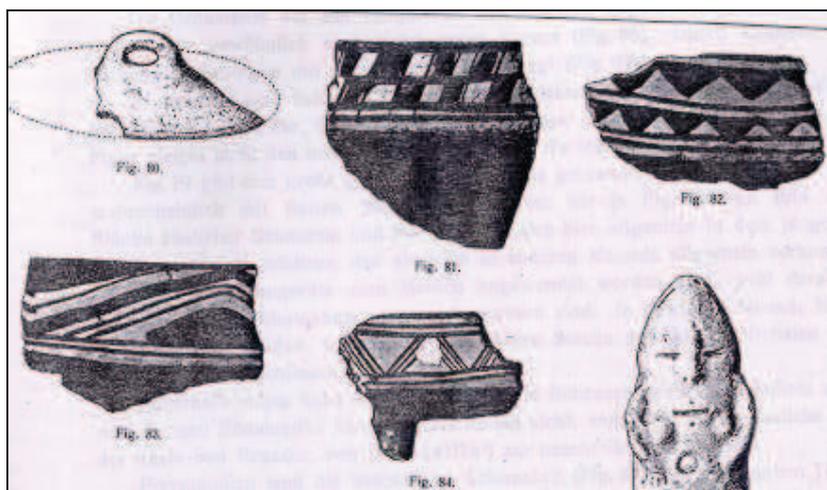


Figura 14: Triângulos encerrados por linhas e alça, na reprodução de Nordenskiöld (1913, p. 223). Comparar a Fig. 82 de Nordenskiöld com a Figura 14.

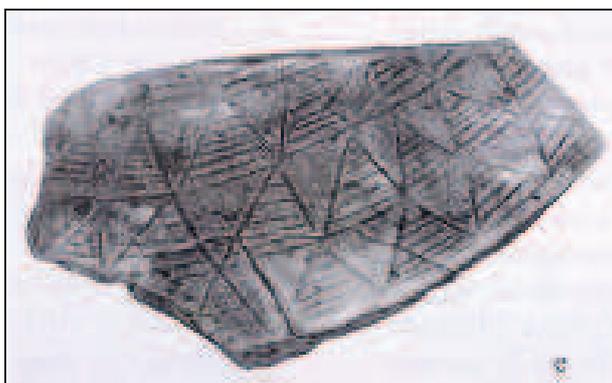


Figura 15: Fragmento cerâmico decorado com motivos triangulares preenchidos por incisões paralelas, fechado por linhas, à esquerda o registro de Martins & Kashimoto, sítio Rio Jauru (2000, p. 139, Fig. 5e), à direita fragmento encontrado no sítio Figueirópolis VIII.

Vasilha do Tipo 8

Forma da Borda (rim): extrovertida (everted) com pescoço côncavo alongado externo e inclinação interna alongada;

Forma do Lábio (lip): apontado (tapered);

Forma do Bojo (waist): esférica;

Tipo de Base (base): arredondada (round);

Diâmetro da borda: 10 a 26 cm;

Volume das vasilhas: 0,3 a 6,7 L (TAB 10, p. 145);

Ângulo do contorno do vaso: 90° a 120°;

Forma das vasilhas: elipsóide aberto e restringido parcial, tigela (bowl).

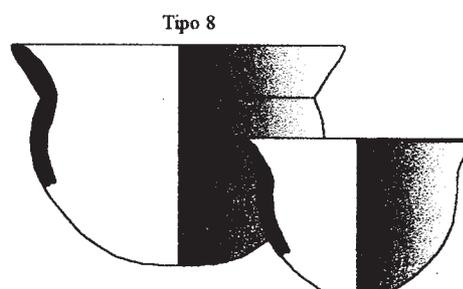
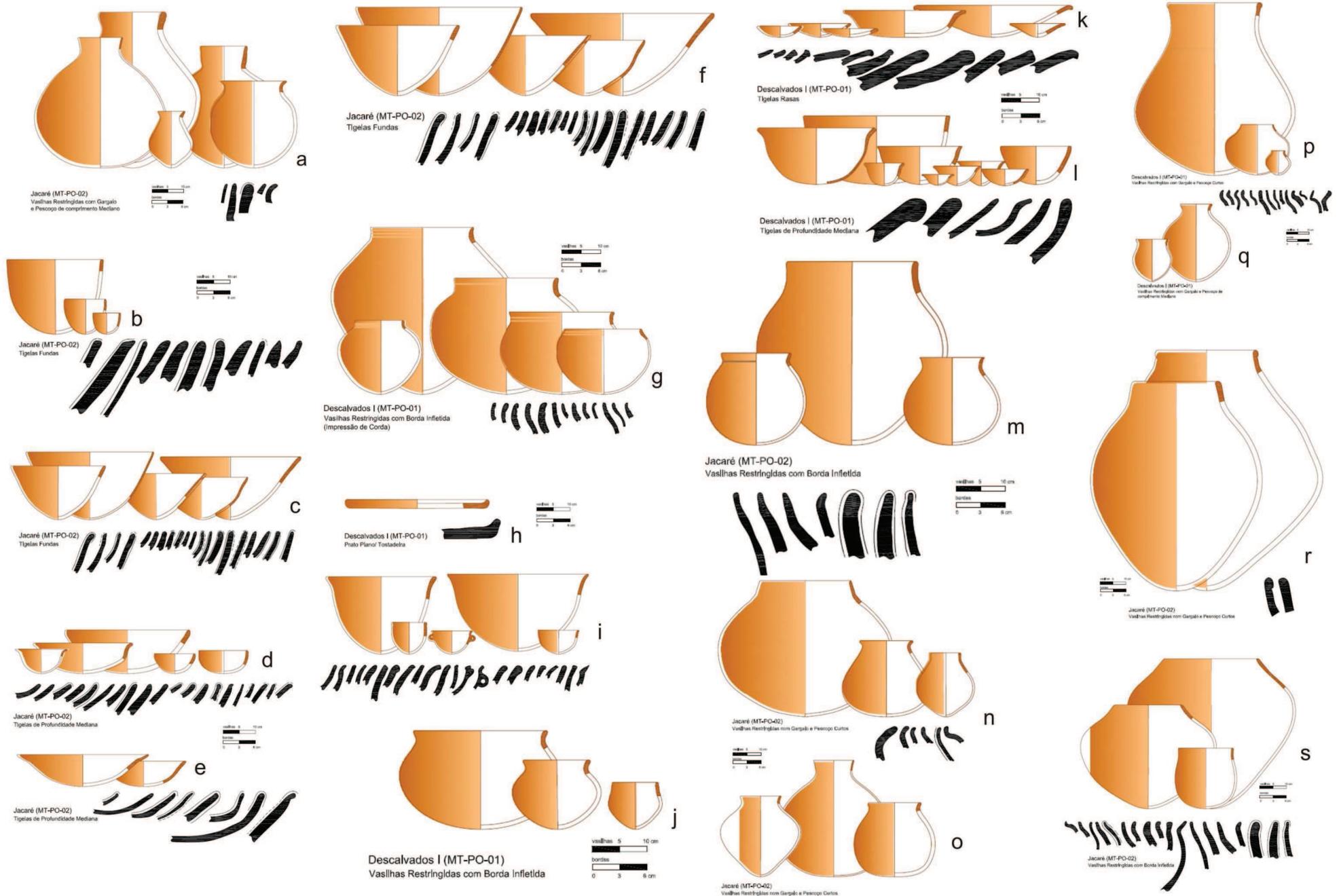


Figura 16: Forma de vasilha da tradição Pantanal. Fonte: Peixoto, 2003, p. 119.

Formas das vasilhas da tradição Descalvados, segundo Migliácio, 2006, p. 230 a 296.



Nordenskiöld⁷⁹ (1913, p. 223, fig. 82) escavou aterros nas bordas do chaco do leste boliviano (território Mojo, Bauré), no território que compreende às nascentes do rio Guaporé, identificando elementos decorativos que consideramos semelhantes aos encontrados no vale do rio Jauru.

A tradição Pantanal definida através das pesquisas de Schmitz⁸⁰ (SCHMITZ *et alii*, 1998, 2000) ilustram grupos adaptados ao habitat pantaneiro, portadores de vasilhas pequenas, que ocupavam aterros de construção intencional. Estes estudos foram conduzidos posteriormente por Peixoto⁸¹ (PEIXOTO, 2005) que define os sistemas de ocupação dos aterros, os usos e habitabilidade através da variação do nível da água, nas cheias e vazantes da planície pantaneira. Em sua Tese de Doutorado⁸² Peixoto cria um modelo de ocupação das margens dos grandes lagos do Pantanal, mostrando a relação dos assentamentos ao sistema hidrológico da planície pantaneira. Para a nossa pesquisa, portanto, é importante a sua descrição da cerâmica associada à Fase Castelo, especificamente os tipos 2 a 8 (PEIXOTO, 2003, p. 158) que são semelhantes às do vale do rio Jauru associadas aos sítios tipo cerâmico 1. Segundo Peixoto:

j) As vasilhas têm formato de elipsóide aberto a elipsóide restringido parcial (Figura 15), apresentando borda direta, extrovertida e reforço externo; lábio plano, redondo, apontado e abrupto externo, bojos esféricos e meia-calota e bases plana e arredondada; k) As capacidades volumétricas das vasilhas variam entre 0,2 a 6 litros, embora apresentem vasilhas com capacidade que atingem 33,5 litros; l) Os artefatos mais ocorrentes são peso de fuso, disco com entalhe (Peso-de-rede), fichas com extremidades polidas e cachimbo de formato cônico.⁸³

As fichas com extremidades polidas também ocorrem com frequência na nossa área, nos sítios com cerâmica de antiplástico areia. Outro trabalho, de relevante

⁷⁹ NORDENSKIÖLD, Erland von. *Urnengräber und Mounds im Bolivianischen Flachlande* – Baessler – Archiv Beiträge zur Volkerkunde Leipzig und Berlin – Druck und Verlag von B.G. Tenbuer, 1913. p. 205 a 255.

⁸⁰ SCHMITZ, Pedro Ignacio; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V.; ROSA, A. O. O Projeto Corumbá, oito anos de pesquisa no pantanal do Mato Grosso do Sul. In: IX REUNIAO CIENTIFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA EM CD-ROM, 1997, Rio de Janeiro. Anais da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. 2000. p. 10.

⁸¹ PEIXOTO, José L. dos S. *Relação entre os aterros e níveis hidrológicos do rio Paraguai, Pantanal (MS)*. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 13, 2005, Campo Grande MS, Anais: Ed. Oeste, 2005. 1 CD ROM.

⁸² PEIXOTO, José L. dos S. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal sul-matogrossense*. (Tese de Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

⁸³ PEIXOTO, 2003, p. 384.

importância para o médio vale do rio Jauru, foi o realizado por Martins & Kashimoto⁸⁴ (MARTINS & KASHIMOTO, 2000) resultado do estudo na implantação do Gasoduto Bolívia-Brasil⁸⁵. Nesta pesquisa a tradição Descalvado apresenta datas que giram entre 2.065 até 170 anos antes do presente, com margem de erro de 200 anos para mais ou para menos⁸⁶.

A tradição Descalvado, segundo Martins & Kashimoto⁸⁷ (MARTINS & KASHIMOTO, 2000), durante as escavações dos sítios Rio Jauru e sítio Riacho São Sebastião 3 e 4, representam aterros nas áreas alagadiças, contendo então o material representante desta cultura, com datas entre 965 até 2.300 anos antes do presente⁸⁸. Predominam datas em torno do primeiro milênio da Era Cristã, através de amostra de cerâmica datada por TL, associando indiretamente a cerâmica Descalvados a grupos Chiquitanos. Ainda:

Considerando-se que não havia nenhum conhecimento anterior referente a este contexto (médio curso do rio Jauru), o trabalho aí desenvolvido permitiu levantar uma série de problemas a ser considerados em pesquisas futuras. [...] Há relação da tradição Descalvado com os índios Chiquito pré-coloniais? Qual a relação dos Chiquito de San Matias com a realidade arqueológica do médio curso do rio Jauru? A relação dos índios Chiquitos das Missões de Santana, San Miguel, Santo Ignácio, San Rafael, as quais estão localizadas a uma distância não superior a 250,0 km dos sítios do rio Jauru, com os vestígios arqueológicos registrados em San Matias e no Jauru?⁸⁹

As datações, inclusive de Migliácio (2000, p. 12), foram obtidas através de Termoluminescência (TL), realizadas pelo Laboratório de Vidros e Datação da FATEC – Faculdade de Tecnologia de São Paulo, através da Dra. Sonia Tatumi. As datações por TL se justificam pela grande incidência de queimadas do Cerrado com a relativa pouca profundidade dos estratos arqueológicos. Somente ossos e cerâmica apresentam alguma segurança para datar através do rádio-carbono. Mesmo as datações

⁸⁴ MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Op. cit. 2000, p. 131.

⁸⁵ MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Projeto Salvamento Arqueológico na área impactada pelo Gasoduto Bolívia - Mato Grosso: trecho brasileiro. In: *X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1999, Recife. X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1999.

⁸⁶ Ver quadro cronológico em MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M.; Sonia Hatsue Tatumi. Dados cronológicos relativos à Arqueologia do oeste de Mato Grosso. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, v. 12, p. 321-324, 2002.

⁸⁷ Idem, 2000, p. 230.

⁸⁸ Ver quadro cronológico para o rio Jauru em MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. 2000, p. 135.

⁸⁹ MARTINS & KASHIMOTO, 2000, p. 140.

por TL apontaram datas recorrentes entre os séculos VI e XIV de nossa Era, predominando datas constantes por volta do primeiro milênio depois de Cristo.

O quadro cronológico, mais representativo, sobre o vale do rio Jauru de que dispomos é aquele publicado por Martins, Kashimoto & Tatumi (2002)⁹⁰ com três datas para a margem direita do rio Jauru, município de Cáceres associadas ao horizonte arqueológico Descalvado: 1.325 +/- 130 AP (363 FATEC); 1.480 +/- 150 AP (366 FATEC); 1.525 +/- 150 AP (365 FATEC)⁹¹. Por desconhecermos outras datas com maior precisão, estas representam, por enquanto, o médio vale do rio Jauru.

O material pesquisado por Martins & Kashimoto (2000, p. 136 Figura 10) possui características observadas por Nordenskiöld⁹² (1913, p. 241 Figura 14) também associada por Migliácio (2000) aos índios Mojo e Xarayés, vinculados ao tronco lingüístico *Arawak*. Nas pranchas ilustrativas de Martins & Kashimoto (2000), Fig. 5e (Figura 15), está representado o motivo de triângulos incisos de espirais curtas, ou seja, o código cultural reconhecido por Nordenskiöld⁹³, Steward⁹⁴, Suznik⁹⁵ e Migliácio⁹⁶. Presentes também as alças de borda e bojo, típicas desta cultura.

Sobre o material cerâmico do Pantanal, a pesquisa de Castro⁹⁷ (CASTRO, 1998) além de reconstituir as formas predominantes da tradição Pantanal, mostra com clareza através de sua classificação as características das vasilhas relacionadas à captação e manipulação da água potável e o uso exclusivo do antiplástico areia. As bordas restringidas e cilíndricas evitariam a evaporação da água na estação quente e seca (Figura 94 g-k, Figura 89 sexto conjunto).

⁹⁰ MARTINS, KASHIMOTO & TATUMI, Op. Cit. 2002, p. 322 e 323.

⁹¹ MARTINS, KASHIMOTO & TATUMI, Op. cit. 2002, p. 322-323. Entre parênteses é o número da amostra no laboratório da FATEC.

⁹² NORDENSKIÖLD, Op. cit. 1913, p. 218, 233-234 e 241.

⁹³ Idem, 1913, p. 223.

⁹⁴ STEWARD, Julian H. *Handbook of south American Indians*. V. III The Tropical Forest Tribes. Nova York: Cooper Square Publishers, 1963.

⁹⁵ SUSNIK, Branislava. *Etnologia del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1978. 156 p. (Serie "Los Aborígenes del Paraguay", 1).

⁹⁶ MIGLIÁCIO, 2000, p. 369.

⁹⁷ CASTRO, Clomar J. D. de. *A Cerâmica do projeto Corumbá, MS: experiência de classificação e reprodução da cerâmica*. [s.i.]. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do rio dos Sinos, São Leopoldo. 1998.

2.2.2.1. Práticas funerárias Arawak

Segundo Steward & Faron (1959, p. 419) “*todos os grupos do Chaco tinham um grande medo do espírito dos mortos e começavam os preparos do enterramento tão logo a morte se tornava eminente. Lamentos e danças acompanhavam as atividades funerárias. [...] Ao corpo era normalmente dado um enterro simples na terra ou cemitério aonde a cova era ritualmente limpa e depositadas oferendas alimentares, enterramentos secundários eram praticados por algumas pessoas.*”

2.3. HISTÓRICO DA REGIÃO

2.3.1. Breve História da Ocupação do Extremo Oeste

Realizamos este levantamento etno-histórico com base nos *dados* levantados por Martins & Kashimoto (2000, p. 124), e comparando-os com os *dados* disponíveis em Migliácio (2000, p. 44; 2006, p. 33), com o objetivo de demonstrar historicamente a ocupação indígena do vale do Jauru.

Valemo-nos do criterioso levantamento etno-histórico realizado por Martins & Kashimoto (2000, p. 124), realizado para o médio vale do rio Jauru. Segundo os autores a principal ocupação do extremo oeste brasileiro e oriente boliviano seria *Arawak*, tronco lingüístico representado principalmente pelos índios Chiquitos, Xarayés e Mojo. Segundo Martins & Kashimoto (2000):

Nos contornos geográficos fixados por D’Orbigny⁹⁸, a região compreendida entre o rio Jauru e a fronteira Brasil/Bolívia, seccionada pelo gasoduto, integrava a paisagem típica da área chiquitana. [...] Esse índios (Chiquito) formavam um mosaico etnográfico constituído por mais de 40 povos indígenas diferentes entre si, cujos mais conhecidos era os Zamuco, Paikoneka, Saraveka e Paunaka, filiados ao tronco lingüístico Aruak, e os Kuruminaka, Kurave, Koraveka, Tapii, Korokaneka, Manacica, falantes de línguas aparentados com o Bororo.⁹⁹

⁹⁸ D’ORBIGNY, A. Viaje a la America Meridional. Buenos Aires: Editora Futuro, 1945.

⁹⁹ MARTINS & KASHIMOTO, 2000, p. 124-125.

Estudando Suznik¹⁰⁰ (1978) Martins & Kashimoto (2000, p. 125) observam que “os Chiquitanos não eram canoeiros, seus deslocamentos se davam no interior dos limites geográficos na Província, evitando as águas pantanosas do rio Paraguai, a aridez do solo do Chaco Boreal, bem como a área subandina influenciada pelo Império Inca.”¹⁰¹ Para o século XVI, os primeiros contatos foram descritos por Cabeza de Vaca¹⁰² e Ulrico Schmiedl¹⁰³ que parecem concordar sobre o povoamento Xarayés¹⁰⁴, também descrito por Ñuflo de Chávez que em 1517 “foi seguido por 223 espanhóis e mais de 3.500 índios Guarani, iniciou a colonização na região do “Mar de Xaraiés” formada por grandes lagoas no Pantanal do alto Paraguai. Esta área (o alto Paraguai) era habitada por tribos denominadas Xaraiés.”¹⁰⁵

Sobre a Arqueologia dos Xarayés, além de Migliácio (2006), existem os trabalhos clássicos que foram recentemente lembrados no trabalho de Costa e Silva (2009, p. 150):

A respeito dos Xaraiés e sua região, muito pouco se realizou em matéria de pesquisa de campo. O antropólogo alemão Max Schmidt¹⁰⁶ percorreu a região em princípios do século XX realizando algumas pesquisas. Alargando muito o foco de seu interesse científico, partindo para estudar os Guatós, Paiaguás, Umutinas, pouco se referiu diretamente aos índios Xaraiés. [...] Tivemos nos fins da década de 1920 a expedição do antropólogo norte-americano V. M. Petrullo¹⁰⁷, que andou fazendo pesquisas em sítios arqueológicos às margens do rio Paraguai, em especial em Descalvados, um dos epicentros da cultura Xaraié. Ao se deparar com os achados cerâmicos¹⁰⁸, identificou-os como tendo pertencido ao povo Bororo, indicando de forma bem clara como à época ainda eram incipientes os estudos antropológicos dessa complexa região, onde houve uma clara superposição de etnias no decorrer dos séculos (COSTA E SILVA, 2009, p. 151).

Max Schmidt (1912) e Petrullo (1931) foram os pioneiros na região do Jauru, estudando parte do município de Cáceres, que abrangia na época uma vastidão de terras no alto Paraguai. É possível reconhecer hoje, mesmo em discordância com Costa

¹⁰⁰ SUSNIK, Op. cit. 1978, p. 127.

¹⁰¹ MARTINS & KASHIMOTO, 2000, p. 125.

¹⁰² CABEZA DE VACA, A. N. *Naufraios e comentários*. Madrid: História 16, 1984.

¹⁰³ SCHMIEDL, U. *Relatos de la conquista del Rio de la Plata y Paraguay 1534-1554*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

¹⁰⁴ COSTA E SILVA, Paulo Pitaluga. *Índios Xarayés*. Cuiabá: Instituto do Homem Brasileiro, 2009. 200 p.

¹⁰⁵ MARTINS & KASHIMOTO, 2000, p. 126.

¹⁰⁶ SCHMIDT, Max. *Reisen in Mato Grosso em Jahre 1910. Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin: Band. 44, Heft 1, 1912. p. 130-174.

¹⁰⁷ PETRULLO, V. M. Primitive peoples of Mato Grosso – An account of archaeological and ethnological Field work at the headwaters of the Paraguay and Xingu river in Matto Grosso, Brazil, during 1931. *The Museum Journal* 23 (2), 1932. p. 91-178.

¹⁰⁸ Parte do conjunto cerâmico recolhido por Petrullo em 1931 foi alvo das pesquisas de Migliácio (2000; 2006).

e Silva (2009, p. 150) que tanto Bororos como Xaraiés freqüentaram a região, sendo ambas as etnias ceramistas identificadas pelos autores clássicos.

A partir disso são observadas as presenças de nativos das mais variadas denominações *Arawak* e outros associados a línguas aparentadas dos Bororo, ou seja, Macro-Jê¹⁰⁹. O território começa a receber a partir de 1682 as Missões espanholas do Itatim que reduziram índios Mojo e Chiquito. Somente em 1749, após várias investidas dos bandeirantes portugueses, é fundada a Vila Bela da Santíssima Trindade.

Migliácio (2000, p. 34) reconhece as primeiras expedições espanholas como o fator principal da ocupação do Alto Paraguai. Posteriormente, em sua Tese (MIGLIÁCIO, 2006, p. 38) confirma a mesma situação. Martins & Kachimoto (2000, p. 124) também reconhecem a colonização espanhola como o principal fator de povoamento do território. Ambos estão de acordo que foi através da catequese, nas Missões Jesuíticas do Paraguai (Assunção e Guairá), que um número significativo de índios foi apesado e colonizado.

A pesquisa de Corrêa Filho¹¹⁰ (CORRÊA FILHO, 1969) indica a presença dos bandeirantes Antônio Pires de Campos¹¹¹ e Manuel Bicudo, a partir de 1718 com o objetivo de aprisionar índios Pareci e contrabandear drogas do sertão (poaia Figura 19b). O centro da Capitânia era a freguesia de Bom Jesus do Cuiabá, tendo em Cáceres um importante entreposto da Coroa Portuguesa¹¹² (BORGES, 2001).

Assim relata em 23 de maio de 1723 o Capitão Pires de Campos descrevendo os povos que habitavam o rio Jauru:

Entra outra nação chamada Hayucares, estes viviam de corso, nos trajes e armas como os mais, andam embarcados, e tem guerra com a nação chamada Guarecis, que também andam embarcados, os mesmos trajes e armas. Plantam algum milho muito pouco e o mais do tempo se sustentam de montaria, e andam em dous lote. Visinhos a este rio acima morou o gentio chamado Sarayes (Xaraié), esta nação é reino repartido em muitas aldeãs, em uma d'ellas se contaram novecentas e tantas choças, gente mui limpa e aceiada, no seu viver pouco ocioso e mui grandes lavradores; assim viviam muito abundantes de

¹⁰⁹ Este tema encontramos em CALDAS, J. A. Memória Histórica sobre os indígenas da província de Matto-Grosso. Rio de Janeiro: Polytechnica de Moraes & Filhos (eds.), 1887, p. 23.

¹¹⁰ CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1969. 741 p. (Cultura Brasileira – Estudos, 2).

¹¹¹ PIRES DE CAMPOS, Antônio. Breve notícia que dá o Capitão Antônio Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas de Cuiabá e seu recôncavo. Rio de Janeiro: *RIHGB* Tomo XXV, 1862. p. 437-449.

¹¹² BORGES, F. C. Anais de Vila Bela da Santíssima Trindade desde o descobrimento do sertão no anno de 1734. Publicações avulsas, nº 28. Cuiabá: IHGMT, 2001.

mantimentos, e outras farturas, que lhe permitiam os seus paizes, e muito pacíficos, vivendo com o mais gentio de paz, que nunca se soube puzesse guerra a ninguém, e todos estes viviam em terra firme aldeados; os nomes d'elles são os seguintes: Manui, Curataré, Guaçadacuri, Oticotó sana, Creiguá verodosano e outras mais nações que me não lembro e marchando dous dias acima faz barra o rio chamado Yahuri, e por Ella acima habita a nação chamada Caravere, outro lote chamado Yupurã, estes viviam em aldeãs, fabricavam mantimentos e fallavam a língua geral, suas armas arco e flecha e vivem também em terra firme, os homens se vestem de marlotas, e o mulherio de typoiás, estes mesmos viviam em guerra com outra nação chamada Tembez, por outro nome de três botoques no beijo de baixo que ficam horrendos, e da mesma língua, e vivem em guerras actuaes, uns com os outros; estes chamados Tembez se sustentam em carne humana, e são também de aldeias, cultivam mantimentos, gente muito guerreira e também fazem suas entradas ao gentio dos Parecis, com o interesse de os aprisionarem para comer estas nações, moram no Jahuru acima (RIHGB Tomo XXV, 1862, p. 442).

A descrição do Capitão é precisa com relação aos grupos culturais ocupantes das margens do rio Jauru, mencionando grupos *Arawak* (Xaraié, Manui, Curataré) e grupos afeitos a outra língua “bárbara”, Macro-Jê (Caravere e Tembez). Sente-se uma diferença entre o discurso dos militares e o registro dos missionários religiosos, o primeiro é mais direto, objetivo, detalhado e aponta interesse nas alianças e conflitos entre os indígenas do rio Jauru. Os missionários englobaram uma dúzia de etnias sob o mesmo nome de *Chiquitos* (pequeninos), os mesmos que já haviam sido reconhecidos por diferentes matrizes etnográficas históricas (Porro ou Porrudo, Xaraié, Saraveka, Mojo, Manasi, Bauré). As fontes militares são mais precisas e acompanham os ânimos dos grupos que ocuparam o vale.

O levantamento realizado por Martins & Kashimoto (2000) aponta uma influência maior dos espanhóis e das missões religiosas, identificando naquela área uma “tensão da fronteira” onde ocorria o contrabando colonial envolvendo diferentes grupos sociais:

A fundação da Vila Bela da Santíssima Trindade, em 1749, como capital de Mato Grosso, na cabeceira do rio Guaporé, criou tensão da fronteira. O contrabando colonial se intensificou, pois as Missões de Chiquitos estavam mais perto da zona de garimpo do que de São Paulo. A Missão de Santana, próximo a atual San Matias, era habitada pelos índios Saraveka (Aruak) e constituía-se na maior próxima de Mato Grosso. [...] O fluxo de mercadorias contrabandeadas era tão regular que havia provocado a abertura de um caminho terrestre, passando pelo rio Jauru, interligando as duas realidades coloniais.¹¹³

¹¹³ MARTINS & KASHIMOTO, 2000, P. 128.

Por volta de 1875, João Severino da Fonseca¹¹⁴ “ao percorrer a região do Alto Paraguai, assim descreveu a realidade etnográfica que encontrou em San Matias, na divisa da Bolívia com o Mato Grosso:”

O povo de San Matias fica a sete quilômetros e meio da corixa do destacamento. É uma pequena povoação de mais ou menos duzentas almas, índios quase todos chiquitanos e alguns Bororós. Compõe-se, como todas as missões jesuíticas, de uma praça retangular, tendo numa das faces a igreja e nas outras as habitações.¹¹⁵

Martins & Kashimoto (2000) perceberem em seus estudos que, apesar do predomínio *Arawak*, a região também havia sido ocupada pelos índios Bororo (Porro, Porrudo), associados ao tronco lingüístico Macro-Jê. Nas consultas habituais o Bororo está sempre presente, apesar de menos representativo historicamente.

Os autores terminam relatando a Guerra do Chaco no início do século XX o que dispersou as populações indígenas restando uma mais recente mencionada por Max Schmidt (MAX SCHMIDT, 1942 *apud* MARTINS & KASHIMOTO, 2000) que menciona alguns poucos índios Chiquitanos trabalhando para um fazendeiro, próximo da Serra do Amolar.

O estudo metuculoso de Migliácio (MIGLIÁCIO, 2000 e 2006)¹¹⁶ aponta para outra grande tradição ceramista, associada às planícies de inundação do rio Paraguai, ocupando áreas planas. As vasilhas desta cultura apresentam grande capacidade volumétrica e são de fácil identificação, diferenciando-as da tradição Pantanal (tradição Descalvado na Figura 12 a-e). Em outro estudo¹¹⁷ Migliácio (2001, p. 2015) define melhor as culturas do alto Paraguai, indicando claramente a tradição Descalvado para além das fronteiras da planície pantaneira. Esses dados ficam mais evidentes na sua Tese de Doutorado¹¹⁸, em que associa a tradição Descalvado aos grupos etno-históricos do Alto Paraguai: índios Xarayés, Mojo, Aruak e Xeruys. Ainda sobre a ligação com a tradição Descalvado:

¹¹⁴ FONSECA, J. S. da. *Viagem ao redor do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1986.

¹¹⁵ FONSECA, 1986 *apud* MARTINS & KASHMIOTO, 2000, p. 129

¹¹⁶ MIGLIACIO, 2000, p. 33.

¹¹⁷ MIGLIACIO, Op. cit. 2001, p. 213-250.

¹¹⁸ MIGLIACIO, Maria C. *O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século XVI*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – USP/MAE, São Paulo, 2006.

O modelo da ocupação representada pela cerâmica Descalvado parece ser compatível com aquele proposto por Suznik (1994) para os *Mojo-Arawak*, que teriam mantido grandes aldeias com numerosas habitações unifamiliares e implantando nos aterros pequenas aldeias com uma ou algumas poucas vivendas multifamiliares. Dados de diferentes naturezas, tais como localização geográfica, cultura material e sistema de subsistência parecem permitir associar os portadores da *cerâmica Descalvado* a grupos genericamente referidos como Xarayés nas crônicas coloniais. [...] Teriam como vizinhos ao norte os *Paresi-arawak* e ao sul e sudoeste os grupos de língua também *arawak*, tais como os Chané e os “chiquitanos” Saraveka.¹¹⁹

Em nossa Tese nos vale reconhecer que houve duas ocupações etno-históricas principais no médio vale do rio Jauru: uma associada aos grupos pertencentes ao tronco lingüístico *Arawak* e outra aos grupos identificados como falantes da língua Macro-Jê. Os primeiros representados, entre outros, pelos Mojo, Bauré, Chiquitano (Saraveka) e Xarayés e os últimos pelos Bororo (Tembez, Caravere) (Figura 08).

A situação de fronteira cultural e social fica evidente num texto que nos foi de grande importância. Trata-se do relato de Francisco Rodrigues do Prado, Comandante do Presídio de (Nova) Coimbra publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no ano de 1939 por meio do manuscrito oferecido a José Manuel do Rosário em 1795¹²⁰. Apresenta os limites sutis e permeáveis entre as tuas coroas principalmente entre as diversidades de Guaycuru, Xané, Xarayé, Guató, Bororo e outros.

Estes Guaycurús são conhecidos por diferentes nomes: aos que habitam na latitude de 21 graus chamam os Hespanhões *Cambás*. O seu principal capitão, que terá 60 anos de idade, tem seis pés e meio de altura. Os que vivem nos terrenos que fazem frente à Villa Real e à cidade da Assumpção denominam-se *lingoas*, quando vão infestar a cidade de Santa Cruz de La Sierra são ali conhecidos por *Xiriguanos*. Antigamente os Cavalleiros senhoreavam mais vasto terreno, o qual pouco a pouco foram perdendo com as povoações que formavam os Portuguezes e Hespanhões, estes forçando as correntes do Paraguay, e aqueles acompanhando as suas águas. [...] Depois disto continuou a vir a Coimbra independente dos Guaycurús, os quaes tem nas suas aldeias Guató, Cayavabas, Bororós, Coroás, Cayapós, Xiquitos e Xamacocos.¹²¹

A relativa grande diversidade social, na fronteira entre os dois aparelhos de Estado, português e espanhol, neste caso, o Presídio de Nova Coimbra próximo a Cáceres e antiga localidade de Casal Vasco foram espaços também freqüentados pela

¹¹⁹ MIGLIÁCIO, 2000, p. 369.

¹²⁰ REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL. Tomo I. 2 Ed. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1856, p. 25-57. Coleção completa do Instituto Anchieta de Pesquisas.

¹²¹ REV. DO INST. HIST. E GEO. DO BRASIL. (Abrev. RIHGB) Op. cit. p. 26-27.

diversidade de encontros entre as etnias. Arruda¹²² (2011) expõe melhor essa situação, na concepção de *conflicto* e *alianças*, atribuindo à denominação indígena ao próprio colonizador:

A definição dos indígenas da região Chiquitana como *Chiquito* surgiu durante o contato com a sociedade colonial que significa *Chicos*, pessoas de estatura baixa. [...]; Logo a denominação *Chiquito* é fruto dos primeiros contatos com a sociedade européia, e esses indígenas passaram a ser reconhecidos e identificados por meio desses nomes [...]; de acordo com os relatos dos jesuítas que estiveram entre os indígenas, os Chiquito era formado por diversos grupos indígenas, entre eles os Piñoca, Quiviçica, os Penoqui, os Tau, os Guarayo, os Xaraye (Sarabe) e os Boro. E existiam outros grupos que não estavam inseridos nas reduções por falta de missionários, tais como os Petas, Suberecas (Subercias), Piococas, Tocuicas, Purasis, Aruporés (Aruporceas), Quibasicas, Borillos (Borilos), Baurés e Tapacuras. (ARRUDA, 2011, p. 38)

Através de suas pesquisas Arruda (2011) conseguiu identificar uma grande variedade de etnônimos e representações étnico-culturais que por si só, freqüentando o mesmo espaço, representariam uma fronteira cultural.

O território compartilhado, demonstrado através de um mapa produzido pela autora, sugere que o médio vale do rio Jauru também fazia parte da Chiquitania histórica¹²³. Tendo ponto mais forte de agrupamento no *puerto de los perabazanes*.

Arruda (2011, p. 66) ilustra historicamente a zona de contato entre as diferentes etnias correlacionando-as com as disputas de terras entre portugueses e espanhóis por que “*um dos principais condicionantes étnicos que transformou, gradualmente, a história da Chiquitania e do Pantanal foi o contato interétnico entre indígenas e europeus. Desse contato surgiram alianças, conflitos, genocídio, miscigenação, enfim, relações diversas decorrentes da complexidade do processo histórico que originou uma nova sociedade*” (ARRUDA, 2011, p. 132). Questiona-se se essa zona histórica de contato interétnico também estaria representada pela interação cultural através das tradições ceramistas que investigamos. Eis o mapa de Arruda (ARRUDA, 2011, p. 66) com a indicação da nossa área de pesquisa:

¹²² ARRUDA, Ariane A. C. de. *Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)*. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2011.

¹²³ Idéia sugerida pelo Prof. Dr. José Luiz dos Santos Peixoto durante a qualificação da presente Tese.

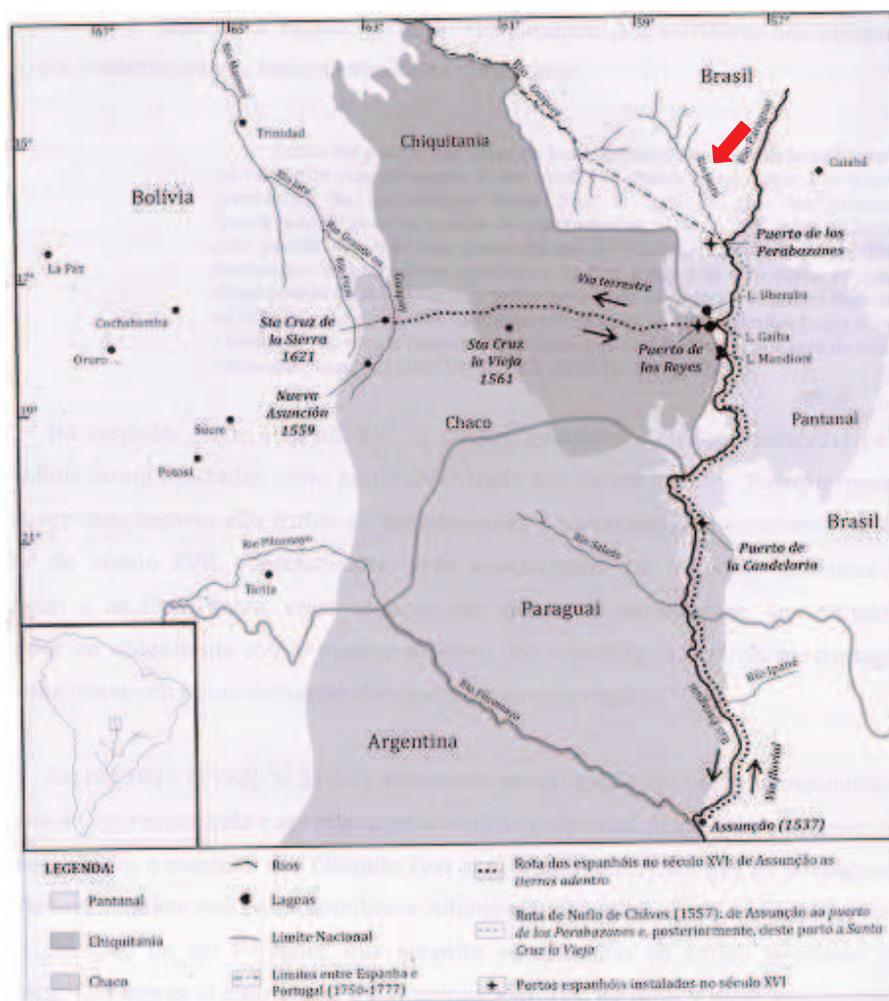


Figura 18: Mapa da Chiquitania segundo Arruda (2011, p. 66) com a seta indicando nossa área de pesquisa. Parece que, pela proximidade, o rio Juru faria também parte da Chiquitania em acordo com Martins & Kashimoto (2000).

Nordenskiöld (1913, p. 246), um dos mais ilustres arqueólogos a trabalhar no leste boliviano, escavou os *mounds* Velarde e Hernmarck que afirmava ser dos índios Chirigüano, Mojo e Baurés, ocupantes do chaco, pontuados dentro do seu vasto território de caça. Os trabalhos posteriores confirmaram suas hipóteses¹²⁴. A pesquisa de Nordenskiöld (1913) pôde ser posteriormente corroborada por Karsten¹²⁵ (1923) e Suznik¹²⁶ (1972) que classificaram os grupos por ele pesquisados como chaquenos ou

¹²⁴ NORDENSKIÖLD, E. *The ethnography of South-America seen from mojos in Bolivia*. Gteborg: Elanders Boktryckeri Aktiebolag, 1924. (Comparative ethnographical studies, n^o 3).

¹²⁵ KARSTEN, Rafael. Los índios tobas del gran chaco boliviano. Trad. de Daniel J. Santamaría: Biblioteca de História y Antropología, 1923.

¹²⁶ SUSNIK, Branislava. Dimensiones Migratorias y Pautas Culturales de los Pueblos del Gran Chaco y de su Periferia (Enfoque Etnológico). *Suplemento Antropológico*. Asunción: Universidad Católica, n. 1-2, v. 7, p. 85-107, 1972.

habitantes das bordas do chaco¹²⁷, tendo, por esta mesma razão uma ligação de mobilidade relacionada com as águas.

2.3.2. Breve História da Ocupação do rio Jauru

Encontramos, sobre o rio Jauru, uma descrição detalhada realizada pelo Sr. Conselheiro Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo XX, com o título de Descrição Geográfica da Capitania de Matto-Grosso¹²⁸. Eis a passagem sobre a localização histórica, proximidade da Reserva do Cabaçal, município vizinho com rio homônimo:

No Cabaçal vivem os Bororós Ararivás, mistura de duas diferentes nações, que no presente ano de 1797 mandaram até Villa Bella quatro Índios, dous d'elles dos abalisados da sua tribu, acompanhados de sua mãe (mãe), a solicitarem a amizade portugueza. E a nação Pararione vive nas suas vizinhanças para a parte do Sepotuba. Uma légoa inferior à foz do Cabaçal, existe Villa-Maria, na margem de leste do Paraguay na latitude de 16° e 3", e na longitude de 320° e 2", pequeno e útil estabelecimento fundado em 1778. Sete legoas ao sul de Villa-Maria, e pela oposta e ocidental margem do Paraguay, deságua n'elle o rio Jauru na longitude de 16° e 24". É o rio Jauru notável, tanto pelo marco de limites¹²⁹ que no ano de 1754 se collocou na sua foz (Figura 19a), no acto das demarcações passadas, como por ser todo elle, como os terrenos que formam sua margem meridional, privativamente portugês e limitrophe com os dominios hespanhóes. (RIHGB, Tomo XX, 1857, p. 196).

As importantes salinas do rio Jauru, no século XVIII, fundavam-se no intermédio do Registro do Jauru, pedágio português, sendo a sua rota a mais segura até Vila Bela da Santíssima Trindade. O autor descreve a situação limítrofe entre as duas Coroas Régias, os grupos indígenas envolvidos no que parece ser um corredor de deslocamento popular, caracterizando a zona como uma área de fronteira historicamente cultural:

Nasce o rio Jauru nos campos dos Parecis, na latitude de 14° e 42" e na longitude de 319° e 13"; e correndo ao sul até a latitude de 15° e 45", logar em que se acha o registro d'este nome, volta d'elle a sueste por 34 legoas até a sua barra no Paraguay, com 60 légoas de curso total. As copiosas salinas denominadas do Jauru, e de que os portuguezes tem extraído sal [...] Estas salinas estão situadas ao longo das margens largas [...] são os

¹²⁷ Chaco foi posteriormente interpretado como área inundável ou conceito ambiental. Na língua indígena, porém, significa "território de caça" (Quéchua), conceito cultural, o que não possuiria "bordas", portanto. Por este mesmo motivo não deveria ser delimitado espacialmente.

¹²⁸ VASCONCELLOS DE DRUMMOND, Antônio de Menezes. Descrição Geographica da Capitania de Matto-Grosso (1797). In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo XX. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1857, p. 185-396.

¹²⁹ Refere ao Tratado de Limites, assinado em Madrid, Espanha em 1750, o evento ficou conhecido como Tratado de Madri (ver marco Figura 19 a).

terrenos que formam os seus lados de alta mattaria e transitados pelos Guatós e Uaicurús; e a dita alagada e salitrosa vargem fica pouco distante da margem do Jaurú [...] A estrada que do registro do Jaurú vai para a Missão hespanhola de São João da província de Chiquitos (ver mapa Figura 18), passa pela Salina do Almeida, e tem sido trilhada mais de uma vez pelas duas confinantes nações. A confluência do rio Jaurú no Paraguay é um ponto de summa importância; ele guarda e cobre a estrada geral entre Villa-Bella e a do Cuiabáe os seus intermédios estabelecimentos. (RIHGB, Tomo XX, 1857, p. 197-198).

O Conselheiro Antônio de Menezes descreve com detalhes o Marco do Jauru, sua finalidade e importância, reconhecendo que a partir da segunda metade do século XVIII, até meados do século XX, o uso do Registro do Jauru e o controle das salinas, que duraram até esse período foi de relativa importância para a Coroa Portuguesa. A região de Indivaí passa então por diferentes ciclos socioeconômicos: o ciclo da Poaia¹³⁰ entre os séculos XVII e meados do século XVIII (1778), o ciclo das Salinas (entre 1778 a 1890) e o ciclo da Pecuária (de 1890 a 1990); ciclo das Hidroelétricas e Reflorestamentos (1990 até os dias atuais).

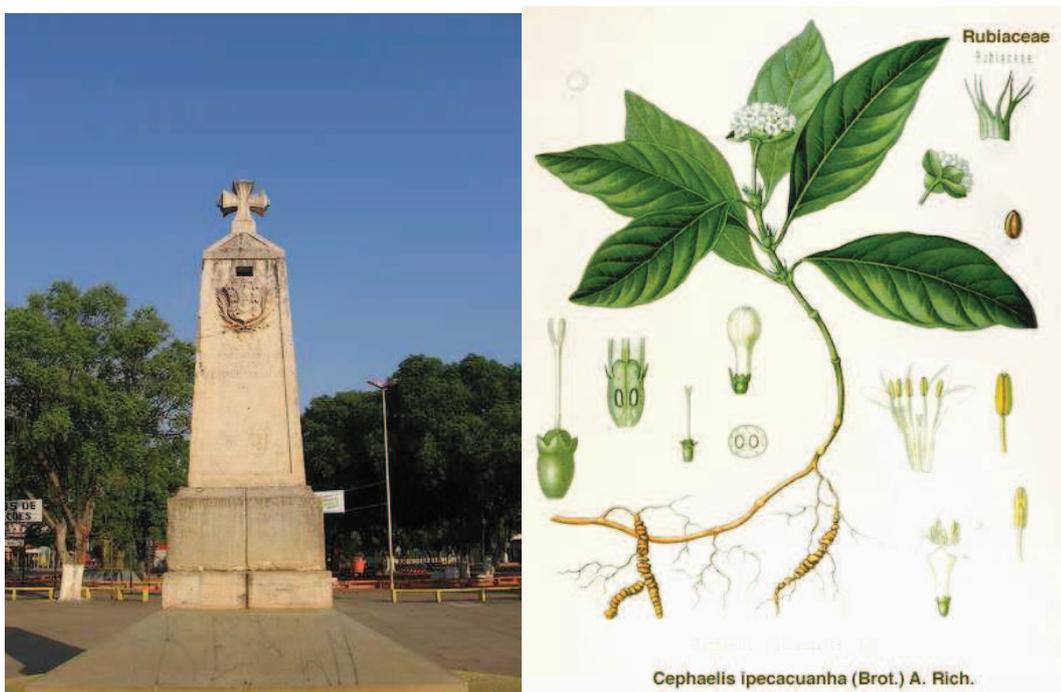


Figura 19: a) Marco do Jauru (1754), símbolo histórico máximo da Fronteira; retirado do seu local de origem e colocado no centro de Cáceres, MT; b) planta Poaia: erva medicinal, século XVIII.

¹³⁰ Poaia (*Cephaelis Ipecacuanha* (Brot.) A. Rich.). Erva medicinal ou droga do sertão, especiaria explorada pelos bandeirantes paulistas como um forte emético estimulante do reflexo do vômito, foi levada para Europa por Legros para o tratamento da disenteria, existem razões para atribuir também uma função analgésica, como forte relaxante muscular. Pode causar intoxicação e morte se consumida em excesso (Figura 19 b).

Na mesma seqüência da RIHGB (Tomo XX, 1857, p. 295-396), denominada de “Diário da diligência do reconhecimento do Paraguay: desde o logar do marco da boca do Jaurú até abaixo do presídio de Nova Coimbra - 1786” O Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos oferece uma vasta reprodução das informações levantadas pelo Engenheiro Sgt. Luiz D’Alincourt¹³¹. Descreve com precisão a situação econômica e social das fazendas coloniais e sua correlação com as margens do rio Jauru. Sugerimos a referida fonte⁹⁸ para quem deseja se aprofundar no tema.

O município de Indiavaí, situado no oeste do Estado de Mato Grosso, teve sua população estimada entre 2000 e 2004 de 2.073 pessoas, mas conta hoje com aproximadamente 3.000 habitantes. Está localizado aos 15° 29' 40" de latitude sul e aos 58° 34' 22" de longitude oeste. Pertence à grande região de Cáceres e têm por limites os municípios de Jauru, Araputanga, Porto Esperidião, Reserva do Cabaçal e Figueirópolis D’Oeste. É uma localidade de ocupação urbana relativamente recente. Somente na década de 1960 passou a ser urbanizada¹³². A prefeitura do município relembra sua ocupação da seguinte maneira:

Em junho de 1961, Antenor Modesto, paulista de Jales, chegou pela primeira vez à região. Adquiriu considerável área de terras do gaúcho Francisco Orisvaldo, na região que compreende o Rio Jauru e o Ribeirão Água Suja. Na época avizinhava-se das fazendas Turiba e Alto Jauru, ambas de alemães que cultivavam café. O dia 15 de fevereiro de 1962 é considerado o da abertura do núcleo de colonização. Antenor Modesto contratou o engenheiro Selacier das Virgens, um baiano que trabalhava em Cáceres, para demarcar os lotes, tanto rurais quanto urbanos. Foram pioneiros o Sr. José Rodrigues de Freitas, Sebastião Pereira da Silva, Manoel Garcia, Sr. Gentil, Sr. Onofre, Valdemar Moreira Lemes, Artur e Wandir Bezanini, Manoel Ribeiro, Osvaldo Faria, Ninão, José Batista, José Mariano e tantos outros. A primeira denominação da localidade foi Água Suja, numa referência ao curso d’água que corta a sede do núcleo urbano, e que tem este nome devido à coloração barrenta da água. Este nome permaneceu até 1966, aproximadamente. Nesta época foi substituído pelo nome de Patrimônio Nova Esperança, termo que perdurou até meados de 1970. O nome "Indiavaí", segundo depoimento do Sr. Antenor Modesto, é homenagem que se prestou aos índios, antigos moradores do sítio onde se encontra a sede municipal. A cidade de Indiavaí, situa-se às margens do Ribeirão Água Suja, a 700 mts do Rio Jauru.¹³³

¹³¹ **Curiosidade:** evocado o Espírito D’Alincourt num Centro Espírita Kardecista recebeu-se a seguinte mensagem psicográfica mecânica: (Espírito D’Alincourt está presente?) Ah desgraçado, por que me chamas? (Quero saber sobre os índios do Mato Grosso, rio Jauru) Quais? (Dos índios que moravam perto de Vila Bela, perto do rio Jauru) Ah eu os rasguei muitos, decepei outros, muito sangue, sangue... Eram negros da terra, teimosos e espertos, ah que todos chamavam *Savaka* (Saraveka?). Ah não sei, uns chamavam porrudos, muito fortes, bem baixinhos. Deflorei tantas índias, degolei, esganei... dói muito, dói muito. Porque eu estou no inferno, do diabo, que me espeta e me frita na caldeira, meu remorso é infinito, gigante. (Te desejo todo o amor do mundo, que Deus alivie as tuas dores). Tu não te importas comigo, só interesse... não sei porque me trouxeram aqui. (Mesmo assim eu estarei orando por ti) Mas eu matei muitos... fiz muito mal àquelas pobres pessoas, tenho que pagar, cada erro... Continuo com essa espada, cheia de sangue, na minha mão, não agüento mais vê-la. Tire-a de mim. Ah o olhar daqueles que fiz sofrer... me perseguem! Eu queime pessoas vivas, desgraçado eu seja, para todo o sempre! Me ajuda!

D’Alincourt

Obs.: Essa manifestação psicográfica é puramente ilustrativa, não sabemos se tem compromisso com a realidade, ou se é de fato o Espírito do Sgt. Luiz D’Alincourt.

¹³² BRAZIL, M. C. Brasil e Portugal no período Pombalino: ocupação geoestratégica de Mato Grosso. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS, 2000, Porto Alegre IV Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre-PUC, 2000, v. CD ROM. Ver também CORRÊA FILHO, Op. cit. 1969, p. 680 a 741.

¹³³ <http://www.ferias.tur.br/informacoes/4372/indiavaí-mt.html>

Ocorreram ainda, durante todo o processo de denominação da cidade, fatores que contribuíram para a escolha do nome. A primeira toponímia da cidade seria Água Suja, devido a um córrego nas proximidades, a população sugeriu mais dois nomes que não foram adotados. A prefeitura municipal atribui o nome atual em homenagem aos artefatos indígenas encontrados junto à sede do município, para que nada se perca dessa informação, vale à pena citar na íntegra a manifestação da Prefeitura Municipal:

Nas proximidades do sítio urbano existe um lugar que representa um pontal, uma espécie de cotovelo, entremeado pelos dois rios. Este ponto, hoje uma pequena propriedade rural, abrigou, há muitos anos, uma comunidade indígena, certamente índios Boróros Cabaçais. Antenor Modesto diz ter sido grande a quantidade de urnas funerárias, restos de cerâmica e machados de pedra encontrados no período de colonização de Indiavaí - "...era tanta pedra e tanto caco de cerâmica que a gente resolveu homenagear aquela gente que estava ali a tanto tempo e teve que ir embora...", conclui. Segundo a Prefeitura Municipal, o termo Indiavaí significa: Indi...(índia) + Avaí...(feia), ou seja, Índia Feia. O município de Indiavaí foi criado a 13 de maio de 1986, pela Lei Estadual nº 4.998, com território desmembrado do município de Araputanga. Indiavaí é resultado de árduo pioneirismo. **Significado do Nome:** O nome Indiavaí, segundo depoimento do Sr. Antenor Modesto, é homenagem que se prestou aos índios, antigos moradores do sítio onde se encontra a sede municipal. Segundo a Prefeitura Municipal, o termo Indiavaí significa: Indi...(índia) + Avaí...(feia), ou seja, Índia Feia.¹³⁴

Os dados¹³⁵ e o próprio executivo municipal reconhecem a importância das ocupações indígenas na região¹³⁶. Fato que inclusive marcou a toponímia local. Indiavaí, portanto, é ladeada por Figueirópolis D'Oeste, que possui praticamente as mesmas condições que sua cidade vizinha. O limite entre estes dois municípios é o rio Jauru. Conta em seu território com a metade dos sítios arqueológicos que foram aqui estudados. Compartilha de história regional semelhante, a exceção de ter sido fundada pouco tempo depois¹³⁷.

Trata-se, portanto, de região recentemente urbanizada, ocupada, porém, desde a segunda metade do século XVIII. Conta, porém, com não mais de 40 anos de uso

¹³⁴ <http://www.ferias.tur.br/informacoes/4372/indiavai-mt.html>

¹³⁵ BORGES, Op. cit. 2001, p. 14.

¹³⁶ MIGLIACIO, Maria C. A Ocupação Indígena do Pantanal de Cáceres, Alto Paraguai- do Período Pré-Colonial aos Dias Atuais. In: *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia-GO, v. 5/6, p. 213-250, 2001.

¹³⁷ Para ver a delimitação do Tratado Madrid, organizado por Alexandre de Gusmão através do *uti possidetis*: NOVA CARTA DO BRAZIL E DA AMERICA PORTUGUEZA Nova carta do Brazil e da America Portuguesa [Material cartográfico]. - [ca. 1:12000000], 150 Legoas comuns de França [25 ao grau] = [5,75 cm]. - [S.l.: s.n.], 1821. - 1 mapa: gravura, traçados color. ; 53,50 x 41,60 cm em folha de 68,60 x 52,50 cm <http://purl.pt/880>

intensivo do solo por maquinação. Este período foi suficiente para alterar as matas nativas em extensas pastagens, modificar o curso de pequenos córregos e aterrar áreas alagadas. Existem algumas reservas de mata nativa, principalmente de floresta aluvial e savana arbórea densa, onde alguns sítios se encontram preservados.

Em síntese, segundo a bibliografia existente, a área teria sido ocupada primeiramente por grupos horticultores, portadores das tradições Pantanal/Descalvado, Descalvado e, posteriormente, durante um período entre mil e duzentos anos e quatrocentos anos antes do presente pela tradição Uru.

No período histórico foram registrados na área índios vinculados ao tronco lingüístico Arawak e Macro-Jê, entre eles os Xaray e Bororo, num período de aproximadamente duzentos anos entre 1630 e 1830 d.C. Essa fase colonial foi marcada pela presença de portugueses e espanhóis interessados em delimitar as terras de suas respectivas coroas, fundaram, para isso, entrepostos e estabelecimentos. A ocupação nacional veio após o desbravamento do sertão de Cuiabá com a venda dos primeiros lotes aos pecuaristas paulistas, movimento econômico da segunda metade do Século XX.

Na realidade a minha pesquisa se restringe aos grupos indígenas ceramistas pré-coloniais.

CAPÍTULO 3. DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

3.1. DESCRIÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas as características de cada um dos trinta e quatro sítios arqueológicos: localização, dimensões, intervenções, estratigrafia e caracterização prévia do material arqueológico. Os dados foram recuperados do relatório original enviado ao IPHAN¹³⁸. O estudo representa uma amostra dos sítios identificados no médio vale do rio Jauru, numa extensão de dezesseis quilômetros e numa largura de oitocentos a mil metros a partir de ambas as margens. A descrição e a análise do material arqueológico, por sítio, encontram-se no capítulo seguinte. As coordenadas geográficas dos sítios e das intervenções estão no *datum* SAD '69, ao lado do nome do sítio; a margem de erro do aparelho foi de 3,0 a 7,0 m.

Os sítios receberam o nome Figueirópolis e estão numerados de I ao XXXIV, na ordem em que foram descobertos.

Sendo o foco do estudo o material cerâmico, suas formas, sua relação com a implantação do sítio arqueológico (Figura 81), a cerâmica pré-colonial está representando a pluralidade das características sócio-culturais, por isso foi priorizada na análise. O material lítico, quando ocorrer, será descrito em associação com este material.

3.1.1. Figueirópolis I (21L 0323756E 8298272N)

O sítio arqueológico Figueirópolis I é histórico e está implantado a 10,0 m da margem esquerda do rio, sobre a planície de inundação¹³⁹. O solo é neossolo quartzarênico, arenoso e a cobertura vegetal original é a floresta aluvial. Localiza-se entre duas fortes corredeiras, na porção mais alta do barranco. Está no pátio da sede da Fazenda São José de propriedade do Sr. Antônio Alves da Silva (Figura 20).

¹³⁸ PESTANA & FONSECA, Op. cit. 2008, p. 86.

¹³⁹ Por planície de inundação entende-se a superfície marginal ao rio sujeita ao transbordamento do mesmo na estação chuvosa. Por terraço fluvial entende-se a superfície marginal mais elevada que o rio não atinge na sua expansão na estação chuvosa. Por elevação de meia encosta entende-se uma superfície mais inclinada, elevada e mais afastada do leito do rio.

As dimensões do sítio são de aproximadamente 10,0 m no sentido leste-oeste e 15,0 m no sentido norte-sul, com material distribuído em superfície numa área de 85,0 m².



Figura 20: Imagem do Google indicando a implantação na paisagem, a distribuição do material e as intervenções no sítio Figueirópolis I.

Os poços-teste abertos no pátio da fazenda chegaram à profundidade de 80,0 cm e permaneceram estéreis desde os 20,0 cm de profundidade. Foram abertas cinco sondagens (1,0 x 1,0 m) junto da maior concentração e das canaletas de escoamento d'água.

O pacote arqueológico do sítio é fino, visualizado através de um corte experimental de 50,0 x 50,0 cm. A profundidade estratigráfica é de 12,0 cm.

Prancha 03 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis I



Poço-teste 02 aberto sobre a planície de inundação onde foram encontrados os vestígios de ocupação. Área de floresta aluvial ainda preservada pelo proprietário da fazenda. O solo arenoso permitiu a rápida abertura dos poços.

Área do que seria o antigo acampamento, onde foram encontrados os fragmentos de vasilhas históricas e a lâmina de machado de bronze (Prancha 45 b, p. 190). A área encontrava-se relativamente limpa e proporcionava boa visualização.



Sondagem 01 aberta na área de maior concentração cerâmica. Observa-se uma camada de 10,0 cm de ocupação entre 5,0 cm de profundidade e 15,0 cm do solo estéril. Alteração sutil da coloração do solo, com a presença de fragmentos cerâmicos distribuídos homoganeamente.

Sondagem 03 no sítio Figueirópolis I. Diretamente associada à camada de ocupação com a presença de três fragmentos cerâmicos no centro da intervenção. Representam vasilhas pequenas e semi-esféricas, com alça e decoração incisa zonal (Prancha 45).



Aspecto geral das escavações no sítio Figueirópolis I, diferenciando-se na implantação na planície de inundação junto à margem do rio. Barranco alto, até hoje utilizado como atracadouro seguro para embarcações entre duas fortes corredeiras, uma delas a da jusante que serve de desnível da PCH Figueirópolis.

Uma breve camada de ocupação, cinza-chumbo, medindo 12,0 cm encontrava-se a partir de 5,0 cm da superfície do terreno (Prancha 03 c).

A concentração distava cerca de 50,0 m ao sul da casa central da sede. As drenagens artificiais geraram erosões pluviais que retiraram o sedimento superficial, permitindo que os vestígios ficassem à mostra. Nos sulcos de erosão foram encontrados os fragmentos cerâmicos mais representativos.

O material arqueológico, além de vasilhas históricas fragmentadas, se compunha de utensílios de metal, e um machado de bronze que estavam associados à cerâmica (Prancha 45). Não foi observada a presença de louça ou faiança portuguesa. Alguns fragmentos de vidro, na cor verde oliva foram recolhidos.

3.1.2. Figueirópolis II (21L 0323637E 8302219N)

O sítio Figueirópolis II encontra-se em área plana, afastado 120,0 m da margem esquerda do rio Jauru (Figura 21), à direita de quem sai da sede da fazenda São José, junto ao único córrego que a cortava, afastado cerca de 400,0 m a sudeste da foz deste. Implantado sobre meia encosta, num solo podzólico vermelho-amarelo, em área originalmente de savana arbórea aberta (cerrado); durante a visita, na estação chuvosa, a vegetação era pastagem brachiaria e colonhão.



Figura 21: Imagem do Google indicando a implantação e área de ocorrência do material arqueológico em superfície, sítio Figueirópolis II, o caminho marca o limite do terraço fluvial e a elevação da meia encosta.

Prancha 04 – Sítio Figueirópolis II



Material identificado em superfície, durante o percorrimto da trilha do gado entre as pastagens. Ao fundo as nuvens carregadas indicam o início da estação chuvosa. Sítio Figueirópolis II.



Fragmento cerâmico encontrado em superfície. Na trilha do gado, região livre de pastagem e de boa visualização do solo.

As dimensões parciais do sítio, verificadas através da distribuição homogênea na superfície, são de 12,0 x 8,0 m, com eixo maior no sentido norte-sul (Figura 22).

Foram realizadas coletas superficiais sistemáticas. Os cinco poços-testes iniciais e as duas sondagens resultaram estéreis.

Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis II

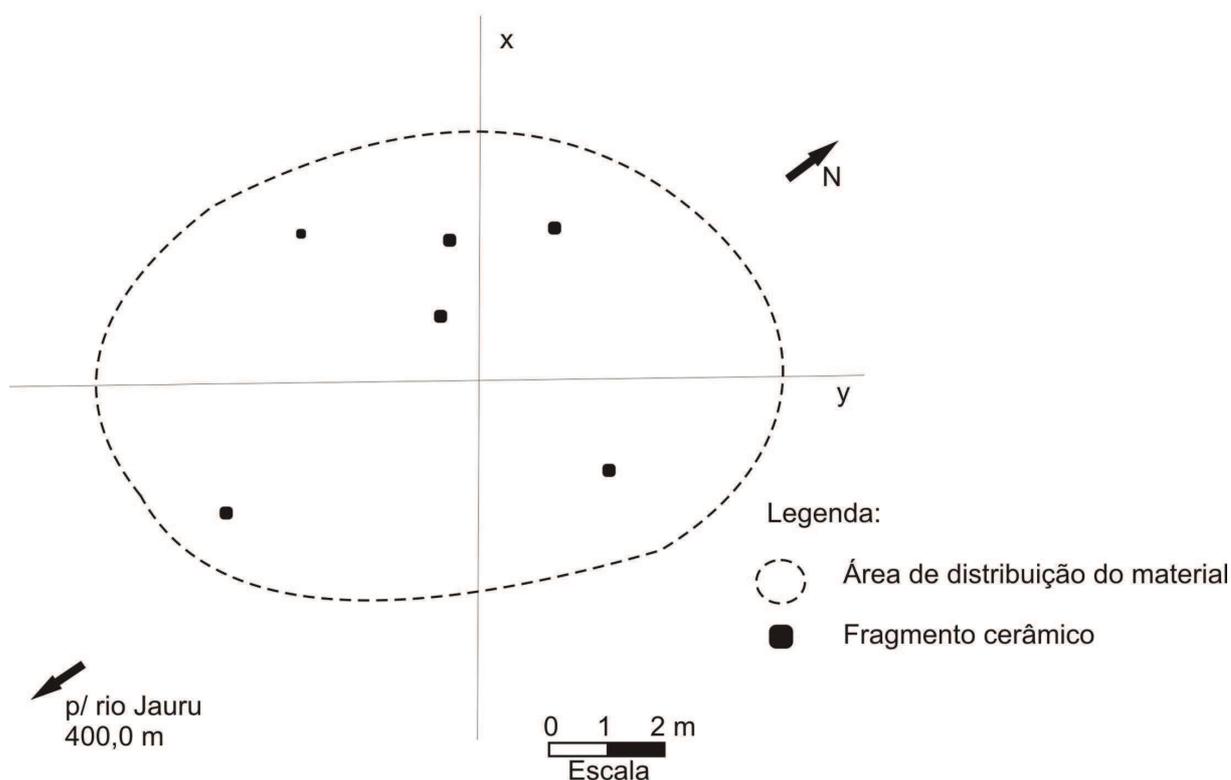


Figura 22: Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis II.

O sítio não apresentou profundidade estratigráfica.

Os fragmentos encontrados na superfície (Prancha 04 b) não apresentavam decoração e não foi possível definir a forma das vasilhas. Os fragmentos identificados são alisados simples, de colorações avermelhadas, aparentemente vasilhas semi-esféricas.

3.1.3. Figueirópolis III (21L 0323208E 8304186N)

O sítio arqueológico Figueirópolis III dista 80,0 m da nascente do córrego da fazenda São José e aproximadamente 300,0 m do rio e está implantado em meia encosta após o terraço fluvial, na margem esquerda do rio Jauru (Figura 23).

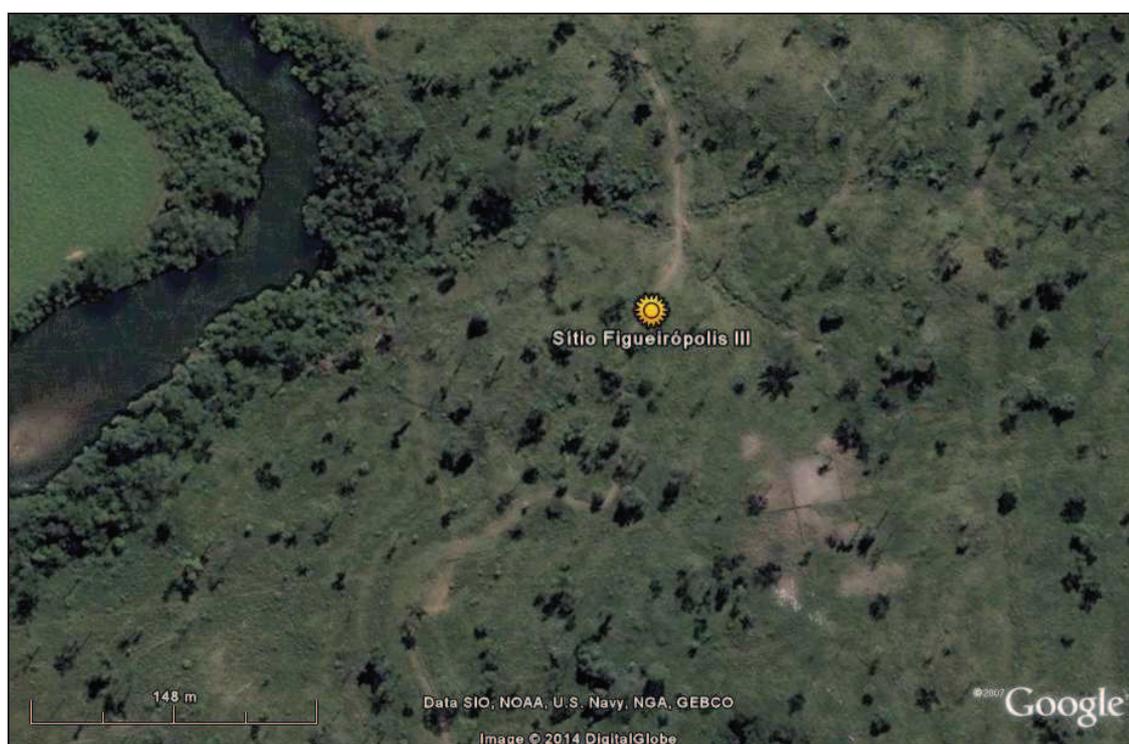


Figura 23: Imagem do Google indicando a implantação e área de ocorrência do material arqueológico em superfície, sítio Figueirópolis III.

A vegetação original é a savana arbórea densa ou *cerradão*. O solo é o podzólico vermelho-amarelo. O Sr. Antônio da Silva relatou que no local era uma choça de palha dos índios no tempo do seu pai.

As dimensões parciais do sítio são 10,0 x 5,0 m. Ocorrem fragmentos dispostos regularmente na superfície (Figura 24).

O local foi perfurado com dezoito poços-teste, seguidos da aplicação de cinco sondagens (1,0 x 1,0 m).

O material arqueológico estava na superfície, não foi observada camada estratigráfica.

Foram identificados poucos fragmentos cerâmicos de diminuto tamanho, pisoteados pelo gado, sem condições de identificação de forma e função.

Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis III

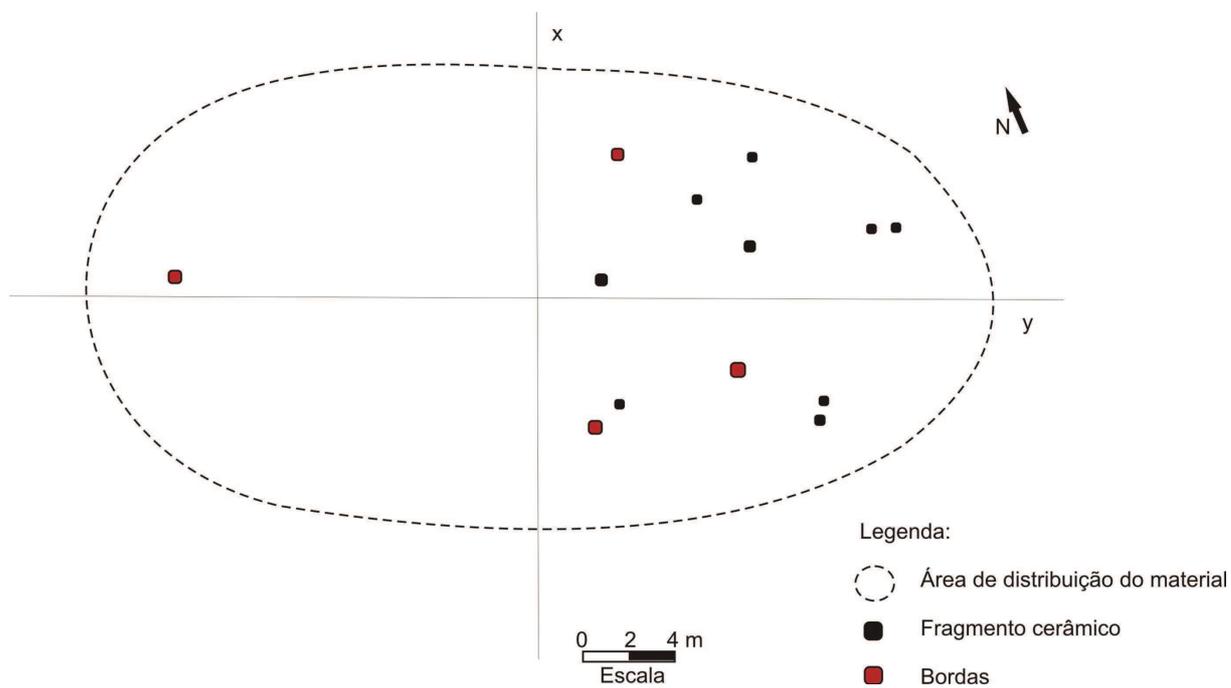


Figura 24: Distribuição do material arqueológico da superfície do sítio Figueirópolis III.

Prancha 05 – Sítio Figueirópolis III



Vista geral do rio a partir do Sítio Figueirópolis III. Material predominantemente em superfície. Ao fundo o sopé das serras do Aguapeí, e o vale traçado do rio Jauru.



Poço-teste aplicado na superfície do sítio Figueirópolis III a fim de identificar material em profundidade, resultando estéril. Ao fundo as colinas e o poço-teste na meia encosta.

3.1.4. Figueirópolis IV (21L 0321873E 8303850N)

O sítio arqueológico Figueirópolis IV está implantado na meia encosta afastado 65,0 m da mata de reserva da fazenda e 315,0 m no sentido noroeste-sudeste da margem esquerda do rio Jauru (Figura 25). Encontra-se na área de savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*. O solo é o podzólico vermelho.

A aplicação dos vinte poços-teste indicou uma área ocupada de aproximadamente 22,0 x 15,0 m, tendo seu maior eixo no sentido norte-sul e forma elipsóide.



Figura 25: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material em superfície, sítio Figueirópolis IV à direita.

Prancha 06 – Aspectos gerais das escavações no sítio Figueirópolis IV



Aspecto geral da paisagem do sítio, aplicação do Poço-teste 19, que alcançou 1,1 m de profundidade. No detalhe o arqueólogo Rodrigo Germano Fonseca realizando o registro da intervenção nas fichas de poços-teste.

Sondagem 01, nível 0-10 cm, distribuição da concentração de fragmentos cerâmicos no centro da quadricula. Solo desagregado e seco nos primeiros níveis. Diminutos fragmentos indicam o pisoteio do gado.



Sondagem 02, nível 0-10 cm, concentração de fragmentos cerâmicos no interior da camada arqueológica. A distribuição regular pôde ser observada através da posição das peças no interior da quadricula.

Área de escavação 01 (3,0 x 3,0 m), aprofundamento até o nível 05 em trincheira e quadricula nas áreas em que ocorreu maior densidade de material cerâmico. Vista a partir do sul na direção norte. Ao fundo a floresta aluvial do rio Jauru.



Além dos poços-teste foram abertas mais cinco sondagens de 1,0 x 1,0 m. Junto da quarta sondagem, cuja quantidade de material no Nível 01 excedia os cinquenta fragmentos, foi aberta uma área de escavação de 3,0 x 3,0 m. Foi aprofundada em 2,0 m x 1,0 m na parede A-B, até o Nível 03 (30,0 cm). O canto entre as paredes C-D foi aprofundado até o Nível 05 (50,0 cm), dos quais os dois últimos resultaram estéreis (Prancha 06).

O sítio é raso e o pacote não ultrapassa os 15,0 cm a partir de 5,0 cm da superfície do solo, totalizando 20,0 cm de ocorrência de cerâmica no estrato arqueológico; abaixo disso o solo é estéril.

Trata-se de vasilhas de contornos diretos e bases planas, de antiplástico vegetal carbonizado. Alguns fragmentos, com a borda suavemente extrovertida, apresentavam uma espécie de banho vermelho na face interna. As formas eram meia-calota, meia-esfera, globular com gargalo (Figuras 89, 91; Prancha 48).

3.1.5. Figueirópolis V (21L0321296E 8302558N)

O sítio arqueológico Figueirópolis V foi registrado a 42,0 m da margem esquerda do córrego e 390,0 m da margem esquerda do rio Jauru, na planície de inundação do córrego, em neossolo quartzarênico arenoso (Figura 26). A vegetação original é a floresta aluvial, atualmente é pastagem.

As dimensões do sítio são 18,0 x 13,0 m, deduzidas do material distribuído heterogeneamente na superfície (Figura 27).

Foram aplicados doze poços-teste e três sondagens, todas as intervenções resultaram estéreis (Prancha 07 a, b).

Nenhuma evidência em profundidade nos poços-teste que indicasse espessura estratigráfica.

A cerâmica é alisada, de contorno simples, sem decoração e com antiplástico vegetal carbonizado. Parecia bem alisada na superfície externa, com alisamento imperfeito internamente. Forma predominante de pratos rasos e meia-calota de base plana.

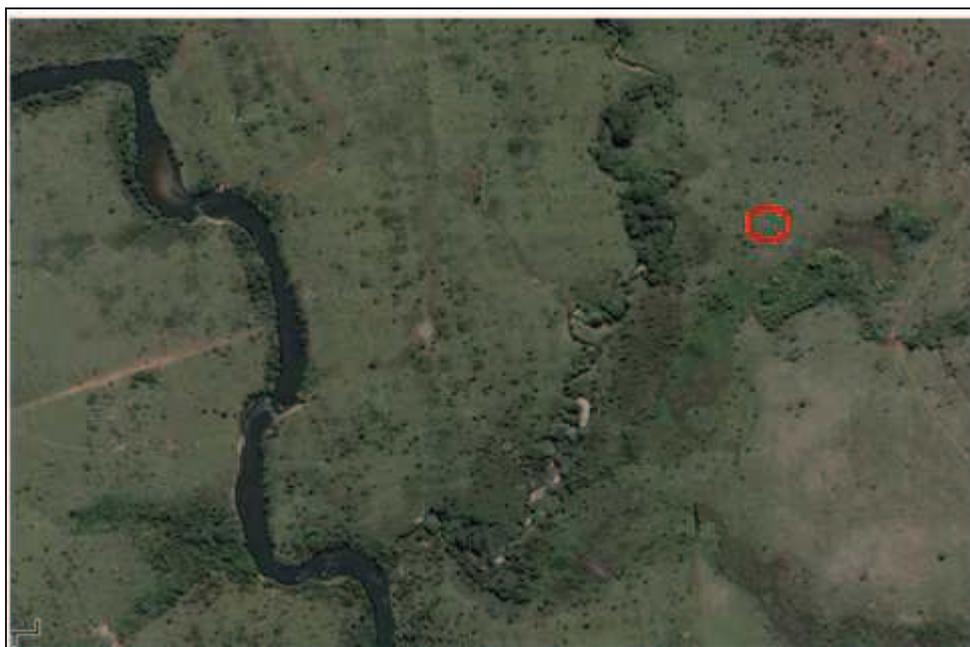


Figura 26: Imagem do Google indicando a implantação e a área de ocorrência do material arqueológico em superfície, sítio Figueirópolis V.

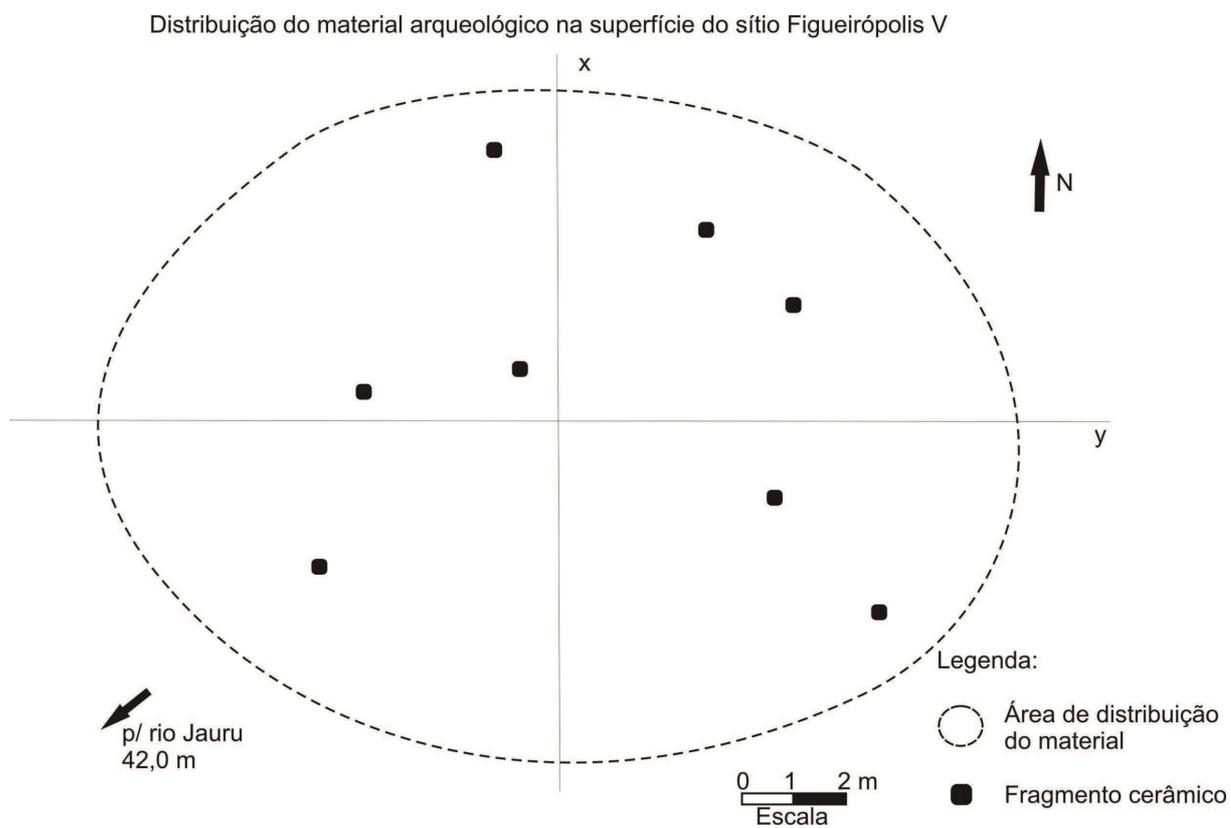


Figura 27: Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis V.

Prancha 07 – Sítio Figueirópolis V

Intervenção de poço-teste no sítio Figueirópolis V. Ao fundo é possível visualizar a mata que cobre as margens do córrego que o acompanha.



Material cerâmico em superfície, identificado nas áreas com menos pastagem e melhor visualização. Sítio Figueirópolis V.

3.1.6. Figueirópolis VI (21L 0323408E 8298602N)

O sítio arqueológico Figueirópolis VI encontra-se na margem direita do rio Jauru, afastado aproximadamente 120,0 m deste no sentido sudoeste-nordeste, em elevação de meia encosta, a 10,0 m de um córrego (Figura 28), em solo podzólico vermelho-amarelo. Está numa ampla área de campo aberto, de pastagem rala, antes savana arbórea aberta ou *cerrado*. O cerrado nativo foi retirado para o plantio de pasto brachiaria.

Dista do sítio anterior, o Figueirópolis II em aproximadamente 1.500 m e do posterior, Figueirópolis VII em 810 m, margem direita do rio. Separados, entre si, por drenagens naturais ou *grotões*, regionalmente chamadas de *tabocais ou pacoval*.

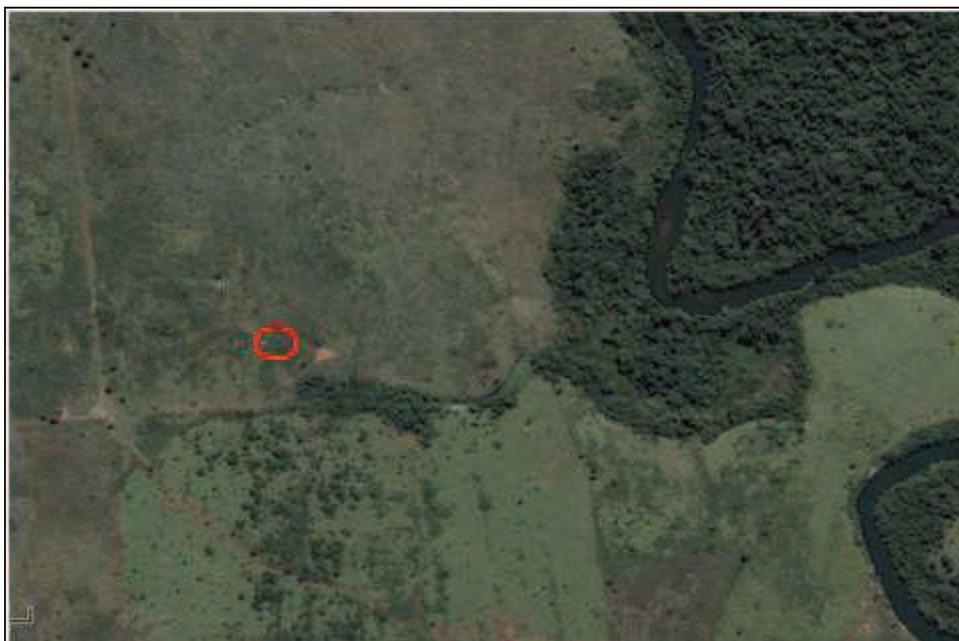


Figura 28: Imagem do Google indicando a implantação e a área de ocorrência do material arqueológico em superfície, sítio Figueirópolis VI.

As dimensões do sítio são de 40,0 x 32,0 m, medidos longitudinalmente e estando diametralmente oposto à praia do rio, forma elipsoidal (Figura 29).

Foram aplicados vinte poços-teste e cinco sondagens. Além de coleta superficial sistemática.

Prancha 08 – Sítio Figueirópolis VI



Vista geral do sítio Figueirópolis VI. Intervenção de poço-teste sobre área de pastagem seca, cobrindo parcialmente a superfície do solo.



Material cerâmico em superfície (reconstituído na Figura 83), identificado entre a palha da pastagem seca, superficial. Sítio Figueirópolis VI.

Nestes 10,0 cm de espessura estratigráfica, de coloração pouco acinzentada, posicionados a 5,0 cm da superfície, algumas áreas apresentaram até 30 fragmentos por cada 50,0 cm².

Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis VI

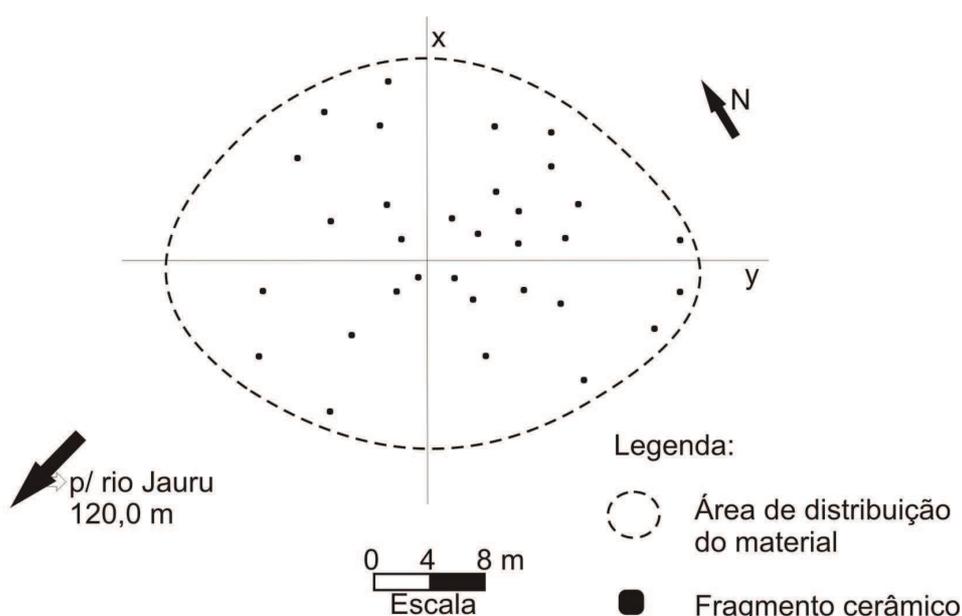


Figura 29: Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis VI.

Os fragmentos cerâmicos encontrados na superfície, dispostos regularmente e distribuídos homogeneamente neste espaço, representam vasilhas de grande capacidade volumétrica, bordas diretas, verticais e suavemente extrovertidas. Foram observados pratos e forma meia-calota (Figura 86, 87).

3.1.7. Figueirópolis VII (21L0323169E 8302641N)

O sítio arqueológico Figueirópolis VII encontra-se ao lado, aproximadamente 80,0 m afastado da antiga sede de fazenda Figueira Branca, implantado no fim do terraço fluvial, próximo da meia encosta, em solo podzólico vermelho distrófico, fechado por uma vertente a 42,0 m ao nordeste e distante 40,0 m da margem direita do rio Jauru (Figura 30). A vegetação original é a savana arbórea densa ou *cerradão*. Na margem oposta encontra-se o sítio Figueirópolis I.

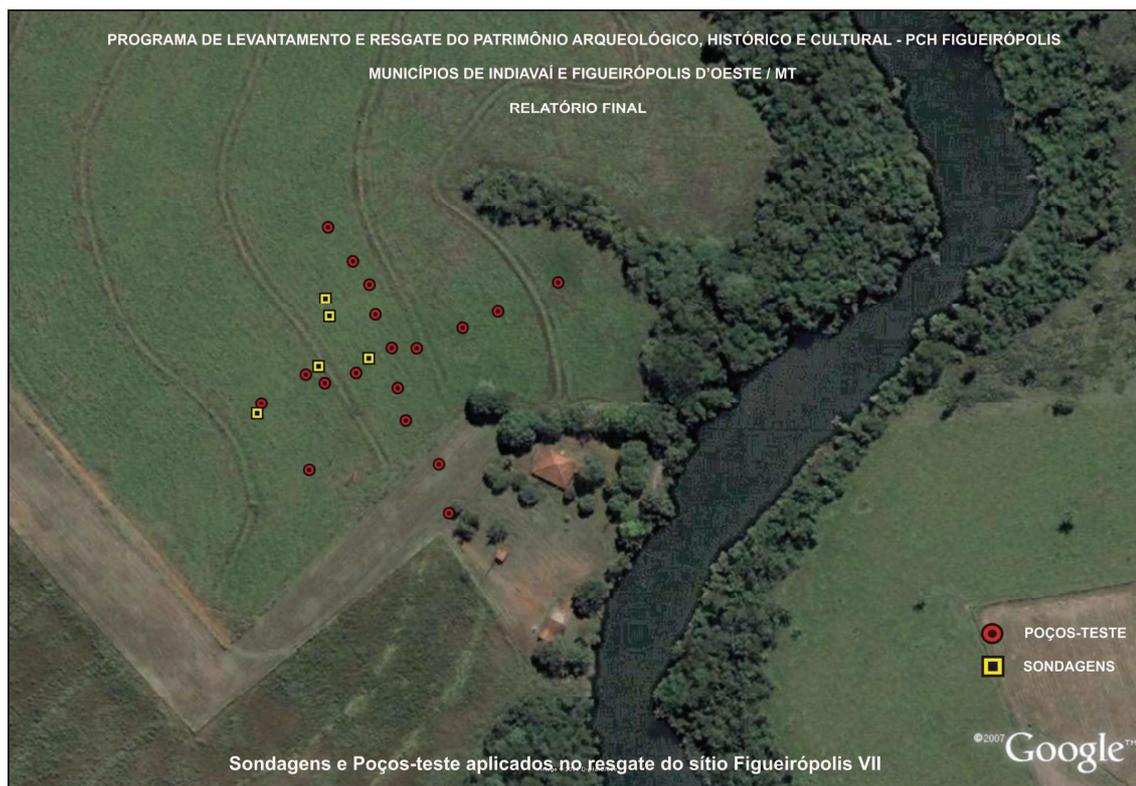


Figura 30: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis VII.

As dimensões do sítio, medidas parcialmente devido à intrusão da pista de pouso, foram de 30,0 x 22,0 m, elipsoidal, tendo seu maior eixo acompanhando a pista, paralela ao seguimento do rio, na sua margem direita.

Ao lado do eixo desta pista de pouso, entre ela e a casa da fazenda, foram aplicados vinte poços-teste e cinco sondagens.

A estratigrafia está a 12,0 cm de profundidade, numa camada arqueológica fina, que não ultrapassa os 8,0 cm de espessura.

O material arqueológico estava disposto de forma heterogênea na superfície, resultado da intensa maquinação do solo e mobilidade do gado; representa vasilhas semi-globulares, esféricas, pratos e meia-calota de base plana.

Prancha 09 – Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis VII



Poço-teste 20, linha sul-norte, afastado 130,0 m do campo de aviação. Ao fundo poço-teste 05 próximo da pista de aviação, mais ao fundo a meia encosta das colinas da serra do Aguapeí.

Sondagem 02, nível 10-20 cm e, ao fundo poço-teste 14 de onde é possível avistar a floresta aluvial do rio Jauru no sentido sudoeste – nordeste. Arqueólogo acompanhando o aprofundamento no nível. O solo podzólico vermelho encontrava-se bastante agregado no momento das intervenções.



Sondagem 01, nível 10-20 cm, maior concentração de material arqueológico entre os níveis 02 e 03, solo bastante agregado e compacto, provavelmente fruto o pisoteio do gado durante a situação lodosa do solo durante a estação das chuvas.

Sondagem 03, nível 0-10 cm, fragmentos distribuídos na horizontal. A partir de certa profundidade o material cada vez mais ia sendo encontrado na horizontal, indicando pouca incidência do arado sobre as peças.



Prancha 10 – Sítio Figueirópolis VII



Fragmento cerâmico identificado como borda de prato assador de grande diâmetro 150,0 cm e 4,5 cm de espessura. Encontrado in loco no poço-teste 03, nível 02 do sítio Figueirópolis VII.

Fragmentos cerâmicos relacionados a vasilhas platiformes que representam pratos e assadores (ver reconstituição na Figura 88 a, b). Foram identificados durante a coleta de superfície no sítio arqueológico Figueirópolis VII.



Sondagem 01 realizada nas proximidades do poço-teste 06, identificado como centro hipotético do sítio arqueológico Figueirópolis VII, onde ocorreu maior densidade de fragmentos cerâmicos em superfície.

Fragmentos cerâmicos identificados no nível 02 do poço-teste 14, aspectos gerais da intervenção. É possível observar a coloração mais escura dos sedimentos compactados. Foi preciso usar uma alavanca (haste metálica ou cavadeira reta) para penetrar e afrouxar os sedimentos.



3.1.8. Figueirópolis VIII (21L 0322675E 8301229N)

O sítio arqueológico Figueirópolis VIII é denso e encontra-se na margem esquerda do rio Jauru, defronte de uma das praias que formam os atuais bebedouros do gado, ao lado de forte corredeira. Dista 50,0 m do rio, no sentido leste, está sobre a planície de inundação no neossolo quartzarênico (arenoso). A vegetação original é a floresta aluvial. Afastado do sítio encontra-se uma pequena vertente, situada ao norte, afastada em aproximadamente 200,0 m (Figura 31).

O sítio mede 80,0 x 45,0 m no sentido norte-sul, elipsoidal.

Ao lado dos poços-teste com maior número de fragmentos registrados foram abertas cinco sondagens distribuídas pelas áreas de maior concentração e, somente depois da observação da densidade, decidiu-se abrir uma ampla área de escavação de 3,0 x 3,0 m, no que seria o centro do sítio arqueológico.

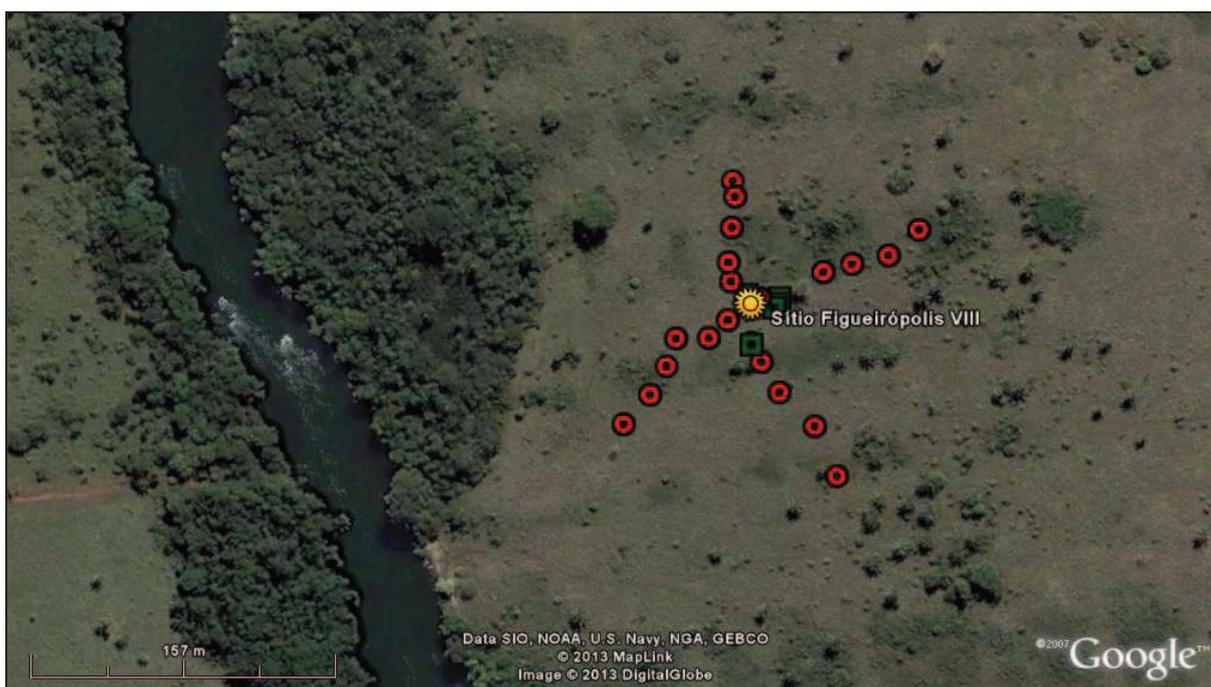


Figura 31: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis VIII.

Prancha 11 – Aspectos gerais das escavações no sítio Figueirópolis VIII



Aspectos das escavações arqueológicas no sítio Figueirópolis VIII. Decapagem inicial em níveis artificiais de 10,0 cm, realizada após a limpeza e a coleta superficial sistemática na área de escavação 01 de 3,0 x 3,0 m.

Vista geral da conclusão do nível 02 da área de escavação 01 no sítio Figueirópolis VIII. Consta já o aprofundamento da parede A-B. Onde ocorreu relativa grande espessura do pacote arqueológico e densidade cerâmica.



Início da abertura da quadrícula A1, após o rebaixamento dos 10,0 cm em toda a área de escavação 01 (3,0 x 3,0 m). Observação: distribuição regular dos fragmentos no nível 01, atrás do arqueólogo.

Ampliação da área de escavação 01 a partir da sondagem 03. Área selecionada por apresentar maior quantidade de material arqueológico nos níveis 01 e 02. Observação: nivelamento realizado com as enxadas raspando o solo na mesma direção, no mesmo nível.



Prancha 12 – Escavação arqueológica no sítio Figueirópolis VIII



Área de Escavação 01 (21L0322792/8301332), nível 10-20 cm e abertura das quadriculas junto à parede c-d. Os níveis foram rebaixados individualmente. Dia 08/10/2008. Sentido oeste – leste.

Área de Escavação 01, aprofundamento das quadriculas junto da parede c-d, nível 30-40 cm. Sedimento mais enegrecido e granuloso. Foi identificada grande quantidade de fragmentos cerâmicos associados a esse nível.



Distribuição do material arqueológico no nível 01 da área de escavação 01. No detalhe a bioturbação do sítio identificada como as tocas do tatu galinha. O material estava distribuído de forma regular e homogênea. A seta indica o norte. Dia 08/10/2008.

Concentração de material orgânico, cinzas e ossos humanos calcinados junto à vasilha de gargalo e foi possível observar um nicho onde os ossos e as cinzas foram depositadas. A reconstituição das bordas associadas aos ossos e as cinzas indicou o uso de vasilhas globulares com bordas restringidas no que seria um sepultamento secundário (ver Figuras 91 e 94).



Depois de aberta a escavação, assim como nas sondagens de 1,0 x 1,0 m, foi possível visualizar o perfil estratigráfico que contava com uma camada de ocupação de 45,0 cm a partir da superfície, oscilando essa espessura nas áreas limítrofes da ocupação; no centro o pacote arqueológico é mais espesso. A escavação seguiu os níveis arbitrários de 10,0 cm. A cor da camada é cinza enegrecido e a do solo natural estéril é marrom-avermelhado.

Abundante material arqueológico foi encontrado em superfície, fragmentos cerâmicos com dimensões superiores a 12,0 cm². Pôde-se identificar uma vasilha fragmentada contendo cinzas e fragmentos de ossos longos, aparentemente humanos no canto direito da parede A-B da escavação (Figura 76; Prancha 55). O material estava distribuído regularmente na superfície do sítio, de forma mais homogênea entre os níveis 02 e 04 quando aumentou, também, a concentração cerâmica cujos fragmentos representam assadores e vasilhas globulares, com bordas reforçadas e bases planas (Figura 92).

3.1.9. Figueirópolis IX (21L 0323072N 8300686E)

O sítio arqueológico Figueirópolis IX está implantado na borda do terraço fluvial, sobre o solo argissolo vermelho-amarelo eutrófico. A vegetação original é a savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*. Afastado 35,0 m da margem esquerda do rio Jauru, situa-se entre duas drenagens naturais, na da direita ao norte situa-se a 320,0 m o sítio Figueirópolis XI e a esquerda, a 240,0 m ao sul o sítio Figueirópolis X (Figura 32). O sítio Figueirópolis IX encontrava-se relativamente bem preservado.

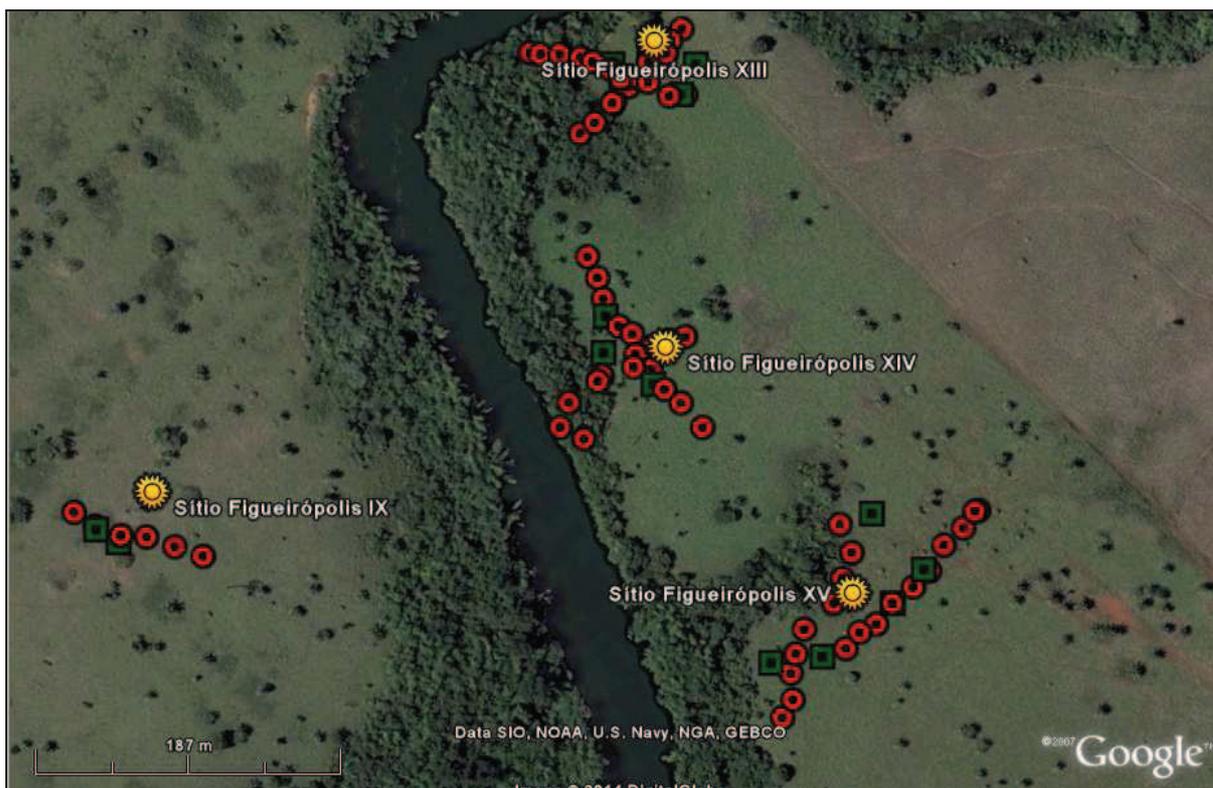


Figura 32: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis IX acima com relação ao sítio XIII, XIV e XV ao lado.

Prancha 13 – Aspectos gerais das escavações no sítio Figueirópolis IX



Aspecto das escavações, Sondagem 03 e fechamento da Sondagem 01. As intervenções foram aplicadas nas áreas de maior concentração cerâmica em superfície. Direção sudoeste – nordeste. Dia 14/10/2008.

Sondagem 02, sítio Figueirópolis IX, nível 20-30 cm. Nos primeiros 10,0 cm foram encontrados fragmentos cerâmicos triturados pelo pisoteio do gado. Dia: 14/10/2008. Orientação: seta indica o norte.



Sondagem 04, nível 10-20 cm, posicionamento do material arqueológico no interior da camada de ocupação. Onde a área de terra mais escura se tornava mais densa, aumentava também a ocorrência de fragmentos cerâmicos.

Aspecto das escavações das Sondagens 04 e 05. Após a limpeza da superfície, o sedimento era peneirado e revisado, por ser argiloso e bem agregado, optou-se por uma raspagem lenta do solo. Direção leste – oeste.



As dimensões do sítio são 12,0 x 8,0 m, tendo o seu maior eixo paralelo ao rio Jauru, no sentido norte-sul, forma elíptica de leve declive na direção do rio.

Foram aplicados dezoito poços-teste e cinco sondagens (1,0 x 1,0 m).

Foi observada uma camada antropogênica com 20,0 cm de espessura, a partir da superfície do solo de coloração negro-acinzentada (Prancha 13 c).

Os fragmentos cerâmicos são de rudimentar acabamento, e precário amassamento. O tratamento de superfície é o alisado simples, as formas representavam bordas extrovertidas com forte inflexão (Figura 93 a, g, h, l). Foram observadas, também, vasilhas esféricas e semi-esféricas com reforço na borda.

3.1.10. Figueirópolis X (21L 0322891E 8301184N)

O sítio arqueológico Figueirópolis X implanta-se na meia encosta alta, oposta a pequena drenagem e distante aproximadamente 90,0 m do rio (Figura 33), a vegetação original é savana arbórea aberta em galeria ou *campo cerrado*, sobre solo enegrecido podzólico vermelho-amarelado.



Figura 33: Imagem do Google indicando a implantação e a área de dispersão do material em superfície no sítio Figueirópolis X.

Prancha 14 – Sítio Figueirópolis X



Vista geral do sítio Figueirópolis X. Pastagem na estação seca permitiu boa visualização da superfície do solo.



Material cerâmico distribuído regularmente em superfície, identificado no Sítio Figueirópolis X.

Apresenta uma forma circular, com diâmetro de 15,0 m. Ocorrendo fragmentos cerâmicos numa área superior a 50,0 m² (Figura 34).

Foram aplicados vinte poços-teste e cinco sondagens.

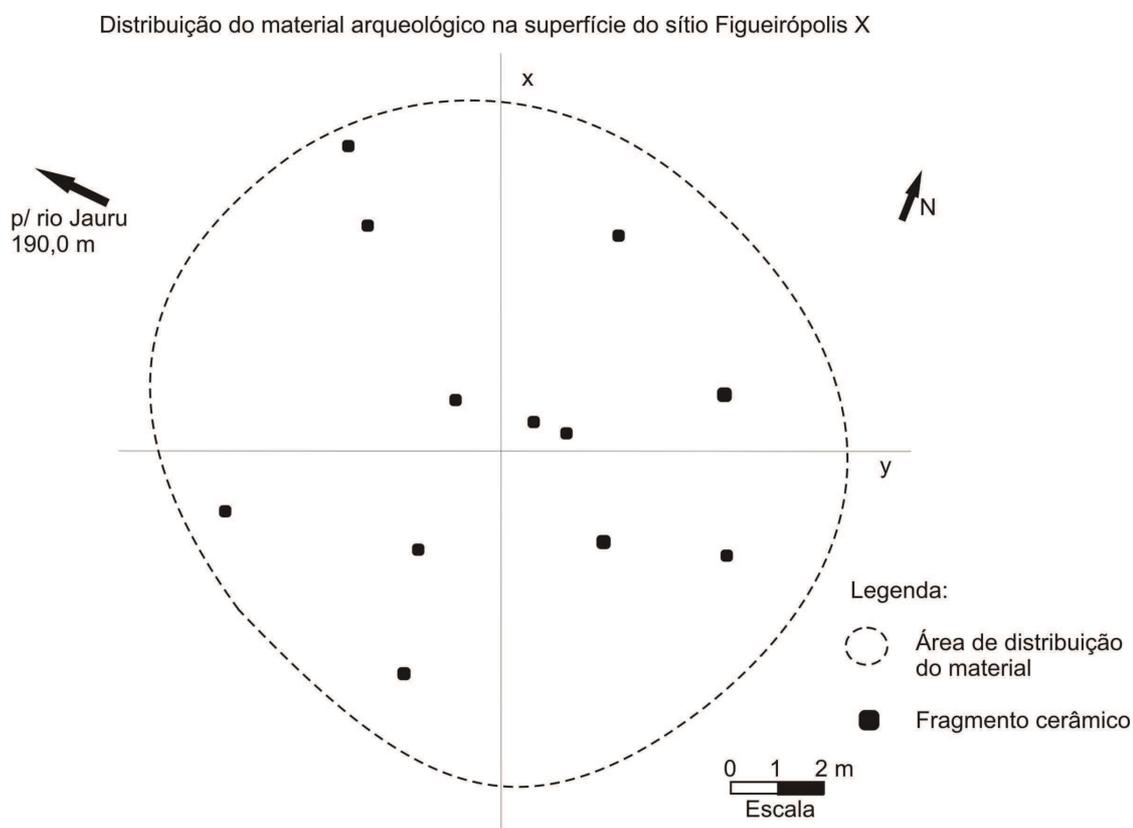


Figura 34: Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis X.

O pacote arqueológico é pouco espesso, mas relativamente mais profundo, estando a 10,0 cm de profundidade da superfície uma camada de ocupação única de até 14,0 cm de espessura.

Predominam pratos assadores e vasilhas de base plana (Figura 85 e 91 c, d, g).

3.1.11. Figueirópolis XI (21L 0323277L 8301010N)

O sítio Figueirópolis XI está junto à cerca de divisa entre as duas principais fazendas da margem esquerda do rio Jauru, São José e Santo Antônio e afastado cerca de 130,0 m do rio Jauru (Figura 35), no topo do terraço fluvial em solo argissolo eutrófico. A vegetação original é a savana arbórea aberta de galeria ou campo cerrado. Próximo do rio existe uma pequena drenagem que forma um *pacoval*.

As dimensões parciais foram de 14,0 x 12,0 m, circular.

Foram aplicadas duas linhas perpendiculares de vinte poços-teste, afastados a cada 20,0 m e, na proximidade dos poços, com maior quantidade de fragmentos, foram abertas cinco sondagens, das quais apenas duas resultaram em material arqueológico.

Poucos fragmentos foram descobertos em profundidade, de até 15,0 cm abaixo de 5,0 cm de profundidade do solo natural (Prancha 15 d).



Figura 35: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XI.

O material arqueológico, distribuído homogeneamente na superfície, representa pratos com até 80,0 cm de diâmetro, além de vasilhas extrovertidas e meia-calota (Figura 93 g, h, i, j, k). Ocorreram vasilhas globulares (Figura 94 p). Os fragmentos são alisados e com cozimento relativamente controlado.

Prancha 15 – Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XI



Aspectos da escavação no sítio Figueirópolis XI, sondagem 03. A pastagem seca na superfície facilitou a identificação dos fragmentos cerâmicos pré-coloniais. Junto destes foram aplicadas as sondagens. Dia: 13/10/2008. Orientação: oeste-leste.

Aprofundamento da Sondagem 01, nível 20-30 cm. Extração e peneiramento do sedimento arqueológico, por dois auxiliares técnicos de campo. No detalhe a coloração marrom avermelhado do solo. Direção oeste-leste.



Decapagem dos primeiros 10,0 cm da Sondagem 02. Sedimento granuloso e marrom-avermelhado, mais escuro que o solo das redondezas. Os sedimentos antropogênicos são relativamente finos entre 5,0 e 15,0 cm de espessura.

Sondagem 04, nível 30-40 cm, sedimento granuloso, solo avermelhado, pouca presença de matéria orgânica. Observa-se sutilmente a alteração da cor nos primeiros 10,0 cm de profundidade. Sentido sul-norte. Dia 13/10/2008.



3.1.12. Figueirópolis XII (21L 0323425E 8299352N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XII está na curva interna, afastado 50,0 m da margem direita do rio Jauru, no interior da Fazenda Araçatuba, na borda do terraço fluvial sobre uma área alta, entre duas corredeiras. Antes da curva do rio, sentido montante, encontra-se forte corredeira de conglomerados petromíticos (arenitos metamórficos), em área elevada. Os sítios estão implantados no topo de suave colina do terraço fluvial separados por dois córregos (Figura 36). A vegetação original é a savana arbórea densa ou cerradão num solo argissolo eutrófico.

As dimensões do sítio são de 65,0 x 42,0 m no sentido nordeste-sudoeste. Numa área de aproximadamente 340,0 m² foram encontrados distribuídos homogeneamente na superfície, na forma elipsoidal, fragmentos cerâmicos. Foram aplicadas as duas linhas perpendiculares de vinte poços-teste e cinco sondagens de 1,0 x 1,0 m.



Figura 36: Imagem do Google indicando a implantação na paisagem, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XII.

A estrutura estratigráfica (Prancha 16 d) é formada por uma camada de ocupação enterrada a cerca de 12,0 cm da superfície, estendendo-se por até 25,0 cm

quando, a partir daí, começa o solo estéril em variação de até 32,0 cm. Ao total a camada oscila entre 18,0 e 28,0 cm de espessura.

O material está bem concentrado, ocorrendo fragmentos de vasilhas relativamente grandes que comportariam até 180,0 Litros (Figura 94 q). Observou-se a predominância de vasilhas de base levemente plana e algumas com alças (Figura 92 f e Figura 96 k, l). Os fragmentos não são decorados; foram contabilizados três com acabamento brunido preto.

Prancha 16 – Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XII



Sondagem 01 (21L 0323450/8299370), nível 10-20 cm, relativa densidade de material cerâmico neste segundo nível, aparentemente trata-se da camada de ocupação, a seta indica o norte, dia 26/11/2008.

Vista geral da Sondagem 02 (21L 0323457/8299395), observa-se ao fundo a mata ciliar do rio Jauru. O sedimento enegrecido, já peneirado contrasta com os arredores que são predominantemente vermelho-amarelados. Pastagem viçosa indica início do período chuvoso.



Sondagem 03 (21L 0323429/8299388), nível 10-20 cm, distribuição do material na superfície do nível. A partir desta profundidade o material passa a ficar escasso, permanecendo abundante somente entre os níveis 02 e 03.

Aspectos do perfil estratigráfico na sondagem 04, nível 60-70 cm, tonalidade mais clara dos sedimentos estéreis. No detalhe a alteração da coloração dos sedimentos indica certa estabilidade na deposição orgânica.



Prancha 17 – Sítio Figueirópolis XII



Aspecto geral das escavações, sondagem 05 (21L 0323417/8299369), direção oeste-leste observa-se ao fundo a mata ciliar do rio Jauru. A deposição orgânica favorece o viço do pasto na superfície da área do sítio, sendo este fenômeno um forte bio-indicador na paisagem. Dia 26/11/2008.

Material arqueológico distribuído na superfície do nível na Sondagem 04, nível 10-20 cm. Abundância relativa de material arqueológico. Fragmentos reduzidos pelo pisoteio do gado, é nítida a oscilação das cores do solo desde o marrom claro ao negro escuro. A seta indica o norte. Escala de 5,0 cm.



Vasilha fragmentada de grande capacidade volumétrica, parte superior fragmentada, raros fragmentos puderam ser reconstituídos tão fielmente, devido ao reduzido tamanho da borda. Fragmento encontrado junto à parede a-b, Sondagem 02, nível 30-40 cm.

Detalhe da borda da vasilha registrada no nível 04 da Sondagem 02. Vasilha de grande capacidade volumétrica (ver reconstituição Figura 93 o). Os desenhos técnicos apontaram para capacidades volumétricas de até 180 litros. O desgaste interno indica uso intenso. Apresenta reforço na borda e bom acabamento geral da superfície.



3.1.13. Figueirópolis XIII (21L 0323072E 8300294N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XIII está a 20,0 m da curva interna da margem direita do rio Jauru (Figura 37), sobre o terraço fluvial no argissolo eutrófico. Em elevação plana entre dois córregos. A vegetação original é a savana arbórea densa ou *cerradão*. As matas ciliares são cortadas pelas praias que servem de bebedouro do gado, uma dessas praias localiza-se na frente do sítio. O acesso é de barco subindo a corredeira do lado esquerdo no limite entre as fazendas Araçatuba e Vale Formoso. A margem oposta à planície de inundação é cortada por um meandro abandonado do rio Jauru, formando um alagado baixo com a floresta aluvial preservada.

As dimensões parciais do sítio são de 50,0 x 45,0 m, forma elipsoidal apresentando maior eixo paralelo ao rio Jauru.



Figura 37: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XIII.

Prancha 18 – Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XIII



Poço-teste 12 (21L 0323163/83300348) aplicado sobre o topo do barranco do terraço fluvial observa-se ao fundo a mata ciliar ou floresta aluvial na planície de inundação do rio Jauru.

Sondagem 03 (21L 0323090/8300287), nível 10-20 cm, no detalhe a cor marrom do argissolo avermelhado, indicando ocupação humana. Ao fundo a mata ciliar do rio Jauru. Dia: 25/11/2008.



Sondagem 01 (21L 0323110/8300286), nível 30-40 cm, arqueólogo Rodrigo Germano Fonseca evidenciando a concentração de material arqueológico. Os fragmentos cerâmicos foram descobertos na horizontal após os primeiros 20,0 cm (abaixo do reviro do arado).

Sondagem 04 (21L 0323117/8300291), nível 60-70 cm, fragmentos cerâmicos dispostos homogeneamente na camada arqueológica. No detalhe a variação da cor do sedimento antropogênico cinza-enebreco (0-40 cm) para o estéril vermelho-amarelo (40-90 cm).



Prancha 19 – Sítio Figueirópolis XIII



Vista geral da Sondagem 01 (21L 0323110/8300286), nível 40-50 cm sendo peneirado. Pastagem brachiaria viçosa na estação das chuvas dificultava um pouco a visibilidade da superfície do solo.

Sondagem 02 (21L 0323115/8300316), nível 60-70 cm, observa-se a mudança de tonalidade do sedimento a partir do nível 02. O argissolo eutrófico é bastante agregado, compacto e seco.



Sondagem 05 (21L 0323124/8300315), nível 50-60 cm, porção mais concentrada de material arqueológico no sítio. Observa-se nitidamente o limite da camada de ocupação e o solo estéril.

Material arqueológico resultado das intervenções na sondagem 05, nível 20-30 cm. Formas das vasilhas identificadas como vasilhas semi-esféricas com borda expandida (Figura 86).



Foram aplicados vinte poços-teste e seis sondagens.

O sítio arqueológico é composto por uma camada de ocupação de 20,0 cm a partir da superfície do solo (Prancha 19 b, c).

Apareceram alguns fragmentos pintados de preto na face interna. Apenas dois fragmentos decorados, os demais são lisos, bem acabados e com formas diretas, extrovertidas (ver o conjunto da Figura 90). Os pratos assadores estão presentes junto das vasilhas com abertura da boca superior a 80,0 cm, e com capacidade volumétrica acima dos 120,0 litros (Figura 94 e 95).

3.1.14. Figueirópolis XIV (21L 0322961E 8300417N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XIV está na planície de inundação, distante 35,0 m da margem direita do rio e a 150,0 ao sul de córrego (Figura 38). Área mais alta e seca de neossolo quartazênico, na ondulação positiva entre dois córregos contribuintes. A vegetação, na parte preservada do sítio, é a floresta aluvial.

As dimensões parciais são 24,0 x 18,0 cm, forma elipsoidal, tendo seu maior eixo no sentido leste-oeste, acompanhando uma das curvas do rio.

Recebeu a intervenção de vinte poços-teste e quatro sondagens. Na última sondagem ocorreram ossos humanos articulados; a partir da sondagem 04 ampliou-se uma área de escavação em “T” de 3,0 x 1,0 x 2,0 m, alcançando o total de 70,0 cm de profundidade (planta baixa da escavação Figura 79).

A estrutura estratigráfica do sítio consiste em uma camada de ocupação aparentemente espessa, com até 40,0 cm de espessura, onde o material é abundante, a partir da superfície. Ambos os sepultamentos foram exumados a 80,0 cm de profundidade em solo já estéril, indicando enterro direto no solo, que aparece sob a forma de cova na parede da trincheira.



Figura 38: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XIV.

O material arqueológico é composto de vasilhas globulares com bordas extrovertidas, meia-esfera com base suavemente plana (Figura 84). O antiplástico é basicamente o mineral (areia e areão). Além do material cerâmico, foram extraídos também, dois sepultamentos completos (Figura 79), um deles flexionado em decúbito lateral esquerdo e outro estendido (Pranchas 57 e 58).

Prancha 20 – Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XIV



Sítio Figueirópolis XIV – Sondagem 04 aplicada na área de maior concentração cerâmica indicada pelos poços-teste. Área apresentava densa concentração de material cerâmico em superfície. Coordenadas: (21L0322959\8300427) – Data: 27\11\08 – Direção Oeste.

Sítio Figueirópolis XIV – Sondagem 03 observada ao fundo, próximo da floresta aluvial, a sondagem 05 em distâncias regulares de 10,0 m – Coordenadas (2110323010\8300421) – Data: 27\11\08 – Direção Leste.



Sítio Figueirópolis XIV – Poço teste 14, aplicado na planície de inundação próximo ao barranco da borda do terraço fluvial. Coordenadas (21L0322952\8300424) – Data: 27\11\08 – Direção Leste.

Sítio Figueirópolis XIV – Sondagem 02 abundante concentração de material cerâmico no nível 03 e 04 (30-40 cm). Coordenadas (21L0322994\8300437). Data: 27\11\08. A seta indica a direção do norte.



Prancha 21 – Sítio Figueirópolis XIV



Trincheira 01 de 2,0 x 1,0 m (0323002/8300426), nível 30-40 cm, direção sul-norte. A trincheira foi aberta pela necessidade de prospectar a direção da concentração. Distribuição relativamente homogênea do material no registro arqueológico. Pouco perturbado pela mecanização do solo. Dia 27/11/2008.

Finalização da Sondagem 04, nível 90-100 cm, observa-se a oscilação na tonalidade dos sedimentos no perfil estratigráfico. Foram observadas densas concentrações orgânicas em porções isoladas do estrato.



Pequena vasilha globular fragmentada com borda restringida com 10,0 cm de altura por 6,5 cm de largura, encontrada no interior do nível 03, sondagem 03, escala 5,0 cm (ver reconstituição Figura 91 n).

Aspecto da escavação da Sondagem 04 (21L 0322959/8300427), vegetação relativamente mais viçosa devido à concentração orgânica do solo naquela área. Dia 27/11/2008, direção sudoeste-nordeste.



3.1.15. Figueirópolis XV (21L 0322788E 8300466N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XV está implantado sobre o barranco do terraço fluvial a 20,0 m da margem esquerda do rio Jauru, afastado 40,0 m da margem esquerda de um córrego, num plano topo seco, livre da inundação (Figura 39). O solo é argissolo vermelho-amarelo eutrófico; a vegetação original é a savana arbórea densa ou *cerradão*.

As dimensões são de aproximadamente 25,0 x 17,0 m tendo seu maior eixo no sentido nordeste – sudoeste, mais ou menos paralelo a linha do barranco e a barranca do rio. A forma parece ser elipsoidal.



Figura 39: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XV.

Foram abertos vinte poços-teste e cinco sondagens na área onde ocorreu maior concentração de cerâmica na superfície (Figura 40).

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XV - 21L0322788/8300466

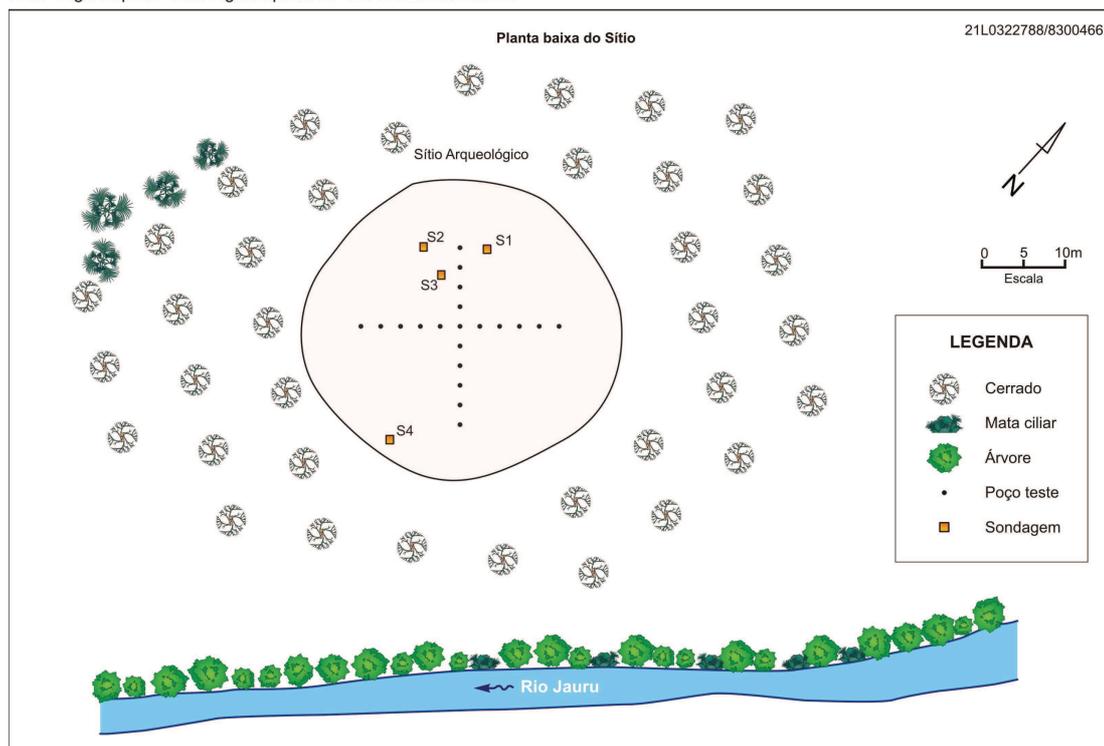


Figura 40: Planta baixa das intervenções e distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XV.
Fonte: Relatório IPHAN – DOCUMENTO Ltda.

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XV - 21L0322760/8300407

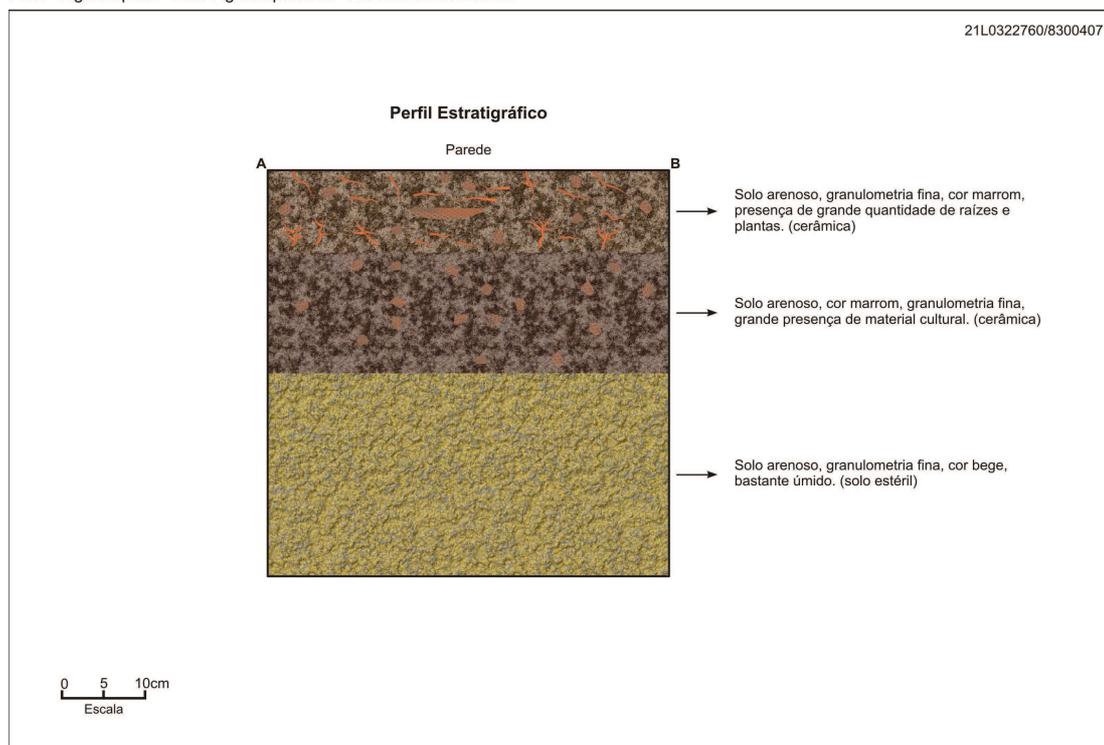


Figura 41: Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XV.

A estrutura estratigráfica (Figura 41) é de 20,0 cm de espessura, a partir da superfície, nesta camada os fragmentos cerâmicos estavam densamente concentrados e distribuídos homogeneamente. O solo é estéril a partir dos 60,0 cm de profundidade. A coloração do solo antropogênico é o pardacento-acinzentado, sendo mais escuro no início da lente e mais claro à medida que vai aprofundando (Prancha 22 d).

O material arqueológico apresentou uma maior porcentagem de vasilhas de base plana, rasas e de larga abertura da boca expandida, com reforço ou espessamento da borda (Figura 96 n-r); não são decoradas; receberam um tratamento de superfície simples e alisado.

Prancha 22 – Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XV



Sítio Figueirópolis XV – Poço-teste 11, a trena indica a profundidade, a largura de cada poço-teste oscilou entre 40,0 e 60,0 cm de largura. Coordenadas: (21L0322758\8300447). Data: 01\11\08.

Sítio Figueirópolis XV – Sondagem 01, solo enegrecido pela ação antrópica. Fragmentos cerâmicos in situ na posição horizontal. Coordenadas (21L0322764\8300461). Data: 01\11\08. A seta indica a direção do norte.



Sítio Figueirópolis XV – Sondagem 03, na evidenciação do material nota-se um fragmento de base aplanada (reconstituição Figura 92 j). Coordenadas (21L0322810\8300380). Data: 01\11\08. A seta indica a direção do norte.

Sítio Figueirópolis XV – Sondagem 04 observa-se no detalhe a variação na tonalidade dos sedimentos, tornando-se mais claro quando estéril. Coordenadas: (21L0322763\8300379). Data: 01\11\08. A seta indica a direção do norte.



3.1.16. Figueirópolis XVI (21L 0322192E 8302345N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XVI está sobre a borda do barranco do terraço fluvial na curva interna do rio, afastado 45,0 m da margem direita. Ao norte existe uma forte corredeira com remanso que deu origem a duas praias em ambas as margens (Figura 42) e, 120,0 m ao norte, há outra forte corredeira de areão e arenito¹⁴⁰. O solo é o podzólico vermelho-amarelo distrófico e a vegetação original é a savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*. Atualmente é coberto por pasto.



Figura 42: Imagem do Google indicando a implantação do sítio, as áreas de intervenção e distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XVI.

As dimensões do sítio são de 30,0 x 21,0 m no sentido norte-sul, forma elipsoidal, paralela à borda do terraço. Por 630,0 m² distribui-se o material de forma heterogênea, devido ação do arado que não ultrapassou a primeira lâmina de 5,0 cm.

Foram escavados vinte poços-teste, em duas linhas perpendiculares e cruzadas, e aplicadas cinco sondagens nas áreas com maior concentração cerâmica.

¹⁴⁰ Provavelmente os conglomerados petromíticos (blocos de arenito metamórfico e pedra canga [ferro]) encontram-se submersos.

Prancha 23 – Sítio Figueirópolis XVI



Poço-teste 16 (21L 0322182/8302340), rebaixado até 1,3 m de profundidade. Ao fundo a mata ciliar do rio Jauru. Auxiliar técnico revisando os sedimentos extraídos com a cavadeira boca-de-lobo. Direção oeste-leste. Dia 02/11/2008.

Sondagem 01 arqueólogo Cassiano Bervig preenchendo as fichas de sondagem (21L 0322191/8302345) e aspecto das escavações. Direção sul-norte. Dia 02/11/2008.



Sondagem 02 (21L 0322185/8302342), nível 0-10 cm, evidenciação do material arqueológico concentrado na porção superior da quadricula, junto à parede a-b. No detalhe alguns fragmentos cerâmicos de bordas e bases.

Sondagem 03 (21L 0322177/8302335), nível 30-40 cm, variação na cor dos sedimentos e distribuição do material no interior da camada arqueológica. A seta indica o norte. Escala vertical 10,0 cm e horizontal de 5,0 cm.

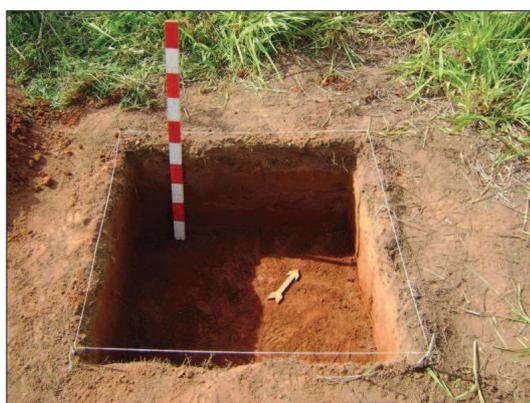


Prancha 24 – Sítio Figueirópolis XVI



Sondagem 04 (21L 0322213/8302341), nível 0-10 cm, a concentração do material arqueológico em diminutos fragmentos atribui-se ao pisoteio do gado. A ponta da colher de pedreiro indica o norte. Dia 02/11/2008.

Fim da ocorrência de material arqueológico na Sondagem 04, nível 05. Os níveis estéreis eram acompanhados de ligeira mudança na tonalidade do solo quando também se tornavam mais compactos e agregados.



Distribuição do material arqueológico no nível 20-30 cm da Sondagem 02 (21L 0322185/8302342). Nota-se a variação das cores acinzentadas do sedimento. Entre as peças foram observadas bordas e bases. Escala de 10,0 cm na horizontal.

Vista geral da Sondagem 02, nível 10-20 cm, bloco lítico provavelmente natural (sem trabalho observado) e fragmentos cerâmicos em superfície.



A estratigrafia é composta de uma camada de 20,0 cm a partir da superfície. Abaixo dos 30,0 cm ocorrem os pedriscos da piçarra, onde o solo é estéril (Prancha 24 b).

O material arqueológico representa fragmentos de vasilhas planas em meia calota e assadores. Os pratos e as vasilhas globulares são nitidamente predominantes, bordas com forte inflexão extrovertida são comuns (Figuras 88 e 93 g-k). Predominam fragmentos alisados simples em ambas as faces.

3.1.17. Figueirópolis XVII (21L 0318904E 8305710N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XVII está dentro da floresta aluvial virgem. Na margem oposta deságua a foz do córrego Vermelho. Está implantado na porção alta e plana da parte interna da curva do rio e afastado a 25,0 m de sua margem direita, em um barranco pronunciado antes da planície de inundação. É o único sítio inteiramente preservado. O solo é o neossolo quartzarênico (quaternário/arenoso); na margem oposta, entre forte corredeira, a margem é mais baixa e coberta por espessa floresta aluvial (Figura 43).

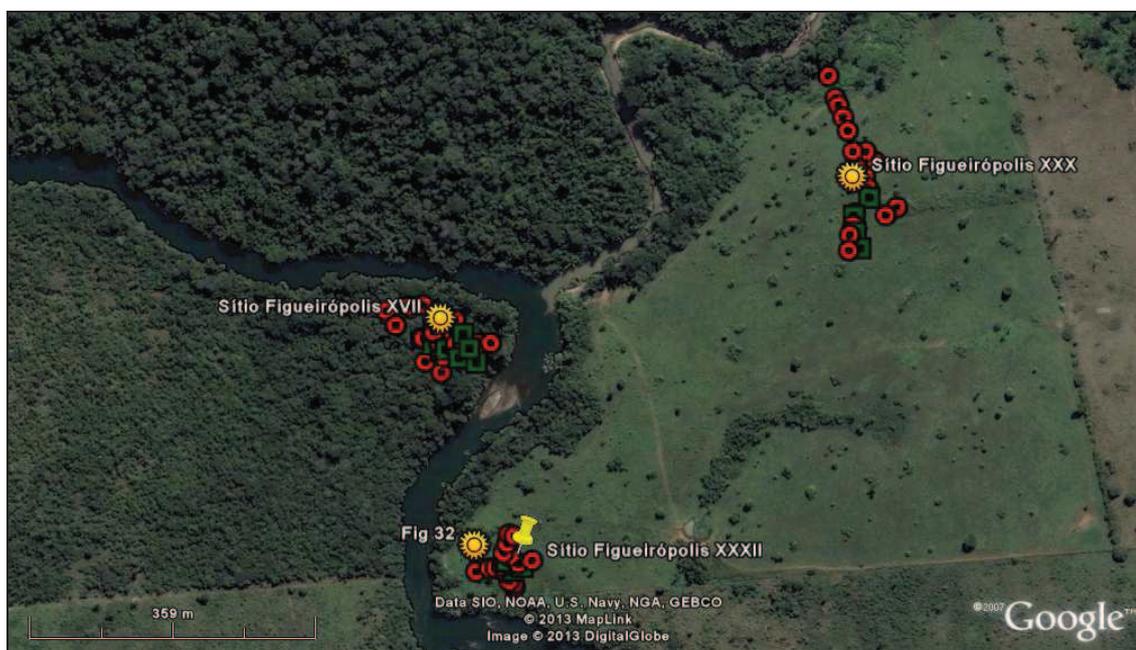


Figura 43: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XVII. No detalhe é possível observar o limite entre a floresta aluvial e o cerradão, onde está inserido o sítio.

Prancha 25 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XVII



Poço-teste 11 com 1,4 m de profundidade, aplicado no interior da reserva nativa. A mata preservada, ao redor, permitiu a visualização dos processos que modificaram as estruturas dos sítios impactados, servindo de modelo conservado. Direção sul-norte.

Fragmentos de vasilhas cerâmicas na camada de ocupação, nível 0-10 cm da Sondagem 01. Observa-se grande quantidade de raízes entre as quais permaneciam os artefatos na horizontal. A seta indica o norte.



Sondagem 02, nível 10-20 cm, concentração de material cerâmico pouco fragmentado e matéria orgânica associada. Outra característica marcante é a horizontalidade dos fragmentos, mantendo o mesmo posicionamento original, apresentando posição coerente e regular entre si. A seta indica o norte.

Fragmentos de vasilha com borda hiperbólica extrovertida (ver reconstituição Figura 94 h, j) no nível 20-30 cm, camada de ocupação (terra preta), escala de 5,0 cm.



As dimensões parciais do sítio são de 52,0 m sentido leste-oeste e 40,0 m sentido norte-sul, aparentemente elipsóide tendo o maior eixo paralelo à linha d'água.

Foram aplicados vinte poços-teste no sentido norte e sul em duas linhas perpendiculares e cinco sondagens nas proximidades dos poços que atingiram maior concentração de material cerâmico.

O pacote arqueológico é composto de apenas uma camada de ocupação de aproximadamente 35,0 cm a partir de 5,0 cm da superfície do solo. Nos primeiros 20,0 cm foi registrado abundante material arqueológico. É estéril a partir dos 40,0 cm de profundidade.

O material é composto predominantemente de vasilhas globulares com alças, com base plana e banho ou pintura preta na face interna (Prancha 53 d). Outras globulares com gargalo pronunciado de bordas dobradas (Figura 95 l, m) e extrovertidas. Os lábios são arredondados e recebem, por vezes, reforço externo (Figuras 94 c, e).

3.1.18. Figueirópolis XVIII (21L 0320625E 8304044N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XVIII encontra-se afastado 14,0 m da margem direita do rio Jauru, sobre a borda elevada do barranco do terraço fluvial (fora da estreita planície de inundação). Existe uma praia 25,0 m ao norte, onde o terraço encontra a linha d'água (Figura 44). O solo é argissolo vermelho-amarelo eutrófico e coberto por savana arbórea aberta densa ou *cerradão*. Na margem oposta, mais baixa, predomina a floresta aluvial.

O tamanho parcial do sítio em 26,0 x 17,0 m tendo seu maior eixo no sentido leste-oeste, paralelo ao rio, aparentemente elipsoidal.

Foram aplicados, após a verificação da distribuição homogênea dos fragmentos em superfície, vinte poços-teste e cinco sondagens nas áreas de maior concentração cerâmica.

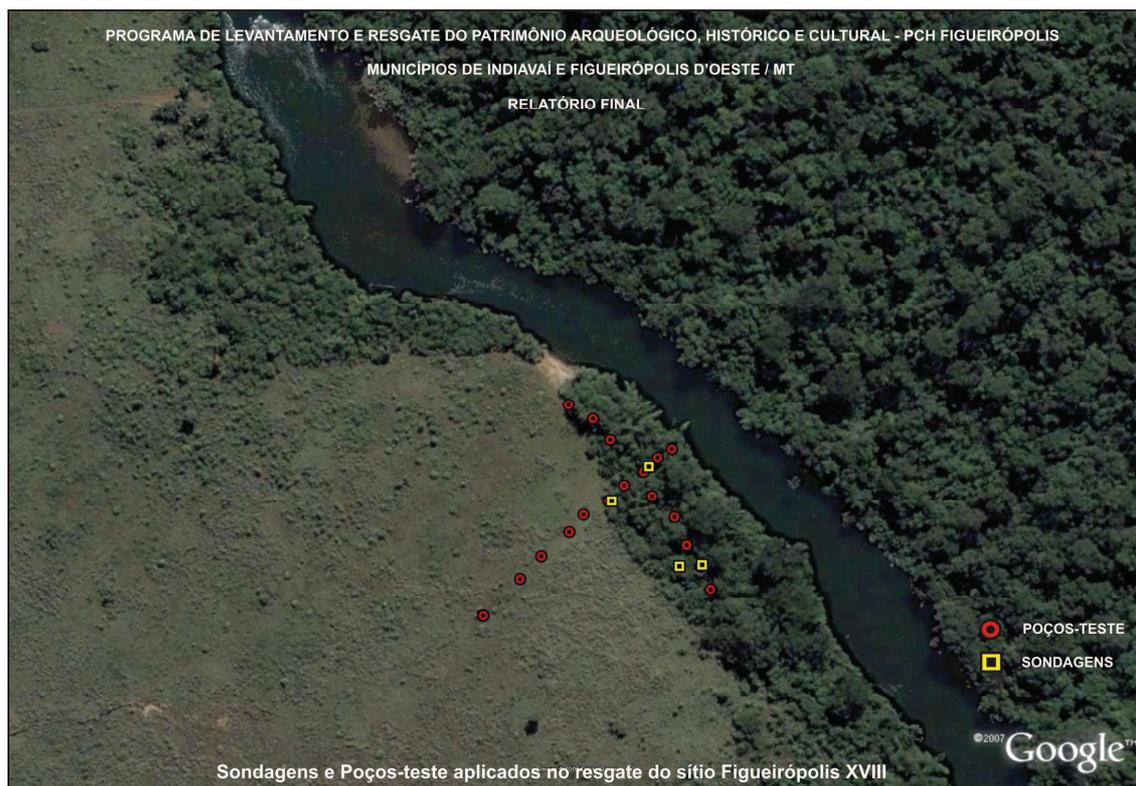


Figura 44: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XVIII.

A estratigrafia é composta de uma camada de 20,0 cm de espessura, abaixo de 10,0 cm da superfície (Prancha 26 c, d). A lente é pardacento-acinzentada e espessa, tornando-se lentamente pardacento-avermelhada e fina nas extremidades do sítio arqueológico. É estéril após 40,0 cm de profundidade.

O material cerâmico identificado neste sítio é composto de vasilhas de contorno simples, com formas diretas e reforços nas bordas. Algumas peças apresentavam reforço pronunciado terminando em lábio arredondado. Foram observadas bases planas e o predomínio de pratos (Figura 96 j, k, l).

Prancha 26 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XVIII



Sítio Figueirópolis XVIII – Poço-teste 08 de coordenadas (21L0320604\8304059) e ao fundo pode-se observar a sondagem 05 nas coordenadas (21L0320605\8304024). Data: 03\12\08. Direção leste.

Sítio Figueirópolis XVIII – Sondagem 03 (nível 10-20 cm) fragmentos concentrados no centro da sondagem. Escala horizontal de 10,0 cm. Coordenadas: (21L 0320648\8303999). Data: 03\12\08. A seta indica a direção do norte.



Sítio Figueirópolis XVIII – Sondagem 04 nota-se a variação na tonalidade do sedimento antrópico e orgânico (0-30 cm); torna-se estéril (a partir de 40,0 cm) o argissolo vermelho. Registrou-se cultura material (cerâmica), até o nível 50-60 cm. Coordenadas: (21L0320648\8303999). Data: 03\12\08. A seta indica a direção do norte.

Sítio Figueirópolis XVIII – Perfil estratigráfico (parede A-B), da sondagem 04. Ocorreu um grande número de raízes perturbadoras do pacote. No nível 0-10 cm observamos a coloração do solo cinza. A partir deste nível observou-se um solo úmido com coloração laranja (argissolo vermelho-amarelo). Após o nível 50-60 cm ocorre o solo estéril. Coordenadas: (21L0320644\8303987). Data: 03\12\08. Direção norte.



3.1.19. Figueirópolis XIX (21L 0321596E 8303273N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XIX encontra-se implantado na elevação positiva da planície de inundação no interior de curva interna e afastado 12,0 m da margem direita do rio Jauru (Figura 45). Barranco pouco mais elevado, de solo neossolo quartzarênico, entre um *pacoval* (alagado) e floresta aluvial. Na margem oposta, mais baixa, cruzando uma corredeira existe uma ampla área coberta por floresta aluvial preservada.



Figura 45: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a dispersão do material no sítio Figueirópolis XIX.

O sítio possui aproximadamente 30,0 m de diâmetro, aparentemente circular (Figura 46).

Foram aplicados naquela área vinte poços-teste e cinco sondagens, além de uma área de escavação de 2,0 x 1,0 m.

A estratigrafia (Figura 47) é composta de uma camada de 40,0 cm de profundidade a partir da superfície. O solo antropogênico é de cor cinza enegrecido e torna-se estéril após 50,0 cm de profundidade.

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XIX - 21L0321649/8303147

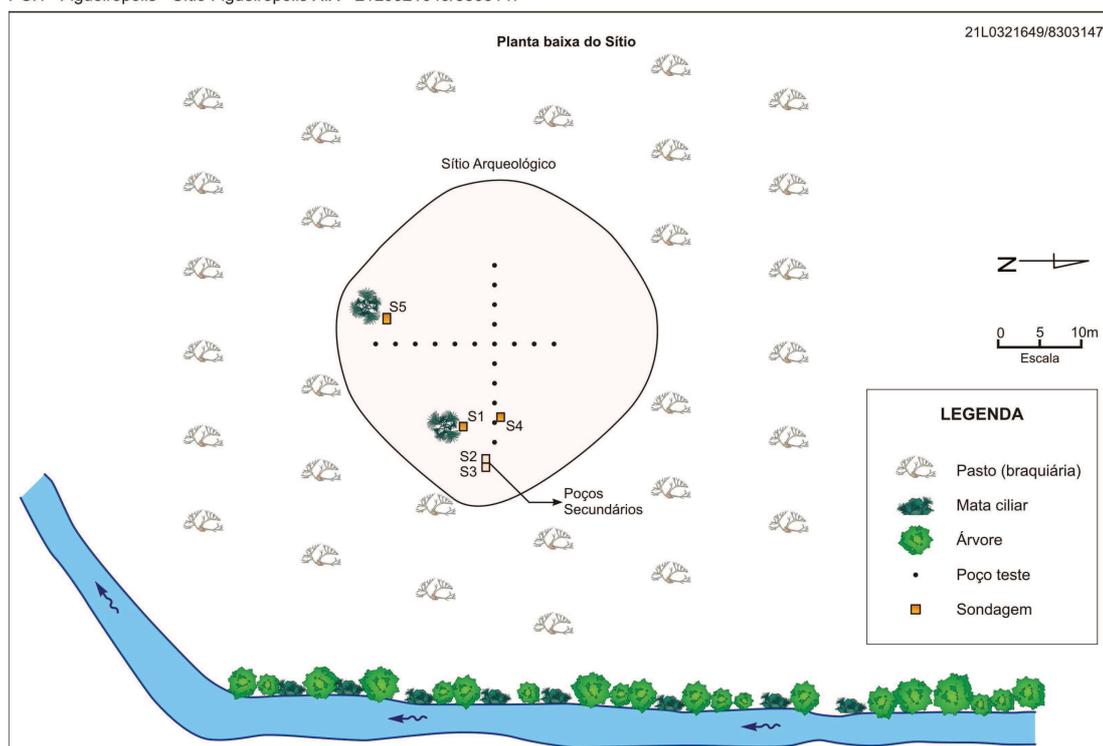


Figura 46: Planta baixa das intervenções arqueológicas e distribuição do material na superfície do sítio Figueirópolis XIX.

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XIX - 21L0321596/8303273

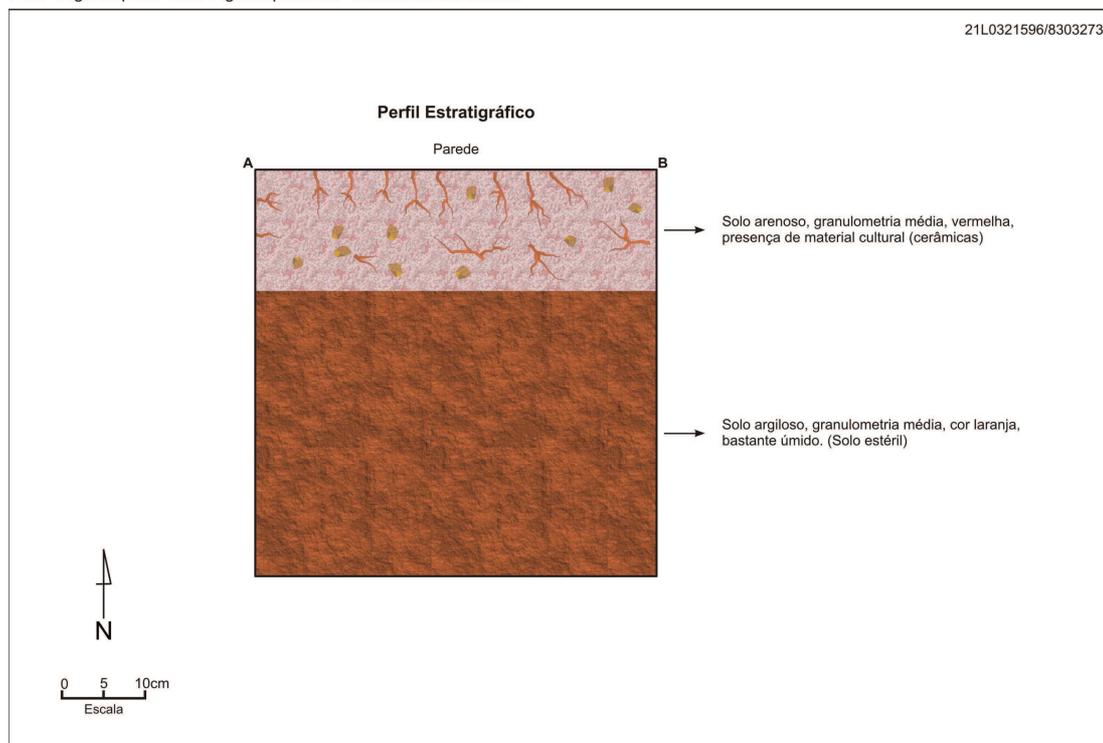


Figura 47: Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XIX.

Prancha 27 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XIX



Sítio Figueirópolis XIX – Poço-teste 17 aplicado entre as pastagens, intervenção que permitiu a percepção visual da estrutura do pacote arqueológico em profundidade. Coordenadas: (21L 03221598 \ 8303252). Data: 04\12\08. Direção oeste.

Sítio Figueirópolis XIX – Sondagem 04, ao fundo a floresta aluvial do rio Jauru. O sedimento era diretamente depositado na peneira com malha de 0,5 cm. Coordenadas: (21L 0321635 \ 8303315). Data: 04\12\08. Direção Oeste.



Sítio Figueirópolis XIX – Sondagem 03. Material arqueológico predominantemente cerâmico, concentrado nas áreas onde o solo é desagregado e escuro, com abundante matéria orgânica. Coordenadas (21L 0321640 \ 8303316). Data: 04\12\08. A seta indica a direção do norte.

Sítio Figueirópolis XIX – Sondagem 01. Fragmentos de cerâmica na peneira, grande quantidade de bordas, bases, alças (reconstituídas no conjunto das Figuras 86 a 89). Coordenadas: (21L 0321642 \ 8303309). Data: 04\12\08.



Prancha 28 – Aspectos das intervenções no sítio Figueirópolis XIX



Sítio Figueirópolis XIX – Pacote funerário – Foi observado fragmentos de urna funerária contendo ossos humanos carbonizados (desenho técnico Figura 75). Coordenadas (21L 0321642 \ 8303309). Data: 04\12\08. Direção Norte.

Sítio Figueirópolis XIX – Sondagem 01. Pequeno vaso globular fragmentado com alça (alça reconstituída no primeiro conjunto da Figura 85). Coordenadas: (21L 0321642 \ 8303309). Data: 04\12\08. Direção Norte.



Sítio Figueirópolis XIX – Área de escavação 01 – Arqueólogo evidenciando o pacote funerário – Mais intervenções foram abertas, mas não foi encontrado nenhum outro indício de cemitério ou centro funerário. Coordenadas: (21L 0321642 \ 8303309). Dia: 04\12\08. Direção Norte.

Sítio Figueirópolis XIX – Sondagem 03 – Perfil estratigráfico mostrando o pacote funerário, ossos longos calcinados e fraturados em associação com vasilha globular (ver desenho técnico Figura 79). Coordenadas: (21L 0321640 \ 8303316). Dia: 04\12\08.



Na superfície foram identificados fragmentos cerâmicos contendo alças e bases arredondadas, além de formas de contornos simples e bordas extrovertidas. Aos 20,0 cm da área de escavação 01 foi localizada uma vasilha fragmentada contendo ossos humanos, no interior e ao redor, aparentemente cremados. Foram identificadas vasilhas de grande capacidade volumétrica e abertura de boca superior aos 56,0 cm (Figura 90). Ocorrem bordas verticais e inflectidas externamente, com ou sem reforço. Foram observadas bases planas.

3.1.20. Figueirópolis XX (21L 0321094E 8303335N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XX está afastado 30,0 m da margem direita do rio e localizado sobre o terraço fluvial, alto e seco (3,5 m de altura do nível da água do rio), de solo argissolo vermelho-amarelo eutrófico, junto ao mesmo, existe um pacoval a 60,0 m ao norte que compunha o antigo meandro do rio (Figura 48).

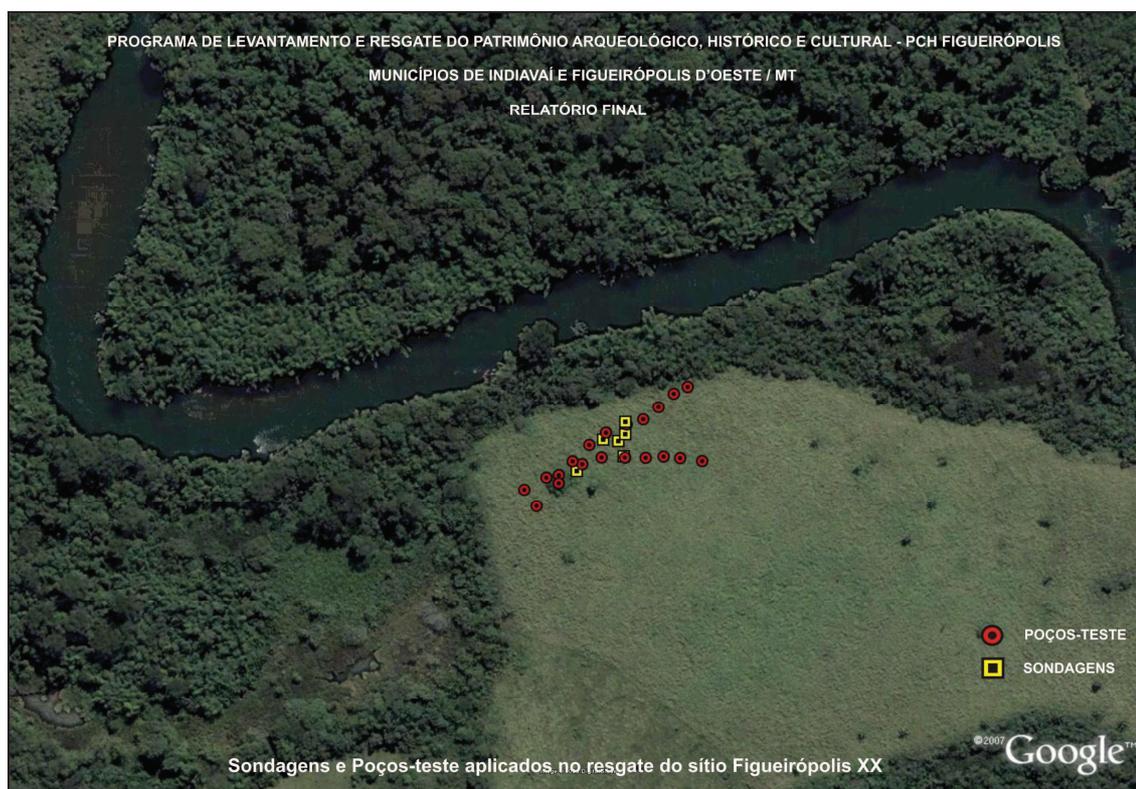


Figura 48: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XX.

Prancha 29 – Sítio Figueirópolis XX



Sítio Figueirópolis XX – Material cultural encontrado no poço-teste 04, nível 10-20 cm - cerâmica simples alisada interna e externamente. Coordenadas: (21L 0321143 \ 8303349). Data: 05\11\08.

Sítio Figueirópolis XX – Sondagem 02, nível 03. Observou-se uma concentração compactada de cinzas (raízes queimadas?) com pouca densidade, compacta a partir do nível 0-10 cm. Coordenadas (21L 0321142 \ 8303350). Data: 05\12\08. Direção Norte.



Sítio Figueirópolis XX – Sondagem 04, nível estéril a partir de 30-40 cm – Coordenadas (21L0321143\8303375). Data: 05\11\08. A seta indica a direção do norte. Escala vertical de 10,0 cm.

Sítio Figueirópolis XX. Cultura material encontrada na escavação: cerâmica simples com borda de vasilha globular restringida em forte inflexão e suave reforço junto ao lábio (Figura 95 j). Coordenadas: (21L 0321094 \ 8303335). Data: 05\12\08. Direção Norte.



A vegetação original é a savana arbórea densa ou *cerradão*, atualmente pastagem. Forma ali uma lagoa de água parada (pacoval). O sítio está distante aproximadamente 25,0 m ao oeste desta lagoa.

As dimensões relativas do sítio foram 15,0 x 10,0 m tendo seu maior eixo no sentido nordeste – sudoeste.

Foram abertos vinte poços-teste e seis sondagens.

A espessura do pacote é relativamente fina, possuindo apenas 10,0 cm de espessura abaixo de 5,0 cm de profundidade. Conta com maior densidade no nível 02 com uma média de cinquenta e dois fragmentos por nível em cada sondagem. Após o término do nível 03 o solo permanece estéril até um metro de profundidade. Na lente de ocorrência do material arqueológico os sedimentos têm coloração acinzentada e, posteriormente estéril, ocre-avermelhado.

O material arqueológico é predominantemente cerâmico com formas esféricas, planas e bordas levemente extrovertidas (segundo conjunto da Figura 88). O antiplástico é composto basicamente de vegetal carbonizado ou cariapé. A cerâmica possui um núcleo enegrecido entre tonalidades claras. O material estava disposto irregularmente, provavelmente devido à perturbação posterior do sítio.

3.1.21. Figueirópolis XXI (21L 0321649E 8303147N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXI encontra-se afastado cerca de 65,0 m da margem direita do rio (Figura 49). Implantado no topo da borda do terraço fluvial, originalmente coberto pela savana arbórea densa ou *cerradão*, atualmente pastagem. Está no interior de uma curva do rio, em área alta e plana, livre de inundação em solo argissolo vermelho eutrófico, fica cercado pelo rio em três limites.

As dimensões parciais são de 25,0 x 21,0 m em forma mais ou menos circular (Figura 50), aparentemente paralelo ao rio, no sentido norte-sul.

As intervenções contaram com vinte poços-teste e quatro sondagens, aplicados nas áreas de maior ocorrência cerâmica.

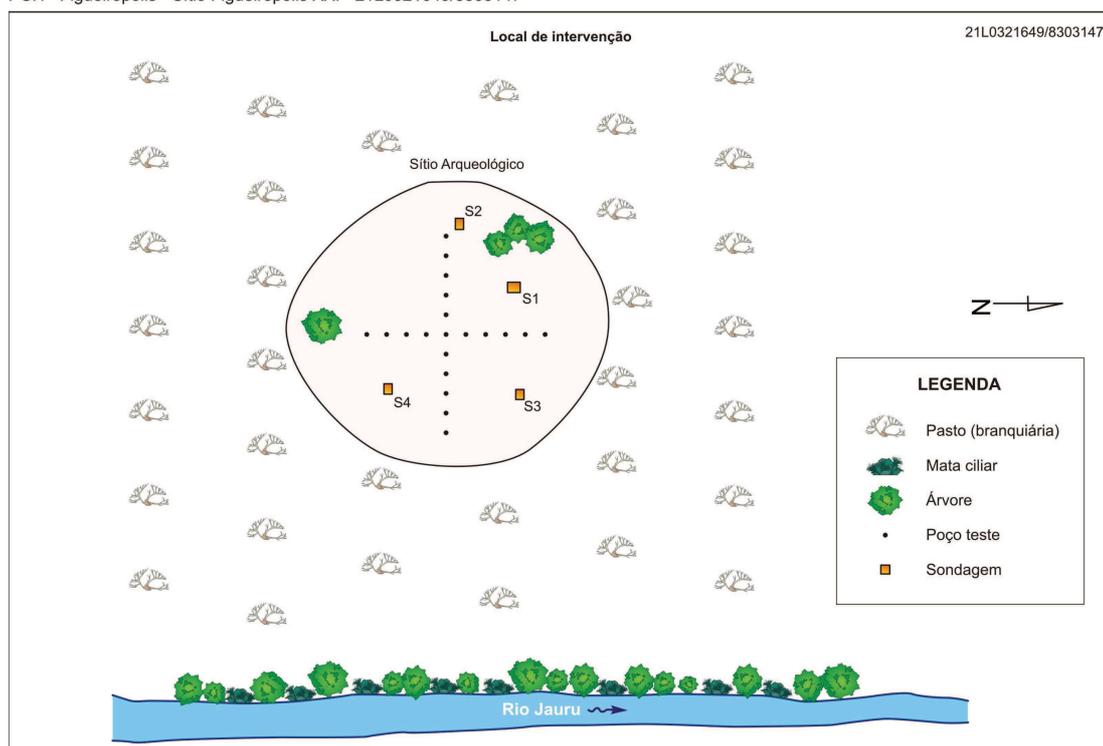


Figura 49: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXI.

Foi observado um pacote arqueológico de 20,0 cm de espessura a partir da superfície (Figura 51). Nestes primeiros 20,0 cm o solo é acinzentado, com alguma matéria orgânica, posteriormente altera para tonalidades pardacentas (tons terrosos), até tornar-se completamente estéril por volta de 40,0 cm de profundidade.

O material arqueológico é predominantemente cerâmico. Entre as peças foram observadas bordas diretas, de lábio arredondado, com apliques em forma de bico provavelmente para prensão durante o uso. Foram verificadas, também, alças e bases levemente aplanadas (Figura 94 c-f). O antiplástico é composto de vegetal carbonizado, na totalidade das peças, como cariapé e cinza vegetal. O cozimento é em atmosfera oxidante tornando a cor do núcleo enegrecida entre paredes cinza-clara.

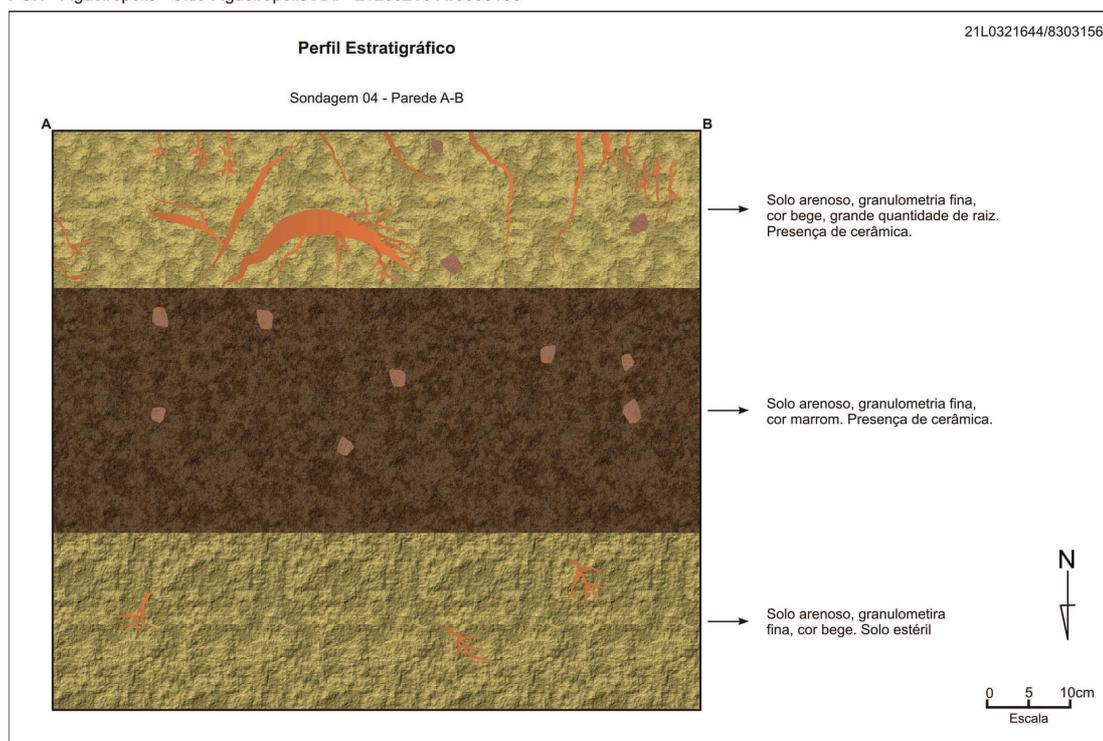
PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XXI - 21L0321649/8303147



DOCUMENTO

Figura 50: Planta baixa indicando as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXI.

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XXI - 21L0321644/8303156



DOCUMENTO

Figura 51: Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XXI.

Prancha 30 – Aspectos gerais das intervenções no sítio Figueirópolis XXI



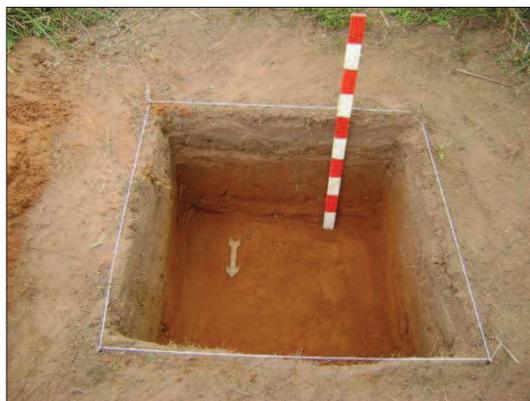
Sítio Figueirópolis XXI – Poço-teste 07 apresentou relativa grande ocorrência de cerâmica entre os níveis 02 e 03. No detalhe o auxiliar agachado revisando os sedimentos extraídos do poço. Coordenadas: (21L 0321674 \ 8303182). Data: 08\12\08. Direção Sul.

Sítio Figueirópolis XXI – Sondagem 02 – Ocorrência de fragmentos de cerâmica no nível 20-30 cm, relativa densidade de material. Coordenadas: (21L 0321642 \ 8303255). Data: 08\12\08. A seta indica a direção norte.



Sítio Figueirópolis XXI – Início da sondagem 01 – Nível 0-10 cm, limpeza da superfície do sítio e remoção da brachiaria. No detalhe o tripé que sustenta a peneira quadrada de malha 0,5 cm. Coordenadas: (21L 0321684 \ 8303202). Data: 08\12\08. Direção Leste.

Sítio Figueirópolis XXI – Sondagem 04 – Argissolo vermelho eutrófico bastante compacto e agregado. Nível 50-60 cm (Figura 51). Coordenadas: (21L 0321644 \ 8303156). Data: 08\12\08. A seta indica a direção do norte.



3.1.22. Figueirópolis XXII (21L 0321078E 8302873N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXII está localizado a 45,0 m da margem direita do rio Jauru no terraço fluvial, sobre solo argissolo vermelho-amarelo eutrófico, onde originalmente existia a savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado* (Figura 52).

As dimensões parciais do sítio são de 120,0 m de diâmetro, numa área de distribuição circular regular.

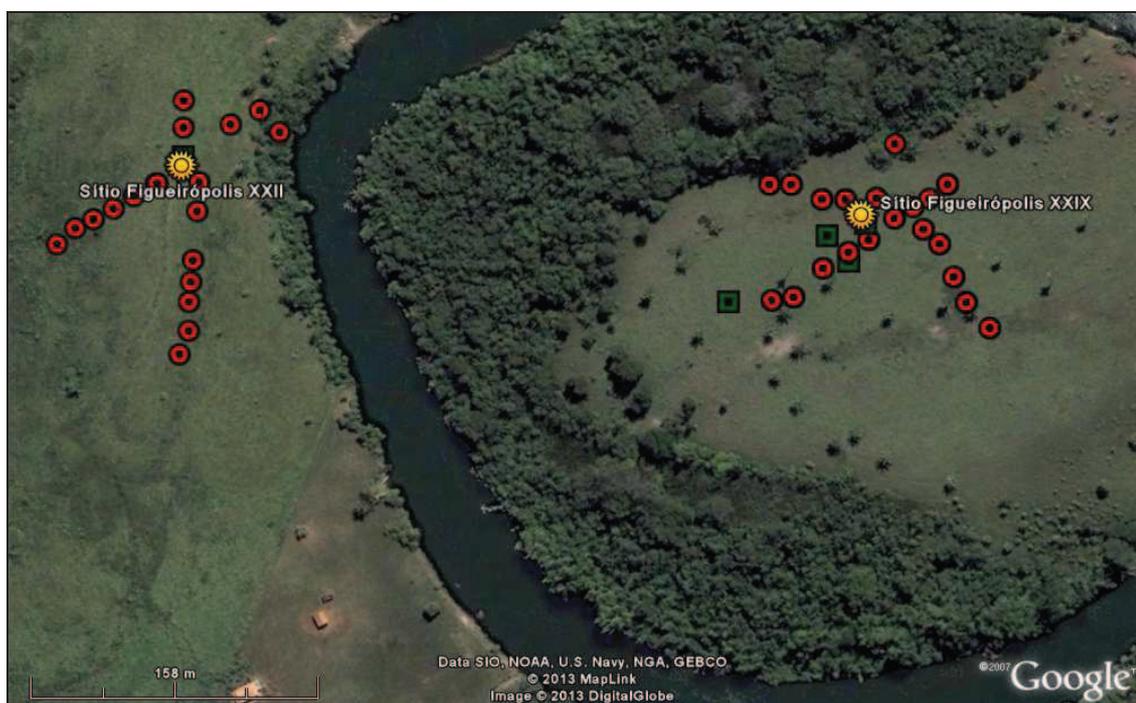


Figura 52: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXII em correlação com o Figueirópolis XXIX, margem oposta (ao lado).

As intervenções foram vinte poços-teste e quatro sondagens.

Na fina camada dos 15,0 primeiros centímetros observou-se uma distribuição heterogênea do material arqueológico a partir da superfície, num solo de tonalidade ocre-avermelhada. Abaixo apresentava sedimento raso, aflorando cascalho e rocha decomposta.

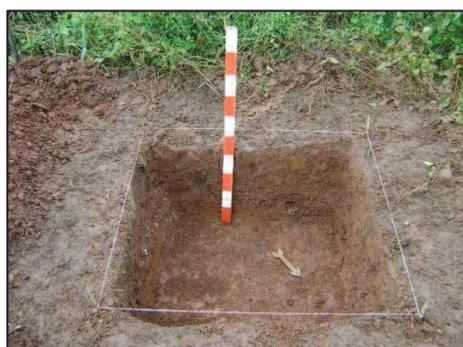
O material, predominantemente cerâmico, não estava diretamente associado à rocha decomposta apresentada no perfil estratigráfico.

Prancha 31 - Sítio Figueirópolis XXII



Sítio Figueirópolis XXII – Sondagem 02 – Perfil estratigráfico da parede (A-B) sedimento orgânico antropogênico e piçarra (rocha decomposta) abaixo. Coordenadas: (21L 0322968 \ 8299034). Data: 09\12\08. A seta indica a direção norte.

Sítio Figueirópolis XXII – Sondagem 03, durante as chuvas a vegetação rasteira torna-se viçosa e o argissolo fica bastante agregado. Coordenadas: (21L 0323054 \ 8299339). Data: 09\12\08. Direção norte.



Sítio Figueirópolis XXII – Sondagem 01, o uso do arado perturbou o material nos primeiros 10,0 cm, preservando-o abaixo disso. A alteração é representada pelos fragmentos cerâmicos perturbados na vertical e preservada pelos mesmos dispostos horizontalmente no solo. Coordenadas: (21L 0322967 \ 8299053). Data: 09\12\08. Direção sudeste. A seta indica a direção norte.

Sítio Figueirópolis XXII – A mecanização do solo e o pouco cuidado da pastagem favorecem o crescimento de vigoroso inço, conhecido como campo sujo, dificultando a visualização (vegetação). Coordenadas (21L 0321137 \ 8302983). Data: 09\12\08. Direção norte.



Sítio Figueirópolis XXII – Início da sondagem 04, diferença nítida, já na superfície, da tonalidade do solo marrom-enejecido do sítio para o avermelhado das redondezas. Coordenadas: (21L 0323061 \ 8299333). Data: 09\12\08. Direção norte.

O material cerâmico é simples, de contorno direto, não foram identificadas nem bases nem as bordas para aferir as formas, mas pelo bojo das vasilhas, são aparentemente esféricas.

3.1.23. Figueirópolis XXIII (21L 0322571E 8300730N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXIII encontra-se afastado aproximadamente 180,0 m da margem direita do rio Jauru, implantado na meia encosta elevada de colina suave (Figuras 53), num solo podzólico vermelho-amarelado, onde originalmente cobria a savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*. Existe um pequeno córrego a 260,0 m na direção norte.

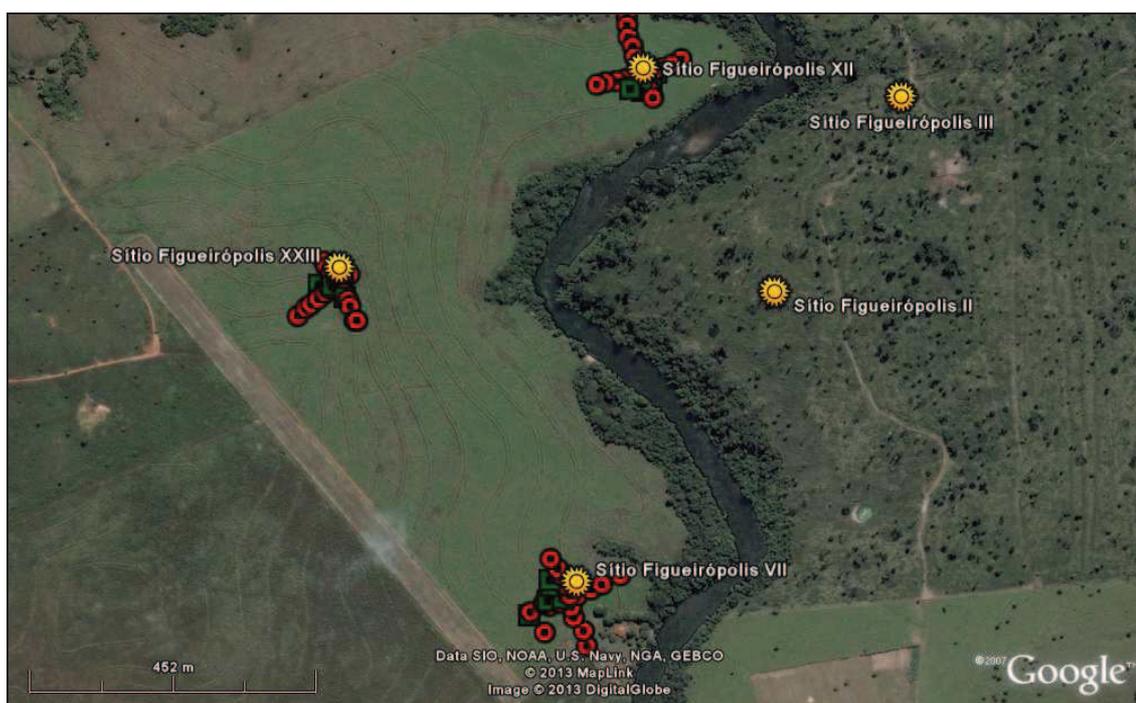


Figura 53: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXIII (abaixo). Observa-se também a relação do sítio com os vizinhos Figueirópolis VII, XII, II e III e com a pista de pouso da fazenda Figueira Branca.

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XXIII - 21L0322341/83007301

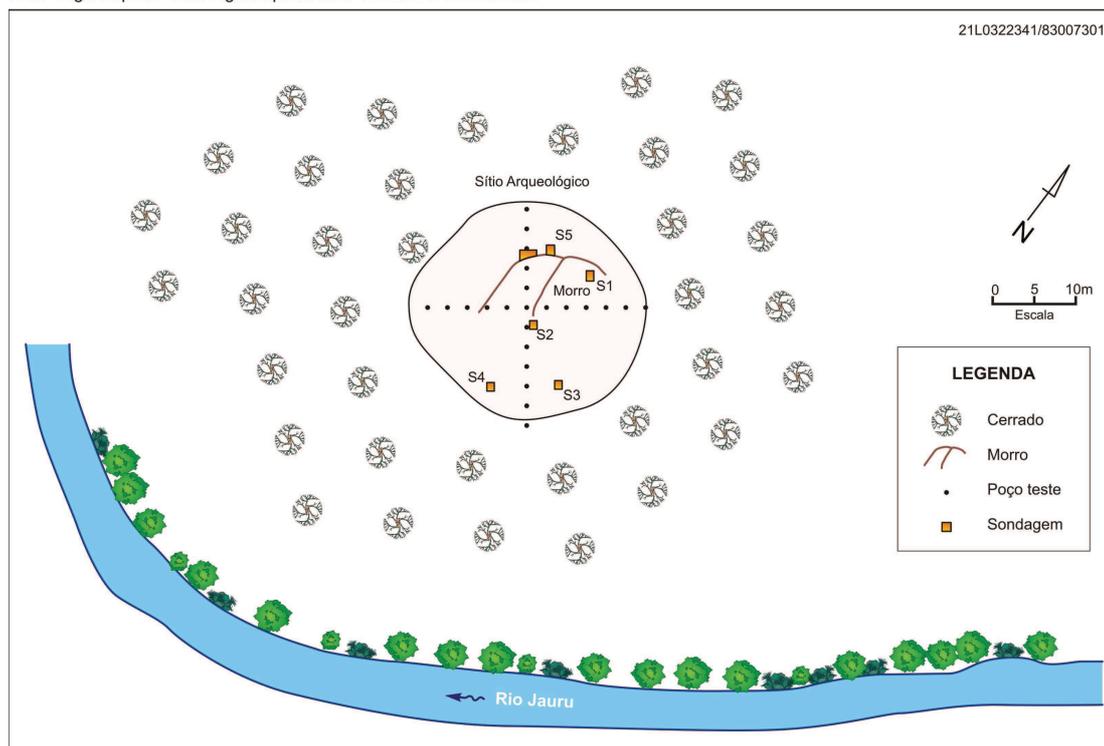


Figura 54: Planta baixa indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXIII.

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XXIII - 21L0322574/8300118

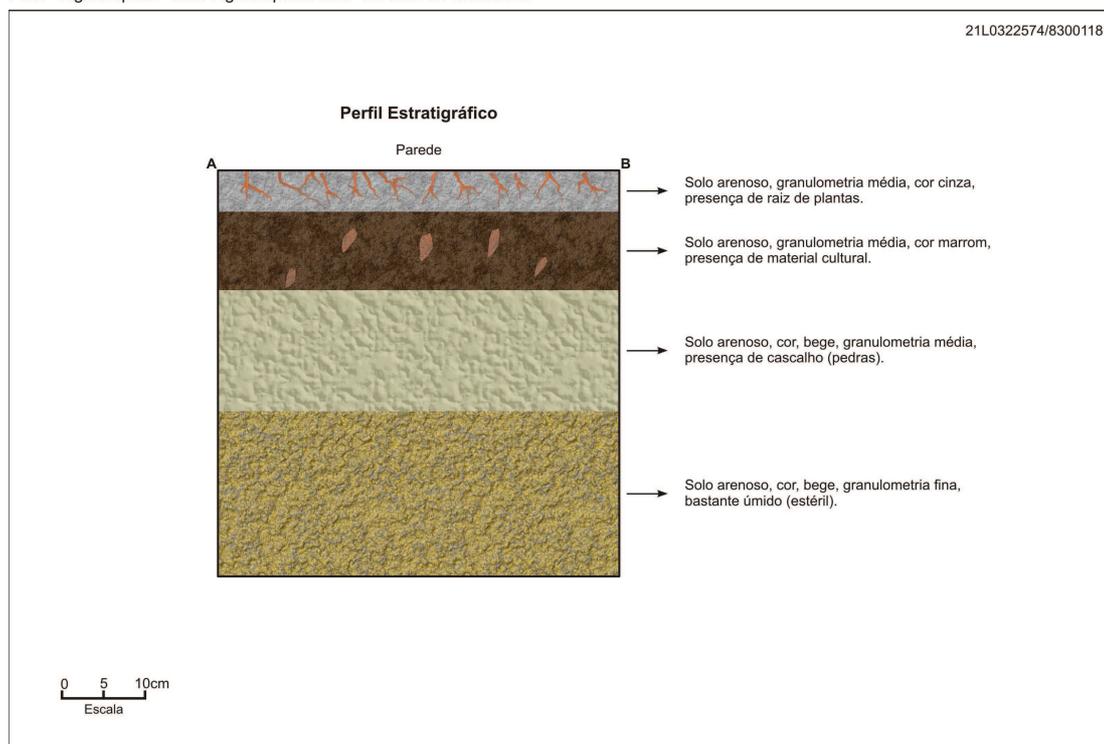


Figura 55: Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XXIII.

Prancha 32 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXIII



Sítio Figueirópolis XXIII – Sondagem 01, peneira manual e revisão dos sedimentos por nível. Coordenadas (21L 0320964 \ 8302896) Data: 11\12\08. Direção noroeste.

Sítio Figueirópolis XXIII – Fragmentos de cerâmica. Coleta Superficial na proximidade do poço-teste 04, no detalhe o sedimento seco e desagregado. Coordenadas: (21L 0322975 \ 8299070). Data: 11\12\08.



Sítio Figueirópolis XXIII – Sondagem 01, nitidamente visível no perfil estratigráfico (Figura 55) o começo da camada de ocupação abaixo dos primeiros 10,0 cm. Coordenadas: (21L 0320964 \ 8302896). Data: 11\12\08. A seta indica o norte.

As dimensões parciais são de 14,0 x 8,0 m, forma elipsoidal (Figura 54), com maior eixo no sentido sul-norte (porção sul com maior concentração cerâmica).

Foram aplicadas intervenções de vinte poços-teste e duas sondagens.

Verificou-se uma fina camada arqueológica, acinzentada, de apenas 5,0 cm de espessura a partir 10,0 cm de profundidade da superfície do solo (Figura 55).

O material arqueológico registrado é simples na maioria dos fragmentos cerâmicos (Prancha 51 b), aparentemente não decorados e de contornos verticais diretos. O antiplástico emerge das paredes e no núcleo enegrecido; é composto de cinza vegetal, cariapé e areia. As bordas e bases foram suficientes para a confecção de desenhos, inclusive algumas peças com apliques e formas de bordas diversificadas (reproduzidas na Figura 86).

3.1.24. Figueirópolis XXIV (21L 0322988E 8299001N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXIV está afastado em 50,0 m da margem direita do rio Jauru, sobre o topo da borda do terraço fluvial, livre de inundações. O solo é o argissolo vermelho-amarelo eutrófico e atualmente coberto por pastagem, a vegetação original é a savana arbórea densa ou *cerradão*. A 185,0 m ao norte existe um córrego perene tributário do Jauru que deságua após forte corredeira (Figura 56). A margem oposta, mais baixa é coberta por densa floresta aluvial.



Figura 56: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXIV.

As dimensões do sítio são de 30,0 m de diâmetro, aparentemente circular (Figura 57), observado através da distribuição homogênea do material em superfície.

O sítio sofreu a aplicação de vinte poços-teste em duas linhas perpendiculares entrecruzadas e quatro sondagens junto dos poços-testes com maior número de fragmentos resultantes.

A estrutura estratigráfica (Figura 58) é composta de uma camada de ocupação, cinza-marrom, de aproximadamente 40,0 cm a partir da superfície. O material arqueológico estava perturbado (pisoteio do gado, arado) principalmente nos sedimentos anteriores ao começo da “piçarra” ou rocha decomposta após os 50,0 cm de profundidade.

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XXIV - 21L0322961/8300417

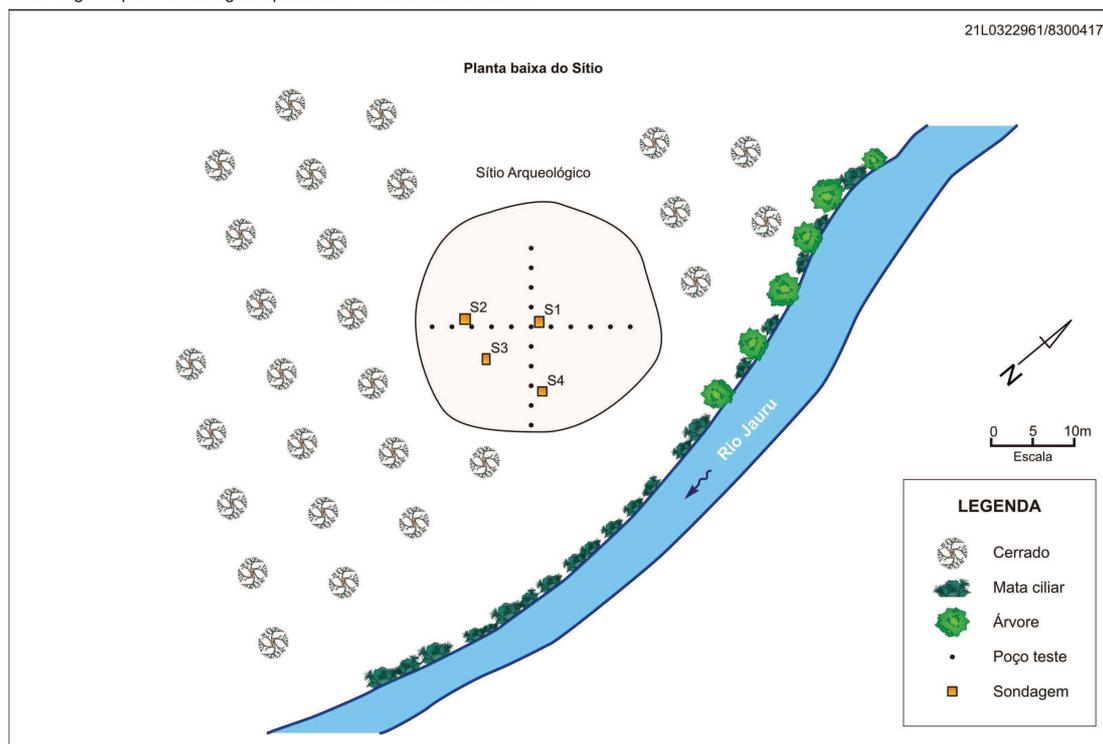


Figura 57: Planta baixa indicando as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXIV (S1 = Sondagem 01). Fonte: Empresa DOCUMENTO, 2008.

PCH - Figueirópolis - Sítio Figueirópolis XXIV - 21L0322984/8300453

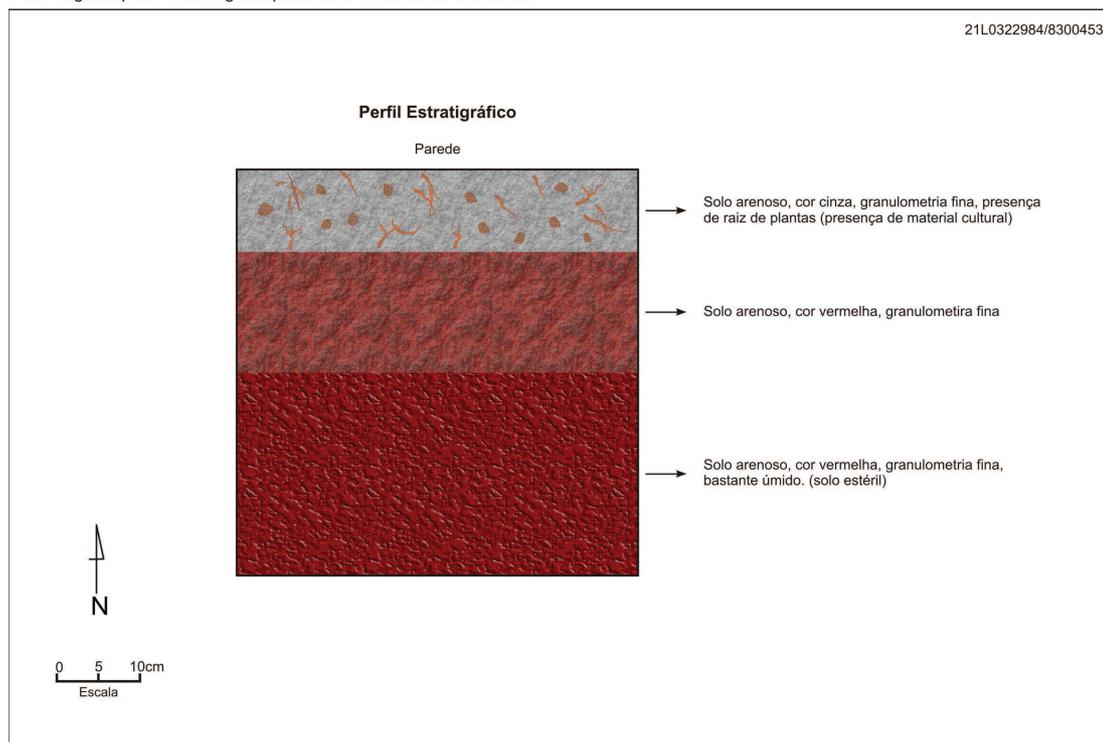


Figura 58: Perfil estratigráfico do sítio Figueirópolis XXIV. Fonte: Empresa DOCUMENTO, 2008.

Prancha 33 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXIV



Sondagem 02 (21L 0322585/8300698), abertura do nível 20-30 cm. Observa-se no detalhe a forte tonalidade marrom orgânica do solo. Dia: 12/12/2008. Sentido oeste-leste.

Sondagem 03 (21L 0321095/8302957), abertura do nível 30-40 cm. Após o começo das chuvas o solo permanece bem agregado, compacto e úmido. Mesmo assim é visível a camada de ocupação no perfil estratigráfico.



Sondagem 04 (21L 0322587/8300723), nível 40-50 cm. Foi aberta até a rocha decomposta, quando ocorre o cascalho e a piçarra. A seta indica o norte.

Material arqueológico distribuído na camada arqueológica da Sondagem 03, nível 20-20 cm. No detalhe borda de vasilha de relativa grande capacidade volumétrica, núcleo acinzentado e antiplástico vegetal carbonizado (reconstituída na Figura 94 j). Escala 5,0 cm. A seta indica o norte.



O material cerâmico, bastante fragmentado, parece ter sido pisoteado pelo gado por tempo considerável. Alguns fragmentos reconstituídos indicam bordas infletidas, extrovertidas e cilíndricas de relativa média e grande capacidade volumétrica (entre 3,5 e 12,0 litros). As formas observadas são a meia-calota e as semi-esféricas (Figura 94 a-f). O material lítico não foi observado.

3.1.25. Figueirópolis XXV (21L 0322417E 8302094N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXV encontra-se entre 40,0 e 60,0 m da margem esquerda do rio Jauru, de frente a uma forte corredeira do rio (e praia Figura 59), sobre o topo da borda do terraço fluvial. O solo é o argissolo vermelho eutrófico com a capa argilosa superficial fina, com apenas 20,0 cm de espessura, sendo o restante de rocha decomposta, coberto originalmente por savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*, atualmente pastagem. Existe um córrego permanente a 120,0 m a sudeste, que cerca o sítio e deságua 220,0 m abaixo da citada corredeira.

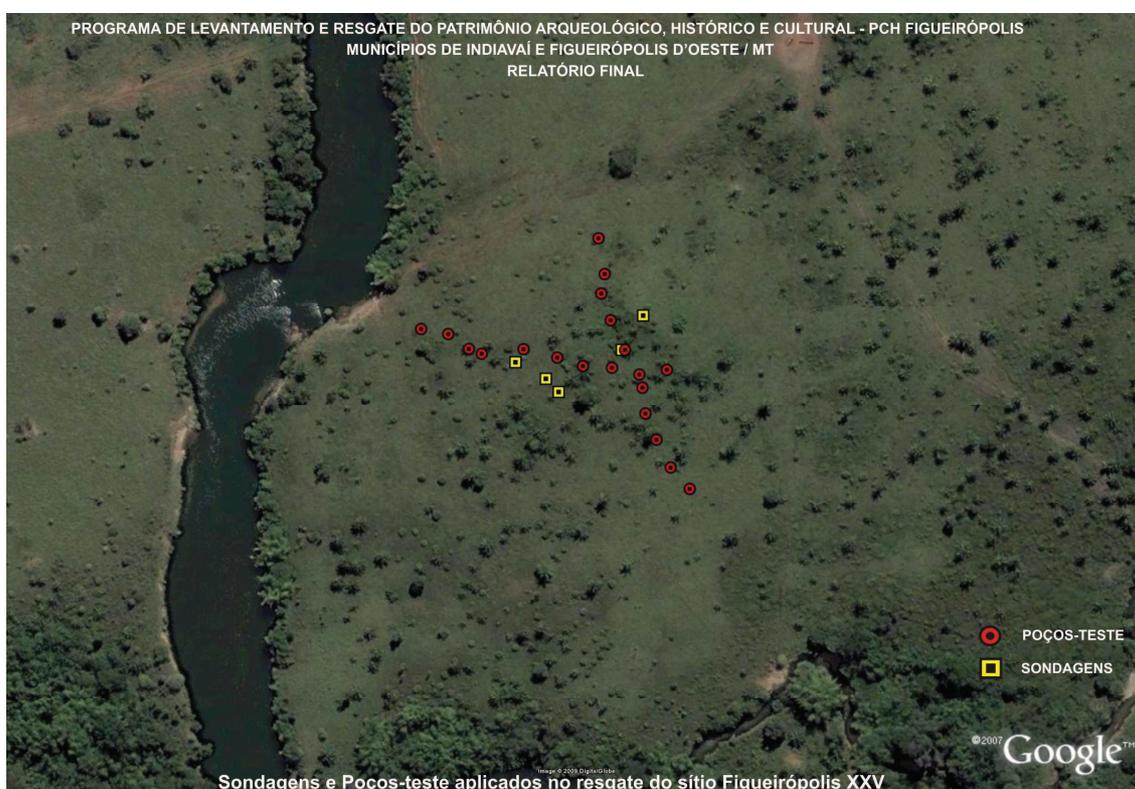


Figura 59: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções arqueológicas e a distribuição do material no sítio Figueirópolis XXV.

As dimensões do sítio estão entre 20,0 x 15 m, na forma elipsoidal, com o maior eixo diagonalmente oposto ao rio.

Foram aplicados vinte poços-teste e cinco sondagens.

As intervenções indicam uma distribuição regular do material cerâmico, predominante, tanto em superfície como em profundidade. O pacote arqueológico possui uma espessura de no máximo 15,0 cm a partir da superfície. Na lente de ocupação a tonalidade do solo permanece pardacento-avermelhada, alterando para vermelho-esbranquiçado nos níveis próximos a rocha.

O material arqueológico cerâmico é composto de fragmentos que estariam representando vasilhas globulares de bordas inflectidas e diretas. As bases não possuíam tamanhos suficientes para o desenho. O material está bastante fragmentado pelo pisoteio do gado. A espessura dos fragmentos oscila entre 0,6 e 1,1 cm, predominando 0,9 cm de espessura. A tonalidade do núcleo das peças é freqüentemente mais negra, entre paredes acinzentadas, provavelmente devido à queima oxidante.

Prancha 34 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXV



Poço-teste 04, profundidade de 1,6 m, ausência de material arqueológico. No detalhe um dos auxiliares de campo (Marcelo), usando luvas, revisa o sedimento do nível 04 e outro (Sapo) mede a profundidade da intervenção.

Paisagem e aspecto das escavações das Sondagens 01 e 02. Montagem das peneiras tripé e escolha das áreas para intervenção. As escavações foram acompanhadas individualmente por arqueólogos, ao fundo por Rodrigo Germano Fonseca (FURG) e a frente por Cassiano Bervig (CEON-UNOCHAPECÓ).



Sondagem 04, nível 10-20 cm, distribuição do material arqueológico na quadrícula. O sedimento dos primeiros níveis é desagregado e maleável. No detalhe observam-se as estacas de metal com a ponta pintada de branco e o uso do barbante de algodão branco para limite da quadrícula. Escala de 5,0 cm. A seta indica o norte.

Sondagem 05, nível 30-40 cm, ausência de material arqueológico. As sondagens completamente estéreis eram limpas, niveladas e fotografadas (foto inserida aqui como exemplo). Sentido sudeste – noroeste.



3.1.26. Figueirópolis XXVI (21L 0322390E 8302467N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXVI localiza-se sobre a elevação da meia encosta afastada 290,0 m da margem esquerda do rio. O solo é o podzólico vermelho-amarelo distrófico, com alguns afloramentos de granitóides desagregados. O córrego está a 450,0 m ao norte. A cobertura vegetal é a savana arbórea aberta de galeria (cerrado) e, atualmente, é pastagem (Figura 60).

O sítio mede aproximadamente 15,0 x 10,0 m, com a forma aparentemente elíptica.

Durante a prospecção visual de superfície foram encontrados fragmentos cerâmicos de grandes proporções, mas com a posterior aplicação dos nove poços-teste e de uma única sondagem observou-se, efetivamente, a raridade do material arqueológico.



Figura 60: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material, encontrado na trilha do gado que leva ao coxo de sal, no sítio Figueirópolis XXVI.

Prancha 35 – Aspecto das intervenções no sítio Figueirópolis XXVI



Aspectos gerais da escavação da Sondagem 01 (21L 0320964/8302896), nível (0-10 cm). Ao fundo a paisagem composta pelas pastagens e palmeiras bacuris.

Material arqueológico recolhido na coleta de superfície, setor sudeste (21L 0321010 / 8302901). Fragmentos de vasilhas com grande capacidade volumétrica. Sítio Figueirópolis XXVI



Sondagem 02 (21L 0325909/8302883), abertura do nível 10-20 cm. Sedimento cuidadosamente nivelado usando-se pá reta, enxada e colher de pedreiro. Direção sul – norte.

Fragmentos cerâmicos distribuídos no nível 0-10 cm, Sondagem 03 (21L 0321099 / 8302881). Escala de 1,0 m (10,0 em 10,0 cm). Direção: sul – norte.



Praticamente não possuía espessura estratigráfica; o sítio é basicamente superficial. O material cerâmico está distribuído irregularmente na superfície, numa forma aparentemente circular.

Apenas dois fragmentos cerâmicos de bordas apresentavam o tamanho suficiente para ser desenhado, que resultaram em vasilha aberta e tigela rasa. O restante não representava formas, somente lembravam o contorno direto, com borda suavemente extrovertida. Os fragmentos também não indicavam decoração e o antiplástico é semelhante ao anterior, ou seja, cariapé ou cinza vegetal carbonizada.

3.1.27. Figueirópolis XXVII (21L 0322183E 8302400N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXVII está implantado a 165,0 da margem direita do rio, sobre elevação de meia encosta, junto à vertente. O solo é podzólico vermelho distrófico e a cobertura original é a savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*. Afastado 30,0 m ao norte existe um pequeno córrego (vertente) permanente, com praias de seixos quartzíticos (Figura 61; Prancha 36).

O sítio mede aproximadamente 13,0 m de diâmetro, aparentemente circular.



Figura 61: Imagem do Google indicando a implantação e a distribuição do material arqueológico em superfície no sítio Figueirópolis XXVII.

Prancha 36 – Sítio Figueirópolis XXVII

Vista geral do sítio Figueirópolis XXVII. A 30,0 m ao fundo observa-se o córrego que deságua no rio Jauru após 165,0 m.



Intervenção de poço-teste no sítio Figueirópolis XXVII. Tipo de solo podzólico vermelho-amarelado.

Foram aplicados dezessete poços-teste.

Durante a aplicação dos poços-teste ficou evidente que se tratava de uma ocorrência de material arqueológico em superfície (Figura 62). Não foram aplicadas mais intervenções.

A ocorrência da cultura material é superficial.

Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXVII

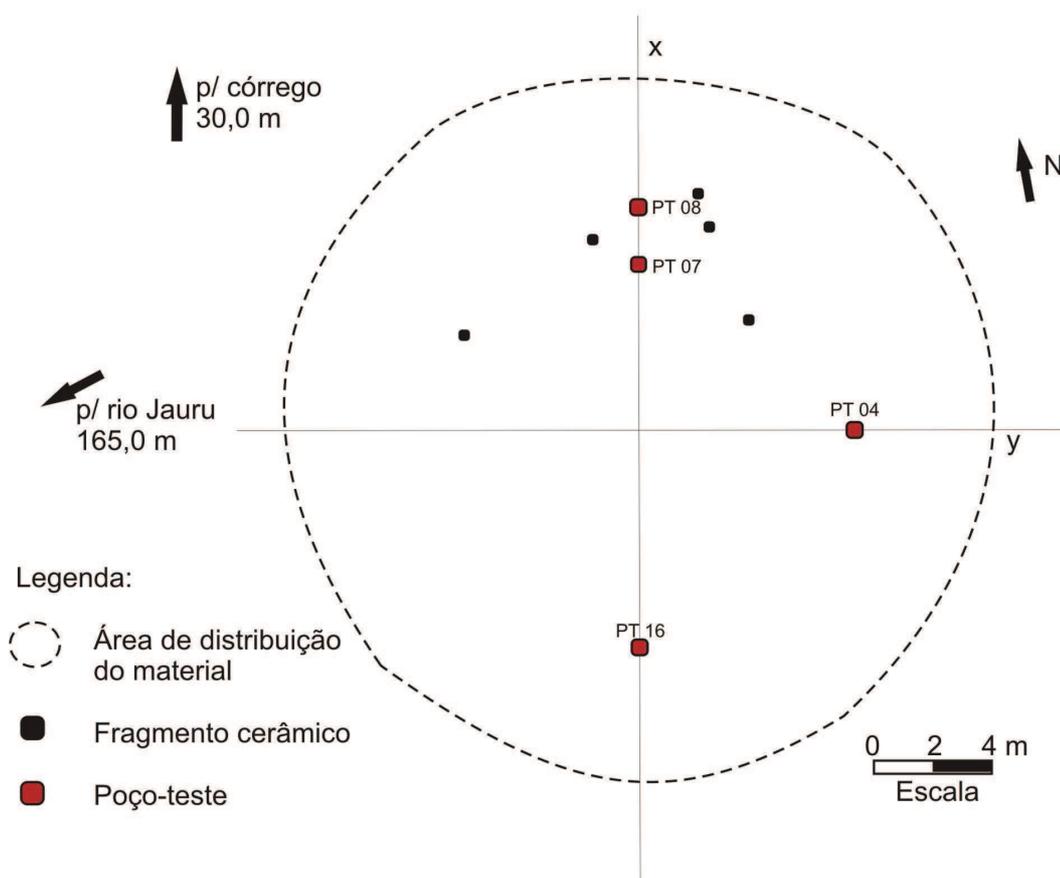


Figura 62: Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXVII.

O material é composto de fragmentos cerâmicos, com antiplástico de areia e vegetal, misturados, com queima oxidante. As formas dos dois contornos simples observados são a meia-esfera.

3.1.28. Figueirópolis XXVIII (21L 0321945E 8302633N)

O sítio Figueirópolis XXVIII está implantado a 310,0 m da margem esquerda, no plano topo de meia encosta, o solo é o podzólico vermelho-amarelo e a vegetação

original é a savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*. Existe um córrego permanente a 60,0 m ao sul (Figura 63; Prancha 37).



Figura 63: Imagem do Google indicando a implantação e a distribuição do material arqueológico em superfície no sítio Figueirópolis XXVIII círculo vermelho.

Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXVIII

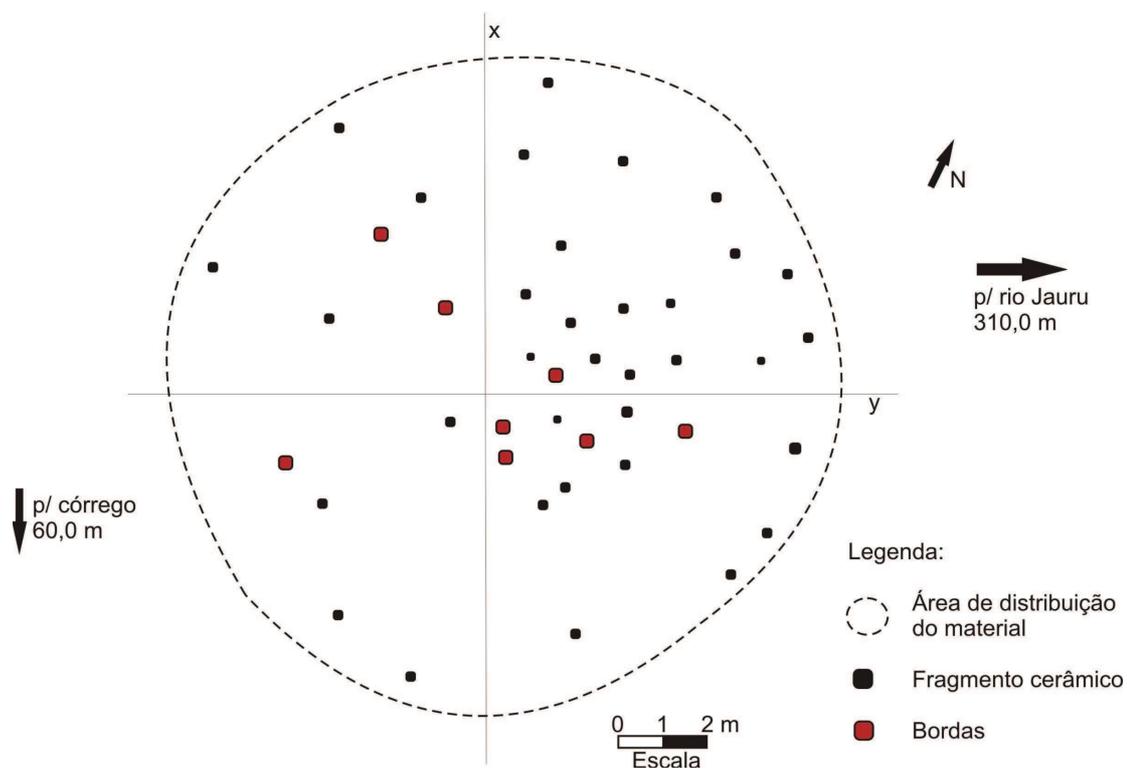


Figura 64: Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXVIII.

Prancha 37 – Sítio Figueirópolis XXVIII



Vista geral do sítio Figueirópolis XXVIII. Intervenção por poços-teste no centro da área de dispersão cerâmica.



Fragmento cerâmico com fratura recente pelo pisoteio do gado, detalhe da cinza e areão como antiplástico, superfície do sítio Figueirópolis XXVIII.

As dimensões parciais foram de 15,0 m de diâmetro, aparentemente circular, atribuído pela distribuição homogênea e regular do material (Figura 64).

Foram abertos nove poços-teste que resultaram estéreis.

Superficial.

O material coletado na superfície é cerâmico, pouco expressivo, com antiplástico vegetal e arenoso. As peças indicam formas levemente planas e meias-calota.

3.1.29. Figueirópolis XXIX (21L 0321495E 8302931N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXIX encontra-se a 40,0 m da margem esquerda do rio Jauru e está localizado sobre o neossolo quartzarênico arenoso numa suave elevação da planície aluvial. Situado no interior da curva do rio (Figura 65), área mais alta e plana. A vegetação original é a savana arbórea densa ou *cerradão*. A 65,0 m ao nordeste encontra-se uma praia em frente a uma corredeira.

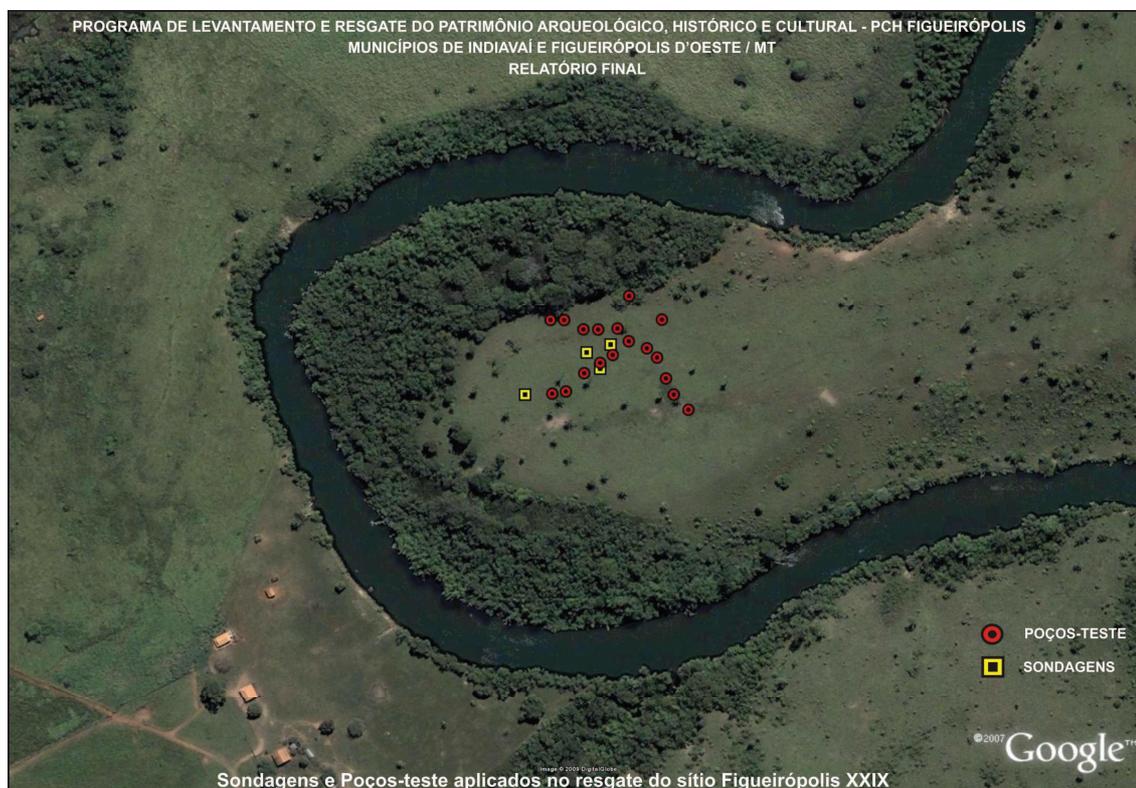


Figura 65: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XXIX.

Prancha 38 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXIX



Aspecto das escavações da Sondagem 01 e paisagem ao fundo observa-se a mata ciliar do rio Jauru. Na superfície foram identificadas concentrações de material cerâmico que indicaram as áreas de intervenção.

Sondagem 01, nível 20-30 cm, distribuição do material arqueológico em superfície. No detalhe o GPS Garmin e-Trex usado para o registro e a seta indicando o norte.



Sondagem 05, nível 30-40 cm, Junto à parede (d-a) foi registrada uma lâmina de machado polida em diorito cinza (Prancha 47) associada diretamente à cerâmica do mesmo nível.

Fragmentos cerâmicos componente da Sondagem 03, nível 40-50 cm, interior da camada de ocupação, solo arenoso e oxidado. Observa-se no detalhe que se trata de duas bordas uma delas extrovertida e a outra infletida.



O sítio apresentou um diâmetro de aproximadamente 35,0 m, forma circular.

As intervenções restringiram-se à aplicação de dezoito poços-teste, quatro sondagens e uma área de escavação ampla de 3,0 x 3,0 m.

O pacote arqueológico bastante representativo possui a espessura de 30,0 cm. O material cerâmico ocorre a partir do segundo nível artificial, em solo arenoso acinzentado e permanece estéril após 50,0 cm de profundidade.

O material cerâmico abundante, em superfície e em profundidade, apresentou fragmentos de bordas e bases que puderam ser reconstituídas em desenhos. A maioria mostrava formas globulares com bordas com acentuada inflexão extrovertida (Figura 95 g-j). As formas predominantes são as semi-esféricas (Figura 95 o-r; terceiro conjunto da Figura 86). Algumas bases planas destoavam entre as demais arredondadas. Ocorreu uma lâmina de machado polida em diorito cinza, petalóide e com gume para preensão, no nível 30-40 cm.

3.1.30. Figueirópolis XXX (21L 0320967E 8302884N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXX encontra-se afastado 270,0 m da margem esquerda do rio (Figura 66; Prancha 39).



Figura 66: Imagem do Google indicando a implantação e a distribuição do material arqueológico em superfície no sítio Figueirópolis XXX.

Prancha 39 – Sítio Figueirópolis XXX



Vista geral do sítio Figueirópolis XXX. Intervenção por poços-teste no centro da área de dispersão cerâmica.



Poço-teste 04, aplicado no centro de dispersão cerâmica do sítio Figueirópolis XXX. Estéril e sem indicativo de camada arqueológica.

Estende-se sobre o solo podzólico vermelho distrófico, coberto de vegetação original de savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado*. Está numa suave elevação da meia encosta, distante 30,0 m de pequena vertente perene.

As dimensões do sítio são de 15,0 x 10,0 m; o material se encontrava distribuído irregularmente na superfície (Figura 67).

Foram aplicados oito poços-teste.

Não foi observada profundidade estratigráfica, o material coletado estava em superfície.

Foram recolhidos poucos fragmentos cerâmicos, alisados simples, da superfície do sítio, destes não foi possível identificar as formas, somente o antiplástico que é areia misturada com fibras vegetais.

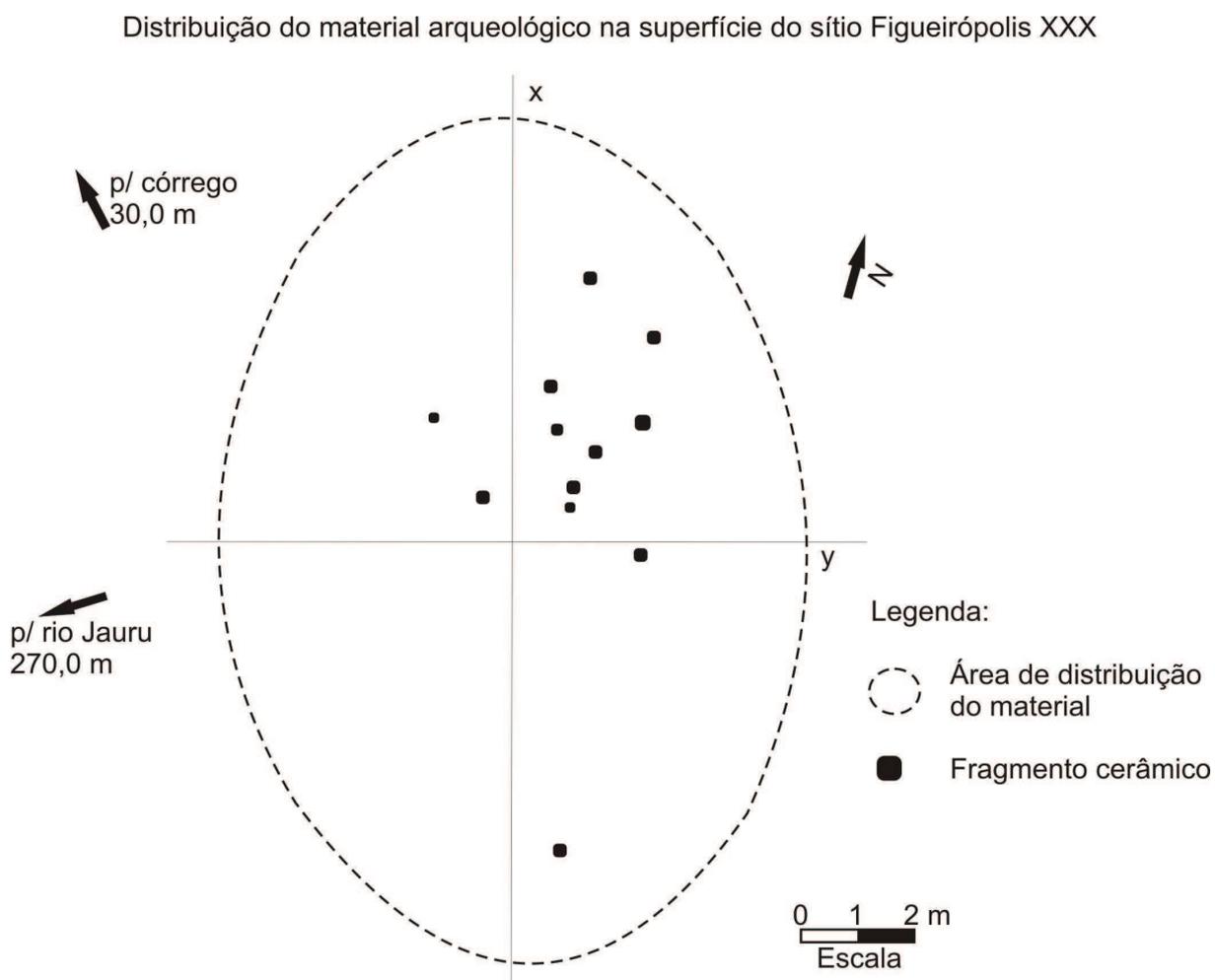


Figura 67: Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXX.

3.1.31. Figueirópolis XXXI (21L 0321331E 8303228N)

O sítio arqueológico cerâmico Figueirópolis XXXI encontra-se afastado a 180,0 m na direção sudoeste da margem direita, no interior de uma acentuada curva do rio Jauru (Figura 68). Situado nos limites da Fazenda São Francisco, o solo é argissolo vermelho-amarelo eutrófico, e está na elevação do terraço fluvial, topo do interflúvio tabular, coberto originalmente por savana arbórea densa ou *cerradão*.

Foi possível observar dimensões, na forma elipsoidal, de aproximadamente 15,0 x 12,0 m.

As intervenções foram aplicadas nas áreas de distribuição homogênea de material arqueológico, resultando em vinte poços-teste e quatro sondagens.

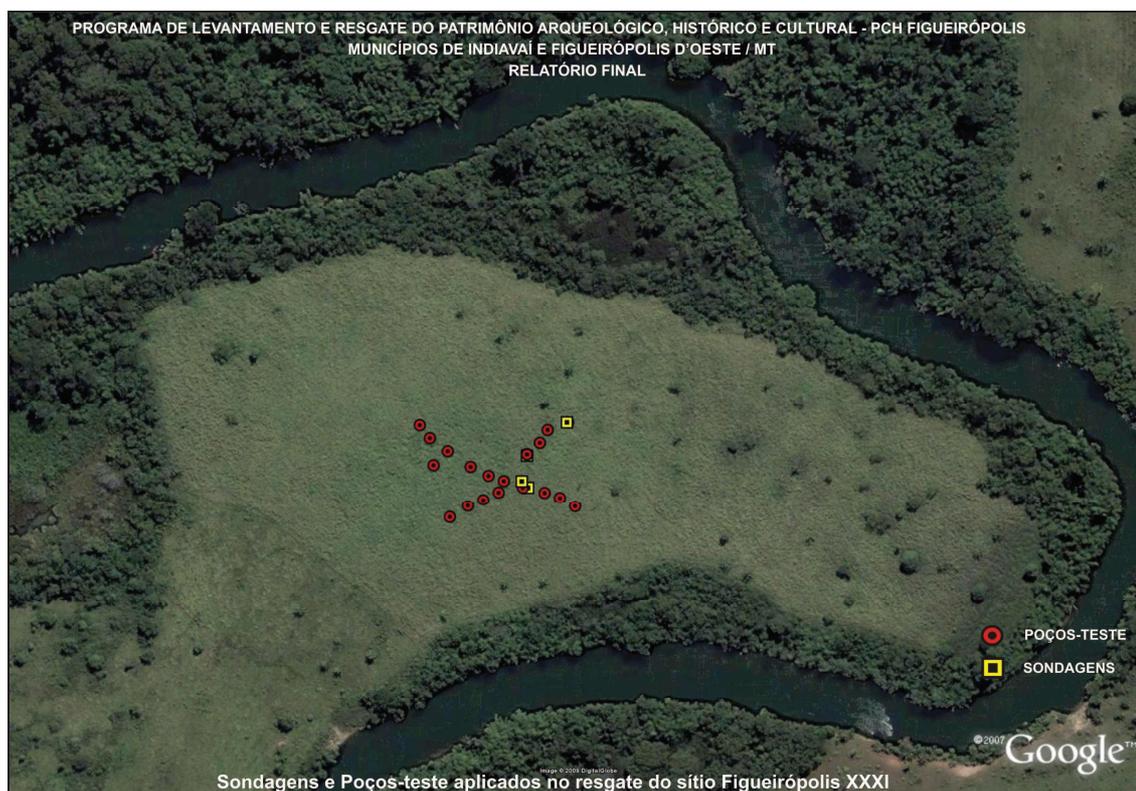


Figura 68: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XXXI.

Prancha 40 – Aspectos gerais do Sítio Figueirópolis XXXI



Vista geral da aplicação do poço-teste 09 (21L 0321360/8303217), alcançou 1,3 m de profundidade. Observa-se ao fundo a floresta aluvial do rio Jauru e ao redor algumas arvores do campo cerrado. Foi realizada uma breve coleta superficial em torno de cada intervenção. Direção leste-oeste. Dia 11/12/2008.

Sondagem 01 (21L 0321330/8303230), abertura do nível 0-10 cm, direção sudoeste – nordeste. Observa-se a tonalidade enegrecida da composição orgânica e antropogênica dos sedimentos. No detalhe: peneira tripé e o auxiliar agachado raspando com a colher de pedreiro.



Fragmentos cerâmicos extraídos do poço-teste 15 (21L 0321261/8303192), nível 20-40 cm. Alcançou 1,5 m de profundidade até a rocha decomposta ou piçarra.

Sondagem 03 (21L 0321334/8303250), nível 0-10 cm, fragmentos cerâmicos distribuídos no interior do nível. Ocorre densa concentração cerâmica nos primeiros dois níveis. A seta indica o norte. Escala de 5,0 cm. Dia 11/12/2008.



A estratigrafia é pouco espessa, possuindo 10,0 cm de solo superficial com fragmentos remexidos e 5,0 cm inferiores de uma camada de coloração cinza escura onde está concentrado o material. O solo é estéril abaixo dos 20,0 cm de profundidade.

O material arqueológico é predominantemente cerâmico. Ocorreu uma asa/aplique decorada provavelmente para prensão (Figura 74 e). O restante não é alisado simples, com bordas verticais e suave inflexão externa. A maioria reforçada externamente.

3.1.32. Figueirópolis XXXII (21L 0319498E 8305426N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXXII (Pantaleão II) está implantado na planície de inundação entre a margem esquerda do córrego Vermelho (distante 45,0 m) e a margem esquerda do rio Juru, interior da fazenda São Francisco, distante 20,0 m da linha d'água (Figura 69). Está sobre neossolo quartzarênico (arenoso branco/quaternário), com cobertura original da floresta aluvial.

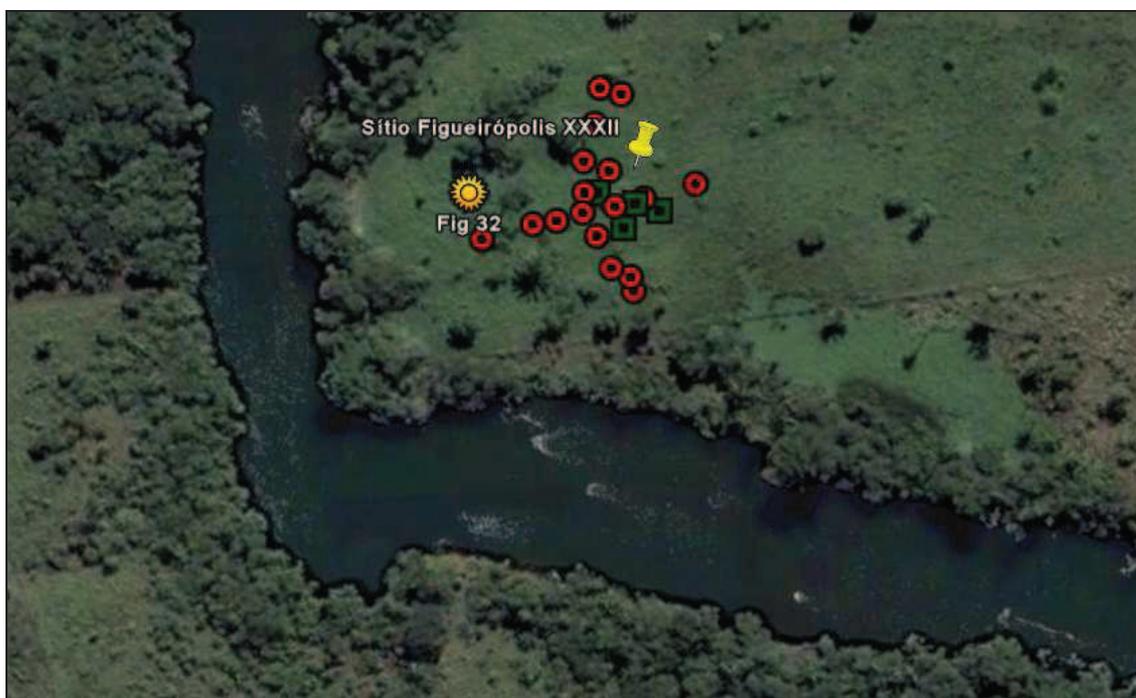


Figura 69: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XXXII.

Prancha 41 – Escavações no Sítio Figueirópolis XXXII



Sítio Figueirópolis XXXII – Área de escavação 01, aprofundamento em primeiro plano da sondagem 04. Coordenadas (21L0330894\8286240). Data: 23\10\08. Direção sul.

Sítio Figueirópolis XXXII – Área de escavação 01, aprofundamento da trincheira junto à parede c-d e nivelamento da sondagem 05 no nível 70-80 cm. Coordenadas (21L0330894\8286240). Data 23\10\08. Direção leste.



Sítio Figueirópolis XXXII – Área de escavação 01, aspectos gerais da escavação e decapagem individual por quadricula. Coordenadas: (21L0330894\8286240). Data: 24\10\08.

Sítio Figueirópolis XXXII – Área de escavação 02 – Vaso pequeno de cerâmica em meia-calota, pintado internamente de vermelho. Nessa mesma concentração foi encontrado um peso de fuso e um pingente em cerâmica. Coordenadas (21L 0330894 \ 8286240).



Sítio Figueirópolis XXXII – Área de escavação 01 mostrando a localização do sepultamento no solo, região que foi completamente aprofundada para evidenciação do mesmo. Coordenadas: (21L 0330894 \ 8286240). Direção norte-sul.

As dimensões, tomadas a partir do resultado das intervenções, sugere uma área de 45,0 m de diâmetro, circular, onde o material ocorre homoganeamente na superfície e em profundidade.

Foram aplicados dezoito poços-teste e cinco sondagens. Na sondagem quatro foi ampliada a área de escavação para 3,0 x 3,0 m (Prancha 41), devido à localização dos ossos humanos que indicaram um sepultamento. A estrutura estratigráfica é de aproximadamente 45,0 cm a partir da superfície do solo. Nos níveis 01 e 02 os artefatos estão mais concentrados.

O material arqueológico é o cerâmico, com exceção do polidor. Representam vasilhas globulares de reduzidas capacidades volumétricas, algumas com bordas infletidas e alças (Figura 84). As bases são arredondadas e o antiplástico é arenoso, composto de grãos angulares de quartzo e mica. Neste mesmo sítio ainda foram encontrados um peso de fuso (Figura 74 a; Prancha 49), um pingente de cerâmica (Figura 74 b; Prancha 50) e um dente de ruminante artiodactyla (veado? Prancha 50 b).

3.1.33. Figueirópolis XXXIII (21L 0319854E 8305800N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXXIII (Pantaleão I) dista 400,0 m ao norte do sítio anterior e da margem esquerda do rio Jauru, no elevado interflúvio tabular entre dois córregos, afastado 25,0 m de cada, na planície de inundação. O solo é neossolo quartzarênico (arenoso/Quaternário), coberto por floresta aluvial (Figura 70).

As dimensões parciais são de 12,0 x 9,0 m aparentemente circular.

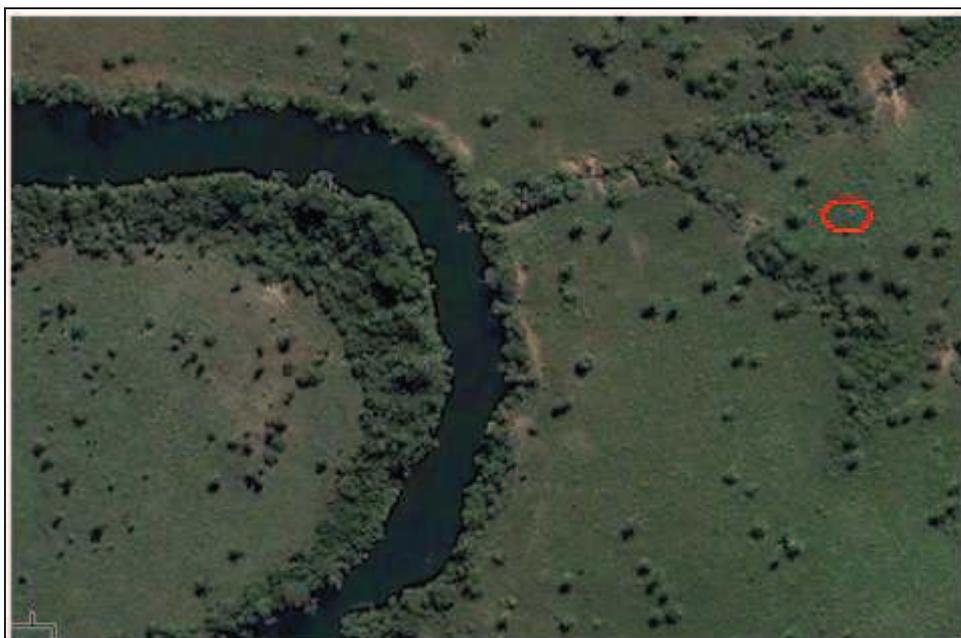


Figura 70: Imagem do Google indicando a implantação e a distribuição do material arqueológico em superfície no sítio Figueirópolis XXXIII.

Foram aplicados dezoito poços-teste (Prancha 42) e cinco sondagens, destes apenas dois poços-teste e quatro sondagens resultaram em cultura material (Figura 71).

Trata-se de uma fina camada arqueológica, com no máximo 20,0 cm de espessura a partir da superfície (Prancha 42), com a mesma tonalidade do solo natural.

Os fragmentos de superfície são simples, sem bordas ou bases aparentes.

Prancha 42 – Sítio Figueirópolis XXXIII



Vista geral do sítio Figueirópolis XXXIII e intervenção por poços-teste no centro da área de dispersão cerâmica. Distante ao fundo a floresta aluvial do interflúvio tabular.



Conjunto de fragmentos cerâmicos coletados em superfície no sítio Figueirópolis XXXIII. No detalhe uma base plana e um rolete.

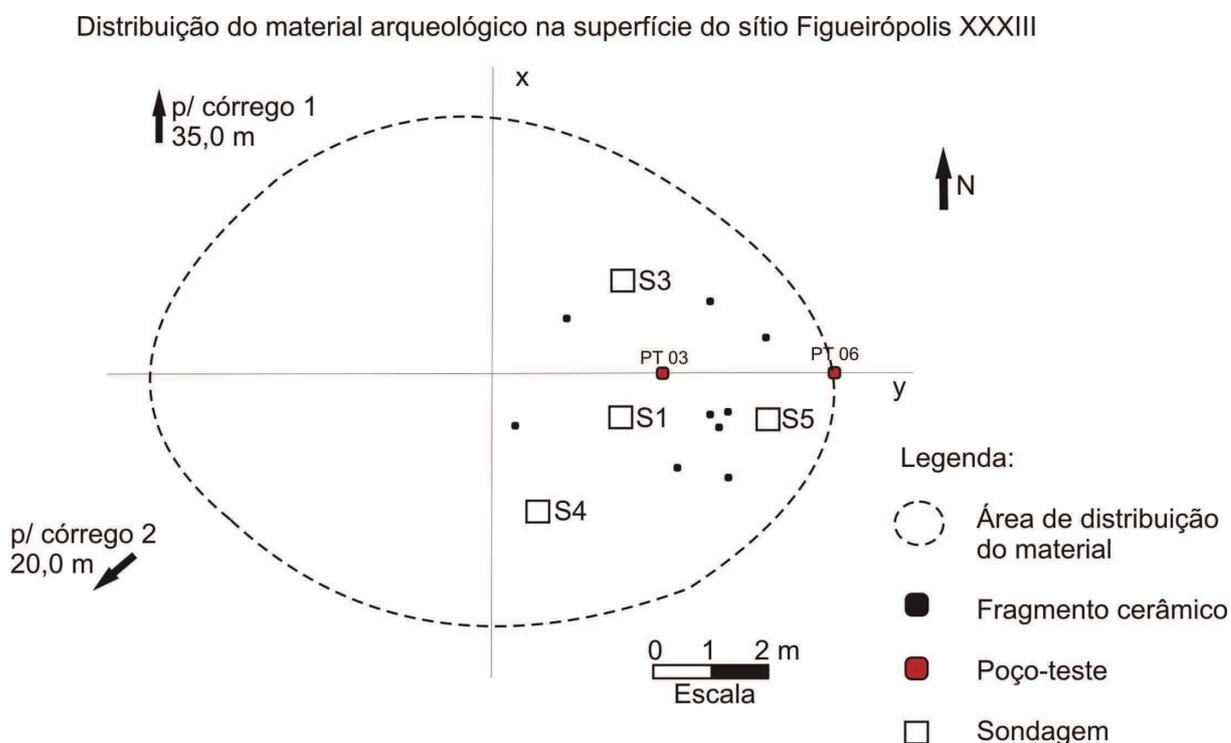


Figura 71: Distribuição do material arqueológico na superfície do sítio Figueirópolis XXXIII.

3.1.34. Figueirópolis XXXIV (21L 0317593E 8306249N)

O sítio arqueológico Figueirópolis XXXIV encontra-se no interior da fazenda Araçatuba, de propriedade do Sr. Aldo Vieira, afastado a 50,0 m da margem direita do rio Jauru. Está sobre o topo da borda do terraço fluvial próximo do desnível para a planície de inundação. Trata-se de uma porção mais alta e seca. O solo é argissolo vermelho-amarelo eutrófico, não inundável; a cobertura vegetal é mista entre a floresta aluvial e a savana arbórea densa ou *cerradão* (Figura 72).

As dimensões, verificadas através das intervenções, indicam forma elíptica de 24,0 x 17,0 m, tendo o maior eixo paralelo à borda do terraço e da linha d'água do rio.

Foram aplicados, na área de dispersão da cerâmica em superfície, vinte poços-teste e nove sondagens, além de uma trincheira de 0,50 x 3,0 m a partir da sondagem 05 (Prancha 43).

A espessura estratigráfica é de 20,0 cm abaixo de 5,0 cm do sedimento estéril a partir da superfície. O material se encontra mais concentrado no nível 02.

O material é composto de fragmentos cerâmicos, que representam grandes vasilhames com bordas extrovertidas e infletidas, bases arredondadas e bojos globulares. O antiplástico é composto de cinza vegetal.

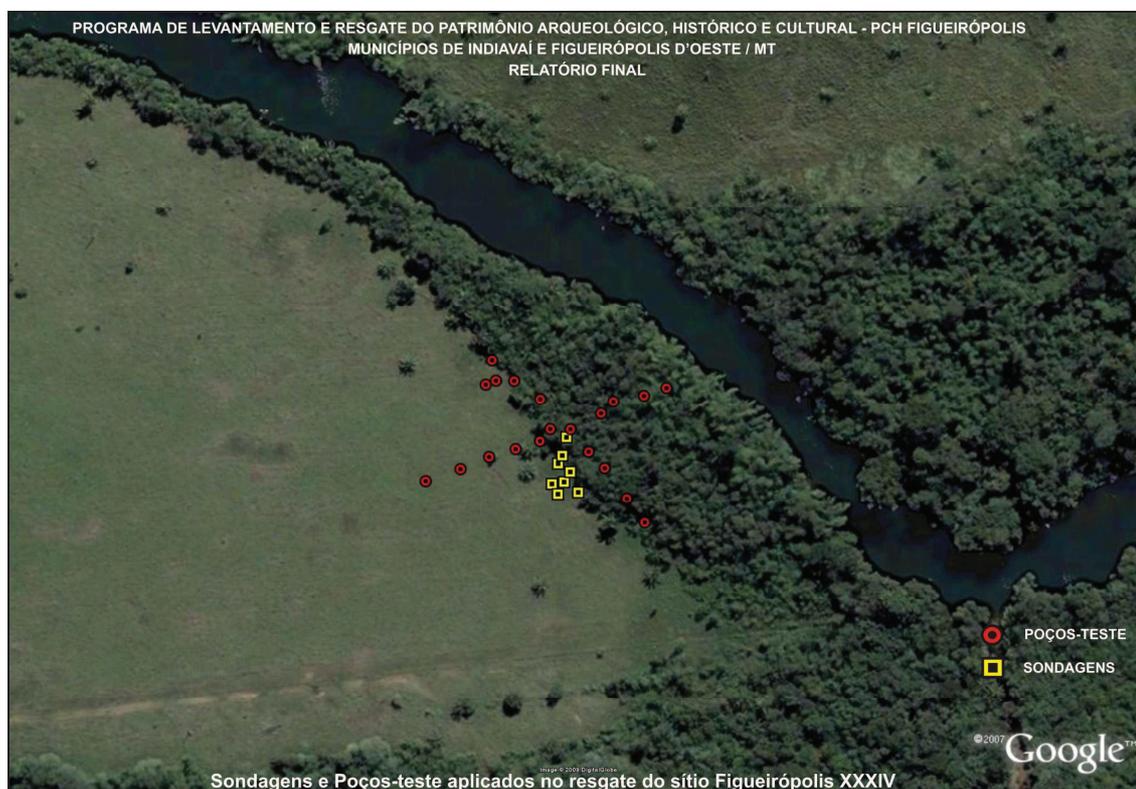


Figura 72: Imagem do Google indicando a implantação, as intervenções e a distribuição do material arqueológico no sítio Figueirópolis XXXIV.

Prancha 43 – Aspectos gerais do sítio Figueirópolis XXXIV



Paisagem do sítio e aplicação do poço-teste 14 que alcançou 1,5 m de profundidade, ausência de material arqueológico. No detalhe auxiliar revisando o sedimento extraído do poço. Ao fundo a mata ciliar do rio Jauru e as pastagens.

Aspectos das escavações: sondagem 01 e ao fundo Sondagem 03. Área alta e plana, seca e livre de inundações. As trilhas do gado auxiliaram na identificação de cerâmica em superfície, remexida através do pisoteio.



Sondagem 02, nível 0-10 cm, distribuição do material na camada de ocupação. Solo desagregado nos primeiros níveis, tornando-se compacto na direção estéril. A seta indica o norte.

Detalhe dos fragmentos cerâmicos pertencentes a um prato assador com leve inflexão na borda. A posição diagonal e vertical do fragmento fraturado indica pisoteio recente do gado na estação chuvosa (piso lodoso). Sondagem 04, nível 10-20 cm. Escala de 5,0 cm.



Prancha 44 – Sítio Figueirópolis XXXIV



Sondagem 04, distribuição da vasilha fragmentada no nível 0-10 cm. As vasilhas de grande capacidade volumétrica assim como as plataformas (assadores de mandioca) estão associadas aos sítios do terraço fluvial e os de meia encosta, mais distantes das margens do rio e no interior do campo cerrado.

Abertura da trincheira 01, junto à Sondagem 04, para verificação do restante da vasilha. Foram recolhidos fragmentos que, posteriormente, foram restaurados em laboratório e sugeriram a forma meia-esfera com reforço e base levemente aplanada.



Aspecto das escavações das Sondagens 02 e 03. Sedimento sendo peneirado, processo sendo acompanhado por arqueólogos que dispunham de fichas de sondagem preenchidas no local.

Verificação da envergadura e abertura de boca da vasilha de grande capacidade volumétrica (aproximadamente 180 litros reconstituída na Figura 93 n), no detalhe o contorno suave e vertical da borda encontrada na Sondagem 04, nível 10-20 cm.



Características dos sítios arqueológicos no médio vale do rio Jauru

	Distância do rio Jauru (m)	Distância do córrego (m)	Localização no relevo	Cobertura vegetal	Tipo de solo	Dimensões (m)	Intervenções (Poço-teste, Sondagem, Área de escavação)	Estratigrafia (cm)	Material
Fig. I	10 (ME)		Planície de inundação	Floresta aluvial	Neossolo quartzarênico	15,0 x 10,0 85,0 m ²	20, 05	12,0	Cerâmico, bronze, histórico
Fig. II	120 (ME)	400	Meia encosta	Savana aberta	Podzólico	12,0 x 8,0	Coleta, 05, 02	Superficial	Cerâmico, lítico
Fig. III	300 (ME)	80	Meia encosta	Savana densa	Podzólico	10,0 x 5,0	Coleta, 18, 05	Superficial	Cerâmico, lítico
Fig. IV	315 (ME)	65	Meia encosta	Savana aberta	Podzólico	22,0 x 15,0	20, 05	15,0	Cerâmico
Fig. V	390 (ME)	42	Planície de inundação	Floresta aluvial	Neossolo quartzarênico	18,0 x 13,0	12, 03	Superficial	Cerâmico
Fig. VI	120 (MD)	10	Meia encosta	Savana aberta	Podzólico	40,0 x 32,0	Coleta, 20, 05	10,0	Cerâmico
Fig. VII	40 (MD)	42	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	30,0 x 22,0	20, 05	8,0	Cerâmico, lítico
Fig. VIII	50 (MD)	200	Planície de inundação	Floresta aluvial	Neossolo quartzarênico	80,0 x 45,0	20, 05, 01	45,0	Cerâmico, ósseo (Sepult.)
Fig. IX	35 (MD)	330	Terraço fluvial	Savana aberta	Argissolo eutrófico	12,0 x 8,0	18, 05	20,0	Cerâmico
Fig. X	90 (ME)	120	Meia encosta	Savana aberta	Podzólico	15,0 ou 50,0 m ²	20, 05	14,0	Cerâmico
Fig. XI	130 (ME)	80	Terraço fluvial	Savana aberta	Argissolo eutrófico	14,0 x 12,0	20, 05	15,0	Cerâmico
Fig. XII	50 (MD)	400	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	65,0 x 42,0 ou 340,0 m ²	20, 05	25,0	Cerâmico
Fig. XIII	20 (MD)	310	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	50,0 x 45,0	20, 06	20,0	Cerâmico
Fig. XIV	35 (MD)	150	Planície de inundação	Floresta aluvial	Neossolo quartzarênico	24,0 x 18,0	20, 04	40,0	Cerâmico, ósseo (Sepult.)
Fig. XV	20 (ME)	40	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	25,0 x 17,0	20, 05	20,0	Cerâmico
Fig. XVI	45 (MD)	120	Terraço fluvial	Savana aberta	Argissolo eutrófico	30,0 x 21,0 50,0 m ²	20, 05	20,0	Cerâmico
Fig. XVII	25 (MD)	80	Planície de inundação	Floresta aluvial	Neossolo quartzarênico	52,0 x 40,0	20, 05	35,0	Cerâmico
Fig. XVIII	14 (MD)	120	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	26,0 x 17,0	20, 05	20,0	Cerâmico
Fig. XIX	12 (ME)	100	Planície de inundação	Floresta aluvial	Neossolo quartzarênico	30,0 x 30,0	20, 05, 01	40,0	Cerâmico, ósseo (Sepult.)
Fig. XX	30 (MD)	25	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	15,0 x 10,0	20, 06	10,0	Cerâmico
Fig. XXI	65 (MD)	480	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo	25,0 x 21,0	20, 04	20,0	Cerâmico

Fig. XXII	45 (MD)	350	Terraço fluvial	Savana aberta	eutrófico Argissolo eutrófico	12,0 x 12,0	20, 04	15,0	Cerâmico
Fig. XXIII	180 (MD)	260	Meia encosta	Savana aberta	Podzólico	14,0 x 8,0	20, 02	5,0	Cerâmico
Fig. XXIV	50 (MD)	185	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	30,0 x 30,0	20, 04	40,0	Cerâmico
Fig. XXV	60 (ME)	120	Terraço fluvial	Savana aberta	Argissolo eutrófico	20,0 x 15,0	20, 05	15,0	Cerâmico
Fig. XXVI	290 (ME)	450	Meia encosta	Savana aberta	Podzólico	15,0 x 10,0	09, 01	Superficial	Cerâmico
Fig. XXVII	165 (MD)	30	Terraço fluvial	Savana aberta	Argissolo eutrófico	13,0 x 13,0	17	Superficial	Cerâmico
Fig. XXVIII	310 (ME)	60	Meia encosta	Savana aberta	Podzólico	15,0 x 15,0	09	Superficial	Cerâmico
Fig. XXIX	40 (ME)	65	Planície de inundação	Savana densa	Neossolo quartzarênico	35,0 x 35,0	18, 04, 01	30,0	Cerâmico
Fig. XXX	270 (ME)	30	Meia encosta	Savana aberta	Podzólico	15,0 x 10,0	08	Superficial	Cerâmico
Fig. XXXI	180 (MD)	80	Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	15,0 x 12,0	20, 04	10,0	Cerâmico
Fig. XXXII	20 (ME)	45	Planície de inundação	Floresta aluvial	Neossolo quartzarênico	45,0 x 45,0	18, 05, 02	45,0	Cerâmico, lítico, ósseo (Sepult.)
Fig. XXXIII	400 (ME)	25	Planície de inundação	Floresta aluvial	Neossolo quartzarênico	12,0 x 9,0	18, 05	20,0	Cerâmico
Fig. XXXIV	50 (MD)		Terraço fluvial	Savana densa	Argissolo eutrófico	24,0 x 17	20, 09, 01	20,0	Cerâmico

Tabela 01: Características dos sítios arqueológicos no médio vale do rio Jauru.

**Tabela de Caracterização dos Assentamentos Pré-Coloniais Densos.
PCH Figueirópolis, Indaiavá, MT.**

Característica	UTM (SAD 69)	Carvão Confiável	Ossos Hum.	Sepult. Comp.	Esp. Estrat. (cm)	D.B.O. ¹⁴¹	V.P.A. ¹⁴²	Dim. CxL	Área Escavada (m ³)	Áreas de Escavação (m)	Forma
Figueirópolis VIII	21L 0322675E 8301229	Não	Sim	Sim	45,0	Alta	Grande	80 x 45	13,0	3,0 x 3,0	Elip.
Figueirópolis XIV	21L 0322961E 8300417	Não	Sim	Sim 02	40,0	Média	Grande	24 x 18	10,0	4,0 x 2,0	Elip.
Figueirópolis XVII	21L 0318904E 8305710	Não	Não	Não	35,0	Alta	Médio	52 x 40	5,0	Não	Circ.
Figueirópolis XIX	21L 0321596E 8303273	Não	Sim	Sim	40,0	Baixa	Grande	30 x 30	8,0	2,0 x 2,0	Elip.
Figueirópolis XXXII	21L 0319498E 8305426	Sim	Sim	Sim 01	45,0	Alta	Médio	45 x 45	20,0	2,0 x 2,0 3,0 x 3,0	Circ.

Tabela 02: Tabela de caracterização dos assentamentos pré-coloniais densos.

¹⁴¹ Densidade dos Bolsões Orgânicos.¹⁴² Volume do Pacote Arqueológico.

Foram considerados pequenos os sítios arqueológicos que continham menos de cem fragmentos cerâmicos. Foram considerados sítios médios os que apresentaram entre cem e quinhentos fragmentos. Foram considerados sítios grandes os que contabilizaram acima de quinhentos fragmentos (Ver Mapa Figura 80).

CAPÍTULO 4. DESCRIÇÃO DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

O objetivo deste capítulo é descrever o material arqueológico estudado, através de desenhos técnicos, fotos, observações, tabelas, medidas e análises.

Em primeiro lugar será apresentada a classificação desse material, separado por tipo (cerâmico, lítico, ósseo, etc.) de acordo com as intervenções de campo, mantendo a informação do contexto arqueológico.

Em segundo lugar serão descritas as características gerais do material arqueológico, com base nos resultados das análises e dos desenhos técnicos das vasilhas cerâmicas reconstituídas.

E por fim, a análise propriamente dita do material arqueológico, separado e isolado, com as porcentagens por sítio arqueológico, contendo informações sobre o antiplástico, cocção, coloração, dimensões, forma, pasta, tratamento de superfície e técnica de confecção.

4.1. CLASSIFICAÇÃO

O material foi classificado de acordo com a ordem das intervenções assim apresentadas: coleta superficial, poços-teste, sondagens, áreas de escavação. As intervenções que não constam na lista descritiva são estéreis. O material foi classificado de acordo com a metodologia proposta por Mentz Ribeiro¹⁴³ (MENTZ RIBEIRO, 2004).

¹⁴³ MENTZ RIBEIRO Op. cit. 2004, p. 23.

4.1.1. Figueirópolis I

4.1.1.1. Cerâmico: total de 81 fragmentos assim distribuídos:

Coleta superficial: 63 fragmentos simples;

Sondagem 01 *nível 10-20 cm:* 03 fragmentos simples e 01 borda;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento simples;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento cerâmico com asa;

Sondagem 05 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento simples; *nível 10-20 cm:* 11 fragmentos cerâmicos, destes 09 simples e 02 com incisos lineares zigue-zagueados; 01 inciso gradeado (Prancha 45 c).

4.1.2. Bronze coleta superficial: um machado de bronze (Prancha 45 b).

4.1.2. Figueirópolis II

4.1.2.1. Cerâmico: total de 06 fragmentos cerâmicos simples distribuídos na superfície.

4.1.2.2. Lítico: uma lâmina de machado fragmentada em diorito, porção do gume, na superfície.

Prancha 45 – Material arqueológico Figueirópolis I



J

Sítio Figueirópolis I material arqueológico histórico, vasilhas torneadas e queima redutora. Na fileira superior, no meio, um fragmento com asa pontuada, o restante é alisado. Coordenadas (21L0330894\8286240) – Data: 06\11\08.

Sítio Figueirópolis I – Machado semi-lunar ou ancoróide em bronze, histórico colonial. Poderia estar associados tanto a espanhóis como aos portugueses. Encontra-se do mesmo tipo desenhado no machado do Bandeirante representado na bandeira do Estado de São Paulo. Coordenadas (21L0319498\8305426) – Data: 06\11\08.



Fragmento de vasilha histórica, Figueirópolis I, inciso gradeado fechado por duas linhas. Difere um pouco do padrão neobrasileiro, mas é coerente com as vasilhas do primeiro período colonial. Coordenadas (21L0330894\8286240). Data: 07\11\08.

Sítio histórico colonial Figueirópolis I fragmento de borda de vasilha cerâmica, decorada com zigue-zagueado. O antiplástico é arenoso e a cor acinzentada, poucos fragmentos são decorados. Coordenadas (21L 0330894 \8286240). Data: 06\11\08.



4.1.3. Figueirópolis III

4.1.3.1. Cerâmico: total de 13 fragmentos cerâmicos simples distribuídos na superfície do sítio, destes 04 são bordas infletidas e extrovertidas.

4.1.3.2. Lítico: 01 lâmina de machado em diorito cinza na superfície do sítio, dimensões 17,0 x 12,0 x 4,5 cm.

4.1.4. Figueirópolis IV

4.1.4.1. Cerâmico: total de 229 fragmentos assim distribuídos:

Coleta superficial: 11 fragmentos

Sondagem 01 *nível 0-10 cm:* 10 fragmentos; *nível 10-20 cm:* 15 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 10-20 cm:* 29 fragmentos, destes 08 bordas; *nível 10-20 cm:* 09 fragmentos;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento; *nível 10-20 cm:* 30 fragmentos simples, destes 02 bases; *nível 20-30 cm:* 10 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm:* 13 fragmentos; *nível 10-20 cm:* 91 fragmentos, destes 02 bases; 12 são bordas; *nível 20-30 cm:* 10 fragmentos, destes 01 borda.

Área de escavação 01 (2,0 x 1,0 m) *nível 20-30 cm:* 02 fragmentos.

4.1.5. Figueirópolis V

4.1.5.1. Cerâmico: 08 fragmentos coletados na superfície.

4.1.6. Figueirópolis VI

4.1.6.1. Cerâmico: 32 fragmentos simples coletados na superfície, destes 01 borda.

4.1.7. Figueirópolis VII

4.1.7.1. Cerâmico: total de 78 fragmentos assim distribuídos:

Coleta superficial: 25 fragmentos simples;

Sondagem 01 *nível 10-20 cm:* 13 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 18 fragmentos simples;

Sondagem 03 *nível 10-20 cm*: 22 fragmentos simples, destes 03 bordas.

4.1.7.2. Lítico: 01 instrumento plano-convexo alongado em quartzito (lesma).

Dimensões: 8,3 x 3,8 x 1,7 cm.

4.1.8. Figueirópolis VIII

4.1.8.1. Cerâmico: total de 2861 fragmentos assim distribuídos:

Coleta superficial: 293 fragmentos simples; entre eles 47 bordas, 15 bases e 02 fragmentos pintados de vermelho externamente;

Poço-teste 01 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 02 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 04 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 06 *nível 10-20 cm*: 45 fragmentos simples, destes 02 bordas;

Poço-teste 08 *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 09 *nível 10-20 cm*: 09 fragmentos simples

Poço-teste 10 *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 11 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento cerâmico;

Poço-teste 13 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 15 *nível 10-20 cm*: 10 fragmentos simples, destes 02 bordas;

Poço-teste 17 *nível 0-20 cm*: 12 fragmentos simples;

Poço-teste 19 *nível 0-20 cm*: 07 fragmentos simples;

Poço-teste 33 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 34 *nível 10-20 cm*: 19 fragmentos simples.

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 156 fragmentos, destes 28 simples e 09 pintados de vermelho na face interna, 02 bordas; *nível 10-20 cm*: 350 fragmentos, destes 12 pintados de vermelho na face interna, 13 bordas, 02 pintados de preto na face externa, o restante simples; *nível 20-30 cm*: 43 fragmentos simples, destes 01 borda.

Sondagem 02 *nível 20-30 cm*: 301 fragmentos simples, 01 pintado de vermelho na face externa.

Sondagem 03 *nível 10-20 cm*: 174 fragmentos simples, destes 02 bordas;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 68 fragmentos simples, destes 06 são bordas; *nível 10-20 cm*: 46 fragmentos simples, destes 08 bordas;

Sondagem 05 *nível 0-10 cm*: 125 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 242 fragmentos simples, destes 27 bordas; *nível 20-30 cm*: 51 fragmentos simples;

Sondagem 06 *nível 10-20 cm*: 23 fragmentos simples, destes 01 base plana;

Sondagem 07 *nível 10-20 cm*: 18 fragmentos simples;

Sondagem 1A *nível 0-10 cm*: 37 fragmentos cerâmicos simples;

Sondagem 3A *nível 0-10 cm*: 20 fragmentos simples, destes 01 base plana; *nível 10-20 cm*: 04 fragmentos simples;

Sondagem 1B *nível 0-10 cm*: 112 fragmentos simples, destes 21 bordas, 03 bases planas, 03 fragmentos pintados de preto na face interna; *nível 10-20 cm*: 72 fragmentos simples;

Sondagem 2B *nível 0-10 cm*: 07 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 10 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 1C *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 49 fragmentos simples; *nível 20-30 cm*: 48 fragmentos simples, 05 bordas;

Sondagem 2C *nível 10-20 cm*: 37 fragmentos simples, 02 pintados de preto na face interna; *nível 20-30 cm*: 120 fragmentos simples, destes 14 bordas;

Sondagem 3C *nível 10-20 cm*: 17 fragmentos simples; *nível 20-30 cm*: 197 fragmentos simples, destes 17 bordas e dois fragmentos pintados de preto na face interna;

Área de escavação 01: *superfície* 80 fragmentos simples superfície, 14 bordas; *nível 0-10 cm*: 63 fragmentos simples, destes 02 bordas; *nível 20-30 cm*: 01 sepultamento secundário;

4.1.8.2. Lítico:

Área de escavação 01: 01 lasca de quartzito;

Sondagem 05 *nível 10-20 cm*: 01 lasca;

Sondagem 2C nível 10-20 cm: 01 lasca;

4.1.8.3. Ósseo:

Área de escavação 01 nível 20-30 cm: 01 sepultamento secundário;

4.1.9. Figueirópolis IX

4.1.9.1. Cerâmico: total de 780 fragmentos assim distribuídos:

Coleta superficial: 59 fragmentos simples, destes 01 borda e 01 base;

Poço-teste 02 nível 0-10 cm: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 05 nível 0-10 cm: 01 fragmento simples;

Poço-teste 06 nível 10-20 cm: 13 fragmentos simples;

Poço-teste 07 nível 0-10 cm: 03 fragmentos simples; *nível 20-30 cm:* 03 fragmentos simples;

Poço-teste 08 nível 0-10 cm: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm:* 11 fragmentos simples;

Poço-teste 12 nível 0-10 cm: 05 fragmentos simples;

Poço-teste 13 nível 10-20 cm: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 14 nível 10-20 cm: 14 fragmentos simples;

Poço-teste 16 nível 10-20 cm: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 19 nível 0-10 cm: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm:* 20 fragmentos;

Prancha 46 – Material cerâmico: decoração e bordas



Fragmento de gargalho de vasilha cilíndrica com decoração plástica beliscada. Apesar das vasilhas cilíndricas serem comuns na região (evitam a evaporação d'água), os gargalos beliscados são relativamente raros. Poderia se tratar de função preênsil, já que aumenta o atrito na área de adesão da mão ao gargalo. Sítio Figueirópolis XXXII.

Vasilha meia-calota com base suavemente aplanada, pintada de vermelho internamente. A pintura vermelha é o tratamento de superfície pintado predominante na região, os autores estão de acordo com a origem mineral do pigmento. Sítio Figueirópolis XXXII.



Vista da face externa de fragmento de borda de vasilha sem-esférica com borda reforçada externamente. Os reforços nas bordas são comuns, inclusive com a ocorrência de rebarbas ou sobra de argila na borda, sendo ou não retrabalho em dobra. Sítio Figueirópolis VIII.

Borda de vasilha com meia-calota extrovertida e com borda expandida, vista da face externa. É nítida a sobra da borda para o bojo, quebra que ocorre freqüentemente nas tigelas. Sítio Figueirópolis XIV.



Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 20 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 88 fragmentos simples, destes 10 bordas; *nível 20-30 cm*: 05 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 33 fragmentos simples;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 21 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 51 fragmentos simples, destes 01 borda; *nível 10-20 cm*: 138 fragmentos simples, destes 04 bordas;

Sondagem 05 *nível 0-10 cm*: 43 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 214 fragmentos simples, destes 38 bordas, 02 pintados de vermelho na face interna e 01 fragmento com decoração plástica beliscada;

Área de Escavação 01 *nível 10-30 cm*: 30 fragmentos simples, destes 06 bordas, 02 pintados de vermelho na face interna;

4.1.10. Figueirópolis X

4.1.10.1. Cerâmico: total de 12 fragmentos simples coletados na superfície.

4.1.11. Figueirópolis XI

4.1.11.1. Cerâmico: total de 52 fragmentos, assim distribuídos:

Poço-teste 11 *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 15 *nível 0-20 cm*: 03 fragmentos simples, dentre estes 01 borda;

Poço-teste 20 *nível 0-20 cm*: 06 fragmentos simples, dentre estes 01 base arredondada;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 21 fragmentos simples, destes 04 bordas; *nível 10-20 cm*: 12 fragmentos simples, entre eles 01 borda;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 20-30 cm*: 03 fragmentos simples;

4.1.12. Figueirópolis XII

4.1.12.1. Cerâmico: total de 75 fragmentos, assim distribuídos:

Poço-teste 01 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 12 *nível 10-20 cm*: 04 fragmentos simples;

Poço-teste 15 *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 16 *nível 0-20 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 48 fragmentos simples, destes 13 bordas; *nível 10-20 cm*: 15 fragmentos simples, destes 02 bases; *nível 20-30 cm*: 03 fragmentos simples;

4.1.13. Figueirópolis XIII

4.1.13.1. Cerâmico: total de 32 fragmentos simples, assim distribuídos:

Coleta superficial: 08 fragmentos simples destes 02 bordas, 01 base e 01 fragmento pintado de preto externamente.

Poço-teste 16 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 01 *nível 10-20 cm*: 12 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples, *nível 10-20 cm*: 16 fragmentos simples.

4.1.14. Figueirópolis XIV

4.1.14.1. Cerâmico: total de 583 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 197 fragmentos simples, destes 29 bordas, 03 bases; 05 fragmentos pintados de vermelho na face interna;

Poço-teste 01 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples;

Poço-teste 04 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 05 *nível 0-20 cm*: 01 fragmento simples (borda);

Poço-teste 08 *nível 10-20 cm*: 06 fragmentos simples;

Poço-teste 09 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Prancha 47 – Material lítico polido associado aos sítios arqueológicos



Mão-de-mó em diorito cinza polido, conhecido pelos locais como “macerador de ervas”. Existem marcas de percussão e cicatrizes de uso por toda a superfície da peça, o entalhe parece funcional para prensão com a mão e não encabamento. Identificado em superfície nas proximidades do sítio Figueirópolis XIX.

Instrumento polido fusiforme em diorito cinza. Uso e função ignorada. Poderia estar relacionado com peso de rede, adorno ou ser uma mão de pilão. Identificado nas proximidades do sítio Figueirópolis XIV.



Lâmina de machado em diorito cinza identificada na sondagem 04 no sítio Figueirópolis XXIX. O material polido, mesmo que raro, está associado à cerâmica. Os machados possuem formas petalóides com um entalhe picoteado ou polido para prensão do cabo. Escala 5,0 cm.

Lâmina de machado em diorito cinza, associado ao sítio Figueirópolis VIII. Dia 11/12/2008. No detalhe é possível ver o picoteamento e o trabalho de polimento das extremidades.



Poço-teste 12 *nível 0-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 13 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 17 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 20 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples:

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 12 fragmentos simples, deste 01 borda; *nível 10-20 cm*: 48 fragmentos; *nível 20-30 cm*: 14 fragmentos simples, destes 04 bordas, 02 bases arredondadas;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 27 fragmentos simples, destes 04 são bordas; *nível 20-30 cm*: 09 fragmentos simples; *nível 30-40 cm*: 02 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 18 fragmentos simples, destes 01 borda; *nível 20-30 cm*: 35 fragmentos simples, destes 02 bordas e 01 base; *nível 30-40 cm*: 03 fragmentos simples;

Área de escavação 01 (3,0 x 1,0 m): *nível 0-10 cm*: 118 fragmentos, destes 48 bordas; *nível 10-20 cm*: 226 fragmentos, destes 18 bordas e 02 bases; *nível 20-30 cm*: 45 fragmentos simples destes 03 bordas;

4.1.14.2. Ósseo:

Área de escavação 01 (3,0 x 1,0 m): *nível 70-80 cm*: 02 sepultamentos completos e articulados.

4.1.15. Figueirópolis XV

4.1.15.1. Cerâmico: total de 154 fragmentos assim distribuídos

Coleta superficial: 33 fragmentos simples, destes 07 bordas;

Poço-teste 02 *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples

Poço-teste 03 *nível 10-30 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 05 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 09 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples, destes 01 borda;

Poço-teste 17 *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 12 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 07 fragmentos simples, destes 01 borda; *nível 20-30 cm*: 03 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 06 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 34 fragmentos, destes 04 bordas e 02 bases; *nível 20-30 cm*: 13 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 12 fragmentos simples, destes 01 borda; *nível 10-20 cm*: 19 fragmentos, destes 02 bases; *nível 20-30 cm*: 05 fragmentos simples.

4.1.16. Figueirópolis XVI

4.1.16.1. Cerâmico: total de 170 fragmentos assim distribuídos

Coleta superficial: 10 fragmentos simples, destes 06 bordas e 02 bases;

Poço-teste 01 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 07 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 09 *nível 0-10 cm*: 05 fragmentos simples;

Poço-teste 10 *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 11 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 12 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 17 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 18 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 19 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 12 fragmentos simples, destes 02 bordas; *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 09 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 32 fragmentos simples, destes 05 bordas; *nível 20-30 cm*: 03 fragmentos simples;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 17 fragmentos simples (01 borda); *nível 10-20 cm*: 21 fragmentos, destes 02 bordas;

Sondagem 05 *nível 0-10 cm*: 06 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 28 fragmentos simples, *nível 20-30 cm*: 11 fragmentos simples, destes 01 borda.

4.1.17. Figueirópolis XVII

4.1.17.1. Cerâmico: total de 153 fragmentos cerâmicos assim distribuídos:

Coleta superficial: 19 fragmentos simples;

Poço-teste 14 *nível 20-30 cm:* 05 fragmentos simples, destes 02 bordas;

Poço-teste 16 *nível 0-20 cm:* 02 fragmentos simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm:* 14 fragmentos simples; *nível 10-20 cm:* 25 fragmentos simples, destes 02 bordas; *nível 20-30 cm:* 19 fragmentos simples, destes 03 bordas;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm:* 19 fragmentos simples, destes 03 bordas;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm:* 07 fragmentos simples, destes 03 bordas;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm:* 12 fragmentos simples; *nível 10-20 cm:* 22 fragmentos simples, destes 05 bordas; *nível 20-30 cm:* 09 fragmentos simples.

4.1.18. Figueirópolis XVIII

4.1.18.1. Cerâmico: total de 149 fragmentos, assim distribuídos

Coleta superficial: 40 fragmentos, destes 03 bordas e 04 bases;

Poço-teste 02 *nível 20-30 cm:* 02 fragmentos simples (fratura recente);

Poço-teste 03 *nível 10-20 cm:* 03 fragmentos simples;

Poço-teste 05 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento simples;

Poço-teste 06 *nível 10-20 cm:* 02 fragmentos, destes 01 borda;

Poço-teste 13 *nível 10-20 cm:* 01 fragmento simples;

Poço-teste 17 *nível 0-20 cm:* 02 fragmentos simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm:* 06 fragmentos simples; *nível 10-20 cm:* 32 fragmentos simples; *nível 20-30 cm:* 08 fragmentos simples, destes 02 bordas e 01 base;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm:* 03 fragmentos simples; *nível 10-20 cm:* 12 fragmentos simples, destes 01 borda e 01 fragmento pintado de preto na face interna; *nível 20-30 cm:* 02 fragmentos simples;

Sondagem 03 *nível 10-20 cm*: 05 fragmentos simples; *nível 20-30 cm*: 13 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 07 fragmentos simples; *nível 20-30 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 05 *nível 10-20 cm*: 07 fragmentos cerâmicos simples, destes 03 bordas; *nível 20-30 cm*: 03 fragmentos simples.

4.1.19. Figueirópolis XIX

4.1.19.1. Cerâmico: total de 729 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 71 fragmentos simples, destes 17 bordas;

Poço-teste 01 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 02 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 09 *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples, destes 01 borda;

Poço-teste 13 *nível 0-20 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 14 *nível 20-30 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 15 *nível 0-20 cm*: 04 fragmentos simples;

Poço-teste 17 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 19 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento pintado de preto na face interna;

Poço-teste 20 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 13 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 78 fragmentos simples, destes 17 bordas, 03 pintados de vermelho na face interna; *nível 20-30 cm*: 48 fragmentos simples, destes 04 bordas; *nível 30-40 cm*: 21 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 08 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 107 fragmentos simples, destes 04 bordas, 02 pintados de preto na face interna; *nível 20-30 cm*: 39 fragmentos simples;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 27 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 79 fragmentos simples, destes 17 bordas e 06 bases; *nível 20-30 cm*: 18 fragmentos simples, deste 01 base;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 10 fragmentos simples, destes 01 borda e 02 fragmentos pintados de vermelho na face interna; *nível 10-20 cm*: 38 fragmentos simples, destes 02 bordas; *nível 20-30 cm*: 09 fragmentos simples, destes 03 bases;

Sondagem 05 *nível 0-10 cm*: 18 fragmentos simples, destes 03 bordas; *nível 10-20 cm*: 38 fragmentos simples, destes 04 fragmentos pintados de vermelho na face interna; *nível 20-30 cm*: 14 fragmentos simples, destes 02 bases e 02 bordas;

Área de escavação 01 (2,0 x 1,0) *nível 0-10 cm*: 34 fragmentos simples, destes 11 bordas e 04 bases; *nível 10-20 cm*: 68 fragmentos simples, destes 16 bordas e 05 bases; *nível 20-30 cm*: 43 fragmentos simples, destes 02 bordas;

4.1.19.2. Ósseo:

Área de escavação 01 *nível 30-40 cm*: 01 sepultamento secundário.

4.1.20. Figueirópolis XX

4.1.20.1. Cerâmico: total de 271 fragmentos cerâmicos assim distribuídos

Coleta superficial: 47 fragmentos simples, destes 05 bordas, 05 bases;

Poço-teste 01 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples;

Poço-teste 07 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 09 *nível 0-20 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 10 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples (01 borda);

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 13 fragmentos simples, destes 04 bordas e 02 bases; *nível 20-30 cm*: 09 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 37 fragmentos simples, destes 08 bordas, 03 bases e 02 fragmentos pintados de vermelho na face interna; *nível 20-30 cm*: 14 fragmentos simples;

Prancha 48 – Material arqueológico: alças, bases e bordas.



Sítio Figueirópolis XIX – Apêndice de um vaso cerâmico, sugerindo função de asa ou “handle” para pegada e manipulação da vasilha – Técnica aparentemente aplicada (Figura 74 f). Coordenadas (21L 03756 \ 8298272). Data: 03\11\08 – Direção Norte.

Sítio Figueirópolis XXXII – Borda e parede de vasilha cerâmica meia-esfera com borda suavemente inflectida (simples, alisado interno e externo). Tinha como possível função o cozimento de alimentos (Figura 93 j). Coordenadas (21L 0321873 \ 8303850). Data: 04\11\08. Direção norte.



Sítio Figueirópolis XVIII – Base plana de vasilha cerâmica (simples, alisado interno e externo) – Tinha como possível função a manipulação da mandioca brava (Figura 94 c). Coordenadas: 21L 0321873\8303850. Data: 04\11\08. Direção norte.

Sítio Figueirópolis VIII – Base plana, fundo de uma vasilha cerâmica (simples, alisado interno e externo), observam-se nitidamente as marcas do negativo do suporte da base antes da queima. (Pedestal reconstituído na Figura 96 k). Coordenadas (21L 0321873 \ 8303850). Data: 04\11\08. Direção norte.



Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 17 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 23 fragmentos simples, destes 06 são bordas e 02 bases; *nível 10-20 cm*: 45 fragmentos simples, destes 13 são bordas; *nível 30-40 cm*: 11 fragmentos simples, destes 02 são bases;

Sondagem 05 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 08 fragmentos simples, destes 01 é borda;

Sondagem 06 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples; *nível 10-20 cm*: 23 fragmentos simples, destes 03 são bordas e 01 base; *nível 20-30 cm*: 03 fragmentos simples.

4.1.21. Figueirópolis XXI

4.1.21.1. Cerâmico: total de 256 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 28 fragmentos simples, destes 05 bordas;

Poço-teste 01 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 04 *nível 0-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 05 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 06 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 11 *nível 20-30 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 12 *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 13 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos, 01 simples e 01 pintado vermelho na face interna;

Poço-teste 15 *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 16 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 19 *nível 10-20 cm*: 05 fragmentos simples (01 borda);

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 08 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 47 fragmentos simples, destes 21 bordas e 05 bases; *nível 20-30 cm*: 12 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 28 fragmentos simples, destes 02 bordas e 02 bases; *nível 30-40 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 12 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 15 fragmentos simples, destes 03 bases; *nível 30-40 cm*: 02 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 31 fragmentos simples, destes 09 bordas; *nível 20-30 cm*: 27 fragmentos simples, destes 03 bordas; *nível 30-40 cm*: 17 fragmentos simples, destes 01 base.

4.1.22. Figueirópolis XXII

4.1.22.1. Cerâmico: total de 280 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 30 fragmentos simples, destes 02 bordas, 01 base, 02 pintados de preto na face interna;

Poço-teste 05 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Poço-teste 12 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples (fratura recente);

Poço-teste 13 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples (01 borda);

Poço-teste 18 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 20 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 15 fragmentos simples, destes 03 bases; *nível 20-30 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 48 fragmentos simples, destes 03 bordas e 12 bases (prato); *nível 20-30 cm*: 11 fragmentos simples, destes 02 bordas;

Sondagem 03 *nível 10-20 cm*: 19 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 08 fragmentos simples, destes 01 borda; *nível 10-20 cm*: 31 fragmentos simples, destes 06 bordas; *nível 20-30 cm*: 18 fragmentos simples, 01 pintado de vermelho na face interna;

Área de escavação 01 (2,0 x 1,0 m): *nível 0-10 cm*: 28 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 41 fragmentos simples, destes 13 são bordas; *nível 30-40 cm*: 09 fragmentos simples.

Prancha 49 – Material Arqueológico: peso de fuso, prato com alça e anexos cerâmicos



Sítio Figueirópolis XXXII – Peso de fuso em cerâmica, perfuração cilíndrica e diametralmente centralizada, mancha de fumaça na superfície da peça, de onde é possível a visualização do antiplástico arenoso (Figura 74 a). Coordenadas (21L 0323756\8298272). Data: 02\11\08.

Sítio Figueirópolis XXXII – Prato cerâmico encontrado junto ao sepultamento 1, sobre o crânio, vasilha aberta com borda expandida e alça ligando o lábio à dobra do ombro – A peça foi colocada emborcada como oferenda. Coordenadas (21L 0319498\8305426). Data: 06\11\08.



Sítio Figueirópolis XV – Borda com apêndice trabalhado e terminado em aplique de alça representa uma vasilha funda com borda abaulada. A saliência de quatro pontas parece ter função preênsil (handle) e estética (reconstituído no primeiro conjunto da Figura 92). Coordenadas (21L 0323756\8298272). Data: 02\11\08

Trabalho de laboratório – Limpeza do material associado ao Sepultamento 1 (Prancha 59) do sítio Figueirópolis XXXII, o conjunto é composto por vasilhas pequenas de variadas formas, aparentemente específicas e estéticas – Pia de secagem. Coordenadas (21L 0330894\8286240). Data: 06\11\08.



4.1.23. Figueirópolis XXIII

4.1.23.1. Cerâmico: total de 112 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 11 fragmentos simples;

Poço-teste 03 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento simples;

Poço-teste 04 *nível 0-20 cm:* 03 fragmentos simples, destes 01 borda;

Poço-teste 05 *nível 0-10 cm:* 02 fragmentos simples;

Poço-teste 10 *nível 0-10 cm:* 02 fragmentos simples;

Poço-teste 17 *nível 10-20 cm:* 01 fragmento simples;

Poço-teste 20 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm:* 05 fragmentos simples, destes 01 borda; *nível 10-20 cm:* 32 fragmentos simples, destes 02 pintados de vermelho na face interna, 03 bordas; *nível 20-30 cm:* 09 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm:* 14 fragmentos simples, destes 02 bordas e 01 base; *nível 10-20 cm:* 30 fragmentos simples, destes 01 pintado de preto na face interna; *nível 30-40 cm:* 01 fragmento simples.

4.1.24. Figueirópolis XXIV

4.1.24.1. Cerâmico: total de 329 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 01 *nível 0-20 cm:* 06 fragmentos simples;

Poço-teste 02 *nível 20-30 cm:* 05 fragmentos simples,

Poço-teste 03 *nível 0-10 cm:* 03 fragmentos simples;

Poço-teste 05 *nível 0-20 cm:* 03 fragmentos simples; destes 01 borda;

Poço-teste 06 *nível 10-20 cm:* 02 fragmentos simples;

Poço-teste 09 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento simples;

Poço-teste 11 *nível 0-10 cm:* 04 fragmentos simples;

Poço-teste 12 *nível 0-20 cm:* 01 fragmento simples,

Poço-teste 15 *nível 0-10 cm:* 03 fragmentos simples; destes 01 borda;

Poço-teste 16 *nível 0-10 cm*: 05 fragmentos simples;

Poço-teste 17 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 20 *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 11 fragmentos simples, destes 02 bordas; *nível 10-20 cm*: 68 fragmentos simples, destes 12 bordas e 02 bases; *nível 20-30 cm*: 18 fragmentos simples;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 29 fragmentos simples, destes 02 bordas, 02 pintados de vermelho na face interna; *nível 10-20 cm*: 35 fragmentos simples, destes 05 bases; *nível 30-40 cm*: 02 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 23 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 61 fragmentos simples, destes 19 bordas; *nível 20-30 cm*: 37 fragmentos simples, destes 03 bordas; *nível 30-40 cm*: 07 fragmentos simples, destes 01 base.

4.1.25. Figueirópolis XXV

4.1.25.1. Cerâmico: total de 270 fragmentos assim distribuídos

Coleta superficial: 36 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 24 fragmentos simples, destes 03 bordas; *nível 10-20 cm*: 37 fragmentos simples, destes 08 bordas, 03 bases e 02 fragmentos pintados de vermelho na face interna; *nível 20-30 cm*: 14 fragmentos simples;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 80 fragmentos simples, destes 11 bordas e 03 bases; *nível 10-20 cm*: 66 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 05 *nível 0-10 cm*: 13 fragmentos simples.

Prancha 50 – Material Arqueológico: pingente, dente de cervídeo, ficha com extremidades polidas e alça.



Sítio Figueirópolis XXXII – Adorno feito de lítico polido, matéria-prima provável: talco-pirofilita, apresenta duas ranhuras numa das faces e perfuração bicônica. Teria servido aparentemente com um pingente ou placa peitoral. Coordenadas (21L 0319498\8305426). Data: 22\11\08.

Sítio Figueirópolis XXXII – Dente de animal ruminante da ordem Artiodactyla, provavelmente veado branco ou pantaneiro, os vestígios fito faunísticos são raros devido a acidez do solo que oscila entre 4,1 e 4,7, muito ácido. Coordenadas (21L 0319498\8305426). Data: 22\11\08.



Material arqueológico discóide, caracterizado como ficha com extremidades polidas (Figura 74 c), comum nos sítios do alto Paraguai, identificado no sítio Figueirópolis VIII – Peça de cerâmica alisada de forma circular, não apresenta outro desgaste além do polimento que reaproveitou o fragmento original. Data: 21\11\08.

Sítio Figueirópolis XIX fragmento de um vaso cerâmico – cerâmica simples – (alça). Borda com acastelado ondulado, forma globular. Alças estão associadas às vasilhas frequentemente pequenas, globulares e de pouca capacidade volumétrica, com abertura de boca de até 22,0 cm (reconstituída no primeiro conjunto da Figura 86). Dia: 21/11/08.



4.1.26. Figueirópolis XXVI

4.1.26.1. Cerâmico: total de 115 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 41 fragmentos simples, destes 06 bordas; 02 bases;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm:* 08 fragmentos simples; *nível 10-20 cm:* 32 fragmentos simples; *nível 20-30 cm:* 19 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm:* 03 fragmentos simples; *nível 10-20 cm:* 12 fragmentos simples, destes 01 borda.

4.1.27. Figueirópolis XXVII

4.1.27.1. Cerâmico: total de 18 fragmentos cerâmicos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 07 fragmentos simples;

Poço-teste 04 *nível 20-30 cm:* 05 fragmentos simples, destes 01 borda;

Poço-teste 07 *nível 0-10 cm:* 03 fragmentos simples;

Poço-teste 08 *nível 0-20 cm:* 03 fragmentos simples;

Poço-teste 16 *nível 10-20 cm:* 02 fragmentos simples;

4.1.28. Figueirópolis XXVIII

4.1.28.1. Cerâmico: total de 43 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 43 fragmentos simples, destes 01 borda;

4.1.29. Figueirópolis XXIX

4.1.29.1. Cerâmico: total de 1022 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 73 fragmentos simples, destes 10 bordas.

Poço-teste 01 *nível 10-20 cm:* 04 fragmentos simples;

Poço-teste 05 *nível 10-20 cm:* 02 fragmentos simples; destes 01 borda;

Poço-teste 09 *nível 10-20 cm:* 05 fragmentos simples;

Poço-teste 10 *nível 0-10 cm:* 01 fragmento simples;

Poço-teste 15 *nível 10-20 cm:* 07 fragmentos simples;

Poço-teste 18 *nível 10-20 cm*: 09 fragmentos simples,

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 17 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 103 fragmentos simples, destes 13 bordas; *nível 20-30 cm*: 16 fragmentos simples; *nível 30-40 cm*: 08 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 13 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 47 fragmentos simples, destes 03 bases; *nível 20-30 cm*: 21 fragmentos simples; *nível 30-40 cm*: 03 fragmentos simples;

Sondagem 03 *nível 0-10 cm*: 14 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 31 fragmentos simples; *nível 30-40 cm*: 09 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 47 fragmentos simples, destes 01 borda; *nível 10-20 cm*: 76 fragmentos simples, destes 08 bordas; *nível 30-40 cm*: 27 fragmentos simples, destes 01 borda;

Área de escavação 01 (3,0 x 3,0 m) *nível 0-10 cm*: 67 fragmentos cerâmicos simples, destes 18 bordas; *nível 10-20 cm*: 175 fragmentos destes 21 bordas, 02 bases; *nível 20-30 cm*: 103 fragmentos simples, destes 11 bordas e 01 borda.

4.1.29.2. Lítico: total de 01 instrumento lítico;

Sondagem 04 *nível 30-40 cm*: 01 lâmina de machado em diorito cinza medindo 13,0 x 8,5 x 3,9 cm.

4.1.30. Figueirópolis XXX

4.1.30.1. Cerâmico: total de 12 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 12 fragmentos simples;

4.1.31. Figueirópolis XXXI

4.1.31.1. Cerâmico: total de 629 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 52 fragmentos cerâmicos; destes 13 bordas, 02 bases;

Sondagem 01 *nível 20-30 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples; *nível 20-30 cm*: 04 fragmentos simples; *nível 30-40 cm*: 24 fragmentos simples, destes um pintado de vermelho na face interna, 02 bordas; *nível 40-50 cm*: 06 fragmentos simples;

Sondagem 1A *nível 0-10 cm*: 20 fragmentos simples;

Sondagem 2A *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples;

Sondagem 3A *nível 30-40 cm*: 216 fragmentos simples, destes 13 bordas;

Sondagem 1B *nível 0-10 cm*: 08 fragmentos simples;

Sondagem 2B *nível 0-10 cm*: 12 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 3B *nível 0-10 cm*: 09 fragmentos simples, destes 01 pintado de preto na face interna; *nível 30-40 cm*: 102 fragmentos simples, destes 16 bordas, 92 bases, 03 fragmentos pintados de preto na face interna;

Sondagem 2C *nível 0-10 cm*: 12 fragmentos simples;

Sondagem 3C *nível 0-10 cm*: 08 fragmentos simples; *nível 30-40 cm*: 141 fragmentos simples; *nível 40-50 cm*: 05 fragmentos simples;

4.1.31.2. Lítico: total de 06 lascas de quartzito

Sondagem 1C *nível 0-10 cm*: 06 lascas líticas utilizadas, não retocadas¹⁴⁴.

4.1.32. Figueirópolis XXXII

4.1.32.1. Cerâmico: total de 970 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 79 fragmentos simples; destes 03 pintados de vermelho, um na face interna e 02 na externa;

Poço-teste 20P *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 18Q *nível 0-20 cm*: 03 fragmentos simples;

Poço-teste 13I *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 14M *nível 0-20*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 16M *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 18T *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;

¹⁴⁴ Não dispomos de desenhos das peças líticas.

- Poço-teste 20Q** *nível 0-20 cm*: 04 fragmentos simples;
- Poço-teste 4V** *nível 0-20 cm*: 04 fragmentos simples;
- Poço-teste 20M** *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 10M** *nível 0-20 cm*: 01 fragmento simples;
- Poço-teste 06Q** *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples (01 borda);
- Poço-teste 04 N** *nível 0-20 cm*: 08 fragmentos simples, destes 03 bordas;
- Poço-teste 10Q** *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 10F** *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 11P** *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 10J** *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples;
- Poço-teste 04I** *nível 10-20 cm*: 04 fragmentos simples;
- Poço-teste 08M** *nível 0-20 cm*: 09 fragmentos simples;
- Poço-teste 04K** *nível 10-20 cm*: 04 fragmentos simples;
- Poço-teste 04P** *nível 0-20 cm*: 06 fragmentos simples (02 bordas);
- Poço-teste 18I** *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 14X** *nível 0-20 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 08I** *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples, destes 01 pintado de vermelho da face interna;
- Poço-teste 04Q** *nível 0-20 cm*: 09 fragmentos simples, destes 03 bordas, 01 base;
- Poço-teste 02C** *nível 0-20 cm*: 07 fragmentos simples;
- Poço-teste 18** *nível 20-30 cm*: 09 fragmentos simples;
- Poço-teste 12L** *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;
- Poço-teste 12M** *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 08N** *nível 0-10 cm*: 08 fragmentos simples, destes 02 bordas;
- Poço-teste 01T** *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 03L** *nível 0-10 cm*: 05 fragmentos simples, destes 01 pintado de preto na face interna;
- Poço-teste 10E** *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;
- Poço-teste 01N** *nível 20-30 cm*: 06 fragmentos simples;
- Poço-teste 04S** *nível 20-30 cm*: 01 fragmento simples;
- Poço-teste 12J** *nível 20-30 cm*: 02 fragmentos simples;

- Poço-teste 18K** *nível 10-20 cm*: 03 fragmentos simples;
- Poço-teste 12R** *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;
- Poço-teste 12V** *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples;
- Poço-teste 16P** *nível 0-20 cm*: 01 fragmento simples;
- Poço-teste 06Q** *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;
- Poço-teste 14Q** *nível 0-10 cm*: 03 fragmentos simples;
- Poço-teste 08R** *nível 0-20 cm*: 04 fragmentos simples;
- Poço-teste 08P** *nível 0-20 cm*: 29 fragmentos simples, destes 04 bordas, 02 fragmentos pintados de vermelho, 01 pintado de preto;
- Poço-teste 16N** *nível 20-30 cm*: 05 fragmentos simples, 01 borda;
- Poço-teste 03N** *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples;
- Poço-teste 01H** *nível 0-10 cm*: 21 fragmentos simples, 06 bordas, 01 base, 01 pintada de vermelho na face interna;
- Poço-teste 01J** *nível 0-10 cm*: 08 fragmentos simples;
- Poço-teste 14S** *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples;
- Poço-teste 14M** *nível 0-20 cm*: 01 fragmento simples;
- Poço-teste 04R** *nível 0-20 cm*: 03 fragmentos simples;
- Poço-teste 04O** *nível 0-20 cm*: 03 fragmentos simples;
- Poço-teste 12T** *nível 0-20 cm*: 05 fragmentos simples;
- Poço-teste 03R** *nível 0-20 cm*: 06 fragmentos simples;
- Poço-teste 13R** *nível 0-10 cm*: 01 fragmento simples;
-
- Sondagem 01** *nível 30-40 cm*: 32 fragmentos simples, 01 vasilha fragmentada pintada de vermelho na face interna; 03 bordas, 02 bases;
- Sondagem 02** *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 29 fragmentos simples, destes 04 bordas; *nível 20-30 cm*: 25 fragmentos simples, destes 03 pintados de vermelho na face interna; 02 bordas, 01 base;
- Sondagem 03** *nível 10-20 cm*: 22 fragmentos simples; *nível 20-30 cm*: 15 fragmentos simples;
- Sondagem 04** *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 08 fragmentos simples, destes 01 borda;

Sondagem 06 *nível 20-30 cm*: 14 fragmentos simples, destes 03 bordas, 01 pintado de preto na face interna; *nível 30-40 cm*: 17 fragmentos simples, 01 peso de furo discóide com perfuração central medindo 7,5 cm de diâmetro por 1,0 cm de espessura; *nível 40-50 cm*: 15 fragmentos simples, destes 02 bordas;

Sondagem 07 *nível 20-30 cm*: 28 fragmentos simples, destes 09 bordas; *nível 30-40 cm*: 50 fragmentos simples, destes 13 bordas, 04 bases, 02 fragmentos pintados de preto na face interna; *nível 40-50 cm*: 07 fragmentos simples;

Área de escavação 01 (2,0 x 2,0 m) Sondagem 02B *nível 10-20 cm*: 12 fragmentos simples; 01 pingente medindo 3,5 x 2,1 x 0,6 cm com perfuração para preensão;

Área de escavação 02 (3,0 x 3,0) *nível 0-10 cm*: 59 fragmentos simples, destes 07 bordas; *nível 10-20 cm*: 143 fragmentos simples, destes 02 bordas; *nível 20-30 cm*: 128 fragmentos simples, destes 03 bordas, 01 base, 01 pintado de vermelho na face interna; *nível 30-40 cm*: 62 fragmentos simples; *nível 40-50 cm*: 06 fragmentos simples;

4.1.32.2. Lítico

Sondagem 03 *nível 10-20 cm*: 02 lascas de quartzito;

Área de escavação 01 (2,0 x 2,0)² *nível 70-80 cm*: 01 polidor alisador (fragmentado em 03 partes) em arenito, medindo 16,5 x 4,5 x 1,8 cm.

4.1.32.3. Ósseo

Área de escavação 01 (2,0 x 2,0)¹⁴⁵ *nível 30-40 cm*: dente de animal herbívoro, provavelmente cervídeo;

Área de escavação 02 (3,0 x 3,0)¹⁴⁶ *nível 70-80 cm*: 01 sepultamento, com 05 anexos funerários em cerâmica; 01 anexo funerário lítico polido.

4.1.33.1 Figueirópolis XXXIII

4.1.33.1. Cerâmico: total de 195 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 07 fragmentos simples;

¹⁴⁵ Junto do poço-teste 08P.

¹⁴⁶ Junto da parede A-B da sondagem 05.

Poço-teste 03 *nível 10-20 cm*: 02 fragmentos simples;

Poço-teste 06 *nível 10-20 cm*: 05 fragmentos simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 06 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 41 fragmentos simples, 03 bordas, 01 base;

Sondagem 03 *nível 10-20 cm*: 11 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 17 fragmentos simples, destes 03 bordas; *nível 10-20 cm*: 81 fragmentos, destes 14 bordas, 05 bases;

Sondagem 05 *nível 0-10 cm*: 25 fragmentos simples, destes 13 bordas;

4.1.34. Figueirópolis XXXIV

4.1.34.1. Cerâmico: total de 348 fragmentos, assim distribuídos:

Coleta superficial: 65 fragmentos simples, destes 09 bordas, 02 bases;

Poço-teste 01 *nível 10-20 cm*: 04 fragmentos simples;

Sondagem 01 *nível 0-10 cm*: 09 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 12 fragmentos simples, 01 pintado de preto na face interna; *nível 20-30 cm*: 12 fragmentos simples;

Sondagem 02 *nível 0-10 cm*: 32 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 79 fragmentos simples, destes 18 bordas, 04 bases, 03 pintados de preto na face interna;

Sondagem 03 *nível 20-30 cm*: 02 fragmentos simples;

Sondagem 04 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 01 fragmento simples;

Sondagem 08 *nível 0-10 cm*: 04 fragmentos simples; *nível 10-20 cm*: 23 fragmentos simples;

Sondagem 09 *nível 0-10 cm*: 02 fragmentos simples;

Sondagem 10 *nível 0-10 cm*: 07 fragmentos simples, 01 borda;

Área de escavação 1 (Trincheira 01) *nível 0-10 cm*: 26 fragmentos simples, destes 09 bordas, 03 bases; *nível 10-20 cm*: 33 fragmentos simples, destes 02 bordas; *nível 20-30 cm*: 13 fragmentos simples.

Prancha 51 – Material arqueológico associado ao sepultamento



Sítio Figueirópolis XXXII – Vaso cerâmico globular com borda restringida alça ligando o lábio ao ombro encontrado junto ao Sepultamento 1. A vasilha foi colocada como oferenda próxima das mãos do indivíduo. Coordenadas (21L 0319498\8305426). Data: 06\11\08.

Sítio Figueirópolis XXXII – Pequeno vaso cerâmico globular com borda restringida extrovertida (Figura 95 m) encontrado junto aos pés do indivíduo no sepultamento 1, provavelmente colocada como oferenda. Coordenadas (21L 0319498\830526). Data: 06\11\08.



Sítio Figueirópolis XXXII – Diminuto pote cerâmico encontrado aos pés do indivíduo junto ao Sepultamento 1. A peça foi colocada provavelmente como oferenda. Observa-se pela escala que a vasilha não possui mais do que 8,0 cm de altura por 6,0 cm de largura. Segundo os locais para carregar óleos (normalmente curativos). Coordenadas (21L 0319498\830526). Data: 06\11\08.



Sítio Figueirópolis XXXII – Vasilha meia-calota fragmentada pintada de vermelho interno e alisado externo (Figura 93 a). Encontrada junto às pernas do indivíduo, Sepultamento 1. É possível que já se encontrasse fragmentada neste estado quando do sepultamento. Coordenadas (21L0319498\830526). Data: 06\11\08.



Prancha 52 – Material Arqueológico: borda hiperbólica, base elipsóide e classificação



J

Sítio Figueirópolis XIX Material cultural encontrado nas escavações – borda de vasilha extrovertida vertical formando borda hiperbólica. Apesar do contorno simples, é comum a forte inflexão das vasilhas (Figura 95 l). Coordenadas (21L 0330894\8286240). Data: 06\11\08.

Sítio Figueirópolis XXXII – Vasilha cerâmica pequena fragmentada; pintada de vermelho e alisado simples externo, forma meia-calota elipsóide com base aplanada (Figura 96 h). Altura não ultrapassa os 5,0 cm. Coordenadas (21L 0319498\8305426). Data: 06\11\08.



Aspectos gerais da curadoria do material arqueológico, mesmo instante em que foi classificado. O laboratório de campo serviu para os trabalhos preliminares, sendo posteriormente estudado no IHB/Cuiabá. Coordenadas (21L 0330894\8286240). Data: 07\11\08. Direção leste.

Aspecto do material arqueológico após classificado e acondicionado em sacos plásticos com etiquetas identificadoras do mesmo. O cerâmico ficou separado do lítico, bordas e bases separadas com as etiquetas respectivas. Coordenadas (21L 0330894\8286240). Data: 06\11\08. Direção leste.



TABELA DOS RESULTADOS DA CLASSIFICAÇÃO POR INTERVENÇÃO EM CADA SÍTIO ARQUEOLÓGICO																																			
Nome do sítio	Coleta Superf.	PT 1	PT 2	PT 3	PT 4	PT 5	PT 6	PT 7	PT 8	PT 9	PT 10	PT 11	PT 12	PT 13	PT 14	PT 15	PT 16	PT 17	PT 18	PT 19	PT 20	Sond. 1	Sond. 2	Sond. 3	Sond. 4	Sond. 5	Sond. 6	Sond. 7	Sond. 8	Sond. 9	Sond. 10	Escavação 1	Escavação 2	Total	
Fig. I	63	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	1	-	13	-	-	-	-	-	-	-	81	
Fig. II	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	
Fig. III	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	
Fig. IV	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25	38	41	114	-	-	-	-	-	-	2	-	229	
Fig. V	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	
Fig. VI	32	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32	
Fig. VII	25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	18	22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	78
Fig. VIII	293	1	2	-	2	-	45	-	3	9	3	1	-	1	-	10	-	12	-	7	-	549	301	174	114	418	23	18	-	-	-	143	732	2861	
Fig. IX	59	-	2	-	-	1	13	-	13	-	-	-	5	2	14	-	2	-	-	22	-	113	33	25	189	257	-	-	-	-	-	30	-	780	
Fig. X	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12
Fig. XI	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	6	33	-	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-	52
Fig. XII	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	3	1	-	-	-	-	63	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	75
Fig. XIII	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	12	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32
Fig. XIV	197	4	-	-	2	1	-	-	6	2	-	-	1	4	-	-	-	1	-	-	1	74	42	-	59	-	-	-	-	-	-	189	-	583	
Fig. XV	33	-	3	2	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	22	53	-	36	-	-	-	-	-	-	-	-	154	
Fig. XVI	10	3	-	-	-	-	-	2	-	5	3	1	2	-	-	-	-	1	1	1	-	14	44	38	-	45	-	-	-	-	-	-	-	170	
Fig. XVII	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	2	-	-	-	-	-	58	19	7	43	-	-	-	-	-	-	-	-	153	
Fig. XVIII	40	-	2	3	-	1	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	46	17	18	10	13	-	-	-	-	-	-	-	149	
Fig. XIX	71	3	1	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	3	1	4	-	1	-	1	2	160	154	124	57	70	-	-	-	-	-	145	-	729	
Fig. XX	47	4	-	-	-	-	-	1	-	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24	53	20	79	11	27	-	-	-	-	-	-	271	
Fig. XXI	28	3	-	-	1	2	1	-	-	-	-	2	1	2	-	3	1	-	-	5	-	67	33	29	78	-	-	-	-	-	-	-	-	256	
Fig. XXII	30	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	-	-	2	-	1	20	69	19	57	-	-	-	-	-	-	78	-	280	
Fig. XXIII	11	-	-	1	3	2	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	46	45	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	112	
Fig. XXIV	2	6	5	3	-	3	2	-	-	1	-	4	1	-	3	5	2	-	-	1	-	97	66	128	-	-	-	-	-	-	-	-	-	329	
Fig. XXV	36	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	75	146	-	13	-	-	-	-	-	-	-	-	270
Fig. XXVI	44	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	59	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	115
Fig. XXVII	7	-	-	-	5	-	-	3	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18
Fig. XXVIII	43	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	43
Fig. XXIX	73	4	-	-	-	2	-	-	-	5	1	-	-	-	7	-	-	9	-	-	-	288	84	54	150	-	-	-	-	-	-	345	-	1022	
Fig. XXX	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12
Fig. XXXI	52	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	39	-	-	-	-	-	-	-	-	537	-	629	
Fig. XXXII	79	37	7	15	36	-	4	-	45	-	7	2	14	3	10	-	8	-	19	-	8	32	56	37	10	-	46	85	-	-	-	12	398	970	
Fig. XXXIII	7	-	-	2	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	47	-	11	98	25	-	-	-	-	-	-	-	-	195
Fig. XXXIV	65	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	33	111	2	5	-	-	-	27	2	7	72	-	348	

Tabela 03: Resultado da classificação por intervenção em cada sítio arqueológico, total de fragmentos cerâmicos: 11.067

Intervenção	Figueirópolis I	Figueirópolis IV	Figueirópolis VII	Figueirópolis VIII	Figueirópolis IX	Figueirópolis XI	Figueirópolis XII	Figueirópolis XIII	Figueirópolis XIV	Figueirópolis XV	Figueirópolis XVI	Figueirópolis XVII														
1	323721	8298253	321840	8303852	323357	8298484	322765	8301311	323063	8300703	323320	8300960	323440	8299389	323112	8300269	322991	8300416	322776	8300472	322190	8302346	318895	8305713		
2	323734	8298267	321855	8303853	323352	8298508	322766	8301331	323079	8300712	323318	8300989	323424	8289383	323111	8300279	322980	8300423	322769	8300482	322202	8302336	318901	8305702		
3	323737	8298270	321880	8303863	323336	8298529	322766	8301341	323095	8300721	323318	8300994	323408	8299384	323107	8300286	322967	8300422	322756	8300492	322181	8302357	319324	8305548		
4	323748	8298275	321891	8303875	323332	8298545	322768	8301359	323106	8300732	323318	8301023	323394	8299381	323110	8300298	322952	8300424	322752	8300504	322212	8302330	319327	8305548		
5	323756	8298283	321901	8303884	323329	8298564	322770	8301375	323121	8300740	323320	8301042	323377	8299379	323105	8300308	322939	8300422	322784	8300458	322224	8302323	319335	8305533		
6	323738	8298288	321911	8303890	323321	8298580	322777	8301299	323136	8300744	323824	8301067	323364	8299375	323107	8300317	322919	8300422	322784	8300434	322234	8302316	319340	8305517		
7	323742	8298278			323318	8298595	322782	8301289	321926	8303894	323317	8300947	323452	8299393	323106	8300329	323000	8300419	322792	8300420	322176	8302367	319337	8305497		
8	323739	8298275			323310	8298606	322791	8301273	321942	8303897	323320	8300927	323465	8299402	323106	8300331	323019	8300415	322800	8300405	322167	8302376	319326	8305563		
9	323745	8298255			323298	8298622	322809	8301255	321963	8303900	323320	8300910	323482	8299408	323104	8300347	323031	8300409	322818	8300399	322162	8302385	319313	8305522		
10	323743	8298248			323409	8298597	322820	8301229	321978	8303904	323322	8300892	323497	8299417	323105	8300358	323045	8300405	322835	8300835	322161	8302395	319295	8305580		
11					323395	8298891	322755	8301302	321865	8303959	323397	8300977	323431	8299405	323163	8300348	322977	8300411	322758	8300447	322192	8302352	319355	8305527		
12					323380	8298582	322738	8301302	321870	8303937	323377	8300975	323423	8299420	323158	8300344	322973	8300402	322760	8300434	322200	8302363	319355	8305533		
13					323363	8298574	322724	8301273	321873	8303923	323361	8300971	323420	8299437	323150	8300335	322968	8300393	322757	8300423	322205	8302373	319364	8305535		
14					323341	8298564	322710	8301258	321884	8303907	323347	8300968	323413	8299451	323140	8300327	322964	8300883	322760	8300407	322206	8302384	319383	8305534		
15					323312	8298552	322782	8301322	321890	8303896	323334	8300965	323411	8299470	323133	8300323	322977	8300487	322759	8300391	322206	8302390	319399	8305535		
16					323297	8298547	322716	8301326	321910	8303874	323308	8300965	323410	8299483	323122	8300318	322975	8300429	322760	8300377	322182	8302340	319329	8305642		
17					323288	8298551	322815	8301335	321913	8303863	323292	8300963	323445	8299378	323114	8300317	322984	8300447	322766	8300360	322174	8302330	319311	8305540		
18					323267	8298537	322830	8301339	321927	8303892	323278	8300964	323446	8299369	323101	8300306	322983	8300451	322766	8300344	322166	8302326	319314	8305540		
19							322849	8301343	321937	8303843	323261	8300964	323447	8299366	323086	8300302	322962	8300481	322768	8300330	322154	8302317	319279	8305556		
20							322865	8301356	321948	8303829	323245	8300961	323453	8299355	323080	8300294	322985	8300473	322769	8300332	322153	8302317	319267	8305574		
Sond. 01	323739	8298264	321882	8303864	323318	8298559	322792	8301322	323320	8300953			323450	8299370	323110	8300286	323010	8300421	322764	8300461	322191	8302345	319326	8305532		
Sond. 02	323745	8298277	321893	8303874	323299	8298579	322790	8301319	323104	8300736	323303	8300964	323457	8299395	323115	8300316	322994	8300437	322782	8300487	322185	8302342	319336	8305524		
Sond. 03	323733	8298270	321886	8303873	323294	8298555	322775	8301324	323119	8300741	323327	8300965	323429	8299388	323090	8300277			322810	8300380	322177	8302335	319342	8305526		
Sond. 04	323729	8298260	321874	8303870	323297	8298588	322789	8301317	323320	8300953			323435	8299366	323117	8300291	322959	8300427	322763	8300379	322213	8302341	319381	8305510		
Sond. 05	323730	8298255			323265	8298532	322777	8301298	321912	8303892			323417	8299369	323124	8300315			322760	8300407	322193	8302444	319406	8305580		
Sond. 06															323082	8300296										
Sond. 07																										
Sond. 08																										
Sond. 09																										
Intervenção	Figueirópolis XVIII	Figueirópolis XIX	Figueirópolis XX	Figueirópolis XXI	Figueirópolis XXII	Fig. XXIII	Fig. XXIV	Figueirópolis XXV	Fig. XXVI	Figueirópolis XXIX	Fig. XXXI	Fig. XXXII	Fig. XXXIV													
1	320623	8304041	321626	8303292	321095	8303336	321648	83031841	321026	8302908	322975	8299070	322572	8300732	322351	8302097	322582	8302420	321540	8302867	321316	8303230	319853	8305781	317585	8306251
2	320628	8304027	321635	8303285	321112	8303344	321635	8303186	321036	8302917	322965	8299063	322565	8300745	322368	8302094	322971	8202423	321527	8302881	321304	8303234	319858	8305761	317594	8306240
3	320641	8304015	321642	8303280	321126	8303349	321624	8303186	321046	8302922	322956	8299059	322560	8300767	322381	8302085	322562	8302429	321520	8302895	321290	8303241	319868	8305750	317602	8306232
4	320648	8303999	321644	8303279	321143	8303349	321606	8303191	321057	8302928	322944	8299047	322557	8300782	322389	8302082	322553	8302428	321512	8302913	321272	8303253	319872	8305735	317613	8306217
5	320656	8303987	321668	8303272	321158	8303349	321594	8303192	321068	8302935	322937	8299040	322553	8300793	322415	8302085	322542	8302433	321503	8302921	321258	8303263	319856	8305703	317622	8306205
6	320662	8303974	321682	8303266	321171	8303350	321662	8303183	321080	8302942	322926	8299031	322572	8300713	322436	8302080	322533	8302435	321477	8302938	321250	8303273	319854	8305688	317575	8306251
7	320669	320604	321694	8303261	321183	8303349	321674	8303182	321081	8302942	322915	8299022	322577	8300688	322452	8302075	322586	8302410	321460	8302937	321331	8303225	319850	8305676	317570	8306266
8	320604	8304059	321614	8303295	321199	8303347	321987	8303182	321121	8302975	322907	8299016	322581	8300674	322470	8302074	322592	8302401	321447	8302937	321348	8303221	319849	8305656	317557	8306275
9	320594	8304071	321599	8303297	321086	8303334	321700	8303183	321137	8302983	322894	8299003	322584	8300662	322487	8302070	322594	8302390	321430	8302945	321360	8303217	319909	8305711	317546	8306285
10	320580	8304079	321590	8303306	321070	8303325	321710	8303181	321148	8302971	322984	8399070	322588	8300650	322504	8302073			321418	8302945	321372	8303210	319895	8305701	317548	8306275
11	320631	8304049	321624	8303300	321105	8303346	321644	8303175	321104	8302943	322963	8299050	322560	8300730	322461	8302154			321487	8302968	321312	8303221	319881	8305768	317621	8306268
12	320639	8304054	321628	8303307	321117	8303358	321645	8303166	321103	8302927	322966	8299041	322545	8300731	322465	8302132			321516	8302946	321300	8303215	319893	8309747	317632	8306272
13	320612	8304033	321635	8303315	321129	8303367	321646	8303155	322103	8302912	322973	8299030	322534	8300733	322463	8302120			321473	8302915	321288	8303210	319821	8305876	317600	8306259
14	320603	8304024	321641	8303324	321144	8303373	321642	8303147	321101	8302900	322977	8299020	322522	8300737	322469	8302103			321487	8302927	321274	8303201	319869	8305781	317606	8306265
15	320589	8304016	321648	8303332	321156	8303377	321648	8303196	321100	8302888	322984	8298997	322509	8300742	322478	8302085			321448	8302899	321261	8303242	319834	8305839	317558	8306241
16	320581	8304006	321620	8303180	321167	8303386	321648	8303209	321099	8302877	322988	8298997	322583	8300734	322489	8302062			321462	8302908	321334	8303251	319830	8305848		

4.2. CARACTERÍSTICAS DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

4.2.1. CERÂMICO

Para a análise do material cerâmico usou-se a terminologia sugerida por Meggers¹⁴⁷ (MEGGERS, 1970) e os modelos de interpretação da cerâmica elaborados por Shepard¹⁴⁸ (SHEPARD, 1985). A nomenclatura da coloração da parede das vasilhas está de acordo com o guia de cores de Schwanebeger¹⁴⁹ (SCHWANEBEGER, 1963) e a dureza dos fragmentos segundo a escala de Mohs. A terminologia das vasilhas foi obtida por empréstimo através de comparação com formas semelhantes descritas por Migliácio¹⁵⁰ (MIGLIACIO, 2006). A análise é amostral, as porcentagens aparecem somente nas amostras que são integrais, quando parciais estão ausentes.

Serão descritas, por item, as características do material cerâmico, começando pelo antiplástico, seguido pelo tipo e característica da cocção, a coloração, dimensões, formas, desde o lábio à base, características da pasta, tratamento de superfície e, por fim, técnica de confecção.

4.2.1.1. Antiplástico¹⁵¹: houve significativa variação dos materiais usados como antiplástico na cerâmica dos 34 sítios arqueológicos. Ocorreram nesta ordem de frequência, areia fina, média e grossa (areão), cauixi e cariapé, palha e cinza vegetal, material carbonizado e calcinado, reaproveitamento de cerâmica ou *chamote* (caco moído) e espículas vegetais e calcárias. Dentre todos os materiais utilizados na mistura os mais raros foram o cauixi e a espícula vegetal de água doce, ocorrendo em apenas 2,1 % analisados (aproximadamente 232 fragmentos de 6.644). Foi observada discrepância entre dois tipos: fragmentos basicamente temperados com areia fina, média e grossa e o basicamente misturado com cariapé e vegetal carbonizado (aditivo de palha). Outro conjunto cerâmico, aproximadamente 13,5 % da amostra

¹⁴⁷ MEGGERS, Op. cit. 1970, p. 86.

¹⁴⁸ SHEPARD, A. O. *Ceramics for the archaeologist*. Washington DC: Carnegie Institute of Washington, 1985. 414 p. (Publication 609).

¹⁴⁹ SCHWANEBEGER. *Farben Führer*. 23 auflage, Guide Colour, München, 12, 1963.

¹⁵⁰ MIGLIACIO, Op. Cit. 2006, p. 323.

¹⁵¹ Foram triturados e moídos os pequenos fragmentos escolhidos e pouco representativos da amostra. O resíduo resultante foi observado na lupa binocular com aumento de 300 a 800 vezes, emprestado do laboratório de solos para agricultura da Secretaria de Agricultura e Pecuária da Prefeitura de Araputanga, MT.

(aproximadamente 1.494 fragmentos) possui antiplástico mineral misturado com impurezas, ou seja, areia e grãos angulares de quartzo associado à palha, carbonizada ou não. Em síntese geral foram dois os tipos de antiplástico identificados: 1. Somente mistura com ingredientes minerais que se denominaram *areia*; 2. Somente mistura com elementos vegetais ou derivados que se nomeou *cariapé*.

4.2.1.2. Cocção: os fragmentos dos sítios pré-coloniais apresentaram queima em atmosfera oxidante com relativo controle da temperatura impedindo o surgimento de manchas de fumaça tanto na superfície interna quanto externa. É homogênea e regular mantendo o núcleo escurecido entre paredes claras (predominante) uma parte da amostra (72,0 %) apresenta o núcleo concentrado na parede externa e outra na interna (38,0 %), esta última contendo significativas manchas de fumaça enegrecidas na face externa dos fragmentos. Foram observadas rachaduras e fraturas de estouro térmico em menos de 1,0 % da amostra (11 fragmentos).¹⁵²

A dureza dos fragmentos é resultante da combinação do tipo de antiplástico usado e da queima empregada. Nos fragmentos temperados com antiplástico mineral e queima oxidante completa a dureza, na escala de Mohs, é entre 4 e 5 característico dos assentamentos da planície aluvial; nos fragmentos em que o antiplástico é vegetal e a queima é irregular e oxidante a dureza é 3, típico dos sítios do terraço fluvial e da meia encosta, onde os fragmentos também são relativamente mais leves. O sítio Figueirópolis I, histórico, é o único que possui queima redutora com temperatura controlada (forno).

4.2.1.3. Coloração: os fragmentos cerâmicos observados apresentavam tonalidades em tons terrosos¹⁵³ como o ocre-pardacento, ocre-acinzentado, ocre-avermelhado, pardacento-oliva, pardacento-marrom, marrom e sépia. A variação da cor parece ter acompanhado o tipo de queima em combinação com a pasta usada. Na queima regular,

¹⁵² O que indicaria claramente o domínio da produção e a qualidade técnica dos grupos ceramistas que ocuparam o médio vale do rio Jauru. Isto é, ao povoarem o vale já traziam consigo adiantado conhecimento na produção cerâmica.

¹⁵³ Conhecida também como bruno ou *brown* terminologia usada principalmente por geólogos e geógrafos para designar a cor *marrom* do solo. Usaram-se aqui os termos tons terrosos em concordância com o guia de cores SCHWANEBEGER, 1963 para materiais cerâmicos (*pottery*).

completa com pasta argilosa a cor em cerca de 64,0 % dos fragmentos é predominantemente ocre-pardacento, seguido de pardacento-acinzentado e marrom de ocorrência mais freqüente nos sítios do terraço fluvial. Na queima irregular com pasta argilo-arenosa a cor predominante é o sépia e a pardacenta-oliva mais comum nos sítios da meia encosta.

4.2.1.3.1. Parede externa: predomina em 71,0 % o ocre-pardacento, marrom e ocre-avermelhado;

4.2.1.3.2. Parede interna: oscilação menor em 32,0 % para o pardacento-acinzentado, marrom e ocre-acinzentado, cinza escuro em raros casos;

4.2.1.3.3. Cor do núcleo: é predominante, em 58,0 % dos fragmentos, de tonalidades cinza (cinza chumbo, claro, escuro, “azulado”); seguido por 32,0 % de marrom enegrecido, negro escuro e preto; em 9,0 % avermelhado, alaranjado e tonalidades mais abertas que as paredes envolventes (queima irregular?)

4.2.1.4. Dimensão: foram medidos diretamente com paquímetro metálico aproximadamente 8.017 fragmentos, aproximadamente 72,0 % da amostra.

4.2.1.4.1. Espessura: Os resultados indicaram espessuras entre 0,4 e 4,5 cm, numa média entre 0,8 e 1,5 cm em 65,0 % dos fragmentos, predominando a espessura 1,1 cm. Nos sítios arqueológicos localizados na planície de inundação a cerâmica tende a ter a espessura das paredes mais fina se comparada com os sítios do terraço fluvial, com as espessuras medianas de 0,9 cm e nos sítios afastados das margens do rio, em meia encosta, foram constantes os fragmentos com espessuras superiores a 2,3 cm (pratos assadores); o mesmo ocorre com o tamanho e diâmetro das vasilhas.

4.2.1.4.2. Altura: de posse dos desenhos técnicos das vasilhas reconstituídas observamos que as vasilhas globulares pequenas têm até 22,0 cm de altura; as tigelas rasas, médias e fundas não ultrapassam os 30,0 cm e as semi-esféricas com abertura da boca em até 60,0 cm possuem entre 45,0 e 70,0 cm de altura. As vasilhas tronco-cônicas são as mais altas com 100,0 a 110,0 cm de altura.

4.2.1.4.3. Largura: as vasilhas mais largas são as tigelas podendo apresentar um diâmetro de até 60,0 cm, predominam uma média de 32,0 cm nas vasilhas globulares e são menores os diâmetros do bojo nas vasilhas globulares pequenas. O

diâmetro na quebra do ombro das vasilhas tronco-cônicas é de 55,0 cm em média, ou seja, mais ou menos a metade de sua altura.

4.2.1.5. Forma: os fragmentos reconstituídos representam vasilhas abertas e fechadas de pequeno médio e grande porte.

4.2.1.5.1. As vasilhas abertas: possuem contornos diretos, horizontais ou verticais, características das formas meia-calota, meia-esfera, semi-globulares, expandidas (bacia) e tigelas rasas, medianas e fundas (Figura 93 g-k). O diâmetro da boca oscila entre 15,0 e 80,0 cm, sendo as que possuem a largura maior que a altura. As formas identificadas nos sítios de meia encosta são basicamente planas ou levemente aplanadas, reforçadas na borda e base (Figuras 85 e 91).

4.2.1.5.2. As vasilhas fechadas: possuem contorno direto simples e vertical que apresentam globulares com ou sem gargalo, esféricas com inflexão extrovertida ou introvertida e tronco-cônicas ou piriformes (Figura 90 conjunto 3). Observamos uma tendência nas aberturas de boca das vasilhas: nos sítios do terraço fluvial tendem a serem superiores a 32,0 cm relativamente maiores e com mais capacidade volumétrica que as que ocorrem nos sítios da planície de inundação. A altura é superior à largura da vasilha.

4.2.1.5.3. Lábio: em 75,1 % dos fragmentos analisados o lábio é arredondado, seguido pelo aplanado, biselado (apontado) e acastelado. É freqüente uma espécie de dobra externa no lábio (rebarba), possivelmente resultado do alisamento da face interna nas vasilhas abertas e tigelas. Ocorrem também com rebarba (sobra de argila), arredondado marcado externamente, aplanado expandido, levemente apontado e dobrado.

4.2.1.5.4. Borda: as bordas apresentam de suave a forte inflexão externa; são extrovertidas, dobradas, restringidas, cilíndricas e hiperbólicas (Figura 75). Nas globulares o contorno vertical é suave, nas vasilhas abertas ocorre não raro a quebra do

contorno em bojo e base levemente aplanada ou terminando em pedestal. Ocorre o reforço externo da borda em 41,0 % dos fragmentos, normalmente reconstituídos como vasilha aberta ou tigela funda. Ocorreram 04 casos de apêndices para preensão/decoração nas bordas acasteladas e lisas sob a forma de pequena alça vertical abaixo do aplique no lábio (Figura 86 primeiro conjunto). São comuns as bordas diretas verticais, direta inclinada externa e interna, extrovertida e introvertida vertical, extrovertida inclinada interna e externa, introvertida inclinada externa e vertical inclinada externa e interna.

4.2.1.5.5. Bojo: apresentam contornos suaves e arredondados, em leve curva; não foram observadas carenas nos ombros das vasilhas. Começam em ombro simétrico e regularmente distante do lábio. Em geral terminam em base arredondada, cônica ou levemente aplanada. Ocorre quebra em 27,0 % das vasilhas abertas quando a base é em pedestal. São menos freqüentes os bojos tronco-cônicos, com quebras no ombro em direção à base cônica levemente aplanada, assemelhando à forma de um “coração” (Figura 95 h, i, j k). Em algumas vasilhas com a borda cilíndrica o bojo tende a ser levemente cônico (Figura 95 b, c, d, s).

4.2.1.5.6. Alça: foram registrados 09 fragmentos com alças ou vestígios de alça na parede externa (menos de 1,0 % da amostra), colado pela técnica do aplique modelado com argila úmida. Motivo pelo qual foram observadas alças isoladas desprendidas/descoladas das suas vasilhas. As alças localizam-se na parte da vasilha entre a borda e o bojo, às vezes ligando uma à outra, como é o caso das vasilhas registradas como apêndice funerário do sepultamento 01 no sítio Figueirópolis XXXII (Figura 86; Prancha 60).

4.2.1.5.7. Base: foram identificados 05 tipos de base: 43,0 % arredondada, 17,0 % cônica, 12,0 % levemente aplanada, 20,0 % plana e 8,0 % em pedestal (Figura 73), (reconstituição Figura 85 e 91 c-g). Segue o mesmo padrão de curva das formas: as bases arredondadas acompanhando as vasilhas globulares predominam nos sítios da planície de inundação, enquanto que as levemente planas e cônicas ocorrem mais

vezes nos sítios do terraço fluvial e as bases planas, em pedestal ou prato inteiramente plano ocorrem nos sítios da meia encosta. Em geral, as bases arredondadas são predominantes nos sítios com cerâmica de antiplástico areia, as planas nos sítios com antiplástico cariapé.

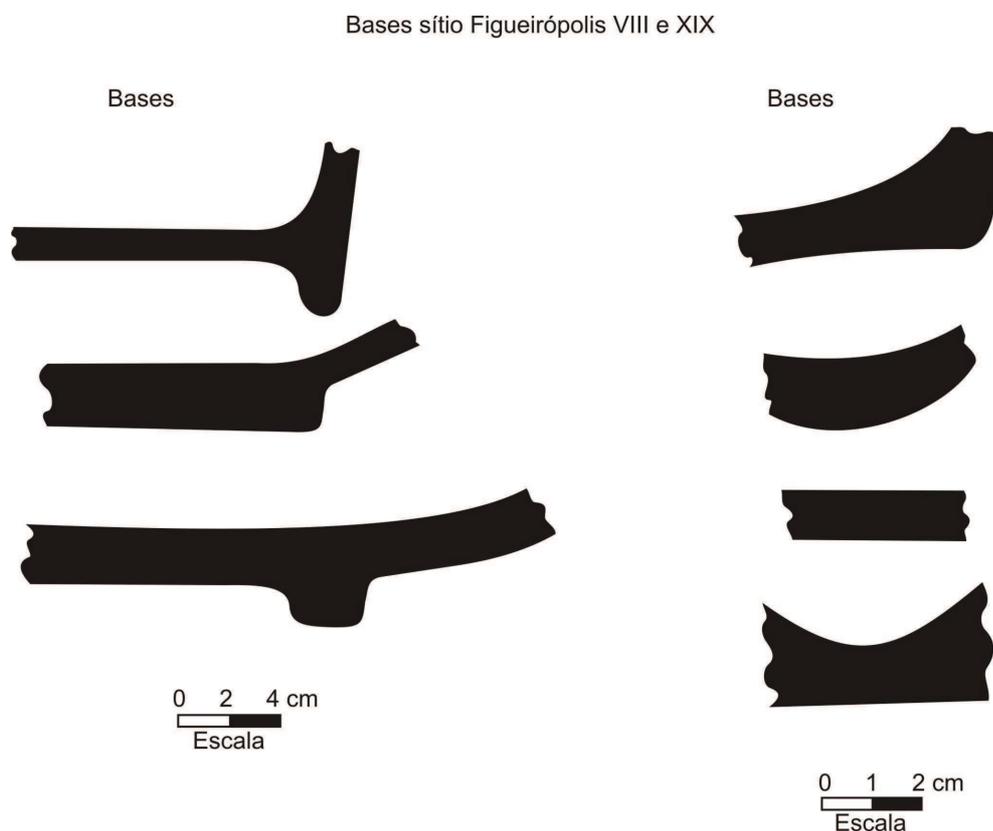


Figura 73: Tipos de base que ocorrem nos sítios Figueirópolis VIII e XIX.

4.2.1.6. Pasta: são comuns dois tipos de pasta: argilosa e argilo-arenosa. Na primeira a textura é compacta e homogênea; mistura regular, havendo boa distribuição do antiplástico, sem emergência de grãos na superfície, ausência de bolhas cavernosas de ar. Na segunda a textura é menos firme, às vezes ocorrendo o desprendimento de grãos arenosos ao toque; foi observada uma mistura irregular de distribuição heterogênea do tempero podendo ser observadas as cavernas do desprendimento de partícula vegetal e mineral indicando precário e rápido amassamento. A primeira situação é típica dos sítios implantados próximos às margens do rio Jauru, de cerâmica com antiplástico areia, e o segundo caso é característico dos sítios com cerâmica de antiplástico cariapé.

4.2.1.7. Tratamento de superfície: os fragmentos observados, aproximadamente 87,9 % do material cerâmico, são alisados simples em ambas as faces. O alisamento parece ter sido realizado logo após a montagem da vasilha, utilizando-se de alisador/polidor, com exceção das vasilhas restringidas, únicas nas quais o interior apresentava ranhuras e imperfeições.

A decoração ocorre em apenas 3,5 % (387 peças) dos fragmentos estudados, podendo ser de dois tipos: plástica, pintada e a combinação inciso/pintada. A decoração pintada, que é predominante, caracteriza-se por vasilhas cobertas de pintura vermelha, mineral ou vegetal, na face externa, interna ou em ambas as faces; combinação de preto na face interna e vermelho na externa; combinação de preto e vermelho na face externa. A decoração exclusivamente plástica é representada por incisos lineares zonais, zigue-zagueados ou não, junto ao bojo ou borda, formando triângulos e formas geométricas losangulares. A combinação inciso/pintado (somente vermelho) é caracterizada por triângulos e losangos fechados (Prancha 53) por linhas e gradeados, tendo o interior das formas geométricas preenchidos com vermelho (reconstituição Figura 74 g). Fragmentos decorados ocorrem com mais frequência nos sítios da planície de inundação. O beliscado zonal, nos gargalos cilíndricos, parece ser funcional, para prensão ou *handle*.

4.2.1.8. Técnica de confecção: a fratura dos fragmentos cerâmicos é regular e retangular uniforme, indicando o aplique de roletes, uns sobre os outros, de forma homogênea a partir da base. A técnica se repete em vasilhas globulares, tigelas rasas ou fundas e pratos assadores com diâmetro superior a 80,0 cm; nas vasilhas menores a técnica é o modelado, sendo perceptível a assimetria resultante desta técnica em pequenos recipientes. No sítio histórico a técnica é o torneado; são visíveis os sinais de torno de oleiro e ondulações na superfície resultante deste processo.

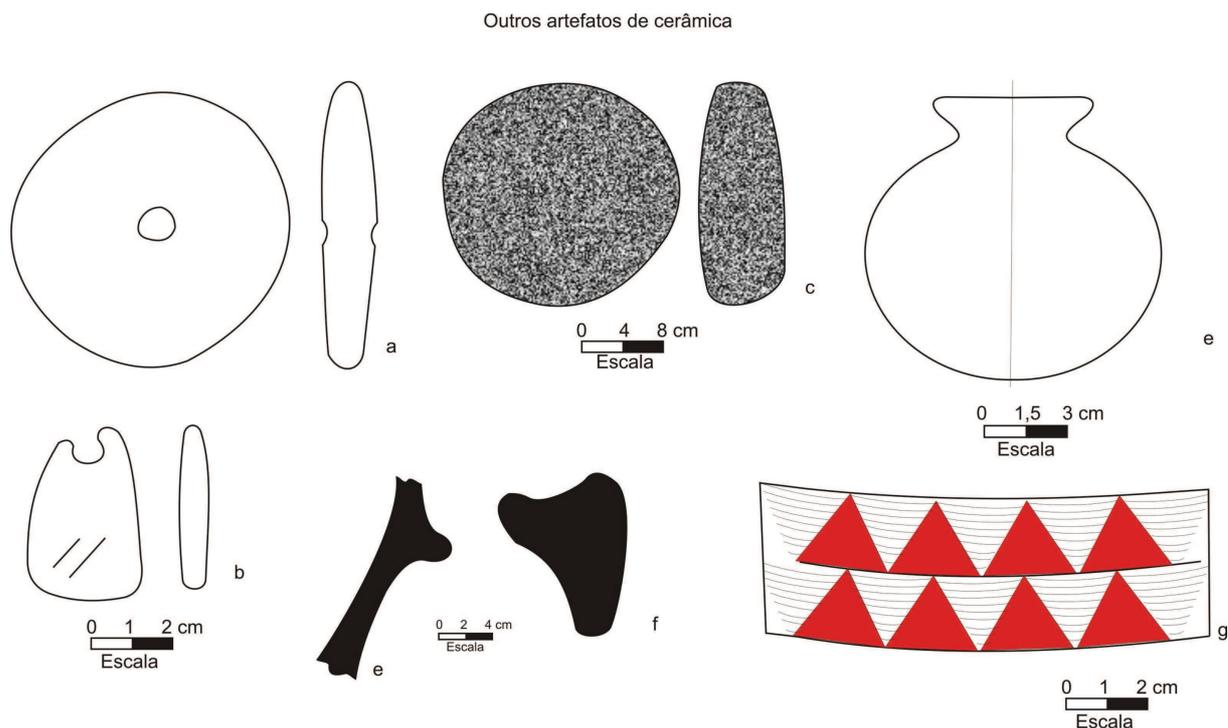


Figura 74: Outros artefatos cerâmicos: a) peso de fuso; b) pingente/adorno; c) ficha com as extremidades polidas; e) fragmento de vasilha com asa mamilar; f) asa; g) modelo do estilo decorativo.

4.2.1.9. Reconstituição das vasilhas: para a confecção dos desenhos técnicos foram utilizadas bordas com tamanho suficiente para a reconstituição final dos vasilhames. Primeiramente foram desenhadas no campo em papel milimetrado. Utilizaram-se recursos tecnológicos para o aferimento do ângulo (Tablet Apple - iPad) das bordas, o que se mostrou ineficaz. O desenho técnico da borda foi digitalizado (scanner) e reproduzido fielmente através do programa CorelDRAW X3. Este mesmo programa possui o recurso de verificação de ângulos e espelhamento de imagens que, após diagnóstico e conferência do orientador¹⁵⁴, serviu para fechar o bojo das vasilhas e criar modelos de tamanhos e formas.

4.2.2. LÍTICO

4.2.2.1. Lascado: foram identificadas lascas de quartzito e matéria metamórfica junto dos sítios Figueirópolis XXIX e XXXIV, foi considerada raríssima a ocorrência do material, tendo sido registradas 9,0 lascas, sem retoque e sem trabalho aparente,

¹⁵⁴ As vasilhas foram reconstituídas, corrigidas e remontadas de acordo com a percepção do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz dado à minha ignorância com relação às formas e aos tipos da Tradição Uru e Pantanal.

apenas com marca de possível uso. Um instrumento plano-convexo foi encontrado na superfície do sítio Figueirópolis VII, infelizmente não se possuem desenhos ou fotos do material lítico lascado.

4.2.2.2. Polido: o material lítico polido é representado pelas lâminas de machado em diorito cinza (Prancha 47 d), maceradores de ervas ou mão de mó (Prancha 47 a, e, c) e peso de rede (Prancha 47 c). Os machados possuem a média de 15,5 a 18,2 cm x 4,5 cm a 8,3 x 2,0 x 4,5 cm (comprimento x largura x espessura). Os gumes polidos das lâminas apresentam ângulos de entre 35°, 45° até no máximo 90°. Apresentam apenas um entalhe para prensão que é picoteado, o mesmo ocorre para o restante do material polido.

4.2.3. ÓSSEO:

4.2.3.1. Dente de cervídeo: foi encontrado no sítio Figueirópolis XXXII um dente de ruminante arctiodactyla (Prancha 50 b), provavelmente veado branco ou pantaneiro, identificado por Suliano Ferrasso (IAP-UNISINOS).

4.2.3.2. Humano: foram identificados três esqueletos articulados em dois sítios arqueológicos Figueirópolis XIV e XXXII (Figura 79 e Prancha 59), e ossos calcinados junto a vasilhas globulares (Figura 78) que compõem crematórios ou sepultamentos secundários nos sítios Figueirópolis VIII e XIX (Figura 76 e 77; Prancha 55 e 56). A descrição detalhada dos sepultamentos encontra-se no item 4 deste capítulo.

4.3. ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO POR SÍTIO

4.3.1. Figueirópolis I

4.3.1.1. Antiplástico: 87,0 % areia fina, 13,0% de fragmentos com grãos angulares pequenos de quartzo;

4.3.1.2. Cocção: completa em atmosfera redutora, sem núcleo aparente; dureza: 4. Ausência de núcleo aparente indica uso de forno e queima controlada;

4.3.1.3. Coloração: 67,0 % cinza chumbo, 33,0 % pardacento acinzentado;

4.3.1.4. Dimensões: espessura das paredes varia de 0,6 a 0,9 cm, predominando 0,8 cm; capacidade volumétrica de até 3,5 litros;

4.3.1.5. Forma: vasilha meia-calota, prato, lábio e borda arredondada, asa em ferradura ponteadas; borda decorada com impressão digitada-ungulada;

4.3.1.6. Pasta: argila, pouca impureza e bem misturada, bem amassada;

4.3.1.7. Tratamento de superfície: *face interna:* 91,0 % de alisado simples *face externa:* 9,0 % de decoração linear incisa zigue-zague, gradeando entre linhas incisadas;

4.3.1.8. Técnica de confecção: 100,0% torneado.

4.3.2. Figueirópolis II

4.3.2.1. Antiplástico: areia, grãos médios, 6,0 % de areia granular;

4.3.2.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, irregular, manchas de fumaça na face externa, núcleo escuro próximo a parede interna; dureza 3.

4.3.2.3. Coloração: 80,0 % ocre-pardacento, 15,0 % pardacento-amarelado, 5,0 % sépia;

4.3.2.4. Dimensões: espessura das paredes entre 0,75 e 1,1 cm, predominando 0,9 cm;

4.3.2.5. Forma: meia-esfera, meia-calota, borda com suave inflexão, lábio arredondado, base arredondada;

4.3.2.6. Pasta: argila, amassamento irregular, mal amassada;

4.3.2.7. Tratamento de superfície: *face interna:* alisado simples com ranhuras; *face externa:* alisado simples não decorado;

4.3.2.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.3. Figueirópolis III

4.3.3.1. Antiplástico: areia, grãos médios de quartzo, grãos angulares visíveis na superfície dos fragmentos;

4.3.3.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante; dureza 3.

4.3.3.3. Coloração: pardacento-amarelado, sépia claro, ocre-avermelhado;

4.3.3.4. Dimensões: espessura dos fragmentos entre 0,8 e 1,3 cm, predominando 1,0 cm; média do tamanho dos fragmentos 5,0 cm²;

4.3.3.5. Forma: aparentemente pratos de base plana, meia-calota, lábio arredondado, borda direta;

4.3.3.6. Pasta: argila, pouco amassada, mistura regular, antiplástico mal misturado;

4.3.3.7. Tratamento de superfície: *face interna:* alisado com ranhuras; *face externa:* alisado simples não decorado;

4.3.3.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.4. Figueirópolis IV

4.3.4.1. Antiplástico: cariapé, vegetal carbonizado, fibras vegetais;

4.3.4.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, regular, sem manchas oxidantes aparentes; dureza 4.

4.3.4.3. Coloração: ocre-pardacento, marrom, pardo-acinzentado;

4.3.4.4. Dimensões: espessuras das paredes oscilam entre 0,72 e 1,9 cm, predominando 1,2 cm; capacidade volumétrica de aproximadamente 09 litros;

4.3.4.5. Forma: semi-esféricas, globulares, pratos, meia-calota aberta;

4.3.4.6. Pasta: argila, bem amassada, mistura regular sem erupção da impureza vegetal na superfície;

4.3.4.7. Tratamento de superfície: *face interna:* alisado simples, pintado de preto, pintado de vermelho; *face externa:* alisado simples;

4.3.4.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.5. Figueirópolis V

4.3.5.1. Antiplástico: areia, grãos médios de quartzo, areão.

4.3.5.2. Cocção: completa, regular em atmosfera oxidante;

4.3.5.3. Coloração: pardacento-acinzentado, ocre-avermelhado, marrom, sépia;

4.3.5.4. Dimensões: espessura das paredes entre 0,6 e 1,4 cm, predominando 1,1 cm;

4.3.5.5. Forma: meia-calota, globulares, esféricas restringidas com gargalo, bojo tronco-cônico, meio-esféricas; capacidade volumétrica de até 30 litros;

4.3.5.6. Pasta: argila, bem amassada, mistura irregular, ocorrendo erupção de grãos de quartzo na superfície dos fragmentos (predominante na face interna);

4.3.5.7. Tratamento de superfície: *face interna:* alisado irregular, pintado de vermelho; *face externa:* alisado simples;

4.3.5.8. Técnica de confecção: acordelado, modelado.

4.3.6. Figueirópolis VI

4.3.6.1. Antiplástico: 77,0 % areia fina, 23,0 % grãos finos angulares de quartzo;

4.3.6.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, sem manchas aparentes; sem nitidez do núcleo; dureza 3;

4.3.6.3. Coloração: ocre-amarelado, ocre-avermelhado;

4.3.6.4. Dimensões: espessuras das paredes entre 0,5 e 1,1 cm predominando 0,8 cm.

4.3.6.5. Forma: meia-esfera; lábio e base arredondada;

4.3.6.6. Pasta: argila, bem amassada, mistura regular sem erupção de grãos;

4.3.6.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces;

4.3.6.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.7. Figueirópolis VII

4.3.7.1. Antiplástico: cariapé, vegetal carbonizado;

4.3.7.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, manchas enegrecidas na superfície; dureza 3; núcleo acinzentado;

4.3.7.3. Coloração: 69,0 % ocre-pardacento, marrom, sépia predominante na face interna;

4.3.7.4. Dimensões: espessuras das paredes oscilam entre 0,8 e 2,6 cm predominando 1,3 cm;

4.3.7.5. Forma: predominam pratos, bases planas, semi-esféricas, lábios arredondados, bordas levemente infletidas e extrovertidas.

4.3.7.6. Pasta: argila, bem amassada, mistura regular e homogênea;

4.3.7.7. Tratamento de superfície: alisado simples;

4.3.7.8. Técnica de confecção: aparentemente acordelado.

4.3.8. Figueirópolis VIII

4.3.8.1. Antiplástico: areia fina, grãos angulares e arredondados;

4.3.8.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante; núcleo negro entre paredes de cor ocre; dureza 4.

4.3.8.3. Coloração: ocre-pardacento, pardacento-avermelhado, marrom, sépia, sépia-oliva, ocre-pardacento avermelhado;

4.3.8.4. Dimensões: espessura das paredes entre 0,6 cm e 1,8 cm, predominando 1,0 cm;

4.3.8.5. Forma: semi-globulares com borda restringida e hiperbólicas, meia calota com reforço externo na borda, semi-globular com borda extrovertida; pratos de base plana sem pedestal;

4.3.8.6. Pasta: argila, bem amassada, mistura regular e homogênea;

4.3.8.7. Tratamento de superfície: *face interna:* alisado simples, pintado de preto (Prancha 53 d), pintado de vermelho (pigmento aparentemente vegetal que desagrega com o dedo ou lavagem firme); *face externa:* nas semi-globulares é o alisado simples.

4.3.8.8. Técnica de confecção: acordelado, modelado.

4.3.9. Figueirópolis IX

4.3.9.1. Antiplástico: composto de fibras vegetais carbonizadas visíveis e emergentes, cinza;

4.3.9.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, núcleo enegrecido, dureza 03;

4.3.9.3. Coloração: 83,0 % pardacento-marrom, 10,0 % ocre-avermelhado, 7,0 % marrom;

4.3.9.4. Dimensões: espessuras oscilam entre 0,7 cm e 1,1 cm, predominando 0,8 cm;

4.3.9.5. Forma: predominam as planas com 85,0 %, reforço interno na borda, meia-calota, meia-esfera;

4.3.9.6. Pasta: argilosa vermelha bem amassada e mistura homogênea;

4.3.9.7. Tratamento de superfície: predominam o alisado simples em ambas as faces;

4.3.9.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.10. Figueirópolis X

4.3.10.1. Antiplástico: 82,0 % areão e 18,0 % areia média e fina, impurezas emergem na superfície;

4.3.10.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, manchas de fumaça na face externa, núcleo enegrecido junto à parede interna, dureza 4;

4.3.10.3. Coloração: 67,0 % ocre-acinzentado, 19,0 % sépia, 12,0 % ocre-pardacento, variação entre os tons terrosos;

4.3.10.4. Dimensões: espessuras oscilam entre 0,4 a 0,9 cm, predominado 0,9 cm;

4.3.10.5. Forma: meia-calota rasa;

4.3.10.6. Pasta: argila mal amassada e mistura heterogênea;

4.3.10.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces;

4.3.10.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.11. Figueirópolis XI

4.3.11.1. Antiplástico: 96,0 % vegetal carbonizado, cariapé;

4.3.11.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, núcleo homogêneo entre as paredes do fragmento;

4.3.11.3. Coloração: 89,0 % ocre-pardacento, 11,0 % marrom;

4.3.11.4. Dimensões: espessuras variam entre 0,4 cm a 1,3 cm, predominando 1,0 cm;

4.3.11.5. Forma: 86,0 % vasilhas planas rasas com reforço interno na borda, meia-esfera com bordas extrovertida e expandida;

4.3.11.6. Pasta: argilosa vermelha, bem amassada, mistura regular, sem emergência de impurezas da pasta na face dos fragmentos;

4.3.11.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces;

4.3.11.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.12. Figueirópolis XII

4.3.12.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cinza, cariapé;

4.3.12.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, homogênea, controlada, dureza 04;

4.3.12.3. Coloração: varia entre tons de marrom terroso 51,0 % e ocre-pardacento 49,0 %;

4.3.12.4. Dimensões: as espessuras oscilaram entre 0,3 cm a 3,1 cm predominando medidas entre 0,9 e 1,1 cm;

4.3.12.5. Forma: meia-calota com reforço externo da borda; meia-esfera de grande capacidade volumétrica; semi-globular, pequenas vasilhas globulares com borda fortemente infletida e hiperbólica;

4.3.12.6. Pasta: argilosa bem amassada e mistura homogênea aparentemente regular;

4.3.12.7. Tratamento de superfície: alisado em ambas as faces;

4.3.12.8. Técnica de confecção: acordelado, modelado.

4.3.13. Figueirópolis XIII

4.3.13.1. Antiplástico: areia fina e média, bem distribuída;

4.3.13.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, manchas de fumaça, núcleo avermelhado junto da face externa;

4.3.13.3. Coloração: 53,0 % pardacento-negro, 26,0 % pardacento-acinzentado, 21,0 % ocre-pardacento;

4.3.13.4. Dimensões: espessuras variaram entre 0,8 e 1,2 cm, predominando 1,0 cm;

4.3.13.5. Forma: observadas as meias-calota de base plana e semi-esférica;

4.3.13.6. Pasta: argilosa vermelha, bem amassada, mistura homogênea e compacta;

4.3.13.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces;

4.3.13.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.14. Figueirópolis XIV

4.3.14.1. Antiplástico: 81,0 % areia, 10,0 % concha triturada (espícula calcária), 9,0 % caco moído;

4.3.14.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, irregular, com manchas de fumaça; núcleo enegrecido próximo da parede interna;

4.3.14.3. Coloração: 93,0 % ocre-pardacento, 3,0 % pardacenta-oliva, 2,0 % marrom, 1,0 % sépia, 1,0 % ocre-avermelhado;

4.3.14.4. Dimensões: espessura dos fragmentos oscilou entre 0,5 cm e 1,9 cm, predominando 1,2 cm nas vasilhas maiores e 0,8 cm nas vasilhas globulares pequenas (menos de 12,0 cm de abertura de boca);

4.3.14.5. Forma: 65,0 % esféricas, 24,0 % meia-esfera, 11,0 semi-globulares com bordas extrovertidas, globulares restringidas com gargalo e pescoço; bordas diretas, infletidas, hiperbólicas, reforçadas na face interna, externa;

4.3.14.6. Pasta: argilosa acinzentada, regularmente amassada, mistura heterogênea; apresenta bolhas cavernosas em 03 fragmentos;

4.3.14.7. Tratamento de superfície: predomina o alisado simples com 89,0 %, ocorrem 6,0 % de vermelho na face interna, preto na face interna, 5,0 % preto na face interna e vermelho na externa;

4.3.14.8. Técnica de confecção: 92,0 % acordelado e 8,0 % modelado (vasilhas com abertura de boca inferior a 8,0 cm).

4.3.15. Figueirópolis XV

4.3.15.1. Antiplástico: cinza vegetal, cariapé;

4.3.15.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, manchas de fumaça na face superior das vasilhas;

4.3.15.3. Coloração: 87,0 % ocre-pardacento, 10,0 % ocre-avermelhado, 3,0 % marrom;

4.3.15.4. Dimensões: espessuras das paredes entre 0,6 e 1,5 cm, predominando, 1,1 cm;

4.3.15.5. Forma: 75,0 % meia-calota com base plana, 16,0 % semi-esférica, 9,0 % pratos com base plana; bordas extrovertidas e expandidas;

4.3.15.6. Pasta: argilosa vermelha, bem amassada, mistura homogênea e regular;

4.3.15.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces;

4.3.15.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.16. Figueirópolis XVI

4.3.16.1. Antiplástico: 96,0 % cinza vegetal, cariapé;

4.3.16.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante; núcleo cinza chumbo no centro de paredes avermelhadas;

4.3.16.3. Coloração: 84,0 % pardacento-amarelado, 13,0 % sépia, 2,0 % ocre-amarelado, 1,0 % ocre-pardacento;

4.3.16.4. Dimensões: espessura das paredes entre 0,5 e 1,6 cm, predominando 0,9 cm;

4.3.16.5. Forma: vasilhas de contorno direto, com bordas suavemente inflectidas; semi-esféricas, meia-calota com bordas introvertidas; bases planas;

4.3.16.6. Pasta: argilosa avermelhada, bem amassada e mistura homogênea; fragmentos leves e compactos;

4.3.16.7. Tratamento de superfície: 89,0 % alisado simples em ambas as faces;

4.3.16.8. Técnica de confecção: acordelado, modelado.

4.3.17. Figueirópolis XVII

4.3.17.1. Antiplástico: areia, caco moído, espícula calcária (concha?);

4.3.17.2. Cocção: completa regular em atmosfera oxidante, núcleo acinzentado entre duas paredes pardacentas;

4.3.17.3. Coloração: predominam ocre-pardacento em ambas as faces; variando para o marrom;

4.3.17.4. Dimensões: espessuras oscilam entre 0,65 a 1,1 cm ocorrendo maior quantidade de 1,0 cm;

4.3.17.5. Forma: 67,0 % de meia-esfera com bordas extrovertidas; 18,0 % são globulares com forte inflexão nas bordas; 15,0 % são de meia-calota com reforço no lábio externo, ocorrem ainda bordas hiperbólicas, vasilhas restringidas com gargalo;

4.3.17.6. Pasta: argilosa, amassamento regular e mistura homogênea; sem erupção de grãos na superfície das paredes;

4.3.17.7. Tratamento de superfície: 89,0 % de alisado simples em ambas as faces; ocorre o pintado sobre inciso geométrico em 11,0 % dos fragmentos;

4.3.17.8. Técnica de confecção: acordelado, modelado.

Reconstituição das vasilhas sítio Figueirópolis VIII

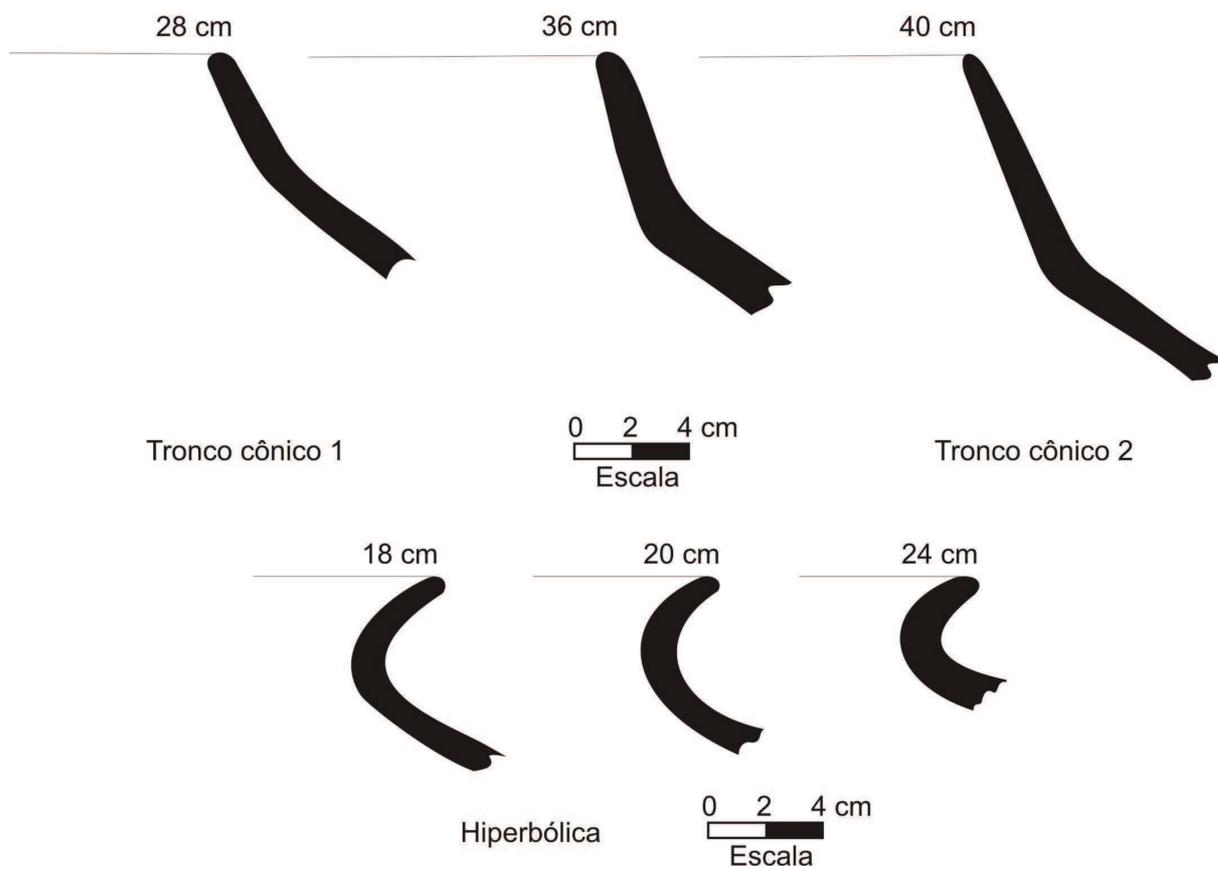


Figura 75: Reconstituição das vasilhas do sítio Figueirópolis VIII, abertura da boca e bordas tronco-cônica e hiperbólica.

Prancha 53 – Material cerâmico: decoração incisa geométrica e pintada



Fragmentos de vasilha com combinação de decoração plástica incisa linear triangular e pintada de vermelho na face externa. A decoração é rara no médio rio Jauru, representando menos de 2,0 % do total de fragmentos analisados. Sítios Figueirópolis XIX, XVII e XXXII.

Vasilha pintada de vermelho sobre inciso triangular na face externa. Os motivos geométricos triangulares encerrados por linhas e preenchidos de vermelho são específicos da cultura na qual representa inclusive a combinação do pintado com o inciso triangular. Sítio Figueirópolis XIX (comparar com Figura 15).



Vasilha pintada de vermelho sobre incisos triangulares (geométricos), triângulos encerrados entre dois incisos lineares. Mesmo exemplo das peças anteriores, que encerram em si elementos culturais que auxiliam na sua associação cultural. Sítio Figueirópolis XVII (por isso reproduzido na Figura 74 g).

Fragmentos de vasilha pintada de preto na face interna, após o vermelho interno é o mais freqüente. Ocorre também o preto externo, numa escala menor. E, ainda, a combinação do preto interno e vermelho externo, ou preto e vermelho na face externa que é muito raro. Sítio Figueirópolis XIV e VIII.



4.3.18. Figueirópolis XVIII

4.3.18.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cariapé em 86,0 % e 14,0 % fibra vegetal;

4.3.18.2. Cocção: completa, oxidante e regular em 69,0 % dos fragmentos, o restante é irregular com manchas de fumaça;

4.3.18.3. Coloração: em 91,0 % é ocre-pardacento o restante é ocre-avermelhado;

4.3.18.4. Dimensões: ocorrem espessuras entre 0,5 cm e 3,1 cm, predominando 1,0 cm.

4.3.18.5. Forma: das 45,0 % das formas observadas, 21,0 % são de meia-esfera com borda expandida, 23,0 % é de meia-esfera com borda extrovertida e 1,0 % era vasilha de cônica com dobra e incisão do pescoço;

4.3.18.6. Pasta: argilosa, bem amassada e com mistura homogênea;

4.3.18.7. Tratamento de superfície: alisado simples predominante e inciso linear zonal ao redor do vasilhame;

4.3.18.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.19. Figueirópolis XIX

4.3.19.1. Antiplástico: areia, areão, caco moído, espículas;

4.3.19.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante; núcleo marrom enegrecido entre paredes claras (tons terrosos);

4.3.19.3. Coloração: predomina em 83,5 % dos fragmentos o pardacento acinzentado, seguido do ocre-avermelhado e pardo-avermelhado;

4.3.19.4. Dimensões: oscilaram entre 0,31 e 4,1 cm, predominando 0,9 com 47,0 %, seguido de 1,1 cm com 28,0 % e 1,9 cm com 25,0 % dos fragmentos medidos;

4.3.19.5. Forma: semi-globulares de tronco-cônico, globulares com alça e borda restringida extrovertida e hiperbólicas; semi-esféricas com borda direta vertical, pratos e bases planas;

4.3.19.6. Pasta: argilo-arenosa, regularmente amassada, mistura regular e compacta, aparecem raramente bolhas cavernosas de ar;

4.3.19.7. Tratamento de superfície: alisado simples em 75,0 % dos fragmentos, seguido do pintado de preto na face interna com 13,0 % dos fragmentos, e 8,0 % pintados de vermelho da face interna e 4,0 % pintado de vermelho na face externa; os fragmentos pintados na face externa pertencem unicamente à vasilha que continha os ossos humanos;

4.3.19.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.20. Figueirópolis XX

4.3.20.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cariapé;

4.3.20.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, regular, núcleo cinza chumbo junto da parede interna do fragmento;

4.3.20.3. Coloração: ocre-pardacento em 97,0 % dos fragmentos, seguido de pardo-avermelhado e marrom;

4.3.20.4. Dimensões: ocorrem espessuras entre 0,5 cm e 1,7 cm, predominando 0,9 cm;

4.3.20.5. Forma: meia-esfera com bordas extrovertidas com suavemente inflexão; globulares, meia-calota e base plana;

4.3.20.6. Pasta: argiloso, mistura e amassamento homogêneo, compacta ao toque;

4.3.20.7. Tratamento de superfície: alisado simples predominante;

4.3.20.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.21. Figueirópolis XXI

4.3.21.1. Antiplástico: vegetal carbonizado (cinza), cariapé;

4.3.21.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, núcleo cinza chumbo concentrado na parede interior do fragmento; dureza 3.

4.3.21.3. Coloração: ocre-pardacento, pardo-amarelado, pardacento-acinzentado;

4.3.21.4. Dimensões: espessuras ocorrem entre 1,7 e 1,1 cm predominando 0,9 cm;

4.3.21.5. Forma: meia-calota com borda expandida; vasilhas com base levemente aplanada, meia-esfera;

4.3.21.6. Pasta: argilosa, amassamento irregular e mistura heterogênea, com bolhas cavernosas de ar; desagregação de alguns grãos nas fraturas;

4.3.21.7. Tratamento de superfície: predominam o alisado simples em ambas as faces;

4.3.21.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.22. Figueirópolis XXII

4.3.22.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cariapé;

4.3.22.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, irregular, constante machas de fumaça da superfície, núcleo enegrecido junto da parede externa dos fragmentos;

4.3.22.3. Coloração: cinza; ocre-acinzentado, cinza-enegrecido;

4.3.22.4. Dimensões: espessura das paredes entre 0,4 e 1,2 cm, predominando 0,8 cm;

4.3.22.5. Forma: meia-esfera com base aplanada, meia-calota com reforço externo na borda;

4.3.22.6. Pasta: argilo-arenosa, amassamento e mistura irregular, heterogênea, textura porosa;

4.3.22.7. Tratamento de superfície: predominam o alisado simples em ambas as faces; ocorre o pintado de preto na face interna e o vermelho também na face interna;

4.3.22.8. Técnica de confecção: acordelado, modelado.

4.3.23. Figueirópolis XXIII

4.3.23.1. Antiplástico: areia, areão, grãos médios aparentes na superfície;

4.3.23.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, manchas de fumaça na face externa; núcleo enegrecido junto da parede externa;

4.3.23.3. Coloração: ocre-pardacento em 77,0 % dos fragmentos, pardacento-amarelado em 23,0 %;

4.3.23.4. Dimensões: ocorram espessuras entre 0,5 e 1,3 cm, predominando 1,0 cm;

4.3.23.5. Forma: contornos simples, bordas diretas com suave inflexão; aparentemente meia-calota com base levemente plana;

4.3.23.6. Pasta: argila, amassamento regular, mistura homogênea e antiplástico bem distribuído;

4.3.23.7. Tratamento de superfície: predominantemente alisado simples em ambas as faces dos fragmentos; ocorre o pintado de preto na face interna em 3,6 % dos fragmentos; vermelho na face interna em 2,0 %

4.3.23.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.24. Figueirópolis XXIV

4.3.24.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, fibra, cariapé;

4.3.24.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, núcleo cinza chumbo entre paredes pardacentas;

4.3.24.3. Coloração: em 87,0 % dos fragmentos predomina o ocre-pardacento amarelado, variando para a tonalidade pardacento-amarelada e sépia;

4.3.24.4. Dimensões: ocorreram entre espessuras entre 0,5 e 1,6 cm, predominando 1,0 cm.

4.3.24.5. Forma: meia-esfera com base aplanada, meia-calota;

4.3.24.6. Pasta: argilosa aparentando bom amassamento e mistura regular, textura crespa ao toque; fissuras internas;

4.3.24.7. Tratamento de superfície: alisados simples em ambas as faces predomina com 93,0 %, seguido de 7,0 % de fragmentos pintados de vermelho na face interna;

4.3.24.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.25. Figueirópolis XXV

4.3.25.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cariapé;

4.3.25.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, manchas de fumaça da face externa, queima irregular;

4.3.25.3. Coloração: ocre-pardacento predominante;

4.3.25.4. Dimensões: ocorrem espessuras entre 0,4 e 1,3 cm predominando entre 0,8 e 0,9 cm.

4.3.25.5. Forma: meia-calota com base aplanada, meia-esfera com borda suavemente extrovertida;

4.3.25.6. Pasta: argilosa em 90,0 % dos fragmentos, argilo-arenosa em 10,0 % dos fragmentos observado, na pasta argilosa é bem amassada com mistura homogênea, no restante a pasta é precariamente amassada com mistura heterogênea;

4.3.25.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces,

4.3.25.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.26. Figueirópolis XXVI

4.3.26.1. Antiplástico: areia, grãos de quartzo angulares, areão;

4.3.26.2. Cocção: regular em atmosfera oxidante. Manchas de fumaça na face externa dos fragmentos;

4.3.26.3. Coloração: ocre-pardacento em 85,0 % dos fragmentos, pardacento-avermelhado em 16,0 % e 1,0 % de marrom.

4.3.26.4. Dimensões: ocorreram fragmentos com 25,0 cm², vasilhas parcialmente fragmentadas com espessuras entre 1,1 e 1,3 cm, a maioria predominou entre 0,8 e 1,0 cm de espessuras das paredes;

4.3.26.5. Forma: meia-esfera com borda extrovertida e reforçada, meia-calota com borda expandida;

4.3.26.6. Pasta: argilosa, amassamento regular e mistura homogênea, compacta e firme, sem desprendimento dos grãos;

4.3.26.7. Tratamento de superfície: alisado em ambas as faces;

4.3.26.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.27. Figueirópolis XXVII

4.3.27.1. Antiplástico: 65,0 % de fragmentos com cariapé e 35,0 % de cinza e fibras vegetais carbonizadas;

4.3.27.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, regular, manchas de fumaça na superfície dos fragmentos; núcleo cinza-chumbo junto da parede externa;

4.3.27.3. Coloração: 79,0 % dos fragmentos predominam o ocre-pardacento amarelado, variando a tonalidade para sépia;

4.3.27.4. Dimensões: ocorreram espessuras entre 0,6 e 1,2 cm predominando, 1,0 cm;

4.3.27.5. Forma: aparentemente meia-esfera com base suavemente plana;

4.3.27.6. Pasta: argilosa, amassamento regular e mistura homogênea, textura compacta ao toque;

4.3.27.7. Tratamento de superfície: predominam o alisado simples em ambas as faces;

4.3.27.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.28. Figueirópolis XXVIII

4.3.28.1. Antiplástico: areia, areão, grãos angulares de quartzo, espículas, caco moído;

4.3.28.2. Cocção: regular em atmosfera oxidante, mancha de fumaça, núcleo enegrecido no centro entre duas paredes pardacentas;

4.3.28.3. Coloração: predomina o ocre-pardacento acinzentado em mais de 91,0 % dos fragmentos;

4.3.28.4. Dimensões: ocorrem espessuras entre 0,7 e 1,5 cm, predominando, 0,8 cm;

4.3.28.5. Forma: meia-esfera com borda extrovertida e leve inflexão;

4.3.28.6. Pasta: argilosa, amassamento regular e mistura heterogênea, ocorre desprendimento de grãos ao toque, textura crespa;

4.3.28.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces;

4.3.28.8. Técnica de confecção: acordelado.

Prancha 54 – Análise



Pequena vasilha cerâmica globular, com borda restringida associada ao sítio Figueirópolis VIII. Apesar de não estar associada diretamente aos sepultamentos. Foi observado no interior fuligem negra, possível decomposição de alimento ou oferenda alimentar.

Análise e observação dos macro-vestígios orgânicos do fundo do prato, com borda hiperbólica e alça associado a sepultamento como anexo funerário. As manchas seriam da queima e do contato com a matéria orgânica.



Análise das peças por sítio arqueológico, característica da vasilha e processo de manufatura. Foram desenhadas as bordas, numeradas e medidas as peças, além da confecção do inventário e da tabela de classificação por atividade interventiva.

4.3.29. Figueirópolis XXIX

4.3.29.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cariapé;

4.3.29.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, homogênea, não observadas manchas de fumaça, núcleo pardacento escuro entre paredes claras;

4.3.29.3. Coloração: em 63,0 % dos fragmentos a cor é ocre-pardacenta, em 20,0 % a cor é o marrom e em 17,0 % é o pardacento-avermelhado;

4.3.29.4. Dimensões: ocorreram dimensões entre 0,5 e 1,7 cm, predominando 1,0 cm;

4.3.29.5. Forma: globulares, semi-esféricas, meia-calota de base plana, bordas extrovertidas e expandidas, reforço externo e interno do lábio;

4.3.29.6. Pasta: argilosa, compacta, bem amassada, regular e mistura homogênea do antiplástico;

4.3.29.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as superfícies, predominante em 71,0 % dos fragmentos; em 15,0 % ocorre o preto na face interna e 14,0 % ocorre o pintado de vermelho na face interna ou externa dos fragmentos;

4.3.29.8. Técnica de confecção: acordelado, moldado (vasilha com abertura de boca inferior e 12,0 cm);

4.3.30. Figueirópolis XXX

4.3.30.1. Antiplástico: 80,0 % cariapé, 12,0 % vegetal carbonizado;

4.3.30.2. Cocção: regular em atmosfera oxidante, com manchas de fumaça na face interna de vasilha plana;

4.3.30.3. Coloração: ocre-pardacento acinzentado, alternado nas tonalidades de cinza;

4.3.30.4. Dimensões: ocorreram espessuras entre 0,8 e 1,1 cm, predominando 1,0 cm;

4.3.30.5. Forma: não foi possível identificar;

4.3.30.6. Pasta: argilosa, pouco compacta, desagrega ao toque, mistura heterogênea;

4.3.30.7. Tratamento de superfície: alisado simples predominando em 100,0 % dos 12 fragmentos;

4.3.30.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.31. Figueirópolis XXXI

4.3.31.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cinza, cariapé;

4.3.31.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, regular, núcleo enegrecido e acinzentado junto à parede interna dos fragmentos;

4.3.31.3. Coloração: ocre-pardacento avermelhado em 63,0 % dos fragmentos; 22,0 de ocre-pardacento amarelado e 15,0 % de tonalidade sépia;

4.3.31.4. Dimensões: foram medidos 430 fragmentos dos 629 coletados, destes ocorreram espessuras entre 0,3 cm a 4,5 cm, predominando medidas entre 0,9 e 1,1 cm. As mais espessas são referentes às bases ou pratos com base espessa;

4.3.31.5. Forma: predominam as meias-esfera com base suavemente plana; seguidas de globulares com bordas infletidas e extrovertidas, e meia calota com reforço no lábio interno;

4.3.31.6. Pasta: argilosa, bem amassada, regular e mistura homogênea, compacta ao toque;

4.3.31.7. Tratamento de superfície: predominam em 89,0 % o alisado simples em ambas as faces, 11,0 % de pintados de preto na face interna;

4.3.31.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.32. Figueirópolis XXXII

4.3.32.1. Antiplástico: areia fina, areão, grãos angulosos de quartzo, caco moído, espículas de calcário, minério de ferro triturado, mica;

4.3.32.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, regular, manchas de fumaça predominante da face externa; núcleo pardacento enegrecido entre paredes claras, indicando controle na queima;

4.3.32.3. Coloração: 86,0% são ocre-pardacento, 10,0 % são pardo-marrom e 4,0 % são pardacento-acinzentados;

4.3.32.4. Dimensões: nas vasilhas maiores predominou 1,3 cm de espessura das paredes, nas globulares com abertura de boca inferior a 12,0 cm predominou 0,9 cm. A espessura total das paredes variou entre 0,3 e 3,9 cm;

4.3.32.5. Forma: relativa grande variedade de formas, predominando as globulares pequenas e médias, de bojo tronco-cônico, com até 12,0 cm de abertura de boca, seguida das meias-esfera com bordas extrovertidas com leve inflexão; meia-calota, esféricas restringidas com gargalo e borda reforçada, hiperbólica, meia-esfera com borda expandida reforçada internamente (Figura 86). Nas globulares observam-se as bordas fortemente infletidas, extrovertidas e com dobra voltada para o bojo. O contorno das meias-calota é suave e direto, terminando em base levemente plana; foram observadas alças que ligam o bojo à borda de prato.

4.3.32.6. Pasta: variedade argilosa e argilo-arenosa, ambas temperadas com areia média e areão; bem amassada e mistura homogênea, compacta ao toque sem desprendimento dos grãos; foram observadas bolhas cavernosas de ar e ranhuras internas;

4.3.32.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces predominando em 63,0 % dos fragmentos, seguido do pintado de preto na face interna com 20,0 % e pintado de vermelho na face interna ou externa em 17,0 % dos fragmentos;

4.3.32.8. Técnica de confecção: acordelado, moldado.

4.3.33. Figueirópolis XXXIII

4.3.33.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cariapé;

4.3.33.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, mancha de fumaça na superfície externa dos fragmentos, núcleo cinza chumbo junto da parede interna;

4.3.33.3. Coloração: 41,0 % ocre-acinzentado, 29,0 % pardacento-acinzentado, 21,0 % ocre-avermelhado, 9,0 % sépia;

4.3.33.4. Dimensões: ocorreram espessuras entre 0,6 a 1,7 cm, predominando 1,1 cm;

4.3.33.5. Forma: semi-esféricas com bordas diretas com inflexão leve e extrovertida (sinuosa); meia-calota com bordas expandidas e base levemente aplanada;

4.3.33.6. Pasta: argilosa, bem amassada e mistura homogênea, textura compacta ao toque;

4.3.33.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces;

4.3.33.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.3.34. Figueirópolis XXXIV

4.3.34.1. Antiplástico: vegetal carbonizado, cinza, cariapé;

4.3.34.2. Cocção: completa em atmosfera oxidante, regular, homogênea sem manchas de fumaça, indicando relativo (excelente) controle na queima; núcleo de cor ocre entre paredes acinzentadas;

4.3.34.3. Coloração: ocre-pardacento acinzentado variando para pardacento-acinzentado;

4.3.34.4. Dimensões: ocorreram espessuras entre 0,6 cm e 1,4 cm, predominando 0,8 cm;

4.3.34.5. Forma: vasilhas com abertura de boca superior a 32,0 cm: meia-esfera com base cônica ou arredondada e borda introvertida; globular com borda suavemente extrovertida (sinuosa); meia-calota com base plana; nas vasilhas com menos de 32,0 cm de abertura de boca predominam as globulares com gargalo e borda cilíndrica e borda reforçada externamente;

4.3.34.6. Pasta: argilosa, bem amassada e mistura homogenia, textura compacta sem desprendimentos de matéria da fratura;

4.3.34.7. Tratamento de superfície: alisado simples em ambas as faces é predominante;

4.3.34.8. Técnica de confecção: acordelado.

4.4. DESCRIÇÃO DOS SEPULTAMENTOS

4.4.1. SEPULTAMENTOS SECUNDÁRIOS

4.4.1.1. SEPULTAMENTO DO SÍTIO FIGUEIRÓPOLIS VIII

Foram identificados fragmentos de ossos humanos e cinza, associados a uma vasilha globular fragmentada (Figura 76, Prancha 55). O conjunto estava agregado logo abaixo da camada de ocupação entre 20,0 e 40,0 cm de profundidade. A vasilha é globular com base arredondada, borda fechada e fortemente infletida. Devido ao reduzido tamanho dos ossos carbonizado e calcinados, não foi possível sua identificação, além de epífises e diáfises.

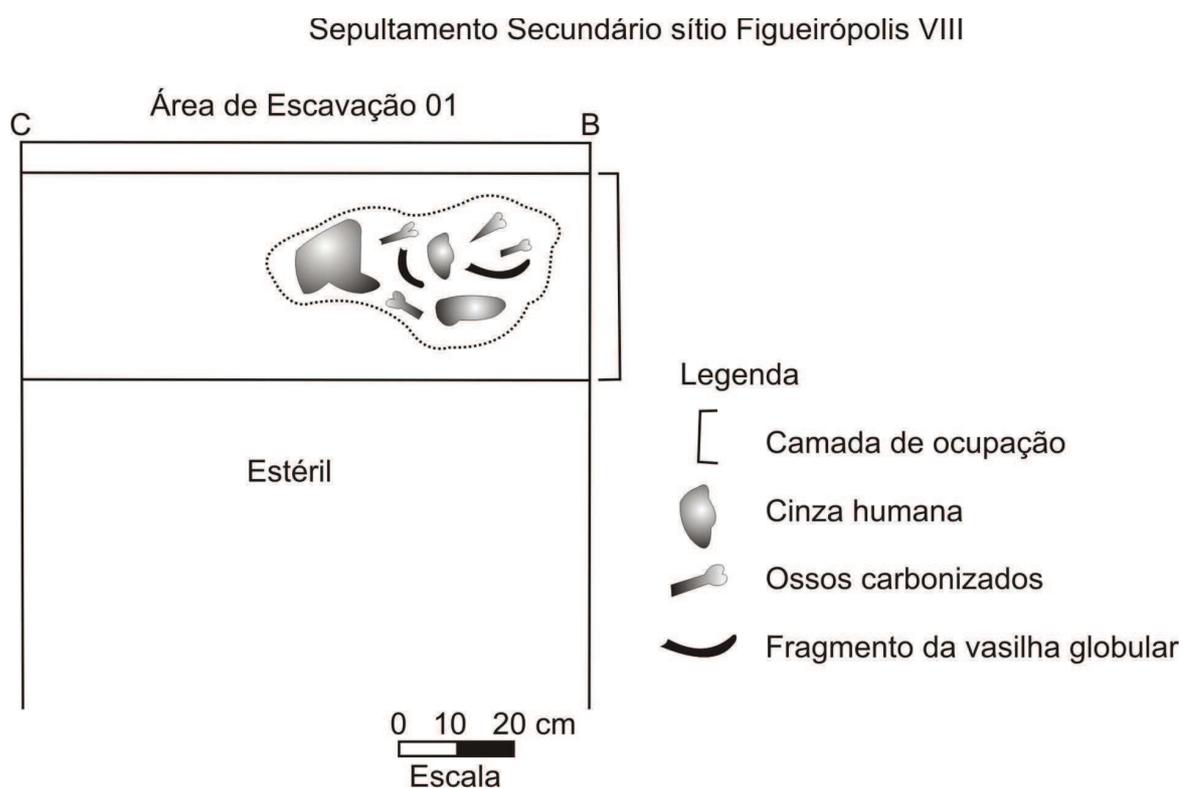


Figura 76: Desenho do sepultamento secundário no sítio Figueirópolis VIII.

4.4.1.2. SEPULTAMENTO DO SÍTIO FIGUEIRÓPOLIS XIX

Foi identificada associada ao nível 20-30 cm da área de escavação 01 do sítio Figueirópolis XIX uma estrutura contendo ossos humanos longos, calcinados e carbonizados, associados a uma vasilha globular pintada de vermelho na face externa (Figura 77, Prancha 56). A vasilha apresenta aproximadamente 18,0 cm de abertura de boca, fechada, com gargalo hiperbólico e extrovertido, base e lábio arredondado (Figura 78). Os ossos humanos identificáveis eram compostos de epífises e diáfises. O pacote todo media 48,0 x 25,0 cm.

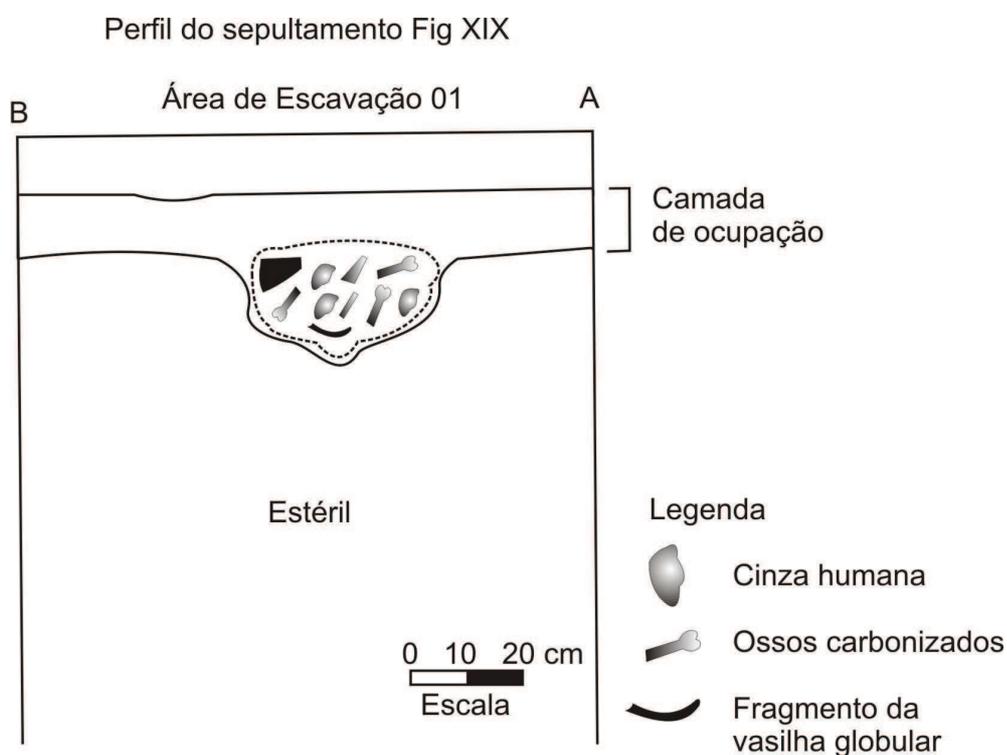
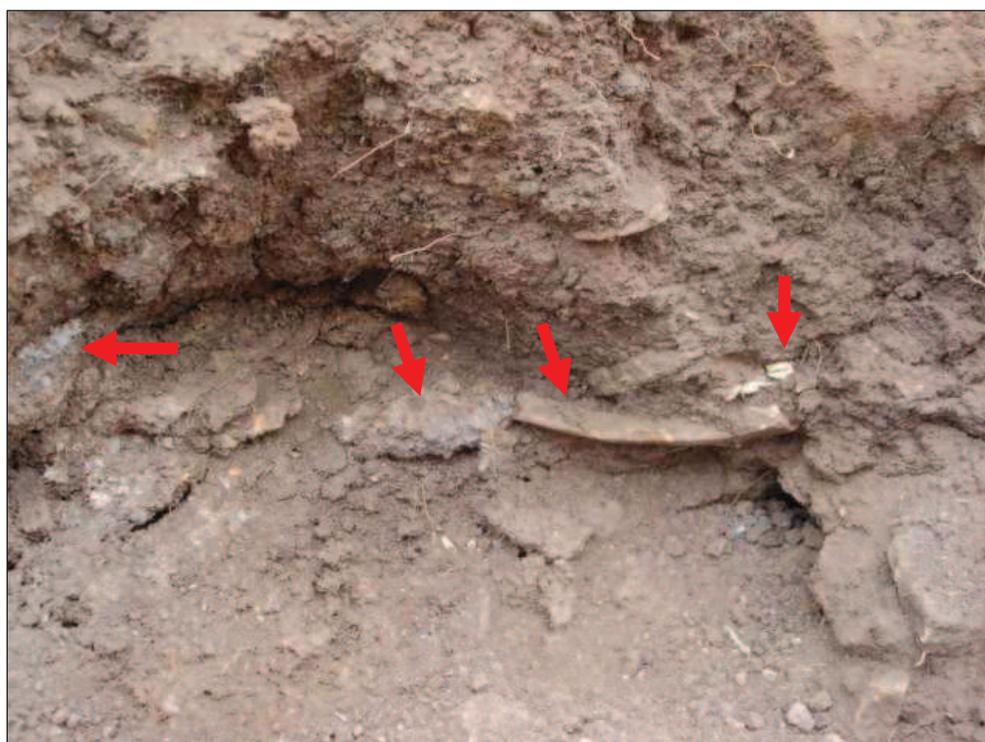


Figura 77: Desenho do sepultamento secundário do sítio Figueirópolis XIX.

Prancha 55 – Sepultamento secundário Sítio Figueirópolis VIII



Sepultamento secundário composto de cinza, fragmentos de ossos humanos longos, associado à vasilha globular na área de escavação 1 do sítio Figueirópolis VIII



Detalhe da vasilha globular, dos fragmentos de ossos longos e da cinza humana compactada. Sítio Figueirópolis VIII.

Prancha 56 – Sepultamento secundário Sítio Figueirópolis XIX

Localização do sepultamento logo abaixo dos primeiros 20,0 cm da camada de ocupação do sítio Figueirópolis XIX.



Detalhe do sepultamento secundário composto de cinza, fragmentos de ossos humanos longos, associado à vasilha pintada de vermelho na face externa na área de escavação 1 do sítio Figueirópolis XIX.

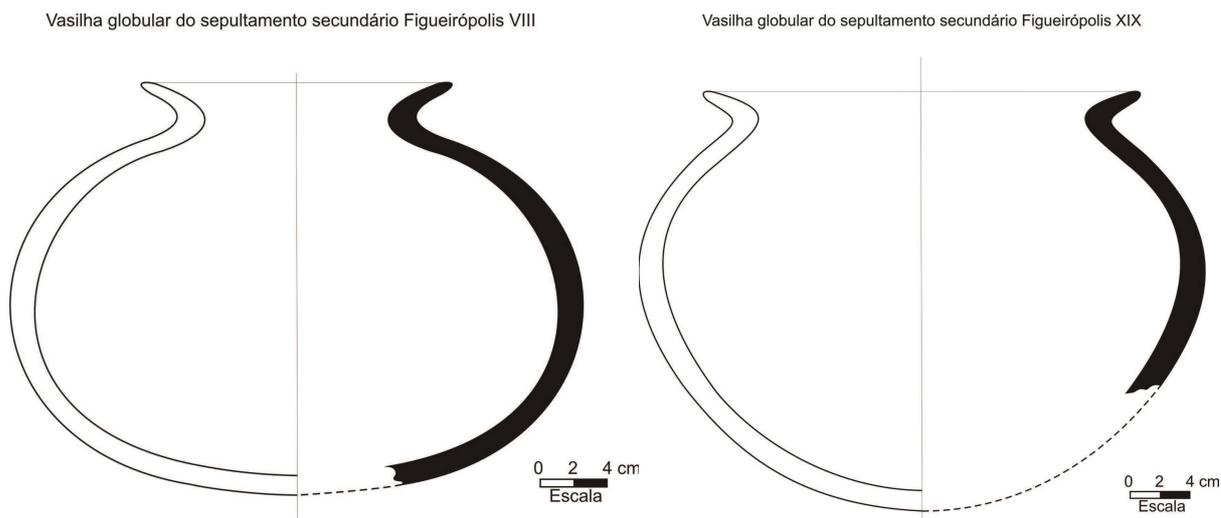


Figura 78: Reconstituição possível das vasilhas globulares associadas aos sepultamentos secundários Figueirópolis VIII e XIX.

4.4.2. SEPULTAMENTOS PRIMÁRIOS OU DIRETOS NO SOLO

4.4.2.1. SEPULTAMENTOS DO SÍTIO FIGUEIRÓPOLIS XIV

4.4.2.1.1. Sepultamento 1: Os restos mortais ósseos do indivíduo estavam parcialmente decompostos. Foi depositado direto no solo, estendido e enterrado no sentido nascente/pés - poente/crânio. Não foram observados os ossos dos pés do indivíduo nem os ossos da face. Apenas a calota craniana posterior indicando deposição em decúbito dorsal (Figura 79; Prancha 57). O sepultamento mede 1,25 x 45,0 x 10,0 cm (comprimento, largura, espessura). Foram observados fortes desgastes nas epífises dos ossos nos membros inferiores. Não foi possível indicar sexo ou idade do indivíduo. Não foi observado anexo funerário associado.

4.4.2.1.2. Sepultamento 2: O indivíduo foi sepultado direto no solo, fletido, em decúbito lateral esquerdo. Junto das pernas estava enterrado um pacote funerário, contendo ossos longos e desarticulados de outro(s) indivíduo(s), pois foram contabilizadas 04 cabeças de fêmur. Neste sepultamento, parcialmente decomposto, foi possível observar a proeminência da mandíbula sugerindo indivíduo adulto do sexo masculino. Apresentava relativa abrasão dentária. Os ossos longos dos membros inferiores apresentavam acentuado desgaste nas epífises. O sepultamento mediu 85,0 x 40,0 x 8,0 cm (comprimento, largura, espessura). Não foram observados anexos funerários associados (Figura 79; Prancha 58).

Prancha 57 – Sepultamentos primários Sítio Figueirópolis XIV



Sepultamento 02, Trincheira 01, Área de escavação 01, nível 60-70 cm. Indivíduo sepultado fletido em decúbito lateral esquerdo, crânio voltado para o nascente. Ossos longos de outros indivíduos foram identificados juntos às canelas do indivíduo, indicando pacote funerário, ou "reenterramento" após a abertura da cova.

Evidenciação do Sepultamento 01, Trincheira 01, nível 60-70 cm. Retirada de sedimento dos ossos do tórax. Apresentava avançado estado de decomposição, com ausência dos pés e alguns ossos da pelve. Foi o único sepultamento em decúbito dorsal.



Aspectos gerais do Sepultamento 01, Trincheira 01 (21L 0322959/8300427), nível 60-70 cm. Indivíduo estendido em decúbito dorsal, crânio voltado para o poente. Por ausência de elementos diagnósticos não foi possível a identificação biológica de sexo e idade, acredita-se que se trata de um indivíduo jovem de baixa estatura.

Aspectos gerais do Sepultamento 02. Observam-se no detalhe os ossos longos de um segundo indivíduo depositado sobre os ossos dos membros inferiores do primeiro. Não foram observadas oferendas ou anexos funerários juntos dos sepultamentos dos indivíduos do sítio Figueirópolis XIV.



Prancha 58 – Sepultamentos primários Sítio Figueirópolis XIV



Detalhe do pronunciamento da mandíbula do indivíduo no sepultamento 2, caracterizado como masculino. Os dentes apresentavam relativa abrasão dentária, com maior desgaste nos caninos e incisivos. Sítio Figueirópolis XIV.

Localização do Sepultamento 01, Trincheira 01, nível 70-80 cm. Cerca de 40,0 cm abaixo da camada de ocupação. A profundidade indica claramente o enterramento no solo, unindo a isso a marca da cova na parede da trincheira.



Aspectos gerais do Sepultamento 02, Trincheira 01 (21L 0322959/8300427), nível 70-80 cm. Indivíduo fletido em decúbito lateral esquerdo. Nota-se a marca da cova na parede da escavação. O sepultamento estava independente da camada de ocupação.

Epífise de osso longo do sepultamento 02, fratura regular e post-mortem, desgaste da extremidade estaria indicando longo tempo agachado. O nível de decomposição dos ossos dificultou a visualização, mas é o único material confiável para ser datado por C₁₄.



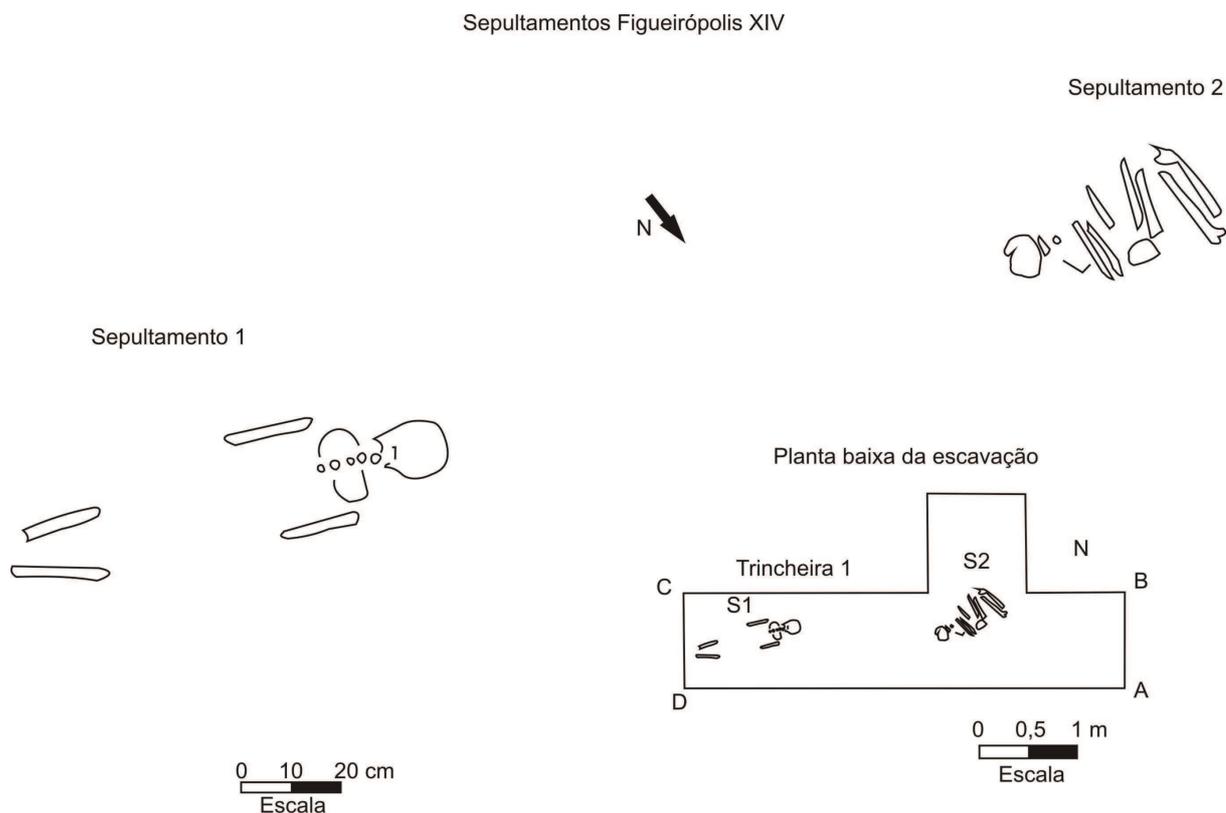


Figura 79: Desenho dos sepultamentos diretos no solo do sítio Figueirópolis XIV.

4.4.2.2. SEPULTAMENTO DO SÍTIO FIGUEIRÓPOLIS XXXII

4.4.2.2.1. Sepultamento 1: Único sepultamento de indivíduo depositado direto no solo em decúbito lateral esquerdo, posição fetal, com anexos funerários associados. Sepultado na direção dos 32° norte, cabeça levemente voltada para o poente, braços e mãos na frente do tórax, pernas fletidas depositada direita sobre esquerda (Prancha 59 b).

O sepultamento mediu 85,0 x 44,0 x 20,0 cm (comprimento, largura, espessura).

Através das características do crânio foi identificado como do sexo feminino e de idade biológica avançada observada pela união nas fissuras da calota craniana.

Prancha 59 – Enterramento do sítio Figueirópolis XXXII



Sepultamento 01, indivíduo flectido em decúbito lateral esquerdo, vasilhas sobre o corpo. Crânio voltado para o nascente. A vasilha pequena apresentava vestígios orgânicos em seu interior, relativamente preservados, causando a coloração preta.

Área de Escavação 01, junto à sondagem 05 (21L0319460/8305318). Rebaixados os primeiros 30,0 cm da área, para verificação da distribuição do material arqueológico junto do indivíduo sepultado.



Aprofundamento da trincheira 01, junto às estacas c-d. Dia 31/10/2008. Verificação da localização do indivíduo a 60-70 cm de profundidade. No detalhe da parede o perfil estratigráfico mostra claramente a alteração da cor após o nível 05 e 06.

Vista geral da escavação do Sepultamento 01, começo no nível 50-60 cm, é possível observar o sedimento arqueológico estendido homogeneamente pelos 40,0 cm de terra preta e que o sepultamento encontra-se abaixo deste.



Prancha 60 – Anexo funerário do sítio Figueirópolis XXXII

Prato cerâmico visto de cima, que estava sobre o crânio do indivíduo sepultado no sítio Figueirópolis XXXII.



Prato cerâmico visto a partir da base, que estava entre a nuca e o crânio do indivíduo sepultado no sítio Figueirópolis XXXII. Observa no detalhe da alça ligando a dobra do boio ao lábio.

O indivíduo foi acompanhado de 06 anexos funerários, destes 05 vasilhas e 01 instrumento lítico, assim distribuídos: 01 prato plano e com alça sobre o crânio, entre a nuca e o pescoço (Prancha 59 a); 01 vasilha globular de 12,0 cm de abertura (14,0 x 12,0 cm), em frente à face do indivíduo; 01 vasilha meia-calota pequena pintada de vermelho na face interna, de base suavemente plana, sobre as mãos do indivíduo próximas à face; 01 fragmento de vasilha meia-calota sobre o fêmur; e nos pés do indivíduo foi depositada 01 vasilha globular ovóide, com 2,0 cm de abertura de boca e 8,3 x 4,1 cm (altura, largura – Prancha 59) e 01 polidor em arenito silicificado cinza medindo 16,5 x 4,5 x 1,8 cm.

São maneiras diferentes da mesma população de enterrar os seus mortos: secundários cremados, primários flectidos ou estendidos.

4.5. SISTEMA DE ASSENTAMENTO

Os sítios arqueológicos compostos de cerâmica com antiplástico areia encontram-se em ambos os lados do rio. Os sítios de diversos tamanhos testemunham que havia um povoamento estável com estruturas diferenciadas para manejo do ambiente.

A diferença não se explica pelo ambiente em que os sítios estão instalados porque ambos os grupos teriam acesso fácil a ambos os materiais.

Os sítios inteiros são cariapé ou são areia.

Sítios com antiplástico areia: 1, 2, 3, 5, 6, 8, 10, 13, 14, 17, 19, 23, 26, 28, 32.

Sítios areia com pouca cerâmica: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 26, 27, 28, 30,

Sítios areia com muita cerâmica: 8, 14, 19, 32.

Não se registraram sítios médios com areia.

Sítios com antiplástico cariapé: 4, 7, 9, 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 33, 34.

Sítios cariapé com média e muita cerâmica: 4, 7, 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 30, 32, 33, 34.

Sítios cariapé com muita cerâmica: 9, 29, 31.

Não se registraram sítios pequenos com cariapé.

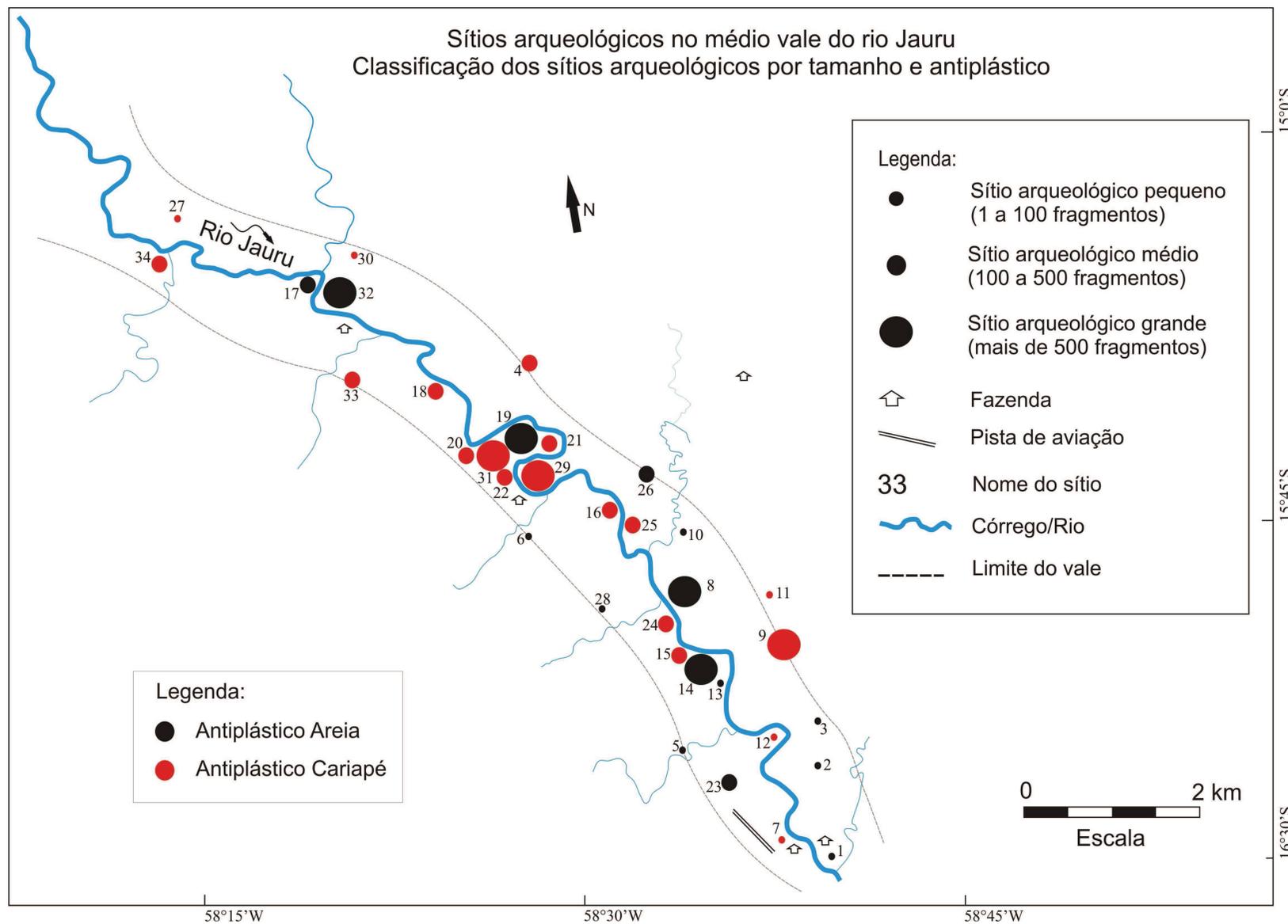


Figura 80: Sítios arqueológicos no médio vale do rio Jauru.

Observando o mapa se percebem duas formas de implantação dos sítios no espaço. Os de antiplástico areia têm aldeias grandes ao longo do rio e pequenas ocupações no sopé do morro. Os sítios com cariapé têm aldeias grandes na beira do rio e sítios médios também na proximidade do rio. O sítio Figueirópolis IX que está no sopé do morro tem muita cerâmica apenas num único corte e com isso não é igual aos outros sítios grandes que tem a cerâmica com cariapé distribuída por um espaço maior. Os sítios grandes com areia se distinguem dos sítios grandes com cariapé porque são os únicos, e todos, tem sepultamentos e bolsões de matéria orgânica. Os sítios grandes com cariapé não tem sepultamentos e não tem os bolsões de matéria orgânica. Tomando como referência o antiplástico se percebem dois sistemas diferentes de assentamento cuja diferença também é acentuada por outras características.

Os sítios grandes tanto da cerâmica com areia (14, 19, 32) como com cariapé (29, 31) mostram acentuada dependência do rio e do seu ambiente localizando-se nas fortes curvas do rio. Isto é mais nítido no local em que o rio forma duas curvas opostas, onde se encontram os sítios: 19 com antiplástico areia e 29 e 31 com cariapé. Embora não se tenha feito uma análise específica para relacionar os antiplásticos com as formas correspondentes da cerâmica, a impressão inicial é de que a cerâmica com cariapé apresenta formas mais abertas de bases aplanadas ao passo que a cerâmica com antiplástico areia tem as formas mais globulares e com gargalo. As duas formas de estabelecimento sugerem duas maneiras diferentes de exploração econômica, embora ambas sejam supostamente cultivadoras. Os sítios com areia têm suas aldeias grandes todas junto aos recursos oferecidos pelo rio e as pequenas no cerrado, na encosta dos morros. Os sítios com cariapé têm tanto os sítios grandes quanto os médios localizados na proximidade do rio. O primeiro tipo de assentamento sugere maior utilização dos recursos do cerrado que o segundo que indica maior dependência do cultivo de plantas. A diversidade na implantação dos sítios faz pensar que se trata de duas populações que sucessivamente ocuparam o espaço. Seria importante conseguir a cronologia das ocupações e fazer uma análise detalhada da cerâmica para verificar se houve contatos entre as sugeridas populações.

O antiplástico usado não parece depender da disponibilidade em que está localizado o sítio, pois areia e cariapé ocorrem sobre solos de constituições diferentes, como aparece na tabela e na descrição dos sítios e do material. Nem da funcionalidade do vasilhame porque ele é comum para todas as formas em um mesmo sítio.

Construímos um pequeno mapa do assentamento fazendo uma síntese do capítulo e usando os dados da tabela: tamanho, relação com o rio, material presente: cerâmica, sepultamentos, densidades de material e disposição estratigráfica.

Todos os sítios estudados são cerâmicos.

CAPÍTULO 5. RESULTADOS DAS ANÁLISES

5.1. RESULTADOS DA IMPLANTAÇÃO DOS SÍTIOS NO RELEVO

No capítulo anterior foram identificados dois sistemas de assentamento no médio vale do rio Jauru (Figura 80). Aqui os sítios arqueológicos foram classificados em razão de sua localização (Figura 81).

O primeiro está associado à planície de inundação nas curvas internas do rio, na floresta aluvial, em neossolo quartzarênico arenoso, de tamanho preferencialmente grande (Cerâmico 1, Figura 81).

O segundo conjunto, predominante, ocupa a borda do terraço fluvial, no interior da savana arbórea densa ou *cerradão* sobre o argissolo vermelho-amarelo eutrófico ou distrófico e possui dimensões medianas (Cerâmico 2, Figura 81).

O terceiro está afastado do rio, em meia encosta ao sopé das suaves colinas do vale onde a vegetação, sobre o solo podzólico vermelho distrófico, é a savana arbórea aberta em galeria ou campo cerrado; estes sítios normalmente são pequenos (Cerâmico 3, Figura 81).

As três áreas preferenciais de ocupação podem ser distribuídas dessa forma no perfil do médio vale do rio Jauru.

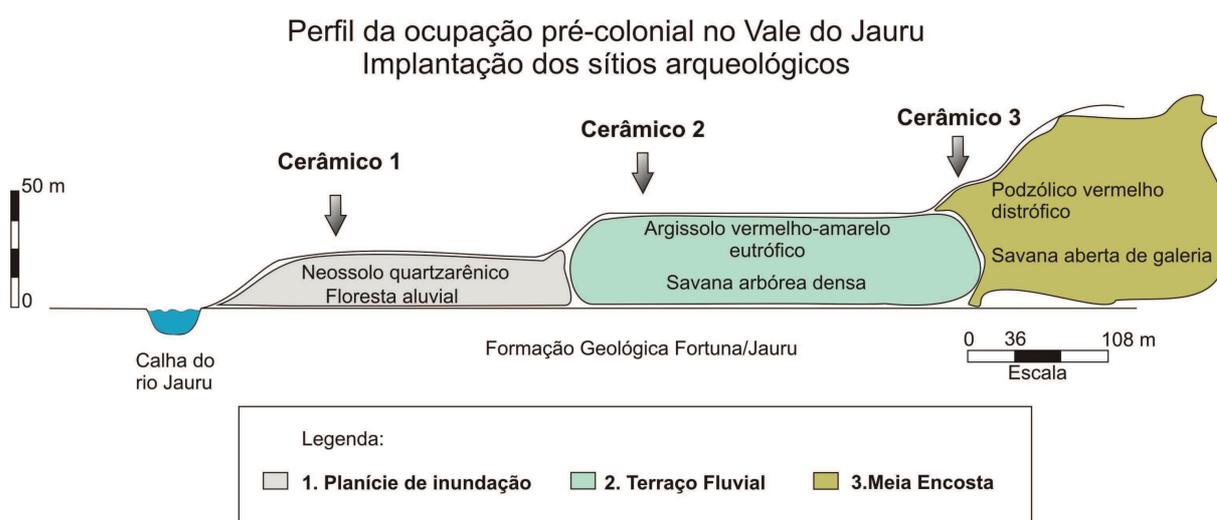


Figura 81: Perfil esquemático da implantação dos sítios de ceramistas no médio vale do rio Jauru.

5.1.1. Sítios na planície de inundação

Os sítios que aparecem preferencialmente na planície de inundação, estão implantados em ambas as margens, na parte interna das curvas acentuadas do rio Jauru, afastados entre 5,0 e 35,0 m, sobre o neossolo quartzarênico arenoso branco, que é naturalmente coberto por floresta aluvial.

As dimensões variaram entre 20,0 e 45,0 m de diâmetro e são normalmente circulares, sem visíveis repartições internas.

Foram aplicados em média vinte poços-teste, seis sondagens e uma área de escavação na porção considerada densa do sítio. A imagem de satélite a seguir (Figura 82) mostra o aglomerado mais denso destes sítios, num lugar onde o curso do rio faz duas voltas opostas sucessivas (Sítios XIX, XXIX e XXXI).

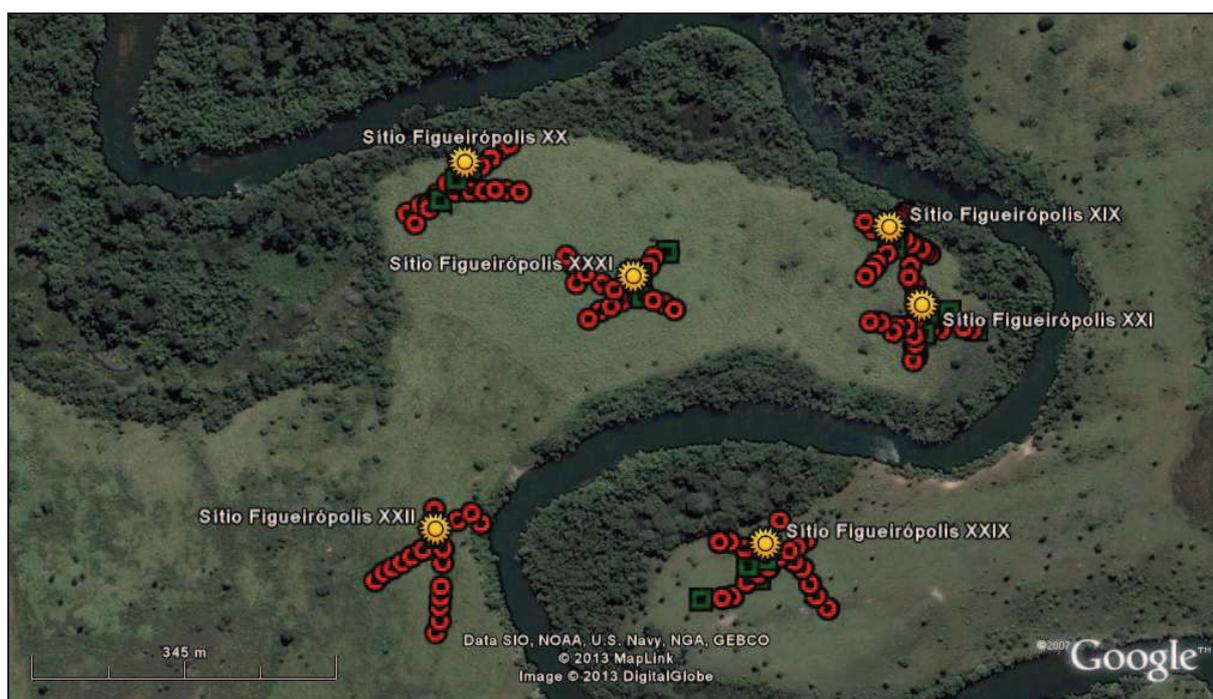


Figura 82: Imagem do Google ilustrando os sítios associados à sucessão de curvas internas do rio Jauru.

A camada arqueológica variou entre 20,0 a 60,0 cm a partir de 10,0 a 20,0 cm de profundidade. Só nestes sítios grandes (com antiplástico areia) aparecem sepultamentos, bolsões orgânicos e manchas escuras.

Na planície aluvial são cinco sítios arqueológicos grandes, sendo quatro de cerâmica com antiplástico areia e um de cerâmica com antiplástico cariapé. O material cerâmico nestes sítios é abundante. Com antiplástico areia ocorrem mais um sítio

médio (17) e um pequeno (13), ambos junto a sítios grandes, e um sítio médio (21) e um pequeno (12) de antiplástico cariapé (ver Figura 80).

Os sítios grandes, como estão próximos da beira do rio, devem abastecer-se de água no próprio.

5.1.2. Sítios no terraço fluvial

Os sítios implantam-se predominantemente no topo da borda do terraço fluvial, afastados entre 30,0 e 80,0 m do rio no argissolo vermelho-amarelo eutrófico, onde a cobertura original é a savana arbórea densa ou *cerradão* (Cerâmico 2, Figura 81).

As dimensões oscilam entre 40,0 m a 65,0 m de diâmetro, normalmente são elipsoidais e formam um só espaço sem aparentes divisões internas. Na imagem de satélite abaixo mostramos os sítios Figueirópolis XV e XXIV.

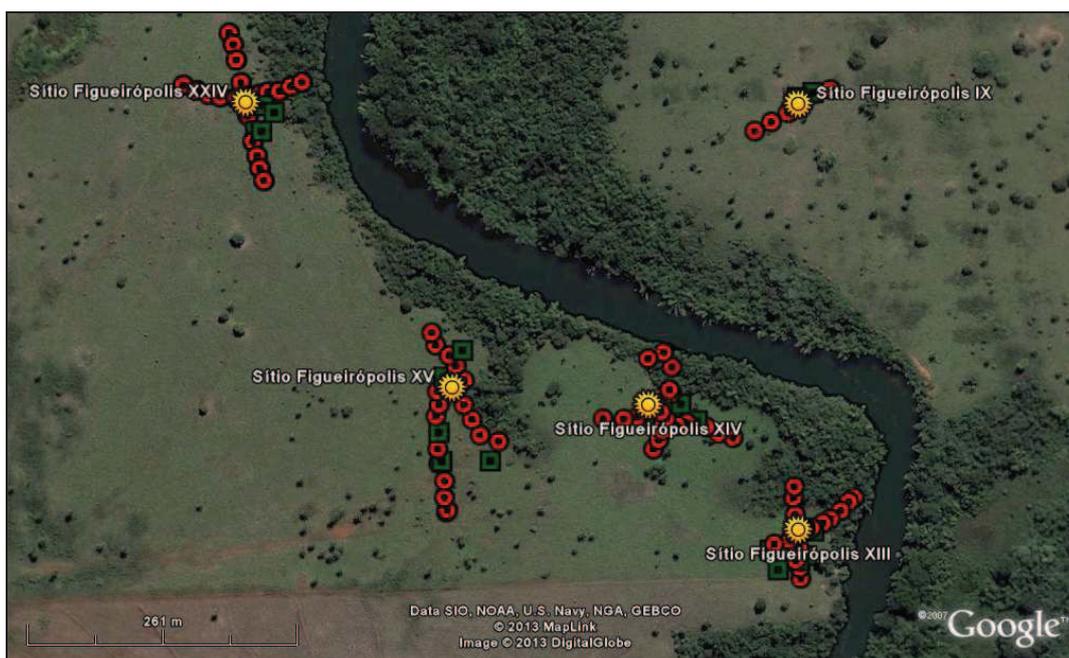


Figura 83: Imagem do Google ilustrando associado ao terraço fluvial do rio.

Foram aplicados, em média, vinte poços-teste e cinco sondagens em cada sítio, naqueles com maior concentração cerâmica foi aberta uma área de escavação de 3,0 x 3,0 m.

A camada de ocupação variou entre 20,0 e 40,0 cm de espessura cerca de 5,0 a 10,0 cm abaixo da superfície.

No terraço fluvial a cerâmica de todos os sítios é temperada com antiplástico cariapé (Tabela 5). Ocorre relativa abundância de material cerâmico. Os sítios médios estão relativamente perto do rio e podem abastecer-se da água deste.

5.1.3. Sítios na meia encosta

Ocorrem afastados do rio, entre 120,0 e 450,0 m; estão implantados na elevação suave da meia encosta onde o solo é o podzólico vermelho-amarelo distrófico (Cerâmico 3), e a vegetação original é a savana arbórea aberta de galeria ou *campo cerrado* (Figura 81).

As dimensões oscilam entre 10,0 e 16,0 m de diâmetro, predominando 12,0 m, normalmente de distribuição homogênea e circular.

São predominantemente superficiais, sem formação de pacote arqueológico, quando ocorre é fino e apresenta uma espessura entre 5,0 e 10,0 cm de profundidade a partir da superfície.

Só foram realizadas coletas superficiais sistemáticas.

Na meia encosta ocorrem predominantemente pequenos sítios com antiplástico areia, e poucos sítios pequenos e médios, além de um grande discutível (09) com antiplástico cariapé.

Na imagem de satélite abaixo (Figura 84) aparece a localização dos sítios na parte média da área de pesquisa, que corresponde ao curso médio do rio.

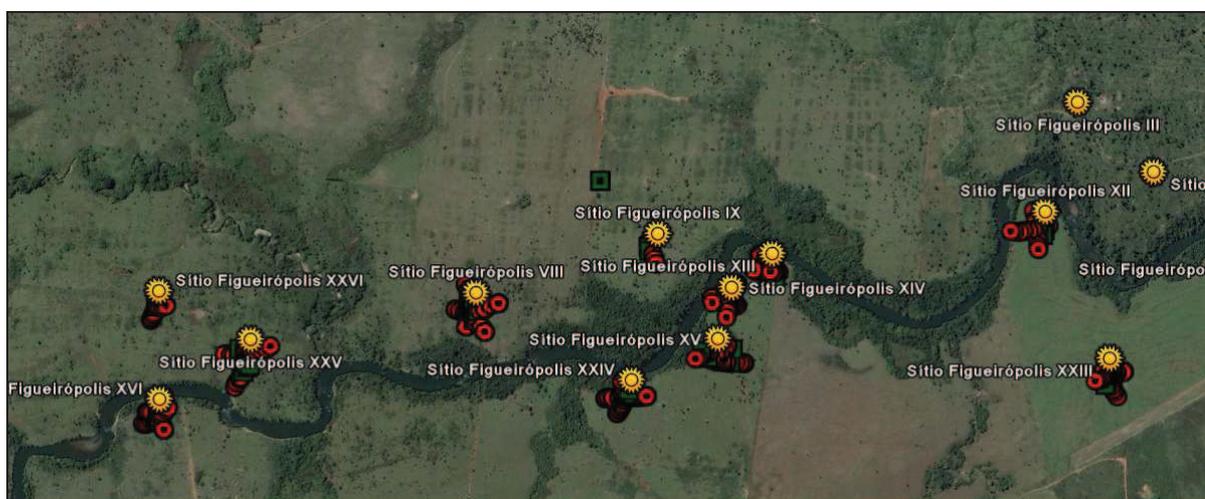


Figura 84: Distribuição dos sítios arqueológicos na margem do rio Jauru, os mais afastados representariam acampamentos no cerrado.

Sítio arqueológico com relação à implantação na paisagem e ao tipo			
Tipo	Planície de Inundação	Terraço Fluvial	Meia encosta
Nome do Sítio Arqueológico	<i>Figueirópolis I</i>	Figueirópolis VII	<i>Figueirópolis II</i>
	<i>Figueirópolis V</i>	Figueirópolis XI	<i>Figueirópolis III</i>
	<u>Figueirópolis VIII</u>	Figueirópolis XII	Figueirópolis IV
	<i>Figueirópolis XIII</i>	Figueirópolis XV	<i>Figueirópolis VI</i>
	<u>Figueirópolis XIV</u>	Figueirópolis XVI	<u>Figueirópolis IX</u>
	<i>Figueirópolis XVII</i>	Figueirópolis XVIII	<i>Figueirópolis X</i>
	<u>Figueirópolis XIX</u>	Figueirópolis XX	<i>Figueirópolis XXIII</i>
	<u>Figueirópolis XXIX</u>	Figueirópolis XXI	<i>Figueirópolis XXVI</i>
	<u>Figueirópolis XXXII</u>	Figueirópolis XXII	<i>Figueirópolis XXVIII</i>
	Figueirópolis XXXIII	Figueirópolis XXIV	Figueirópolis XXX
		Figueirópolis XXV	
		Figueirópolis XXVII	
		<u>Figueirópolis XXXI</u>	
	Figueirópolis XXXIV		

Tabela 05: Distribuição dos sítios por tipo: em itálico os sítios com antiplástico areia, em normal os sítios temperados com cariapé, em sublinhado os sítios grandes.

Os sítios pequenos afastados do rio, normalmente se encontram próximos a córregos permanentes.

Essa classificação por implantação no relevo visa mostrar o aproveitamento do ambiente pelas duas formas de assentamento classificadas pelo antiplástico usado na produção da cerâmica e mostra as diferenças nessa utilização (Tabela 5).

Além de água, o rio Jauru oferece, como visto no capítulo um, ambiente rico em variadas fontes de alimento. Existem fortes corredeiras nas curvas acentuadas do rio, que são rica fonte de pescado, tanto de peixes residentes, como de peixes migrantes. Os sítios alinhados ao longo do rio deveriam fazer muito uso destes recursos, que talvez oferecessem tanta ou mais proteína que a caça no Cerradão e no Cerrado, de todas as formas seriam fortemente complementares.

O vale é coberto por vegetação abundante, diversificada e florestada, onde se concentram os solos mais férteis da região. Eles seriam a base para os cultivos de ambos os grupos.

O vale oferece uma justaposição de mato, cerradão e cerrado que proporcionam madeiras para a construção, lenha para combustível e variedade de frutas, cocos, sementes, ervas e raízes para consumo humano direto e também atraem animais de variados biomas que forneceriam também carne, gordura, ossos e peles. Essa abundante diversidade de recursos tornou o vale do rio Jauru naturalmente atraente a grupos cultivadores.

5.2. RESULTADOS DA ANÁLISE DO MATERIAL

Foram classificados 11.067 fragmentos cerâmicos. Desses fragmentos 4.566 são bordas, 6.130 são fragmentos de bojo e 371 são fragmentos de base. Foram analisados 60,0 % dos 11.067 fragmentos, isto é, 6.640 peças cerâmicas entre inteiras e fragmentadas.

As dimensões dos fragmentos analisados oscilaram entre 3,2 cm² até 450,0 cm², predominando 12,0 cm². A espessura oscilou de 0,23 cm a 4,8 cm, predominando medidas entre 0,8 e 1,1 cm.

A técnica de confecção predominante é o acordelado em 91,0 % das peças observadas. Ocorre com frequência de 7,0 % o modelado em peças com abertura de boca inferior aos 8,0 cm. Em 2,0 % foi verificado, nos pratos, algo semelhante ao plaquetado (placas de argila, modelado). Os pratos e vasilhas planas, espessas, indicam um amassamento pouco refinado, com argila mal amassada.

Existem duas composições principais de antiplástico: o primeiro composto de areia, areão, caco moído (chamote), e raras vezes espículas de concha moída ou espículas de cauxi (calcário); o segundo, predominante, de fibra vegetal e matéria vegetal carbonizada, também conhecido como cariapé.

O primeiro tipo de antiplástico ocorre nos sítios Figueirópolis 1, 2, 3, 5, 6, 8, 10, 13, 14, 17, 19, 23, 26, 28, 32.

O segundo tipo ocorre nos sítios Figueirópolis 4, 7, 9, 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 33, 34.

Verificaram-se dois tipos de pasta: a predominante argilosa avermelhada para a cerâmica de antiplástico areia e a menos ocorrente para antiplástico cariapé em massa

argilo-arenosa acinzentada, a última apresentando melhor amassamento (sova) e mistura.

Observou-se que a queima é irregular em atmosfera oxidante, em ambos os tipos.

Tanto num tipo de antiplástico como no outro existe um núcleo escurecido. Nas peças de antiplástico areia a dureza na escala de Mohs atinge 4, nas demais 3.

A cor predominante da parede é o ocre-pardacento avermelhado em 67,0 % dos fragmentos analisados, seguido do pardacento-amarelado com 13,0 %, marrom com 13,0 % e sépia 7,0 %. Existem manchas de fumaça.

Do total de fragmentos 9.699 (81,0 %) são alisados simples (em ambas as faces), não decorados; 703 fragmentos apresentaram decoração pintada: 390 são pintados de vermelho na face externa, 291 são pintados de preto na face interna; 22 são pintados em ambas as faces de preto e vermelho; 623 representam decoração incisa zonal. Em 31 fragmentos ocorreu decoração plástica beliscada, inciso geométrico triangular, inciso zigue-zague fechado por incisos lineares; em 11 fragmentos foi observada pintura vermelha associada aos incisos triangulares da face externa (Prancha 53). As decorações se encontram em vasilhas com antiplástico areia, especialmente nos sítios grandes e os vasilhames com antiplástico cariapé costumam não ter nenhuma decoração.

Inicialmente procuramos identificar as formas dessa cerâmica independentemente do seu antiplástico. Aparecem, então, vasilhas globulares, esféricas, semi-esféricas, tronco-cônicas, em meia-calota, platiformes; com borda cilíndrica, restringida, hiperbólica, extrovertida, introvertida, inflectida, reforçada externa e internamente; com bases levemente aplanadas, arredondadas, cônicas e planas em pedestal (Figuras 85 e 91). Uma grande variedade de formas. Veja as figuras 85 a 90.

Depois foi observada a variação entre dois tipos de formas:

Nos sítios onde o antiplástico é areia predominam vasilhas globulares e semi-esféricas, seguidas de meia-calota com bordas extrovertidas e expandidas, tigelas com reforço na borda. Nas vasilhas globulares ocorrem bases cônicas e arredondadas, nas vasilhas semi-esféricas é comum a ocorrência da base suavemente aplanada; ocorre

com freqüência estreitamento do gargalho terminando em borda reforçada externamente. As formas fechadas e esféricas parecem mais associadas com a cerâmica com antiplástico areia que caracteriza um dos sistemas de assentamento.

Nos sítios em que o antiplástico é cariapé predominam formas abertas, planas e semi-esféricas com bordas extrovertidas, meia-calota; ocorrem predominantemente formas platiformes tais como os pratos assadores, as gamelas e as tigelas rasas. As abertas e com base plana ou aplanada, com cerâmica de antiplástico cariapé caracterizam o outro sistema de assentamento descrito no capítulo anterior.

Em cerâmica temperada com areia ocorrem fichas com extremidades polidas, pesos de fuso, pingente/adorno e fragmentos decorados. Na cerâmica de antiplástico cariapé ocorrem com freqüência bases planas ou aplanadas. Sentimos a ausência de cachimbos, carimbos corporais e trempes.

O material lítico é representado só por 02 lâminas de machado polidas com entalhe para prensão, 01 lâmina fragmentada; 11 lascas líticas e 01 instrumento plano-convexo. A matéria-prima das lâminas dos machados é o diorito cinza (Prancha 47) e a das lascas e do instrumento lascado é o quartzito branco.

As características do material arqueológico sugerem associação diferenciada com os dois sistemas de assentamento como anotamos acima.

O total de fragmentos analisados indica a presença de dois tipos distintos de confecção, manufatura e acabamento que correspondem aos dois sistemas de assentamento.

Diversos arqueólogos que trabalharam na área ou em áreas próximas descreveram cerâmica com características semelhantes. Buscamos aproximar nossos dados das informações desses autores.

Comparando os dois sistemas de assentamento com as caracterizações e denominações dos autores examinados na revisão bibliográfica, vemos semelhanças do nosso sistema de assentamento de cerâmica temperada com areia, com a tradição definida por Migliácio (2006) como tradição Descalvado/Pantanal, que apresenta um representativo número de vasilhas globulares pequenas e fragmentos decorados (pintados e plásticos), e que está implantada na planície de inundação. Ela atribui essa tradição aos Mojo, Bauré, Manasi, que são Arawak. O material também pode ser

associado com a tradição denominada Descalvado que possui vasilhas maiores e com reduzido número de decoração, também atribuída aos Xarayé (MIGLIÁCIO, 2000, p. 373). E ainda com as fases Jacadigo, Castelo e Taiamã (SCHMITZ, 1998; PEIXOTO, 2003; MARTINS & KASHIMOTO, 2000) do Pantanal que seriam Guató e Paiaguá, que são Arawak.

E comparando os sítios do sistema de assentamento com cerâmica de antiplástico cariapé, com maior número de vasilhas abertas e platiformes, bordas com reforço externo, bases com pedestal e sem decoração, vemos semelhanças com as descritas para os grupos cultivadores do cerrado do Tocantins/Araguaia (SCHMITZ 1974, 1982) e da bacia do rio Jauru (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; MARTINS & KASHIMOTO, 2000; FUNARI & OLIVEIRA, 2003) como tradição Uru, representada por grupos como Bororo, Nhanbikuara, Ararivá, Saraveka, que são Macro-Jê.

Foi mais difícil comparar nossos dados com as descrições de Nordenskiöld (1913, p. 223), mas existem claras formas e decorações que ele ilustra (a decoração incisa triangular e pintada de vermelho e formas de apêndices, Figura 14), que são iguais às encontradas por nós no médio Jauru.

Dillehay (2000, p. 14) menciona a alta probabilidade do registro de diversidade cultural em vales férteis, fato observado no vale do rio Jauru.

Ellen (1982, p. 235) atribui uma *variação* da adaptação cultural ao ambiente que se manifesta através dos diferenciais de sobrevivência das populações, da compreensão dos riscos através de respostas conscientes, fenômeno visível para ambas as populações que povoaram o vale do Jauru.

Steward (1963) atribui a mesma decoração aos Mojo e Suznik (1978) à família lingüística Arawak.

Dessa forma foi possível correlacionar nosso material com as classificações estabelecidas por pesquisadores anteriores, que todos falam de duas culturas. Os sistemas de assentamento por nós estabelecidos nos conduzem à mesma conclusão.

Como os sítios de ambos os sistemas estão muito próximos entre eles, e misturados no mesmo espaço e no mesmo ambiente, pode-se supor que eles não são contemporâneos, mas sucessivos e que os sítios com cerâmica de antiplástico areia sejam os mais antigos, os da cerâmica com cariapé os supervenientes.

Por não termos feito uma caracterização minuciosa e completa da cerâmica, separando os dois conjuntos baseados no antiplástico, não temos possibilidade de discutir eventuais relações entre estes conjuntos.

Nas páginas seguintes ilustramos os modelos das formas e, depois os documentos da reconstituição.

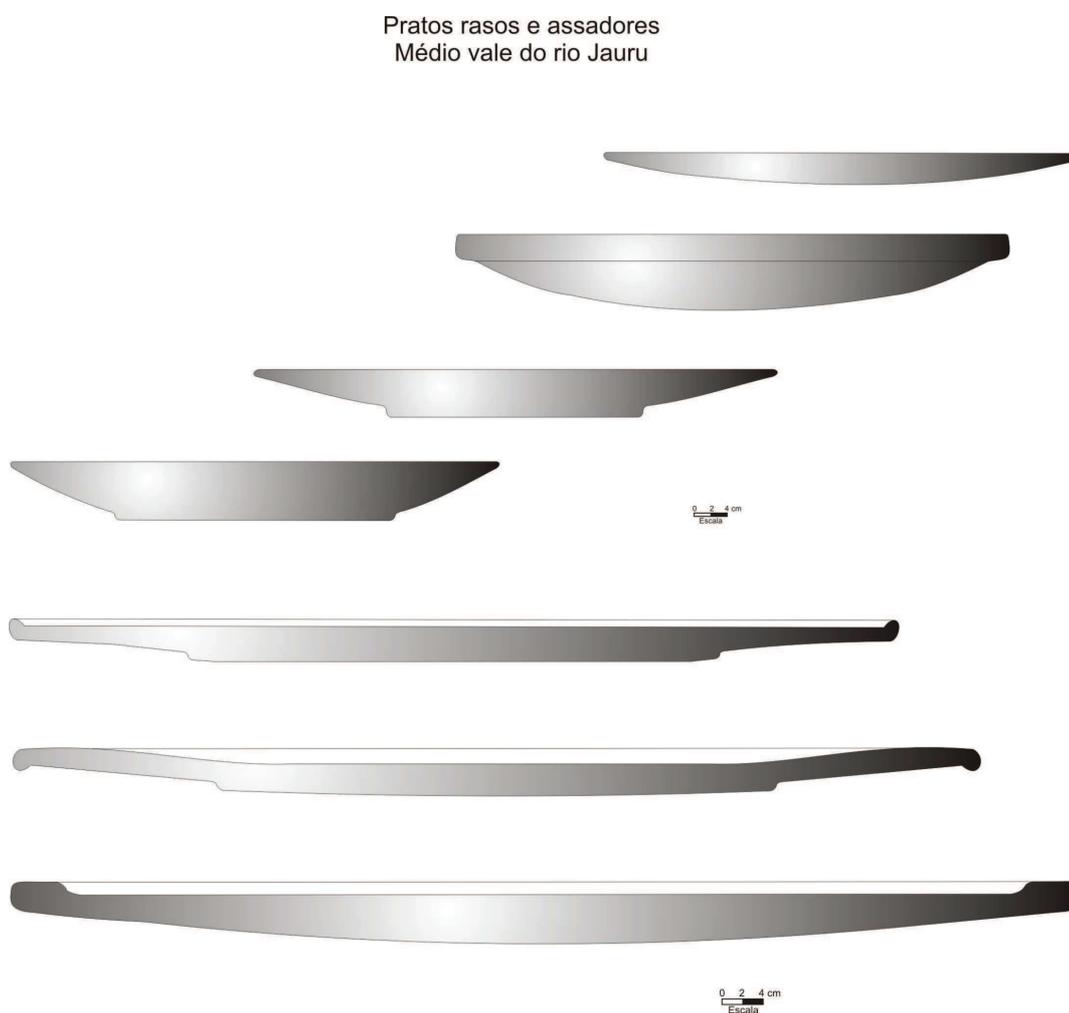


Figura 85: Modelos de pratos rasos (primeiro conjunto acima) e assadores do médio vale de rio Jauru.

Vasilhas meia esfera
Médio vale do rio Jauru



Figura 86: Modelos de vasilhas meia-esfera do médio vale do rio Jauru, bordas infletidas, extrovertidas, expandidas e reforçadas.

Tigelas rasas e médias
Médio vale do rio Jauru

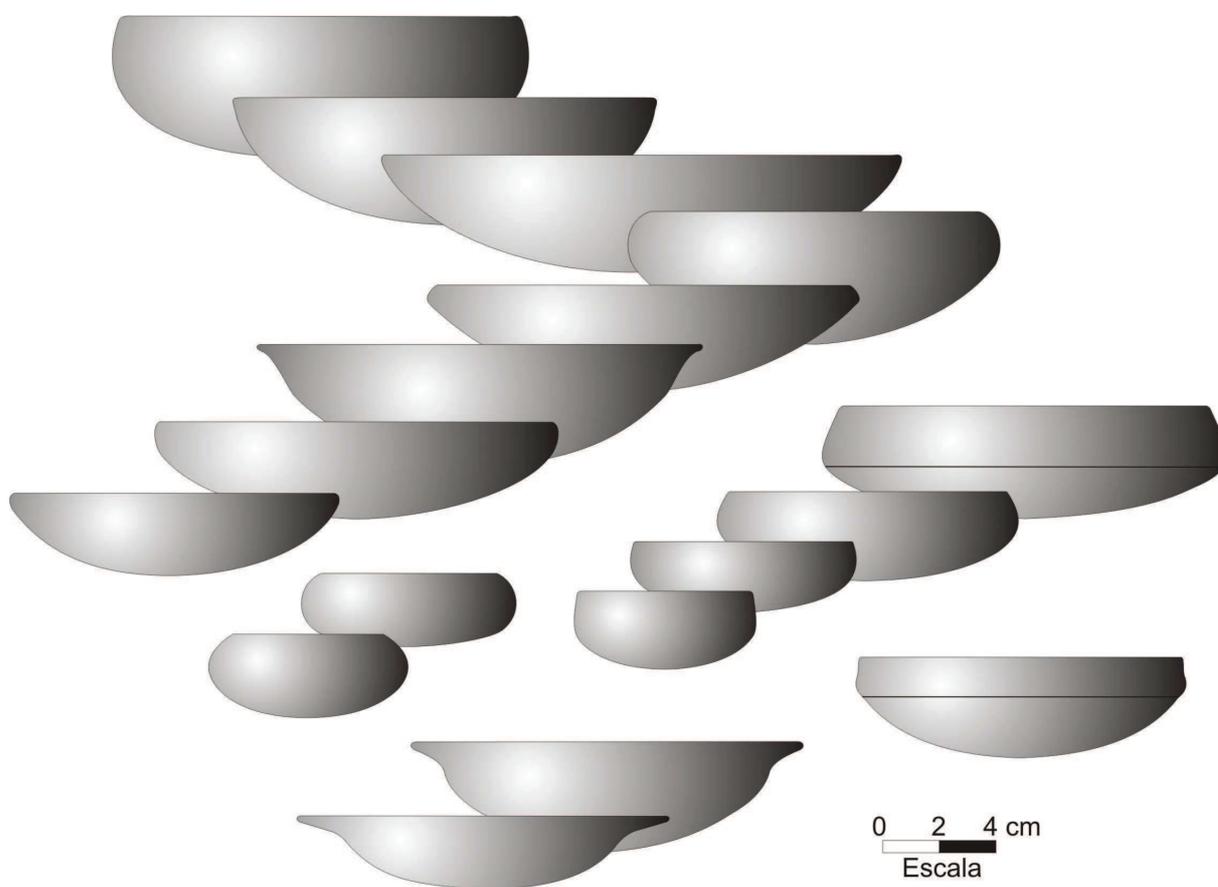


Figura 87: Modelos de tigelas rasas do médio vale do rio Jauru, meia esfera, meia-calota ou meia-elipse (primeiro conjunto a partir do canto superior esquerdo – os conjuntos estão separados pelas escalas no canto inferior direito).

Tigelas médias e fundas
Médio vale do rio Jauru



Figura 88: Modelos de tigelas médias e fundas, bacias, gamelas com borda infletida e base arredondada ou levemente plana.

Vasilhas globulares
Médio vale do rio Juru

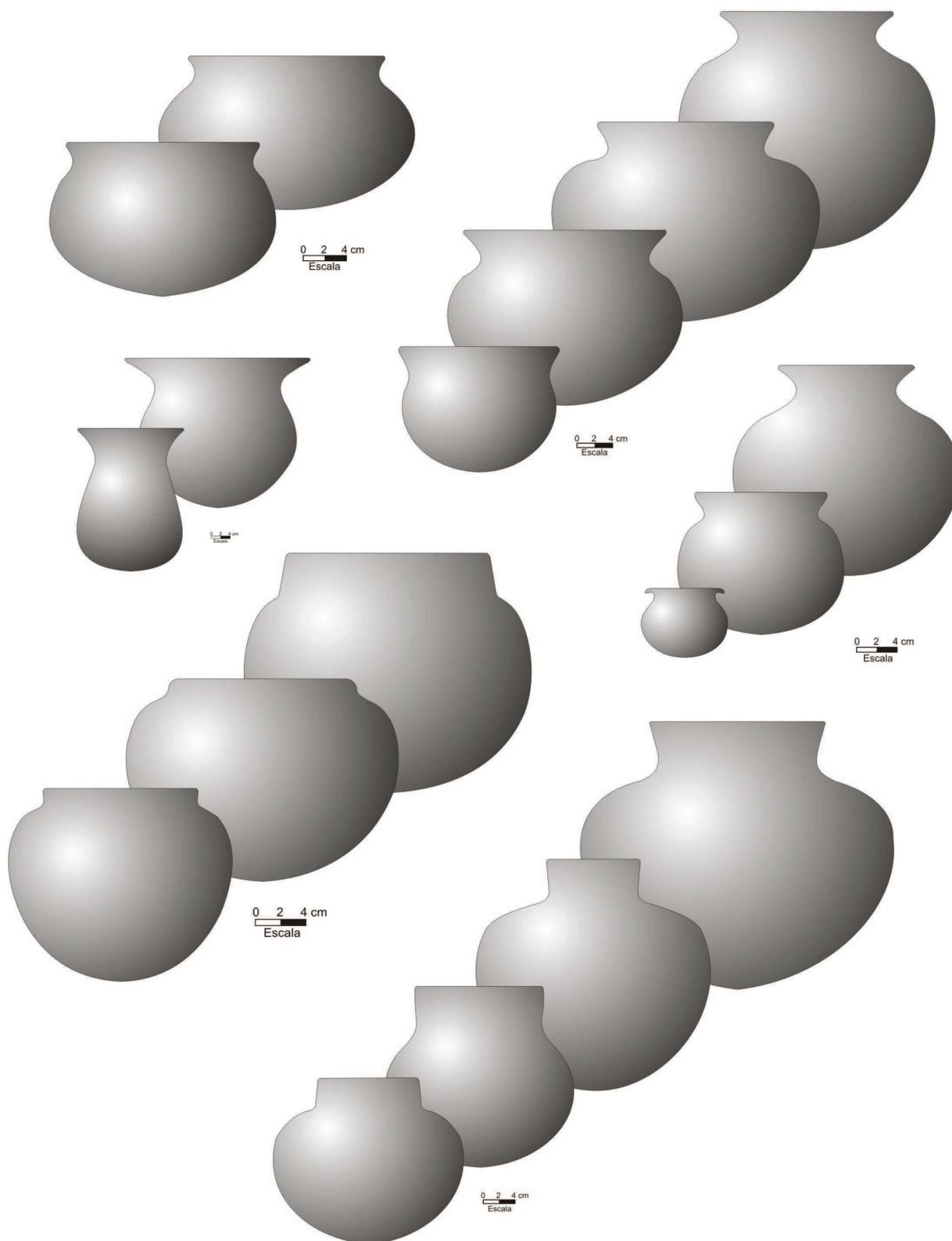


Figura 89: Modelos de vasilhas globulares do médio vale do rio Juru, bordas infletidas, hiperbólicas e cilíndricas.

Vasilhas tronco cônicas e compostas
Médio vale do rio Jauru



Figura 90: Modelos de vasilhas tronco-cônicas e compostas do médio vale do rio Jauru.

Formas dos pratos

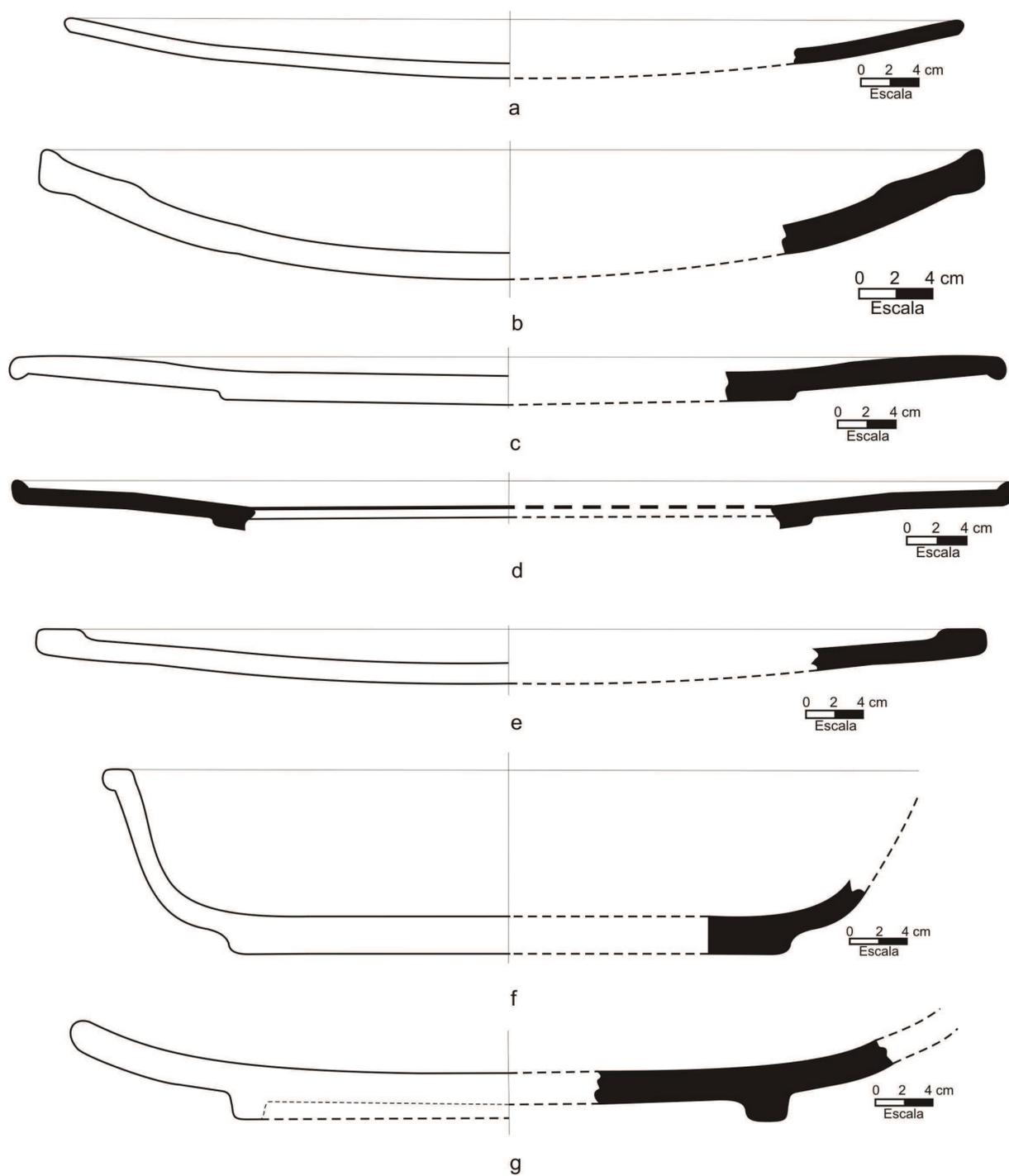
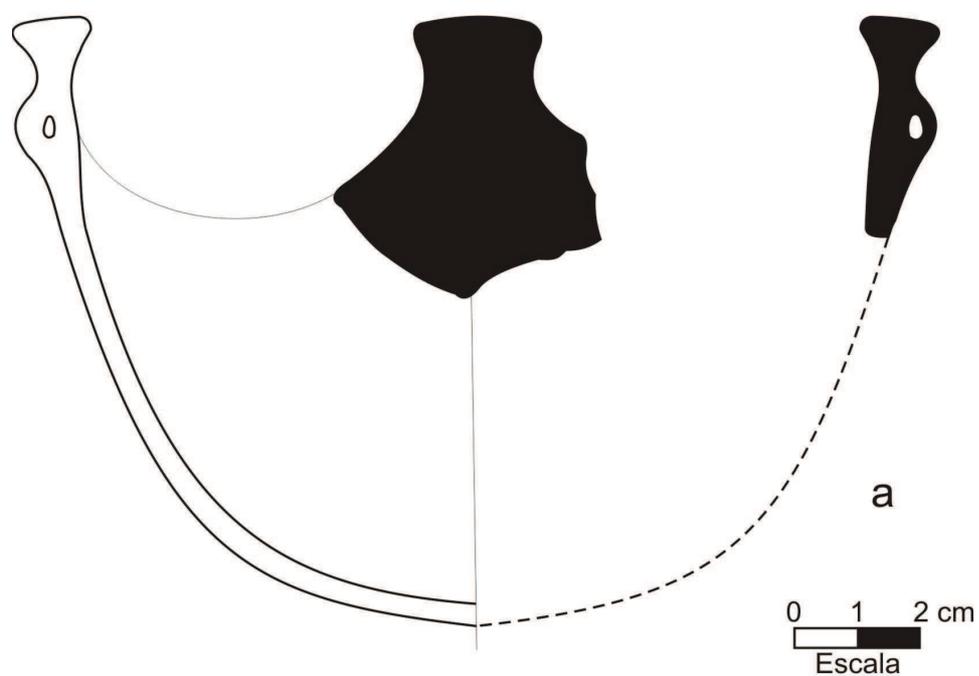


Figura 91: Formas das vasilhas platiformes, pratos com (c, d, g) e sem pedestal (a, b, e), tigela rasa com pedestal (f).

Borda com preensão e apêndice, alça aplicada Figueirópolis XV



Reconstituição das Bordas Figueirópolis XIV

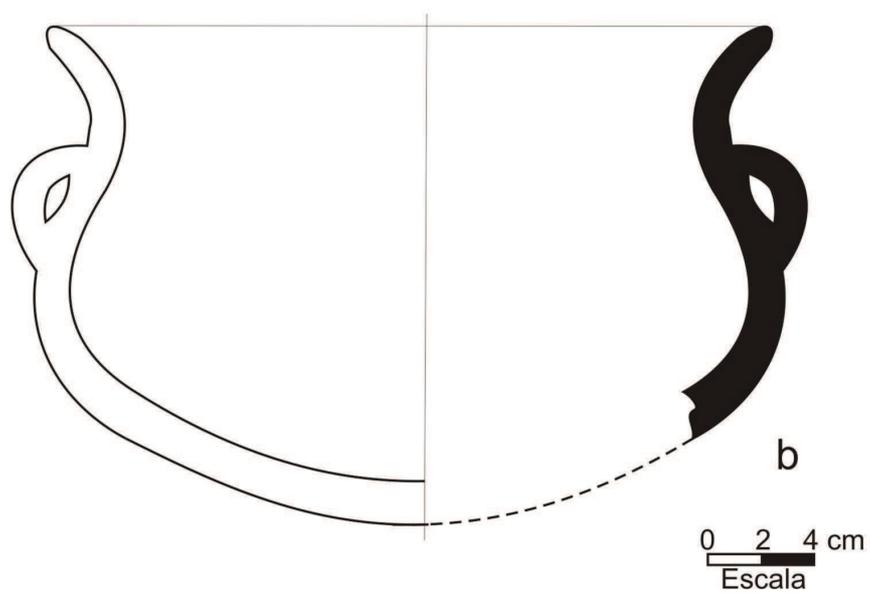


Figura 92: a) Reconstituição de vasilha com trabalho na borda com alça e apêndice associados para preensão (handle), forma pouco conhecida pela Arqueologia regional; b) vasilha com alça.

Formas reconstituídas das vasilhas cerâmicas dos sítios

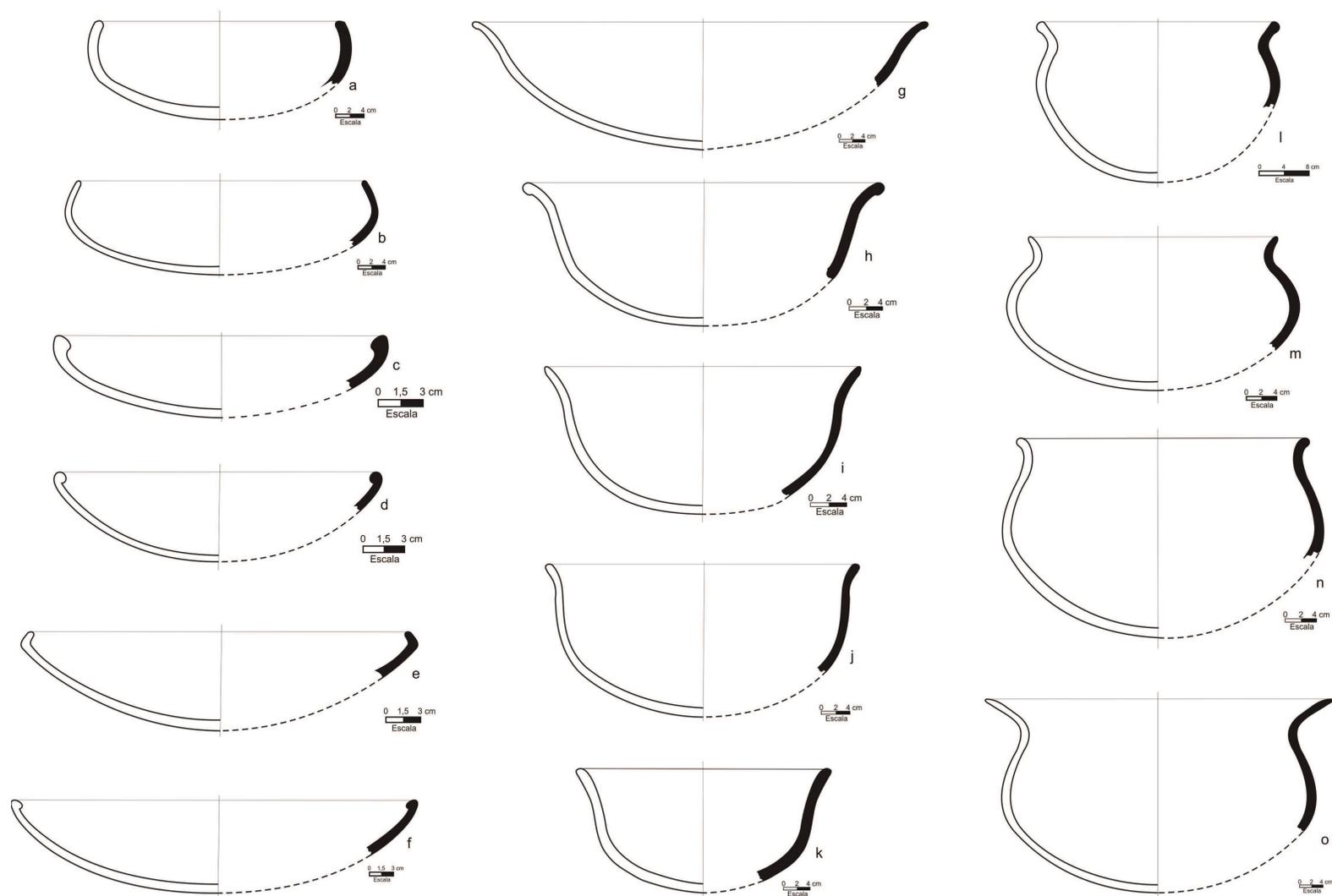


Figura 93: Formas das vasilhas meia-calota com reforço interno (c-f), meia esfera infletida (a-b) e extrovertida (f-k), tigelas médias e fundas, meia-esfera com borda inflectida extrovertida (l-o).

Formas reconstituídas das vasilhas cerâmicas

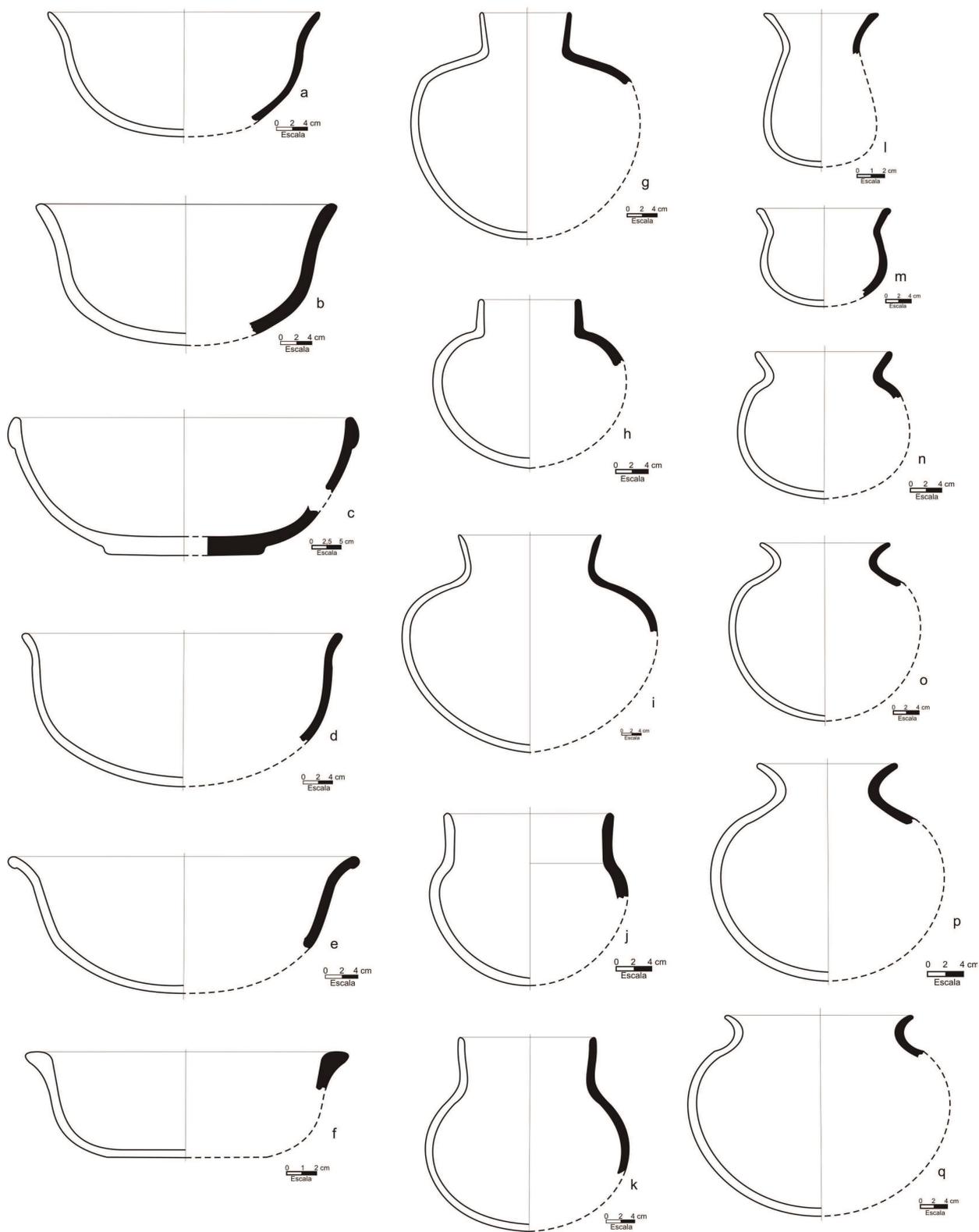


Figura 94: Formas das vasilhas globulares restringidas com gargalho e borda cilíndrica (g-k), meia-esfera com reforço na borda (a-e), globulares com borda hiperbólica (o-q).

Formas reconstituídas das vasilhas cerâmicas

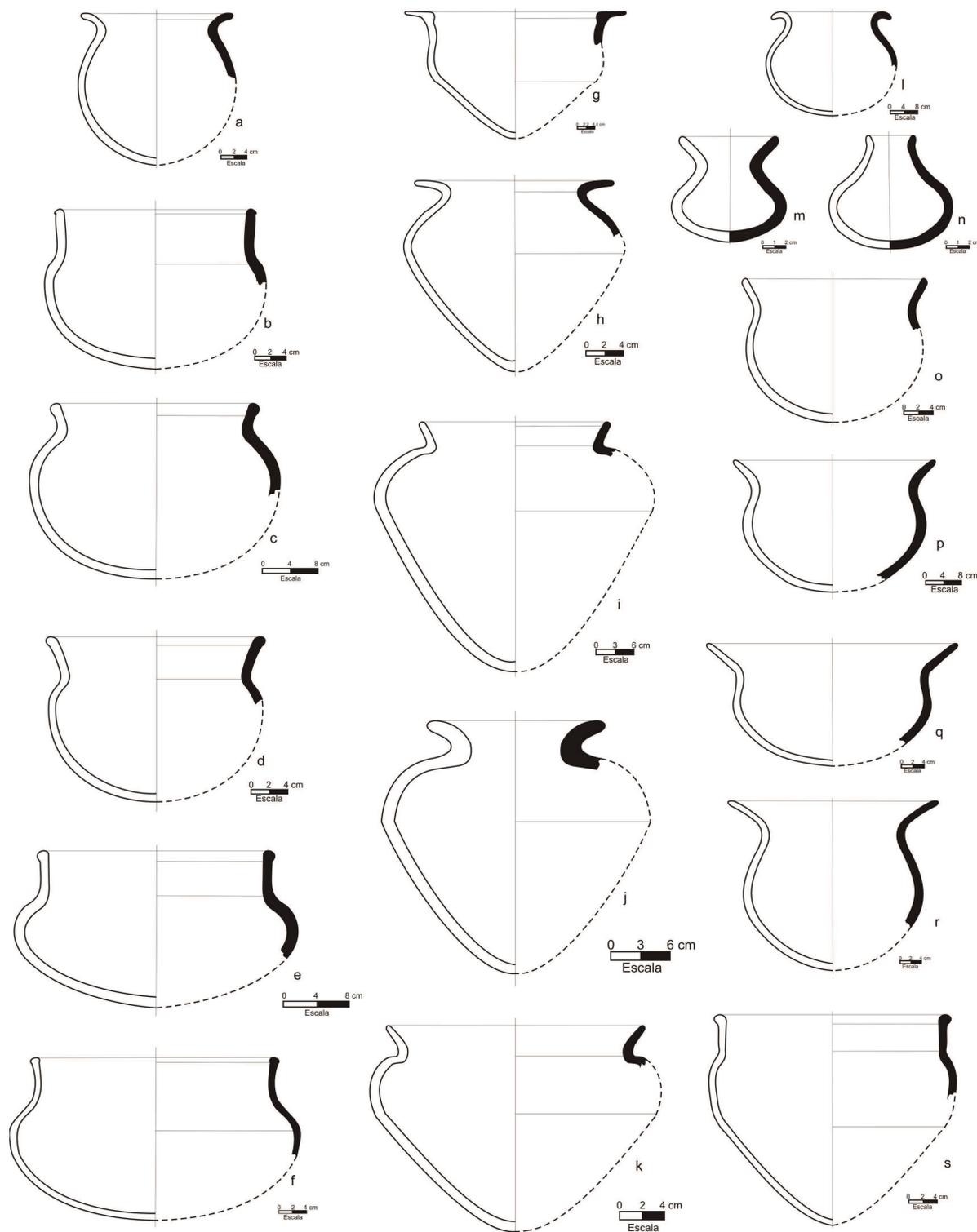


Figura 95: Vasilhas de corpo tronco-cônico (g-k, s), vasilhas cônicas com bordas cilíndricas terminadas em lábio reforçado (b-f), vasilhas globulares restringidas com borda hiperbólica (l-r).

Formas reconstituídas das vasilhas cerâmicas dos sítios

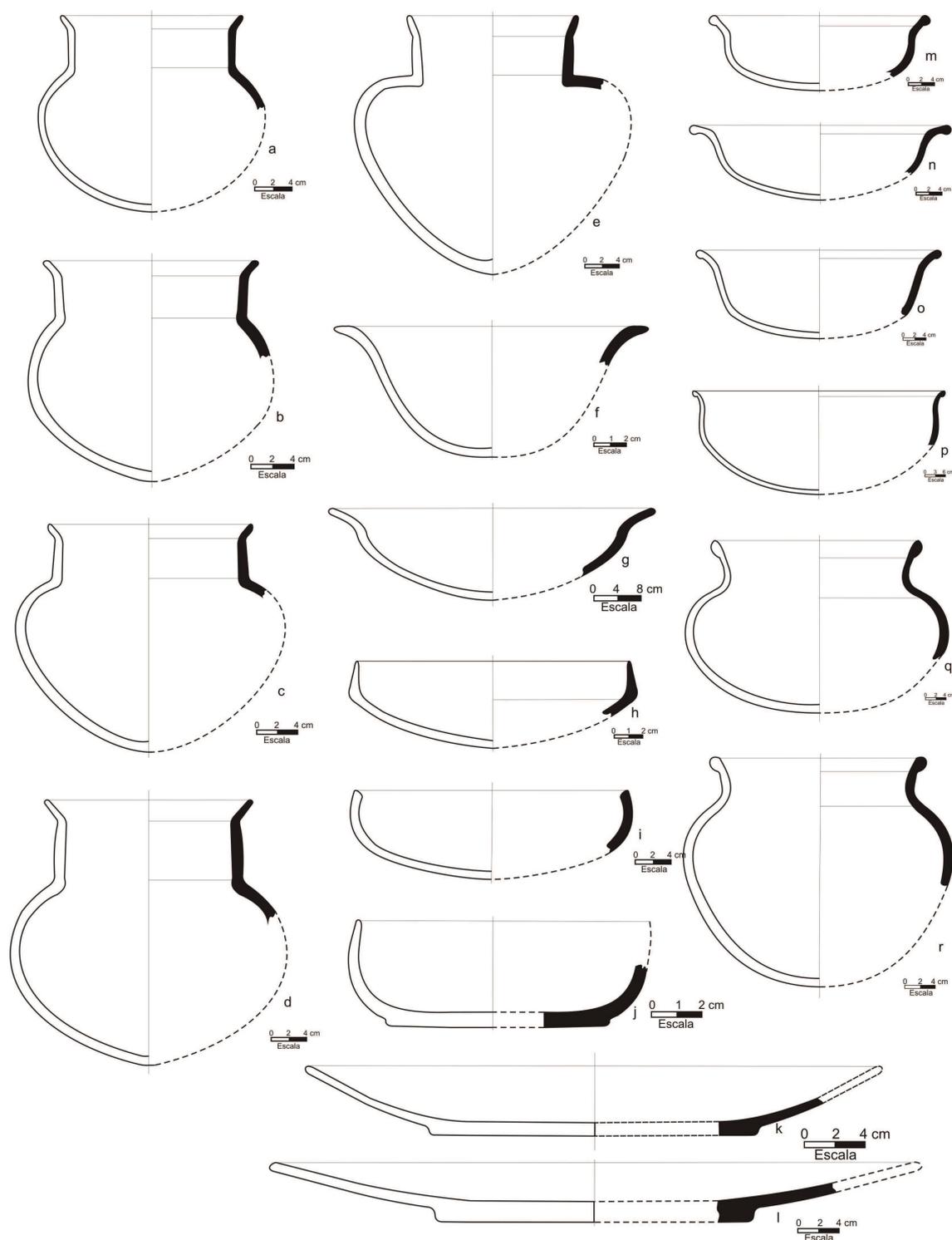


Figura 96: Vasilhas globulares com borda cilíndrica terminada em lábio expandido (a-d), reforçado e extrovertido. Pratos (k, l) e tigelas rasas com bases (f-j). Vasilha tronco-cônica cardioforme (e), tigela média com borda expandida e reforçada no lábio (m-p), esférica com borda cilíndrica inclinada com reforço no lábio (r).

5.3. OS SEPULTAMENTOS

Foram identificadas várias formas de deposição dos mortos: a cremação, o sepultamento primário e o secundário. O primário é o único que tem enxoval. Todas estas formas estão ligadas ao sistema de assentamento com cerâmica de antiplástico areia e se encontram só em sítios grandes da planície aluvial.

O único sítio que tem enxoval é Figueirópolis XXXII (semelhantes à Figura 95 m, n; Prancha 49 b, c) no qual foi depositado flexionado em decúbito lateral esquerdo o corpo de um indivíduo adulto. O enxoval se compõe de pequenas vasilhas globulares, pequenas tigelas com forma de chapéu, alisadores e calibradores líticos, que podem estar representando tanto a tralha do indivíduo sepultado, quanto recipientes com oferendas para acompanhar o morto; se esta é uma pessoa destacada socialmente ou apenas mais um dos povoadores, é impossível dizer por se tratar de um sepultamento numa amostragem muito pequena.

Os outros sepultamentos primários, de indivíduos adultos, no sítio Figueirópolis XIV, um flexionado e um estendido (Prancha 57), não apresentam enxoval funerário. Junto do indivíduo flexionado existem ossos supranumerários que correspondem ou a uma nova deposição de um esqueleto perturbado ou aos ossos descarnados de um outro indivíduo.

Nos sítios Figueirópolis VIII e XIX, vasilhas globulares não muito grandes com bordas restringidas foram usadas como urnas para cinzas e ossos carbonizados (ver posição na estratigrafia das Figuras 76 e 77). A cremação, nos dois exemplos descritos, apresenta o mesmo tipo de cinza e fragmentos de ossos carbonizados (Pranchas 55 e 56).

Todos os sepultamentos foram encontrados dentro do espaço habitacional e por baixo do estrato contendo a cerâmica.

Na bibliografia da área aparecem descrições semelhantes às dos nossos sepultamentos e podem servir de referência.

Robrahn-González (2008, p. 48) descreve dois sepultamentos estendidos, escavados nas cabeceiras do rio Jauru, em projeto PCH semelhante a este, um deles com um colar e uma pulseira de contas de pedra, o outro sem acompanhamento.

Migliácio (2006, p. 323) descreve um sepultamento com enxoval funerário que foi escavado por Alexander Sólón Daveron, no município de Cáceres, e que ela atribui aos índios Xarayé.

Nordenskiöld (1913, p. 223), que escavou aterros nas terras baixas bolivianas encontrou sepultamentos primários flexionados e sepultamentos em urnas, com abundante enxoval funerário ricamente decorado, que atribui a influência andina.

Steward & Faron (1959, p. 419) referindo-se aos Mojo e Bauré do Chaco falam que ao corpo era normalmente dado um enterro simples na terra ou cemitério, onde a cova era ritualmente limpa e eram depositadas oferendas alimentares; enterramentos secundários eram praticados para algumas pessoas.

Novaes (2005, p. 311) descreve todo o ritual funerário Bororo e fala que, dependendo do clã, o indivíduo ainda sofre o descarne e, em casos de o *bope* permanecer, ainda passam pela cremação. Esse processo possibilitaria o desligamento integral do corpo físico do espírito da pessoa sepultada.

Albisetti & Venturelli (1969, p. 103) descrevem com detalhes um ritual de cremação que lembra o representado nos sítios Figueirópolis VIII e XIX, que era destinado à libertação do espírito *aróe* entre os Bororo do Mato Grosso.

As referências acima indicam que formas de sepultamento semelhantes às encontradas no médio Jauru foram observadas em diversas localidades entre o oeste do Mato Grosso e o leste da Bolívia e são atribuídas pelos autores a diferentes etnias: Bororo, Xarayé, Mojo, Bauré, grupos de etnia Arawak e Macro-Jê.

CONCLUSÃO

O objeto do trabalho é a Arqueologia de um espaço do médio Jauru que foi pesquisado em função da construção de uma barragem PCH.

O objetivo da tese é mostrar a ocupação por grupos indígenas, cultivadores, do período anterior à Conquista.

O método de trabalho consistiu na prospecção sistemática da área, com as devidas sondagens e escavações, numa primeira análise do material e a comparação de seus resultados com dados bibliográficos sobre a área, incluindo a atribuição a alguma(s) das grandes famílias lingüísticas dos indígenas da região.

A elaboração do trabalho escrito se deu em cinco capítulos, a seguir explicitados:

No Capítulo 1 são apresentadas as características gerais da área que é uma confluência entre dois biomas, o do Pantanal e o do Cerrado. Dessa confluência, que caracteriza uma zona de tensão ambiental, surgiu um nicho específico, adequado para a implantação de grupos cultivadores ceramistas.

No Capítulo 2 se examinou a bibliografia correspondente a trabalhos anteriores na área. Esta remete às tradições ceramistas Pantanal/Descalvado e Descalvado, atribuídas à família lingüística Arawak, e à tradição ceramista Uru, atribuída à família lingüística Macro-Jê.

No Capítulo 3 são descritos os sítios arqueológicos: sua forma de implantação, a espessura dos pacotes arqueológicos, os estratos de deposição, a distribuição do material e as medidas necessárias.

No Capítulo 4 é descrito o material arqueológico por sítio, incluindo os sepultamentos. O capítulo conclui com uma proposta de sistema de assentamento.

No Capítulo 5 se mostram os resultados da análise da implantação dos sítios no relevo, os resultados do material e os sepultamentos e se comparam os dados com os de pesquisadores anteriores.

As principais conclusões a que chegou o trabalho podem ser resumidas da seguinte forma:

O médio Jauru teve um povoamento bastante denso de grupos cultivadores. Não há registro de sítios de caçadores-coletores na área.

Nesse povoamento por cultivadores é possível separar claramente dois sistemas de assentamento.

Ambos ocuparam os vários ambientes disponíveis, mas de forma diferenciada. O ambiente de Cerrado, entre o Pantanal e a Amazônia, oferece uma combinação de clima, solo e vegetação que produz um espaço favorável ao estabelecimento de populações que realizam cultivos nas áreas mais florestadas ao longo do rio ou em manchas isoladas de floresta, ao mesmo tempo em que exploram os abundantes recursos do Cerrado.

O sistema que usa cerâmica temperada com areia é semelhante à ocupação denominada por diversos pesquisadores da área de tradição Descalvado. O sistema que usa cerâmica temperada com cariapé é semelhante à ocupação denominada por diversos pesquisadores da área de tradição Uru.

A tradição Descalvado costuma ser atribuída a grupos da família lingüística Arawak. A tradição Uru costuma ser atribuída a grupos da família lingüística Macro-Jê.

O estudo indica que povos cultivadores diferentes teriam ocupado o rio em ambos os lados, mostrando-se territorialmente estáveis em zona fértil.

Como não há datas, nem foi observada sobreposição estratigráfica, não foi possível estabelecer uma cronologia precisa para este povoamento. As datas atribuídas por Martins, Kashimoto & Tatumi e por Migliácio à tradição Descalvado são predominantemente do primeiro milênio de nossa Era, e, com isso, estão mais próximas das datas do Pantanal. As datas atribuídas à tradição Uru são consideravelmente mais recentes. Isto sugere que o sistema de assentamento com cerâmica temperada com areia seria o primeiro a ocupar a região, no primeiro milênio de nossa Era, e o sistema de assentamento com cerâmica temperada com cariapé seria posterior, no segundo milênio. Entretanto seria difícil dizer quando teria acabado o avanço populacional de uma e começado o da outra. Pelo mapeamento dos sítios também se poderia inferir que os dois sistemas de assentamento não tinham sido

simultâneos, mas seqüenciais, porque as aldeias de um sistema estão muito próximas das aldeias do outro sistema.

Como fronteira pré-colonial a região do médio vale do rio Jauru seria o foco central do povoamento dos portadores da tradição Descalvado, e o limite extremo do avanço da tradição Uru para o oeste. E seria, também, o limite norte do avanço das culturas do pantanal, portadoras das últimas fases da tradição Pantanal: Jacadigo e Taiamã, e da tradição Pantanal/Descalvado.

Nesse sentido se consolida a afirmação de Robrahn-González que denomina o rio Jauru de área de confluência ou corredor de passagem.

A historiografia sugere que a ocupação pré-histórica do médio vale do rio Jauru tenha se dado de jusante para montante, isto é, subindo o rio. De fato, esse é o movimento indicado pelas datas em TL.

De acordo com esses dados, duas grandes tradições culturais, representando duas famílias lingüísticas de cultivadores, se teriam expandido para ocupar este espaço, primeiro a tradição Descalvado, atribuída à família lingüística Arawak, no primeiro milênio, e depois a tradição Uru, atribuída à família lingüística Macro-jê, no segundo milênio de nossa Era.

O rio Jauru, como uma área de fronteira entre vários sistemas ambientais, oferecia recursos adequados para povoados diferenciados e, desde a ocupação das aldeias indígenas até as fazendas atuais, também se tornou uma fronteira étnica e cultural.

O trabalho apresentado amplia e confirma os estudos arqueológicos anteriores na área e propõe ser uma nova contribuição para a compreensão dessa fronteira em tempos indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹⁵⁵

ALBISETTI, C. & VENTURELLI A. J. *Enciclopédia Bororo, Volume I e II*. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1969.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. *NBR 6023, 6027, 6028, 10520, 14724. Informação e Documentação: Trabalhos acadêmicos*. Rio de Janeiro, 2002/2013.

ARRUDA, Ariane A. C. de. *Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Porto Alegre, 2011. 149 p.

BORGES, F. C. Anais de Vila Bela da Santíssima Trindade desde o descobrimento do sertão no ano de 1734. Publicações avulsas, nº 28. Cuiabá: *IHGMT*, 2001.

BRAZIL, M. C. Brasil e Portugal no período Pombalino: ocupação geoestratégica de Mato Grosso. *Anais...* CD ROM do IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS. Porto Alegre: IV Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos, PUC, 2000.

CABEZA DE VACA, A. N. *Naufrações e comentários*. Madrid: História 16, 1984.

CALDAS, J. A. *Memória Histórica sobre os indígenas da província de Matto-Grosso*. Rio de Janeiro: Polytechnica de Moraes & Filhos (eds.), 1887.

CARAMAN, Philip. *Ein verlorene Paradies: d. Jesuitenstaat in Paraguay*. Munique: Közel, 1979. 329 p.

CASTRO, Clomar J. D. de. *A Cerâmica do projeto Corumbá, MS: experiência de classificação e reprodução da cerâmica*. [s.i.]. (Monografia Graduação em História). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1998.

CORREA DA COSTA, Cláudia C.; LIMA, Jorge Pinto de; CARDOSO, Leila Dutra; HENRIQUES, Virgínia Q. *Fauna do Cerrado: Lista preliminar de aves, mamíferos e répteis*. Rio de Janeiro: SUPREN-IBGE, 1981.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. (Cultura Brasileira – Estudos, 2). Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1969. 741 p.

COSTA E SILVA, Paulo Pitaluga. *Índios Xarayés*. Cuiabá: Instituto do Homem Brasileiro, 2009. 200 p.

DILLEHAY, T. *The Settlement of the Americas*. New York: Basic Books, 2000.

D'ORBIGNY, A. *Viaje a la America Meridional*. Buenos Aires: Editora Futuro, 1945.

¹⁵⁵ Bibliografia gerada segundo Norma ABNT **NBR 6023/2002**.

Disponível em <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/pdf/abntnabr6023.pdf> Acesso em: 28 mai. 2014.

ELLEN, Roy. *Environment, subsistence and system: the ecology of small-scale social formations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. 324 p.

ENCARNAÇÃO, Fátima Luvielmo. *Do ato de estudar e da comunicação escrita dos trabalhos acadêmicos*. (Apostila da Área de Metodologia Científica, DECC, FURG) Rio Grande: FURG, 2002. 11 p.

ENCARNAÇÃO, F. L. *Guia para a apresentação de trabalhos científicos para os acadêmicos do curso de Direito*. (Apostila da área de Metodologia Científica. DECC, FURG) Rio Grande: FURG, 2002.

FONSECA, J. S. da. *Viagem ao redor do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1986.

FUNARI, Pedro. P. A.; OLIVEIRA, Nanci V. *Arqueologia em Mato Grosso*. (Coleção 92) Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

GIBBON, Guy. *Explanation in Archaeology*. Oxford: Basil Blackwell, 1989. 204 p.

JOHNSON, Matthew. *Archaeological theory: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999. 240 p.

KARSTEN, Rafael. *Los indios tobas del gran chaco boliviano*. Trad. de Daniel J. Santamaría: Biblioteca de História y Antropología, 1923.

LACERDA FILHO, Joffre Valmório de. (Coord.) FILHO, Waldemar Abreu, VALENTE, Cidney Rodrigues, OLIVEIRA, Cipriano Cavalcante de; ALBUQUERQUE, Mário Cavalcanti. *Geologia e Recursos Minerais do Estado de Mato Grosso*. (Convênio CPRM/SICME). 200 p. il.; + mapas Esc. 1:1.000.000. Goiânia: CPRM, 2004.

MAROSTEGA, Gilmar Batista. *Características Físicas, Econômicas e de Uso da Bacia Hidrográfica do Rio Jauru – MT*. (Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais) Cáceres: UNEMAT, 2011. 113 p.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Projeto Salvamento Arqueológico na área impactada pelo Gasoduto Bolívia - Mato Grosso: trecho brasileiro. *Anais... X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1999, Recife: X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1999.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do contexto do rio Jauru (MT) impactado pelo Gasoduto Bolívia/Mato Grosso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, v. 10. São Paulo: USP, 2000. p. 121-143.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M.; TATUMI, Sonia Hatsue. Dados cronológicos relativos à Arqueologia do oeste de Mato Grosso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, v. 12. São Paulo: USP, 2002. p. 321-324

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do Brasil Pré-Colonial: O povoamento no Pantanal e no Cerrado. In: RUSSEFF, Ivan; MARINHO, Marcelo; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (Org.). *Ensaios farpados: arte e cultura no Pantanal e no Cerrado*. Campo Grande: Letra Livre/Ed UCDB, 2004. p. 13-28.

MARTÍNEZ, Victor M. Fernández. *Teoría y Método de la Arqueología*. Madrid: Editorial Síntesis, 1990. 280 p.

MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas. *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. 46, Rio de Janeiro, 1958.

MEGGERS, Betty J. *Como interpretar a linguagem cerâmica: manual para arqueólogos*. Washington: Smithsonian Institution, 1970. 111 p.

MENTZ RIBEIRO, P. A. Metodologia da Pesquisa Arqueológica. In: MENTZ RIBEIRO, P. A. *Arqueologia na cidade do Rio Grande*. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, n. 26, Rio Grande: Editora da FURG, 2004. p. 7-44.

MIGLIACIO, Maria C. *A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso, uma leitura preliminar*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP, 2000. 391 p.

MIGLIACIO, Maria C. A Ocupação Indígena do Pantanal de Cáceres, Alto Paraguai - do Período Pré-Colonial aos Dias Atuais. *Revista do Museu Antropológico* v. 5/6. Goiânia: Museu Antropológico, 2001. p. 213-250.

MIGLIACIO, Maria C. *O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século XVI*. (Tese de Doutorado em Arqueologia). São Paulo: MAE/USP, 2006.

MOURA, V.; CARVALHO, L. M. T. de; MARTINHAGO, A. Z. *Análise temporal da dinâmica de uso e ocupação da Bacia do Alto Paraguai (BAP), estudo de caso sub-bacia do rio Jauru*. In: II Simpósio de Geotecnologias no Pantanal 7 – 11 de setembro, 2009, Corumbá. *Anais*. Corumbá: Embrapa Informática Agropecuária/INPE, 2009. p. 916-924.

NOVA CARTA DO BRAZIL E DA AMERICA PORTUGUEZA *Nova carta do Brazil e da America Portuguesa* [Material cartográfico]. - [ca. 1:12000000], 150 Legoas comuns de França [25 ao grau] = [5,75 cm]. - [S.l. : s.n.], 1821. - 1 mapa: gravura, traçados color. ; 53,50 x 41,60 cm em folha de 68,60 x 52,50 cm <http://purl.pt/880>

NOVAES, Sylvia Caiuby. Funerais entre os Bororo: imagens da refiguração do mundo. *Revista de Antropologia*. v. 49 n. 1. São Paulo: USP, 2006.

NORDENSKIOLD, Erland von. *Urnengräber und Mounds im Bolivianischen Flachlande – Baessler – Archiv Beiträge zur Volkerkunde Leipzig und Berlin – Druck und Verlag von B.G. Tenbuer*, 1913. p. 205-255.

NORDENSKIOLD, E. *The ethnography of South-America seen from Mojos in Bolivia*. (Comparative ethnographical studies, n^o 3). Goteborg: Elanders Boktryckeri Aktiebolag, 1924.

OLIVEIRA, Elisângela Regina de. *Aspectos da interação cultural entre os grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do rio Tocantins*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: MAE/USP, 2005. 104 p.

OREJAS, Almudena. El estudio Del Paisaje: visiones desde la arqueología. In: BURILLO MOZOTA, Francisco. *Arqueología del paisaje*. Teruel: *Anais...* 5º Coloquio Internacional de Arqueología Espacial, 1998.

PARSONS, Jeffrey R. *Archaeological Settlement Patterns*. New York: Museum of Anthropology, 1972. p. 127-151

PEIXOTO, José L. dos S. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal sul-matogrossense*. (Tese de Doutorado) Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

PEIXOTO, José L. dos S. *Relação entre os aterros e níveis hidrológicos do rio Paraguai, Pantanal (MS)*. *Anais...* 1 CD ROM CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 13. Campo Grande: Ed. Oeste, 2005.

PEREIRA, Zefa Valdivina. Caracterização de Biodiversidade de Mato Grosso do Sul. In: YONAMINE, Sérgio Seiko (Coord. Geral). *Zoneamento Ecológico-Econômico do Mato Grosso do Sul: Contribuições Técnicas, Teóricas, Jurídicas e Metodológicas*. Campo Grande: SEMA/SEPLAN, 2009.

PESTANA, M. B. & FONSECA, R. G. *Relatório Parcial do Resgate Arqueológico da PCH Figueirópolis, Indiavaí, MT, Brasil*. (impresso não publicado de autoria e propriedade de ROBRAHN-GONZÁLES, E. M.). São Paulo: DOCUMENTO Ltda, 2008. 86 p.

PETRULLO, V. M. Primitive peoples of Mato Grosso: An account of archaeological and ethnological Field work at the headwaters of the Paraguay and Xingu river in Matto Grosso, Brazil, during 1931. New York: *The Museum Journal* 23 (2), 1932. p. 91-178.

PINTO, Maria Novaes (Org.) *CERRADO: Caracterização, ocupação e perspectivas*. Brasília: SEMATEC-Editora UnB, 1990.

PIRES DE CAMPOS, Antônio. Breve notícia que dá o Capitão Antônio Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas de Cuiabá e seu recôncavo. *RIHGB* Tomo XXV Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1862. p. 437-449.

SALINA RUIZ, A. (Coord. UFMT) *Folha SD.21-Y-C-III Jauru*. Datum WGS84 escala 1:100.000. Cuiabá: Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral: CPMR Serviço Geológico do Brasil, 2010.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL. *Tomo I*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1856. p. 25-57.

ROBRAHN-GONZÁLES, E. M. *Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. (Tese de Doutorado) São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 1996a. 232 p.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* n. 6. São Paulo: MAE/USP, 1996b. p. 83-121.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. *Sociedade e Arqueologia*. (Tese de Livre Docência) São Paulo: MAE/USP, 2005. 328 p.

ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos de Fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. (Tese de Doutorado) São Leopoldo: UNISINOS, 2004. 241 p.

ROGGE, Jairo Henrique. Fenômenos de Fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. *Revista Pesquisas, Antropologia* n. 62. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2005. 124 p.

SCHMIEDL, U. *Relatos de la conquista del Rio de la Plata y Paraguay 1534-1554*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

SCHMIDT, Max. Reisen in Mato Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin: Band. 44, Heft 1, 1912. p. 130-174.

SCHMITZ, Pedro I.; WÜST, Irmhild; BARBOSA, Altair S.; BASILE BECKER, Ítala I. Projeto Alto Tocantins – Goiás. Comunicação Prévia. *Anuário de Divulgação Científica*. Gabinete Arqueologia ano 1, nº 1. Goiânia: UCG, 1974. p. 1-38.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M. & THIES, U. M. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. *Revista Pesquisas, Antropologia* n. 33. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1982.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J.; ROSA, A.; BEBER, M. V. Aterros no Pantanal do Mato Grosso do Sul, Brasil. *Revista Pesquisas, Antropologia* n. 54. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1998.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V.; ROSA, A. O. Arqueologia do Pantanal do Mato Grosso do Sul: Projeto Corumbá. Pantanal 2000. *Anais... Encontro Internacional de Integração Técnico-Científica para o Desenvolvimento Sustentável do Cerrado e Pantanal*. Corumbá: 2000. p. 141-152.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V.; ROSA, A. O. O Projeto Corumbá, oito anos de pesquisa no pantanal do Mato Grosso do Sul. *Anais... IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: SAB, 2000.

SCHWANEDEGER. *Farben Führer 23*. München: Auflage, Guide Colour 12, 1963.

SHEPARD, A. O. *Ceramics for the archaeologist*. (Publication 609) Washington DC: Carnegie Institute of Washington, 1985. 414 p.

STEWART, Julian H. *Handbook of South American Indians*. V. III. The Tropical Forest Tribes. Nova York: Cooper Square Publishers, 1963.

STEWART, Julian H.; FARON, Louis C. *Native peoples of South America*. New York: MacGraw-Hill Book Company, 1959.

SUSNIK, Branislava. Dimenciones Migratorias y Pautas Culturales de los Pueblos del Gran Chaco y de su Periferia (Enfoque Etnológico). *Suplemento Antropológico* n. 1-2, v. 7. Asunción: Universidad Católica, 1972. p. 85-107

SUSNIK, Branislava. *Etnologia del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. (Serie "Los Aborígenes del Paraguay", 1). Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1978. 156 p.

THUMS, Jorge. *Acesso à realidade: técnicas de pesquisa e construção do conhecimento*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina/ULBRA, 2000.

VASCONCELLOS, T. N. *Estudos ambientais da alta bacia do rio Jauru: potencialidades e conflitos*. 1º Simpósio de Estudos Hídricos do Norte e Centro-Oeste. Cuiabá: SEPLAN-MT. 2005.

Disponível em: http://www.abrh.org.br/novo/i_simp_rec_hidric_norte_centro_oeste74.pdf

VASCONCELLOS DE DRUMMOND, Antônio de Menezes. Descrição Geographica da Capitania de Matto-Grosso (1797). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo XX. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1857. p. 185-396

VIANA, Sibeli A.; RIBEIRO, Cecília V.; OLIVEIRA, Sérgio D. Cauixi em cerâmica arqueológica: uma questão de escolhas culturais. *Revista de Arqueologia*, v. 24, n. 1. São Paulo: SAB, 2011. p. 32-51.

WÜST, Irmhild. *Aspectos da Ocupação Pré-Colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás - Tentativa de Análise Espacial*. (Dissertação de Mestrado) São Paulo: USP, 1983.

WÜST, I. *Continuidade e Mudança - para uma interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-Coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso do Sul*. (Tese de Doutorado) Goiânia: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1990.
